HISTORIA SECRETA
DO BRASIL

CAPITULO I

O MINISTRO QUE DUROU NOVE HORAS

A salvação do Brasil estava nas mãos débeis dum rapaz de quatorze anos, rebento de Braganças, Bourbons e Habsburgos, nascido na nossa terra. Príncipe Brasileiro. Orfão que ficára quasi como um réfem da politica maçónica ou maçonizada, quando o pai abdicára na triste madrugada de sete de abril. Flór da estufa de São Cristovam, criára-se no convivio dos livros e de mestres rigidos, sábios ou freires, sem um sorriso de mãe, sem um carinho de pai, amoldando o caráter germanico no estudo, na meditação, no silencio e na melancolia dos vastos salões desertos. Quasi não brincava. Quasi não corria. Nunca fizera uma garotada. Haviam-no preparado para reinar como um rei hábil, constitucional e brando do século XIX. Assim reinaria, mas com sua vontade sempre alerta e o lapis fatidico com que marcava os canalhas sempre pronto. E reinaria quarenta e nove anos!

Por que reinaria tão largo tempo? Por que levariam as forças ocultas meio centenario para destruir o Imperio e levantar em seu lugar a sonhada República dêsde os pródromos da Independencia?

Porque, independendo da vontade maçónica, se criára no povo brasileiro, ao sôpro dos vendavais de

anarquia do periodo regencial, uma verdadeira mística do trono. Com o tempo, essa mística se transportou para a propria pessôa do imperante, graças ás suas qualidades pessoais. Essa mística chegava ao ponto dum chefe maçónico da fêlpa de Teófilo Ottoni declarar o Imperador *instrumento providencial* e querer, "por acôrdo universal" dos partidos e facções, o suprimento de idade para o fim da tutela. Como muito bem diz Otávio Tarquinio de Souza, biografando Bernardo Pereira de Vasconcelos, "o trono continuava a ser o grande principio da unidade nacional (1)". Concordavam nêsse ponto até os politicos mais contrários á ideia da realeza.

Tão forte essa mística que pôde durar até a República. Veiu mêsmo aos nossos dias, máu grado todas as propagandas positivistas. Os proprios homens que derrubaram a monarquia sofriam a sua influencia. Como os bárbaros nórdicos que destruiam cheios de assombro a civilização romana e procuravam imitá-la, depois. A República botou abaixo o Imperio e, para ter paz, recorreu a presidentes que haviam sido conselheiros do Imperio. Quintino Bocaiuva, de sangue platino, veneravel da maçonaria, um dos fundadores da República de 1889, exclamava: — "O Imperio foi a Paz!"

Daí a força que conseguiu ter logo de inicio o rapazinho de quatorze anos, assentado no trono graças

---

(1) "Bernardo Pereira de Vasconcelos e seu tempo", José Olimpio — Rio, 1937, pg. 208.

ao golpe branco da Maioridade, unindo e salvando o Brasil. "Quando outros são crianças, era um homem (2)." Conheciam-lhe as qualidades de homem os que privavam no paço e muitos dos personagens mais influentes da politica nacional. Dêsde certo tempo se esboçava nos bastidores o movimento que devia produzir a Maioridade. Os partidarios desta, chamados *maioristas*, surgiam por toda a parte. Alguns eram movidos pela ambição de obter proventos duma mudança radical de regime para a qual tivessem contribuido. A eterna alegação dos serviços prestados. Muitos sentiam mêsmo a necessidade natural duma centralização do poder ante o panorama desolador da anarquia nacional. A maçonaria iria agir, tirando o melhor partido possivel dessa corrente. O joven principe desejava o trono, cansado de regencias e tutelas, aconselhado pelos seus intimos, e mantinha comunicações misteriosas com os maioristas, iludindo o Regente do Imperio (3).

Contudo, á margem da "Biografia do Conselheiro Furtado" de Tito Franco de Almeida, Sua Majestade o sr. D. Pedro II escreveu uma feita com o proprio punho esta glosa: "Eu não tinha a ambição de governar; sem a influencia da gente que me cercava, teria recusado." Diria a verdade? O visconde de Saboia refuta quaisquer influencias ocultas no ánimo do

(2) L. D. Savignac, artigo em "La France Moderne".
(3) Cristiano Benedito Ottoni, "Biografia do sr. D. Pedro de Alcântara".

Imperador menor (4). Houve quem se pronunciasse da seguinte fórma a seu respeito, vendo-o agir no momento da Maioridade: — "Não ha dúvida, é Bragança, o menino tem ronha!"

D. Pedro II nunca foi maçon, nunca teve a menor ligação com sociedades secretas. As *influencias ocultas* que o visconde de Saboia nega haverem atuado no seu ánimo e ás quais êle afirma, na glosa, ter obedecido, só podiam ser mêsmo as da gente que o rodeava. Em primeiro lugar, o futuro visconde de Sepetiba, Aureliano Coutinho, cujos filhos eram dos rarissimos companheiros dos rarissimos folguedos infantis do Imperador. Brincavam, ás vezes, com êle de soldado (5). Depois, Luiz Pedreira do Couto Ferraz, visconde do Bom Retiro. Joaquim Nabuco afirma que o Imperador "tinha fascinação" por Aureliano Coutinho e acha que a "influencia pessoal" dêste, entre 1840 e 1848, a Maioridade e a Revolução Praieira, é um dos "enigmas de nossa história constitucional (6)". A isto aduz Otávio Tarquinio: "o certo é que nenhum homem, nenhum político, em todo o Segundo Reinado, teve maior ascendencia, maior força do que Aureliano Coutinho. Sem dúvida, o Imperador não se deixou manobrar por êle;

(4) Visconde de Saboia (Silvio Túlio), "O Senhor Dom Pedro II", Rio, 1846.

(5) Henri Raffard, "Apontamentos acerca de pessôas e cousas do Brasil" "in" "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro", t. LXI, Imprensa Nacional, Rio, 1898.

(6) Joaquim Nabuco, "Um estadista do Imperio", 1.ª ed., t. I, pg. 56.

o menino do "quero já" tinha vontade e teve-a durante os cincoenta anos de trono, máu grado a falsa opinião que se formou a seu respeito; mas o futuro visconde de Sepetiba, com as suas ligações palacianas e os seus contactos com o *corrilho da Joana,* nas célebres reuniões em casa do mordomo imperial. Paulo Barbosa, derribou sem dificuldades o gabinete de 24 de julho de 1840." Como ministro da Justiça, Aureliano Coutinho dissolvera, em 1834, os clubes e sociedades maçónicos. Mais tarde, expulsára José Bonifacio da tutoria imperial e seus aderentes do paço, processando-os como réus de traição. Fez tutor seu amigo, o marquês de Itanhaen, preceptor seu amigo frei Pedro de Santa Mariana, bispo de Anemúlia, mordomo seu amigo Paulo Barbosa. Os Andradas odiavam-no (7).

Apesar do que escrevera á margem da "Biografia do Conselheiro Furtado", estando presente á leitura, no Instituto Historico, da "Memória" de Tristão de Alencar Araripe sobre a Maioridade, D. Pedro II declarou que "não se recordava de ter sido jamais procurado por pessôa alguma do paço para enunciar-se acerca da projetada declaração da Maioridade (8)." Lapso verdadeiramente espantoso em quem, como o Imperador, possuia admiravel memória, capaz de guardar o nome de pessôas remotas que lhe eram apresentadas pela primeira vez. Anos após, se as encontrava, os repetia.

---

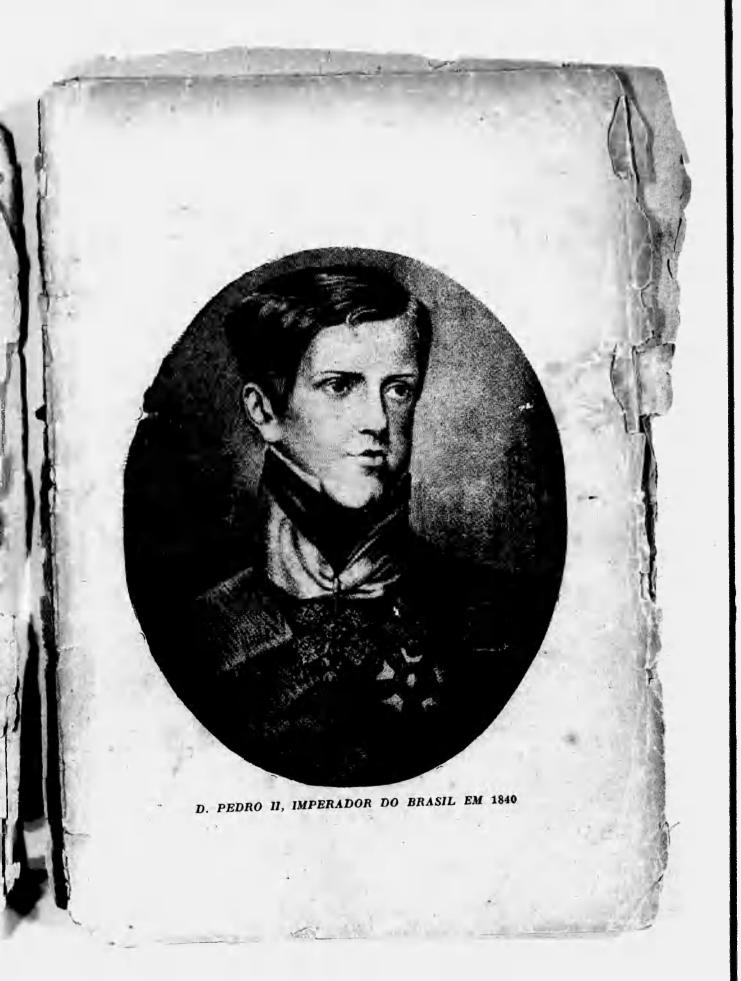
(7) Otavio Tarquinio, op. cit. — pgs. 230-231; Pereira da Silva, "Memórias do meu Tempo", Garnier, Rio, t. I, pg. 16-17.

(8) Idem. — pg. 217.

A famosa memória dos Bourbons, cujo sangue lhe vinha da avó paterna, de Espanha.

A Maioridade não foi unicamente produto da vontade do orfão imperial, nem da camarilha palaciana, nem dêstes ou daquêles, destas ou daquelas forças; mas uma resultante de varios fatores. Lançada a ideia, quando mais convulsos e perigosos eram os estertores da Regencia, sua elaboração se produziu em duas faces: a dos átos secretos e a dos fátos notorios (9). Os moderados ou conservadores achavam-se no poder. Os liberais estavam de baixo. Êstes queriam subir, derrubando aquêles. Tamanha paixão partidaria os cegava que se mostravam os mais entusiasmados e estrénuos defensores do principio monarquico, quando sua doutrina politica era a que mais dêle se afastava, beirando a república, e quando o condenavam sem remissão as doutrinas que bebiam, mais do que quaisquer outros, no seio das maçonarias e das buchas. Atitude paradoxal dos politicos demo-liberais de todos os tempos. No seu artigo 121, a Constituição (e estava-se em cheio no periodo aureo das Cartas, cujo respeito feiticista era pregado no mundo inteiro pelo maçonismo) declarava textual e clarissimamente: "O Imperador é menor até a idade de dezoito anos completos." Os conservadores desejavam a antecipação da Maioridade, mas sem ferir de face o texto constitucional, por

(9) Tristão de Alencar Araripe, "Noticia sobre a Maioridade", "in" "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro", t. XLIV, pgs. 167-168.

D. PEDRO II, IMPERADOR DO BRASIL EM 1840

B. P. de Vasconcellos

BERNARDO PEREIRA DE VASCONCELLOS

meio duma reforma em regra do mêsmo texto. Os liberais queriam-na mais depressa, apelando para o golpe de Estado. "A situação era *violentissima* — escreve Cristiano Ottoni; os liberais estavam fóra da lei, e *como recurso* a Maioridade do Imperador se tornou popularissima." Acrescenta que era uma *aberração,* mas necessaria...

Ao principio, as forças secretas quiseram impedir a formação dessa onda de opinião pública. Convinha-lhes prosseguir a obra de esfacelamento nacional, tão bem conduzida na Regencia, dêsde a abdicação. Mas as correntes em contrario eram fortes. Não convinha muito contrariá-las de frente. Todavia, ainda lutaram um pouco antes de engrossá-las e tomar-lhes o comando, dirigi-las de dentro, como é da sua técnica. Já em maio de 1839, a "Aurora Fluminense", orgão maçonizadissimo, acusava Bernardo de Vasconcelos de tramar o fim da Regencia com a Maioridade. Era o que se chama hoje um *despistamento,* pois os fátos mostram que todos podiam tramar isso, menos Bernardo de Vasconcelos. Enquanto isso, a "Sentinela do Serro", orgão super-maçónico dos Ottoni, que se publicava na Vila do Principe, batia-se por uma Regencia composta pelo maçon Braulio Muniz, o bucheiro Nicolau Vergueiro e o revolucionario contumaz Pais de Andrade...

Estas e outras acusações mostravam que os olhos maçónicos estavam vigilantes. A Nação anarquizada, ensanguentada, enxovalhada exigia naturalmente uma centralização de poder, uma autoridade coordenadora

de esforços e só via isso no pequenino soberano. Então, compreendendo a força dêsse anseio nacional, a maçonaria ia canalizá-lo em proveito proprio, tomando nas mãos o estandarte da Maioridade e batendo-se por êle. Poria, ao mêsmo tempo, os liberais que estavam de baixo em cima... A mêsma técnica de 1930, noventa anos depois, quando um politico maçon e bucheiro da República pronunciou a frase célebre: "Façamos a revolução antes que o povo a faça." Tática absolutamente judaica. Mas o triunfo saíu ás avessas tanto em 1840 como em 1930. O Imperador menino não se sujeitou a ser um titere maçónico e o Presidente revolucionario engoliu o fabricante da revolução...

A acusação da "Aurora Fluminense" em maio de 1839 podia não estar certa quanto a Bernardo de Vasconcelos; mas estava quanto ao fáto em si, porquanto, em abril daquêle ano, José Martiniano de Alencar, recenchegado do Ceará, começava a organizar uma sociedade maiorista, Clube da Maioridade ou Sociedade Promotora da Maioridade, com Antonio Carlos, Martim Francisco, o padre Peixoto de Alencar, José Mariano, Costa Ferreira, Holanda Cavalcanti, Paula Cavalcanti, Manuel de Carvalho Pais de Andrade, todos maçons, bucheiros, areopagitas, republicanos, revolucionarios. Antonio Carlos era o presidente. Agregaram-se mais tarde a êste grupo inicial outros membros das mêsmas organizações secretas: Teófilo Ottoni, José Antonio Marinho, Pinto Coelho, Gê Acaiaba de Montezuma e o visconde de Abaeté. A ligação da sociedade com o paço se fazia por intermedio de José Feliciano Pinto

Coelho, depois barão de Cocais, maçon, que tinha entendimentos com o marquês de Itanhaen, seu parente e amigo do peito, tutor do monarca (10).

Discutiam-se os meios, o *modus faciendi,* para obter a almejada Maioridade. Chegou-se a pensar em declarar o Regente ilegitimo, por caber legitimamente a Regencia á princêsa D. Januaria, então com dezoito anos de idade. Mas, em verdade, isto não resolvia o caso politico. O "orfão nacional" é que precisava ser maior. As forças ocultas, segundo a sua diabolica técnica, não costumam contrariar certas correntes fortes da opinião: manobram-nas. Iam fazer a Maioridade, obter com isso a gratidão do joven imperante e tratar de conduzi-lo através da politica do liberalismo parlamentar. "O liberalismo era novidade, e novidade importada, em cujas virtudes acreditavam, qualquer que fôsse a nuança de que se colorissem, conforme o temperamento individual, um Evaristo, um Feijó ou um Vasconcelos (11)." Todos eram liberais, tanto os que se diziam liberais como os que se titulavam conservadores; a Revolução Francêsa envenenára com seus *imortais principios* aquelas gerações. Nem os homens públicos, nem o povo compreenderiam por que e para que o liberalismo cria partidos e mata as tradições nacionais. Ninguem entenderia naquêle tempo o profundo sentido duma frase como esta: "Pela tradição, que é o espirito da Pátria e é a Continuidade prolífera.

---

(10) Op. cit., pg. 175.
(11) Otávio Tarquinio, op. cit., pg. 210.

Contra o Liberalismo, que é o espirito de Partidos e é a instabilidade infrutuosa (12)."

Judaismo e maçonaria atuavam sob a máscara do liberalismo. Viviam a tripa fôrra da democracia-liberal, que é "um despotismo mal organizado", no qual "o rebanho conduz o pastor (13)." As correntes liberais, pois, confluiram para a Maioridade. Abandonada por inoperante a solução da princêsa Januaria, o grupo de Alencar apresentou ao Senado, com as assinaturas dêste, de Paula Cavalcanti, de Firmino de Melo e de Costa Ferreira, pela palavra de Holanda Cavalcanti, dois projétos de lei: um declarando o Imperador maior; o outro creando o Conselho Privado da Corôa. Dava-se a Maioridade fiscalizada. Em 1842, um dos pretextos da revolta maçónica era a creação do Conselho de Estado. Conselho, sim, mas para êles. E' preciso não esquecer que os propugnadores maçons ou bucheiros da emancipação de D. Pedro II haviam surgido quasi ao mêsmo tempo que a ideia duma *ditadura legal*, levada á Camara em agosto de 1839 pelo deputado Barreto Pedroso. Essa ditadura não seria absolutamente do agrado das forças secretas. O mal estar nacional exigia remedio energico e urgente. Ou vinha a ditadura ou vinha a Maioridade. Dos males o menor. Elas aliaram-se á Maioridade. Bem sentiu isso Melo Matos

---

(12) Henrique de Paiva Couceiro. "A democracia nacional", pg. 285.

(13) Luiz de Almeida Braga "in" "Os nossos mestres", de Fernando de Campos, ed. Portugalia, Lisbôa, 1924, pg. 36.

ao escrever que, para muita gente, a Maioridade não passava de simples pretexto para assaltar o poder com seu mesquinho egoismo (14). Os partidos politicos porfiavam em "abrir um largo crédito na gratidão do menino que subiria ao trono (15)."

Os dois projétos lidos no Senado no meio do mais profundo silencio, na sessão de 13 de maio de 1840, figuraram na ordem do dia da de 20 do mêsmo mês. Houve identico silencio. Somente o marquês de Paranaguá, deixando a presidencia, foi á tribuna e defendeu as medidas. Passou-se logo á votação: 18 votos contra; 16 a favor. A silenciosa rejeição demonstra que existia uma corrente politica anti-maiorista. Ela polarizava-se em torno dum grande lutador da arena parlamentar: Bernardo Pereira de Vasconcelos. Êsse homem é um misterio no evento da Maioridade. "Ante-mural da onda maiorista", no dizer do seu biografo, participou do silencio geral do dia da apresentação dos projétos e não compareceu á sessão em que fôram rejeitados.

Por que?

Otávio Tarquinio de Souza dá esta explicação: "Parece certo que houve de sua parte hesitação a respeito, sobretudo quanto ao momento da declaração. Na sessão de 21 de junho, Vasconcelos entendia que a Maioridade seria o remedio dos males que atormenta-

---

(14) "Páginas de História Constitucional", pg. 36.

(15) Otávio Tarquinio, op. cit., pg. 212.

vam o país, mas no tempo marcado pela Constituição; a 8 de julho, declarava que ainda não tinha tomado uma resolução definitiva; e dias depois, nas vésperas do golpe de Estado, queria a Maioridade, dèsde já, mas acima dos partidos, não ficando o Imperador a dever nada a um ou outro, queria-a como uma necessidade do país e só a admitia por um golpe de Estado, se tivesse a aceitação da Nação. Julgava, porém, indispensavel que se creasse antes um Conselho de Estado, se fizesse a refórma dos códigos, se implantasse a disciplina no Exercito, se reformasse a administração da Fazenda. "Voto contra a Maioridade sem garantias para o trono e para o país. Sem estas garantias, eu hei de opôr-me á Maioridade enquanto tiver voz... Falarei 600 mil vezes... E não receio o desagrado do Imperador, não receio a indisposição imperial. Quero incorrer nela, se ela póde dar-se, para salvar o Imperador e as liberdades do meu país." Depois dêste discurso, os oposicionistas da Maioridade já sabiam onde buscar o homem que não receava desagradar o Imperador (16)."

Pelo que se vê, Bernardo de Vasconcelos hesitou antes de tomar uma atitude firme. Analisando seu papel na questão da Maioridade, tem-se a impressão de que êle contrariava fundamente a corrente maiorista, sobretudo a ala maçónica, e até outras correntes politicas. Tanto assim que o golpe de Estado da Maiori-

(16) Op. cit., pg. 214.

dade como que foi apressado para evitar sua permanencia no poder. As medidas que êle desejava fôssem tomadas antes de se tornar o Imperador maior eram patrioticas e logicas. Elas visavam a creação dum escól politico-juridico-administrativo, duma hierarquia necessaria num país onde a anarquia tumultuaria das facções tudo havia destruido, fazendo táboa rasa de todos os valores (17).

O papel de ante-mural do movimento da Maioridade era antipático. O maçonismo lançára pela sua imprensa a propaganda dêsse meio de salvação nacional. Bernardo de Vasconcelos arcou com essa antipatia. Daí aquela indignação contra êle, testemunhada pelo reverendo Kidder (18).

A' frente do movimento maiorista estavam notoriamente *os Andradas e seus amigos,* isto é, de mãos dadas, judaismo, maçonaria e bucha. Um Andrada, o esguio e ambicioso Antonio Carlos, presidia o Clube da Maioridade. Outro era o *fac-totum* no parlamento: Martim Francisco. Quando o Senado rejeitou os projétos e se cuidou de preparar o golpe de Estado com o devido assentimento do orfão imperial, a missiva que lhe enviaram foi dêste modo formulada: *"Os Andradas e seus amigos* (19) desejam fazer decretar pelo corpo legislativo a maioridade de Vossa Majestade Im-

---

(17) Bernardo de Vasconcelos, "Exposição".

(18) Daniel P. Kidder, "Sketches of residence and travels in Brazil", t. II, pg. 357.

(19) O grifo é nosso.

perial; mas nada iniciarão sem o consentimento de Vossa Majestade." A resposta que veiu rezava assim: "Quero e estimo muito que êsse negocio seja realizado pelos *Andradas e seus amigos* (20)." Serviu de leva e traz o gentilhomem Bento Antonio Vahia. Comprovam êstes fátos o testemunho de Teófilo Ottoni e as proprias átas do Clube da Maioridade (21).

Não se póde afirmar que Bernardo de Vasconcelos fôsse maçon. Seu nome não aparece nas listas dos pedreiros livres notorios. Em toda a sua vida, somente pudemos apanhar uma ligação suspeita: a intimidade com o banqueiro judeu Samuel Philipps, que D. Pedro I deixára como procurador no Brasil (22). Essa intimidade deu na vista. "Falou-se muito num pagamento mandado fazer por Vasconcelos, quando ministro da Fazenda, ao agente da colonização Gachet; e murmurou-se que não tinha escrúpulo de ser amigo intimo do judeu Samuel (Josué Samuel ou Samuel Philipps), o banqueiro intermediario das remessas de dinheiro para Londres; de ser amigo ao ponto de servir-se da carruagem do judeu... (23)." Do caso Gachet, Bernardo de Vasconcelos defendeu-se com vigor em artigo do "O sete de abril" de 13 de dezembro de 1834. O semita, naturalmente, se infiltrava na inti-

---

(20) Idem.

(21) Teófilo Ottoni, "Carta aos Senhores Eleitores da Provincia de Minas Gerais", Tip. do "Astro", São João d'El Rei, 1827 e "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", t. LXIV.

(22) Henri Raffard, op. cit., pg. 426.

(23) Otavio Tarquinio, op. cit.

midade do grande homem público, que tinha negocios particulares, como se sabe, desprevenido do perigo judaico, para usar e abusar disso a seu talante.

A casa bancária de Samuel & Philipps emprestára ao Governo Brasileiro, em fevereiro de 1839, a quantia de £ 312.500 a tipo 76, um roubo, juros de 5% e praso de 30 anos. Recebemos dessa soma, graças ao tipo e ás comissões, £ 237.500 e pagámos, com o tempo, £ 503.000. Fôram tres mil e seiscentos e tantos contos, ao câmbio da época, que nos custaram cerca de dez mil. "Era regente do Imperio Pedro de Araujo Lima e ministro da Fazenda Miguel Calmon du Pin e Almeida, depois marquês de Abrantes. Havia deficits em tres orçamentos: Fazenda, Marinha e Guerra (24)."

A não ser isso, Vasconcelos parecia sem ligações com forças ocultas. Diziam-no até inimigo dos inglêses, contrário á atuação da Grã Bretanha na questão do trafico de escravos. Condenára a venda de vinte milhões de diamantes aos judeus inglêses e a cessão gratuita a estrangeiros das terras do rio Dôce, com suas minas, insurgindo-se veementemente no Conselho Provincial de Minas Gerais, conforme o testemunho de Teófilo Ottoni. O reverendo Walsh, que escreveu sôbre o que viu no Brasil do Primeiro Reinado, atesta isso (25). Em 1826, combatia as ideias aboli-

---

(24) Gustavo Barroso, "Brasil — Colonia de Banqueiros", Civilização Brasileira, Rio, 6.ª edição, pgs. 57-58.

(25) Walsh, "Notices of Brazil in 1828-1829".

cionistas que já tinham á frente homens ligados ás sociedades secretas como Vergueiro. Considerava a escravidão necessidade imperiosa ao desenvolvimento do país e não cerrava fileiras com os que a contrariavam sob a capa de ideologias humanitarias, disfarce dos fins politico-economicos que o judaismo internacional colimava, manobrando seu preposto, o Governo Inglês.

Formado em Coimbra, liberal como os homens de seu tempo, parlamentar realista, pragmatico, moldára seu espirito nas doutrinas correntes no século XIX. Naturalmente se batia por elas; mas a maneira independente por que o fazia não parece demonstrar laços com os manejos ocultos. Talvez tivesse pertencido, como Gê Acaiaba, á Gruta ou á Jardineira, que eram as buchas da tradicional universidade portuguêsa. Nenhum vestigio, porém, se encontra disso na documentação de sua vida.

Aliás, é curiosa e significativa a antipatia que o cerca, o vigor com que o combatem e a oposição que lhe fazem. Sobretudo os cornacas do maçonismo. Antonio Carlos em 1832. Feijó em 1837. Na questão do elemento servil, tem de defender-se palmo a palmo contra grupos de opositores. Na pasta da fazenda, em 1832, atacam-no desabridamente. Na revolução da Maioridade tem-se a impressão de que as forças ocultas a apressaram com medo dêle... Medo sobretudo que sucedesse, naturalmente, na Regencia, a Araujo Lima...

O Menino Imperial estava de mãos dadas com os conspiradores. Chegava ao ponto de disfarçar seus cochichos com os deputados maioristas, logo que alguem se aproximava. *Os Andradas e seus amigos* trabalhavam de acôrdo com D. Pedro II. A obra era realizada em absoluto segredo maçónico, exigido em juramento especial pelo Clube da Maioridade (26). A rejeição do projéto no Senado levára os maioristas, numa reunião em casa de Firmino de Melo, á resolução de, de todos os modos, *excitar o público* em prol da medida. Chama-se a isso hoje crear um clima revolucionario. Lançou-se a ideia na Cámara, num discurso de Alvares Machado, esperando-se e observando-se as reações que provocava. Davam-se vivas freneticos á Maioridade onde quer que Sua Majestade aparecesse. Gatafunhavam-se nas paredes quadrinhas fáceis de decorar, como as de certos anuncios atuais, sobre D. Pedro II maior. Espalhavam-se boletins e panfletos. Propaganda organizada.

Quando se discutia o assunto na Cámara, as galerias se enchiam com uma claque de figuras sinistras, fingindo de povo. A mêsma patuléa das desordens de 1831, 1832 e 1833 (27). Muitos rostos ostentavam cicatrizes ganhas na célebre Noite das Garrafadas. Em todas as épocas, em todos os países e em todas as ocasiões necessarias, essa mêsma canalha das ruas aparece. E' ela que passa pelo povo soberano. Poderia ser

---

(26) Tristão de Alencar Araripe, op. cit., Apendice, pg. 211.
(27) Melo Matos, op. cit., pg. 37.

com a máxima propriedade etiquetada com a rubrica de *povo maçónico*...

Para o velho maçon José Clemente, corifeu de conjuras, o golpe revolucionario era inevitavel. Êle conhecia, de longe, pelo cheiro, a preparação do clima. O governo regencial, advertido, estava alerta; mas era indeciso, fraco e tambem minado pela maçonaria. José Clemente contrariava-o. Não se sabe bem por que êle estava no index dos liberais maçons, como se depreende do que escreveu á pg. 11 da "Biografia de Teófilo Ottoni", seu irmão Cristiano Ottoni.

Na sessão da Cámara de 20 de julho de 1840, Limpo de Abreu, que era maçon, mas não dos mais graduados e ao par dos segredos da seita, conforme confessou, penitenciando-se, no Conselho de Estado, ao tempo da Questão Religiosa, como veremos oportunamente, propôs a nomeação duma comissão para indicar com urgencia o melhor meio de dar maioridade ao orfão imperial. Mais realista do que o rei, Rocha Galvão pediu a decretação da Maioridade por aclamação da assembléa. A maioria dos deputados, embora não muito grande, era contrária ao que se projetava de afogadilho.

Além da proposta de Limpo de Abreu, havia sobre a mêsa dois projétos de Martim Francisco: um convidando o Senado para deliberar juntamente com a Cámara; outro declarando a Maioridade dêsde já. E ainda um de Antonio Carlos nêste sentido. Era um verdadeiro bombardeio de proposições maioristas.

Para o projéto de Antonio Carlos se requereu urgencia na sessão de 21 de julho, no meio de discursos inflamados. O parecer da comissão especial instituido por Limpo de Abreu, verdadeiro recurso protelatorio, não impediu a votação da urgencia. Venciam os maioristas decididos. O Regente Araujo Lima era homem de meias medidas. Seu ministerio, cuja figura principal era Paulino Soares de Souza, não se recomendava pela energia nas decisões. "A conjuração estava triunfante: lográra naquêle dia maioria da Câmara, a opinião popular habilmente explorada simpatizava com o piano e já o ruido das armas denunciava que chegára aos quarteis a trama maiorista (28)." Era preciso enfrentar os acontecimentos e, se não impedir a maioridade, adiá-la. O Areópago do Primeiro Reinado, o maçonismo-bucheiro da Independencia e da Abdicação, as velhas Academias Secretas de Pernambuco colonial venciam outra vez uma partida, tendo á frente, como múmia rediviva dos conciliabulos da Guarda Velha, o mêsmo Antonio Carlos de todos os tempos, cujo nome se destinou no Brasil á trama de revoluções impatrioticas visando o interesse pessoal aliado ao das forças ocultas...

O Governo lembrou-se, na dura emergencia, de Bernardo de Vasconcelos. Araujo Lima mandou José Joaquim Rodrigues Torres, o futuro visconde de Itaboraí, buscá-lo em casa altas horas da noite de 21 para

---

(28) Otávio Tarquinio, op. cit., pg. 221.

22 de julho de 1840. Oferecia-lhe a direção politica do Governo da Regencia na pasta do Imperio. Em vista do perigo que corria o trono, ameaçado, na opinião dos prudentes que ainda não conheciam o estôfo de que era feito D. Pedro II, de cair nas mãos dos *Andradas e seus amigos*, Bernardo de Vasconcelos, conforme confessa na sua "Exposição", não hesitou um instante. Aceitou a pasta e propôs de entrada a medida drastica para acabar com a agitação: o adiamento da Assembléa.

O decreto respectivo foi expedido e o mancebo imperial acolheu amavelmente o Regente, quando lh'o foi comunicar, assentindo em tudo. Por trás, porém, recebia uma deputação dos parlamentares maioristas e dava-lhe sem restrições o seu apoio. A resolução de Bernardo de Vasconcelos estourou como uma bomba nos arraiais maçónicos. Os ánimos se inflamaram com aquela surpresa ministerial. Bastava pronunciar o nome do novo ministro na Cámara para que os deputados se exacerbassem. Gritavam possessos no recinto: — "Calúnia! Traição! Governo conspirador!" (29). O *povo maçónico* alvorotava-se em berreiros e capoeiragens. Que desafôro! Adiar uma assembléa já preparada para um resultado politico certo...

Os Andradas e seus amigos compreenderam logo que não era possivel a menor indecisão em face daquela medida governamental. Se perdessem um momento, perderiam a partida, porque o novo ministro do Impe-

(29) Daniel P. Kidder, op. cit., t. II, pg. 357.

rio era homem de saber, de vontade e não escravizado, pelo menos de todo, ás lojas. Daí o *grito teatral* de Antonio Carlos: — "Quem é patriota e brasileiro siga comigo para o Senado!" Sentira a Camara inclinada a aceitar sem luta o seu adiamento. Ia procurar apoio nos Pais Conscritos, vitalicios, solenes, indissoluveis. Grupos de deputados e magotes da claque maçónica invadiram, vociferando, o velho paço do conde dos Arcos. Os conjurados agiam sentindo-se apoiados na sombra pelo Imperador Menino, pelo comando das armas, pela Academia Militar e pela Guarda Nacional. Tinham muitos trunfos na mão...

A reunião parlamentar mixta no Senado foi tumultuosa. Partiu para São Cristovam uma comissão verdadeiramente maçónica, parecendo escolhida a dedo pelo Grande Oriente, toda a velha guarda do Bóde Preto: Lage, Vergueiro, Alencar, Paula Cavalcanti, Holanda Cavalcanti, Antonio Carlos, Martim Francisco, Gê Acaiaba de Montezuma. Afinal, nada mais, nada menos do que ainda e sempre *os Andradas e seus amigos*... Foi precedida e anunciada pelo medico J. C. Soares de Meireles. Curva-se reverente deante do rapazêlho aprumado no seu dourado fardão de almirante. Fala Antonio Carlos, despejando os chavões maçónicos: as entranhas dilaceradas da mãe-pátria, a salvação do trono, a liberdade dos povos, a vontade popular tendo força de lei, os direitos do homem. Implorou pro fórmula aquilo que já sabia que o joven queria e já: a aceitação imediata da corôa.

Enquanto Sua Majestade *ia refletir* sobre o que devia responder, como se dêsde tres mêses não estivesse comprometido com aquêles homens, chegavam ao paço o Regente e o Ministerio. Vinham comunicar-lhe que o adiamento da assembléa visava o preparo solene da aclamação no próximo dia 2 de dezembro, seu aniversario natalicio; mas, como se estava dando aquela agitação parlamentar e popular, desejavam saber se Sua Majestade queria ser aclamado naquela data ou já. O Governo cedia ao empuxe dos acontecimentos. O Menino Imperial, que sabia estar a outra comissão, a dos parlamentares maçónicos, á espera de resposta noutra sala, que conhecia a disposição das tropas e que certamente recebia os conselhos de Aureliano Coutinho, decidiu com a maior calma dêste mundo:

— Quero já!

E ordenou ao Regente, como se já imperasse, livre de tutelas:

— Convoque as Cámaras para amanhã.

A vontade do rapazinho de menos de quinze anos, graças á atuação das forças secretas iludidas com o pensamento de o irem manejar a seu talante como um bonequinho fardado, graças ainda ao medo da energia e das manobras de Bernardo de Vasconcelos, o que apressou a eclosão do golpe, prevalecia, assim, contra o texto clarissimo do artigo 121 da Constituição do Imperio e contra a investidura legal do Regente. Deante da manifestação categorica dessa vontade, Bernardo de Vasconcelos pediu demissão, logo após referendar o

decreto de convocação das Cámaras. Mêsmo depois disso, o maçonismo suspeitava que maquinasse resistencias. O ministro declarava ceder para não levar o país á revolução. A maçonaria, contudo, assoalhava pela bóca de seus tribunos que êle veria derramar o sangue brasileiro com um sorriso nos lábios. Qualificava-o com os mais tôrpes epitetos. E Antonio Carlos, furioso, espumante, esquecido de que Bernardo de Vasconcelos era um tabetico, indefeso, ou por isso mêsmo, ameaçava-o fisicamente. Havia muita inveja e profundo odio contra o homem para quem a Regencia apelára nos últimos estertores da agonia.

Bernardo de Vasconcelos foi ministro somente durante nove horas. *Os Andradas e seus amigos* não o deixaram esquentar o lugar. Mas aquêle menino que, hipocritamente, êles aclamavam como o unico remedio aos males do país, segundo observava Teófilo Ottoni, o esquentaria por meio século, sendo preciso longo e pertinaz trabalho das forças ocultas para arrancá-lo do trono. Êles pagariam caro o seu engano. Os ossos dos *Andradas e seus amigos* branquejariam esquecidos no fundo dos sepulcros quando as forças de que fôram servidores conseguiram derrubar o encanecido sr. D. Pedro II. O Imperador foi mêsmo o salutar remedio, que êles apregoavam, mas, no fundo, não esperavam, nem queriam. A comédia politico-maçónica da Maioridade prenunciava a grande época da Paz Imperial.

No dia 23 de julho de 1840, o joven soberano jurou observar e fazer observar a Constituição que êle proprio rasgára no artigo 121. Era natural que dêsde

já se hipertrofiasse seu Poder, embora alcunhado formalisticamente de Modetador, porque: "Desenganem-se os monarcas, se êles querem a conservação do Trono, não queiram Carta, e, se querem Carta, não terão segura nem a majestade nem a existencia do Trono. Carta, nem serve ao Rei, nem serve aos Povos; nem serve ao Rei, porque é fazer de um soberano um fantasma de poder, coartando-lhe, ou extinguindo-lhe todos; não serve aos Povos, porque em lugar de extinguir a Tirania (como prometem os Revolucionarios) multiplica os Tiranos (30)." A mêsma lição aqui presente acrescenta que "a divisão de poderes é o sepulcro da soberania." "Nunca o Povo se diz Soberano — doutrina Frei São Boaventura — (31) para outro fim do que para cair nas mãos dum punhado de aventureiros, que dest'arte lhe fazem a bôca dôce enquanto bem a salvo, e a despeito da moral cristã, e dos principios mais vulgares da decencia, vão enchendo a bôlsa."

D. João VI, com sua rematada finura, adivinhára o punhado de aventureiros e aconselhára ao filho estouvado que tomasse a corôa antes que êles dela se apoderassem. Êles entraram em cena na Abdicação de 7 de abril de 1831, perturbaram o periodo regencial e agora queriam dominar outra vez. Mas perderiam tambem a parada. Como o pai, seguindo a lição do avô, D. Pedro II pôs a corôa na cabeça. A 18 de julho de

(30) José Agostinho de Macedo, "O Desengano", n.º 3, pg. 7.

(31) D. Frei Fortunato de São Boaventura, "O punhal dos Corcundas", Lisbôa, 1824, n.º 33, pg. 500.

1841, um ano depois do golpe da Maioridade, seria *sagrado* Imperador do Brasil. Essa sagração implicava sua identificação simbolica com a ideia-mãe da Pátria, porque colocava a pessôa do imperante num plano inviolavel, superior, inacessivel ás maledicencias e injúrias, que são o preparo do caminho para o atentado e para o destronamento, como se viu na Abdicação e se verá nos pródromos da proclamação da República. Porque a injúria abate a Majestade até a queda definitiva. "Um rei a quem se ultraja é um rei que se imola (32)."

D. Pedro II ia mostrar aos *Andradas e seus amigos* que se não deixaria imolar senão depois de velho, quasi á beira do túmulo. Êles, os fautores da Maioridade, com a mêsma hipocrisia com que haviam feito a abdicação, é que seriam imolados a breve praso. O primeiro áto do Imperador Maior desanuvia os espiritos, e um áto de simpatia: anistia geral. O Soberano não queria vingar agravos ao Orfão. Pelo menos com publicidade... O novo ministerio constituira-se a 24 de julho de 1840: Antonio Carlos na pasta do Imperio; Martim Francisco na da Fazenda; Limpo de Abreu na da Justiça; Holanda Cavalcanti na da Marinha; Paula Cavalcanti na da Guerra; Aureliano Coutinho na de Estrangeiros (33). Salvo o último, na integra, *os Andradas e seus amigos*...

(32) Braz Florentino, "Do Poder Moderador", Tip. Universal, Recife, 1864, pgs. 72-74.

(33) Rio Branco, "Efemérides Brasileiras", pg. 209.

Era o grupo que estava de cima. Antonio Carlos dirigia a politica. Bernardo de Vasconcelos durára no poder somente nove horas para ser substituido pelo seu inimigo dêsde 1832. Mas, naquêle gabinete andradino, o Imperador metera pessôa sua, do peito, o conselheiro das intimidades palacianas, o enigma de Nabuco, Aureliano Coutinho. Teófilo Ottoni denominou-o "principio dissolvente". Seria o cupim destinado a devastar silenciosamente o prestigio e a força do maçonismo que se julgava vitorioso. Roeria aos poucos todo o miolo daquela moldura dourada. Antonio Carlos permaneceu no governo oito mêses. E, depois dêsse praso, a Maioridade deixou de ser a dos seus sonhos, apesar dos esforços que fez para se conservar no alto, não recuando deante de nenhuma medida tiranica: derrubadas crueis de funcionarios, perseguições tenazes de adversarios, eleições realizadas a cacête e não a votos, como se dizia. Cada liberal — observou admiravelmente um pensador — tem o estôfo dum tirano...

A 9 de março de 1841, o ministerio todo era despedido. A dissidencia começou na questão do Rio Grande do Sul revoltado. O maçonismo-bucheiro iria recorrer ás armas para tutelar o monarca. A atitude de Antonio Carlos tornára-se suspeita em relação ao Sul ainda em ebulição carbonaria. São Paulo e Minas Gerais fôram atirados á revolução, em 1842, sob pretextos fúteis: cumprir a Constituição deformada por novas medidas, libertar o Imperador dos aulicos que o rodeavam. Alegações indefensaveis da parte de mui-

tos que haviam rasgado a mêsma Constituição, quando da Maioridade, no seu artigo 121, porque isso lhes convinha. A energica Representação da Assembléa Provincial de São Paulo intitulava os aulicos "mandões" e "rufiões". Bastava para isso não sêrem mais dos amigos dos Andradas e da Acácia. Em revide, até honras cortezãs se arrancaram aos Andradas, cassando-se os diplomas de veador e camarista de Antonio Carlos e Martim Francisco. Acontecia-lhes com D. Pedro II o que lhes acontecera com D. Pedro I. A repulsa depois da elevação. Incontestavelmente, no fundo, dominaria Aureliano Coutinho até chegar em 1847 á presidencia do Conselho de Ministros.

Bernardo de Vasconcelos, o ministro que durára nove horas e tivera o condão de assombrar á maçonaria, apressando o golpe da Maioridade, viveu até 1857, colaborando eficientemente, no Senado, na conservação e defesa do regime. Quando, por intermedio de Aureliano Coutinho, o Imperador deu o tombo em Antonio Carlos, Bernardo de Vasconcelos apoiou o novo gabinete constituido a 23 de março de 1841 com Araujo Viana na pasta do Imperio, Paulino de Souza na da Justiça, Miguel Calmon na da Fazenda, Paranaguá na da Marinha, José Clemente na da Guerra e ainda Aureliano na de Estrangeiros.

Êsse pugilo de conservadores realizou de certo modo, apesar de suas ligações maçónicas, uma obra eficiente e realista, creando o Conselho de Estado, que foi como que uma cúpola do regime, reformando o Código

do Processo Criminal e decretando outras medidas patrioticas. Durou até 20 de janeiro de 1843. Ergueu as primeiras muralhas da Paz Imperial sobre os alicerces da Maioridade. A cabeça pensante da nova ordem de cousas era, quasi ocultamente, aquêle ministro que durára nove horas. "Dêle, da sua bagagem de politico realista vieram as grandes medidas conservadoras, sobretudo a lei de 3 de dezembro, que "durante quarenta anos manterá a solidez do Imperio (34)."

Seu ministerio durou nove horas. Sua obra durou meio centenario. As forças ocultas, negativas e destruidoras, são inimigas das obras de duração. Filhas da mentira, vivem do efémero. Revolucionárias, no dizer do convencional, como o antigo Saturno, devoram os proprios filhos.

---

(34) Otávio Tarquinio, op. cit., pg. 232; Joaquim Nabuco, "Um estadista do Imperio", t. I, pg. 58, 1.ª edição.

Capitulo II

O REI, O VICE-REI, O MAGICO E OS PATRIARCAS INVISIVEIS

O ministerio liberal-maçónico da Maioridade procurou aguentar-se á custa de mil tranquibernias politicas, mas caiu fragorosamente. De nada lhe valeu ter mudado quatorze presidentes de provincia, ter feito o Governo atuar como um verdadeiro diretório de partido e não como órgão politico-administrativo superior, ter suspendido ás dúzias os juizes de paz, ter admitido em massa os funcionarios adversos e ter realizado eleições *a cacête*. "Quem se mete com crianças — disse Antonio Carlos ao irmão, em plena reunião ministerial, ao apresentar a demissão do gabinete, logo aceita — amanhece molhado..."

O menino recebera o poder da mão daquela gente, mas não seria com ela que iria dar solidez ao Imperio. Sua Majestade arranjou outra orquestra ministerial, o gabinete de 23 de março de 1841, composto da nata conservadora, gente capaz e com certa unidade de vistas: o marquês de Paranaguá, o futuro marquês de Abrantes, os futuros viscondes de Sapucaí e do Uruguai, o velho José Clemente, e ainda e sempre o futuro visconde de Sepetiba, como pessôa de casa. Havia en-

tre êles maçons, porém menos ardorosos, menos comprometidos, mais livres do que *os Andradas e seus amigos*. José Clemente, com a idade, já não era o mêsmo frequentador assiduo das lojas. Taxavam-no até de absolutista. Miguel Calmon, católico praticante, com capela em casa, era um maçon tão cego e pouco disposto a certas cousas que, sendo anos mais tarde chefe da maçonaria brasileira, foi necessario provocar nela a cisão de Saldanha Marinho, afim do Grande Oriente poder agir no sentido que entendia. Os novos ministros tinham prática da administração. Iam realizar a obra de seu colaborador máximo, embora excluido do Governo pela inimizade pessoal de Aureliano Coutinho ou pela ronha do mancebo imperial. Êsse colaborador máximo era Bernardo de Vasconcelos, o ministro das nove horas. "O primeiro áto do Poder Moderador depois da Maioridade foi uma extensão abusiva de suas atribuições, que enfraquecendo o ministerio liberal precipitou a volta dos homens das leis fortes." Causou grande irritação o malôgro dessas esperanças liberais (1).

A Paz Imperial iria solidificar-se nas medidas por que Bernardo de Vasconcelos se batera, sempre preconizára e o ministerio conservador realizaria patrioticamente: as leis de 23 de novembro e 3 de dezembro de 1841. Êle era um dos "homens das leis fortes". A primeira restabelecia o Conselho de Estado suprimido

---

(1) Otávio Tarquinio, op. cit., pgs. 231-232; Cristiano Ottoni — "Biografia de Teófilo Ottoni", Tip. do "Diario do Rio de Janeiro", 1870, Rio, pgs. 19-21.

pelo Áto Adicional; a segunda reformava o Código do Processo de 1832. Uma dava á Corôa o apoio das luzes de varões ilustres e assentava uma cúpola magnifica sobre o edificio imperial. A vitaliciedade dos conselheiros era um penhor de tradição, independencia e continuidade proveitosa. A outra armava o Governo contra a anarquia, encouraçando-o e pondo-lhe uma espada na mão. "Só o romantismo juridico negará que a lei de 3 de dezembro de 1841, dando ao Imperio uma armadura que o defendeu durante quasi meio século contra os ataques de toda a espécie, foi sem contestação um expediente genial (2)." Por isso a gritaria maçónica contra ela foi de ensurdecer...

Os Andradas e seus amigos, apeados do poder e decepcionados com a atitude do menino que os *molhára,* apelaram para a revolução. Os discursos de Antonio Carlos, depõe Pinto Junior, arrancavam lágrimas aos auditorios. Contavam para isso com o governo provincial de São Paulo. Daí o odio quando o mudaram. Se o maçonismo-bucheiro não conseguisse o poder pelas armas, lá se ia de aguas abaixo o longo trabalho de desagregação liberal do Brasil. E a reação armada contra o que os jornais liberais maçonizados chamavam *o regresso* viria de Piratininga, fóco da Bucha, das montanhas mineiras, fóco da maçonaria. A revolução de 1842 foi a primeira onda lançada pelas forças ocultas contra as muralhas do Segundo Reinado. Ligava-

(2) Otávio Tarquinio, op. cit., pg. 234.

se, como se verá, á onda carbonaria dos Farrapos que fervia no Sul.

O que mais irritára os maçons destituidos do poder fôra a reforma do Código do Processo. Não se podiam resignar a admitir essa verdadeira Lei de Segurança do Imperio. O Código do Processo Criminal de 1832, que sucedera ás velhas Ordenações do Reino, era o tipo acabado da lei liberal-maçónica que desarma o Estado em face dos elementos perturbadores. Judicatura de Paz electiva com atribuições policiais e judiciarias. Justiça criminal resultante do sufragio popular. Fragmentação da autoridade enfraquecida por depender do voto. O Governo sem sombra de controlo ou força sobre essa justiça. O estado de desordem permanente do periodo regencial se devia em bôa parte a semelhante código.

A reforma de 3 de dezembro de 1841 reagia contra êsse afrouxamento da disciplina social e vinha defender o principio da autoridade. Dêsde 1839, Bernardo de Vasconcelos a propusera ao Senado. Promulgada, foi medonha a gritaria liberal. As duas grandes provincias do centro-sul correram ás armas, proclamando em seus manifestos que se insurgiam pela Constituição contra as leis que a violavam, a do Conselho de Estado e a da reforma do Código do Processo. Bucha e maçonaria sabiam que com tais leis, sobretudo com a última, o regime se estabilizaria, como se estabilizou, por meio século. E, naturalmente, "o homem visado acima de todos pela revolução liberal de 1842 foi, pois, Ber-

nardo de Vasconcelos e o que se pretendeu foi destruir a sua obra, reputada funesta, perniciosa, atentatoria de todas as liberdades... (3)"

A Cámara dos Deputados eleita para 1842 resultava do cacête dos *Andradas e seus amigos*, não do voto livre, tão apregoado como a essencia dos regimes liberais. Tinha de ser contrária ao ministerio; mas faltava-lhe a força moral. Dissolveu-se, depois das sessões preparatorias. Recorreu-se a novas eleições que só deram Cámara para o ano de 1843. Essa góta de agua fez transbordar o copo cheio.

A maçonaria começou a crear o clima revolucionario. "Uma oposição *sob o manto de partido politico* (4), desesperada de impôr pelo seu diminuto número suas pretenções ao poder sustentado pela maioria nacional, é que em ilegais comicios agita os ánimos e perturba a paz social (5)." Em primeiro lugar, a ameaça de revolução, a vêr se o Imperador cede. A 5 de janeiro de 1842, verdadeira embaixada da Bucha paulista apresenta-se na Côrte: o misterioso Nicoláu Pereira de Campos Vergueiro, Iluminado dos templos da Alemanha, amigo e protetor de Julio Frank, o brigadeiro José Pinto Gavião Peixoto e o coronel Antonio de Souza Queiroz. Traziam *energica* representação da Assembléa Provincial de São Paulo, pedindo ao sobe-

(3) Op. cit., pg. 236.

(4) O grifo é nosso.

(5) "Fragmentos historico-politicos sobre o **Brasil**", **A** revolução de 1842 em São Paulo, Tip. Americana, São Paulo, 1868, pgs. 3-4.

rano a revogação das novas leis. O ministro Araujo Viana comunicou-lhe que o monarca a não receberia, porque o documento de que era portadora ofendia á Constituição e aos supremos poderes do Estado. Com efeito, êstes eram ali tratados de "maneira descomposta e criminosa". A Assembléa paulista, já devidamente enfartada de bucheiros, pois a fábrica de judeus artificiais funcionava pelo menos dêsde 1836, declarava a reforma do Código e o Conselho de Estado contrarios á Constituição e opressivos das liberdades públicas. Pedia sua supressão temporaria até que nova Cámara revogasse as leis de sua creação. Usava de expressões dêste jaez: "Ó infame Conselho de Estado, composto de Vasconcelos, Honorio e outros que tais (6)." Ao Governo denominava: "Ministerio coberto de nódoas (7)." Êste, como era natural, barrou o caminho a semelhante embaixada. "Os tres chefes liberais, desenganados de poder chegar á presença do soberano e nem sequer vendo recebida por êle a representação de que eram portadores, retornaram imediatamente a São Paulo, onde logo depois estalava a revolução (8)."

Dêsde a dissolução da Cámara que a conspiração se articulava nos bastidores da Bucha e da maçonaria. São Paulo tomaria a testa do movimento. Minas Gerais segui-lo-ia, impulsionada pelo dínamo maçónico dos

(6) Op. cit., pg. 10. Refere-se a Bernardo de Vasconcelos e a Honorio Hermeto Carneiro Leão, futuro marquês do Paraná.

(7) Op. cit., pg. 13.

(8) Rio Branco, "Efemérides Brasileiras", pgs. 66-67.

Ottoni. O Rio Grande do Sul, ainda em ebulição, servia para que dali se não pudessem retirar os corpos do Exercito. Havia probabilidades de adesão do Norte, sobretudo das provincias onde os maçons tinham maior influencia: Baía, Pernambuco, Ceará. Já se desenha ai o triangulo de São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul, armando e desarmando ligas contra o Poder Central, ao sabor de interesses ocultos, que a federação republicana fortaleceu para levar o Brasil ás revoluções de 1930 e 1932, com grave prejuizo da unidade nacional. A boataria fervilhava pela cidade. Não se cochichava outra cousa na rua do Ouvidor, centro de elegancia, desocupação e comercio. Em casa de certos politicos em evidencia, reuniam-se á noite *clubes secretos*. Falava-se de misteriosos conluios de INVISIVEIS, membros de uma nova sociedade secreta em que tão grande era o segredo que êles se não conheciam entre si. Articulavam-se todos os clubes secretos do Rio, Minas e São Paulo. Os da Côrte deviam tentar um rompimento, que seria vitorioso por estar a cidade desguarnecida. A maior parte do Exercito combatia nos pampas. O que havia de soldados na capital do Imperio, inclusivé os proprios Permanentes (Corpo de Policia), seria fatalmente empregado contra os rebeldes paulistas e mineiros. Tudo se combinava em profundo sigilo, segundo opinava a policia carioca: "Os conspiradores, em um país onde ha tantos meios de conspirar para assim dizer publicamente, não teem necessidade de confiar a parte criminosa de seus projétos a papeis que depois lhes possam servir de documentos. Os cúmplices

são bastante interessados em guardar o segredo, e acresce que os mais dêles só sabem da parte que lhes é encarregada, e muitas vezes só recebem instruções vagas, mêsmo sem saberem que servem a um plano concentrado de revolta (9)." A policia daquêle tempo compreendia, assim, admiravelmente a maneira insidiosa e terrivel com que obravam as fôrças ocultas.

O quartel general dos INVISIVEIS era São Paulo. Supremos diretores da Bucha, intitulavam-se PATRIARCAS INVISIVEIS. Os Andradas eram *patriarcas* da Nação; a invisibilidade provinha da Bucha, que ninguem suspeitava. No recesso dessa "intimidade", como diz por eufemismo uma testemunha, se assentavam planos e candidaturas politicas e mandava discricionariamente o brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, um dos protetores de Julio Frank, cujo pseudónimo nos altos circulos bucheiros era O REI. Seu imediato, o dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos, lente da Faculdade de Direito, usava o titulo de VICE REI (10).

---

(9) Oficio do chefe de policia Eusebio de Queiroz ao juiz municipal da 2.ª vara, de 6 de agosto de 1842.

(10) Vide "Auto-biografia de Francisco de Assis Vieira Bueno", Campinas, Tip. Livro Azul, 1899. O autor foi bucheiro, discipulo do "insigne Julio Frank" (pg. 10), tendo frequentado as aulas do mêsmo dêsde sua inauguração em 1836 (pg. 11). Lê-se á pg. 14: "Seguiu-se logo a rebelião de 1842, que infalivelmente (?) me teria colhido na sua rêde, se tivesse rompido na capital, pois eu me achava filiado a um dos clubes revolucionarios chamados dos PATRIARCAS INVISIVEIS." E á pg. 35: o dr. Gabriel Rodrigues dos Santos era chamado na "intimidade" VICE REI e o brigadeiro Tobias, REI; ambos concertaram a candidatura do autor a deputado geral.

O retrato que nos ficou do VICE REI mostra uma fisionomia flagrante de cristão-novo. Foi, segundo os contemporáneos, homem de "tumultuosas competições politicas". Exerceu o mandato de deputado. Era orador fluente. Secretariou o governo provincial de São Paulo de agosto de 1840 a janeiro de 1842, tempo em que preparou a revolução. Um dos PATRIARCAS INVISIVEIS de maior prestigio. Quando o brigadeiro Tobias foi aclamado presidente em Sorocaba, assumiu a secretaria dêsse *governo interino*, como se chamava. Vencida a rebeldia, fugiu para Curitiba. Andou longo tempo pelo Sul, disfarçado em tropeiro, enquanto corria o processo contra os revoltosos. Veiu entregar-se á prisão na véspera do júri. Sua aparencia fleugmatica e indolente, encobria atividade tenaz. Seu escritorio estava sempre atupido de clientes. Trabalhava gratuitamente para quem lhe não podia pagar. Era natural que gozasse de grande influencia (11).

A adesão do Ceará era esperada porque ali os liberais estavam abafados desde o assassinio do major João Facundo de Castro Menezes, seu chefe de maior prestigio, atribuido ao presidente da provincia general José Joaquim Coelho. Seu parente, um dos grandes intrigantes da politica liberal-maçónica local, o dr.

---

(11) Cfr. Spencer Vampré, "Memória para a história da Academia de São Paulo", t. I, pgs. 237-239; Azevedo Marques, "Apontamentos historicos", t. II, pg. 127; J. B. de Morais, "A revolução de 1842" "in" "Revista do Instituto Historico e Geografico de São Paulo", t. XII.

José Lourenço de Castro e Silva, tinha ligações com a gente de São Paulo, onde escrevia no jornal "Tibiriçá". O maçonismo liberal fizera dêsse crime pessoal um crime politico e bombardeára o Imperador de representações, dêsde a da Cámara Municipal e do senador Alencar ás do citado dr. José Lourenço e da propria viuva do morto, que era, em verdade, um homem bom e digno de respeito. Contava-se com a Paraíba, porque ali o presidente Pedro Chaves trazia os inimigos politicos num arrôcho sem par e usava contra os eleitores liberais da odiosa arma do recrutamento (12). Chamava-se pôr o covado e meio ás costas de alguem, por causa da medida de fazenda necessaria para uma farda.

Essas provincias estavam em ligação com os INVISIVEIS, cinco dos quais, na capital do Imperio, como um verdadeiro Conselho dos Divinos da 'bucha, tomaram a si a "direção suprema do movimento politico". Sua influencia penetrára tambem em Minas. Funcionaram durante longos mêses, articulando a conjura. "Cada um dêsses associados ia formar um novo clube de cinco, e êstes, outros, de fórma que milhares de associados se entendiam por meio de seus respectivos clubes e chefes parciais, como centros de que recebiam a instrução e ordens, sem que cada um dos revoltosos pudesse conhecer os nomes senão dos cinco membros do seu respectivo clube, o que tornava muito diminuto o

---

(12) J. A. Pinto Junior, "Movimento politico da provincia de São Paulo em 1842", tip. do "Diario de Santos", 1879, pgs. 5 e segs., 12 e segs., 30-32. O autor, redator do jornal "Tibiriçá", foi parte nos acontecimentos.

comprometimento em caso de traição (13)." Ao que no tempo se chamava clube chamamos hoje célula. Os nomes mudaram. O processo é o mêsmo.

A Paulicéa, graças á obra de Vergueiro e Julio Frank, era um fóco de INVISIVEIS de toda a espécie e feitio. Havia entre êles até republicanos, já naquela época organizados e dirigidos em sociedades secretas, dos quais fôra chefe prestigioso na mocidade Paulino José Soares de Souza, mais tarde conselheiro de Sua Majestade e visconde do Uruguai. O mote dêsses republicanos traduzia o mais puro maçonismo revolucionario. Fôra o mêsmo assoprado na Revolução Francêsa aos pedreiros livres pelos iluminados de Weishaupt: MORTE AOS TIRANOS! (14)

Alem dêstes e dos INVISIVEIS, existia um clube de 170 Exaltados, que queriam a luta a todo o pano. Quando se espalhou a noticia de que marchavam sobre São Paulo fôrças imperiais de Santa Catarina, êles assaltaram inopinadamente o quartel de 1.ª linha e o palacio do governo. O brigadeiro Tobias teve de acalmá-los e de arranjar um armisticio, seguindo para Itú por êles haverem inutilizado o movimento na capital, quando Sorocaba já se achava em plena revolução. Antes, por ocasião da posse de Miguel de Souza Melo e Alvim, que substituira Tobias no governo e se portára

(13) Op. cit., pgs. 8-9.

(14) Conego José Antonio Marinho, "História do movimento politico que no ano de 1842 teve lugar na provincia de Minas Gerais", tip. de J. E. S. Cabral, Rio de Janeiro, 1844, t. II, pg. 5.

com cavalheirismo sem par, por motivo dum alarma devido a um começo de incendio, tinham saído para as ruas armados de carabinas novas compradas no Rio de Janeiro e enviadas para São Paulo pelo INVISIVEL Antonio Manuel de Campos Melo (15).

Atuou tambem como PATRIARCA INVISIVEL na revolução bucheiro-maçónica de 1842 o professor da Faculdade João da Silva Carrão, que se matriculára no curso juridico com o nome um tanto suspeito de *Carram*... Foi chefe politico de desmarcada influencia na provincia e chegou a senador do Imperio. Muito esperto, verdadeira raposa, esquivava-se a qualquer posição definida, manobrando com todos os grupos. Esmagado o movimento, pulou fóra e somente se veiu descobrir sua dubiedade graças a uma troca casual de endereços: mandava dizer a um o que devia ser dito a outro... Era tal a sua habilidade maquiavélica que o apelidaram O MAGICO (16).

Outro PATRIARCA INVISIVEL que se pôs de fóra, quando viu as cousas pretas, foi o senador Vergueiro. Isolou-se de Sorocaba, capital revolucionaria, a vêr em que davam as modas, enfurnado na sua fazenda. Eximiu-se, depois, com solenes protestos a qualquer culpa. Não sabia de nada. Não fôra ouvido nem cheirado. Sua inocencia era transparente (17)...

---

(15) J. A. Pinto Junior, op. cit., pgs. 39-40, 74 e segs.

(16) Almeida Nogueira, "Tradições e reminiscencias", t. VIII, pg. 39. Karan, Karam, Karram, Carram, Carrão...?

(17) Carta do senador Vergueiro ao barão de Monte Alegre, de 5 de julho de 1842.

O proprio padre Diogo Antonio Feijó, preso, póde-se dizer, em flagrante, tentou fugir á responsabilidade do levante gorado. Não espanta que os INVISIVEIS fizessem o mêsmo. Queriam salvar a pele para outras tentativas. Alegou que se encontrava em Campinas e que seguiu para Sorocaba depois de saber da aclamação de Tobias. Deliberára, então, ajudá-lo. Mas diversas testemunhas asseguravam que, a pretexto de consultar um medico, o antigo regente fôra antes áquela localidade concertar os planos revolucionarios. Na verdade, estava muito doente, quasi paralitico. Apesar dêsse testemunho, negou tivesse havido rebelião e que fôsse um dos cabeças. Mais hábil ou menos comprometido, Vergueiro, processado juntamente com o padre, foi reconhecido sem culpa no mêsmo parecer do Senado que declarava liquida a prova contra Feijó (18).

A revolução de 1842 foi *constitucionalista* como a de 1932. Noventa anos depois, repetiram-se quasi identicamente as mêsmas cousas. Rafael Tobias denominava a tropa rebelde "força da Constituição" (19). Era o Exercito Constitucionalista. Pela Constituição, em 1842, por uma Constituição, em 1932, a Bucha fez duas vezes os paulistas derramarem improficuamente seu nobre sangue com quasi um século de permeio.

---

(18) Cfr. Eugenio Egas, "Diogo Antonio Feijó", Tip. Levi, São Paulo, 1912, pgs. 202, 218-219 e 246; Feijó, "Defesa", "in" Suplemento do "Jornal do Comercio", de 18 de maio de 1843; Parecer da Comissão Especial do Senado, de 31 de julho de 1843.

(19) Carta de Tobias a Feijó, de 7 de junho de 1842.

Para a creação do clima revolucionario, explorou-se o bairrismo da população, como se explorou o regionalismo em 1932 e o separatismo, depois. Chamava-se ao governo provincial nomeado pela Corôa "administração tiranica do procónsul" e dizia-se que o poder central queria reduzir São Paulo "ao misero estado do Ceará e Paraíba" (20). Em 1932, se contaria o apólogo da locomotiva paulista puxando vinte vagões vasios, os restantes Estados. Quasi se exigia tambem do Imperio um *paulista e civil* para governar a provincia. A 27 de maio, dez dias após a irrupção do movimento, Feijó escrevia no jornal sorocabano "Paulista" que a provincia havia servido de divertimento ao ministerio, que estava sendo governada *por estranhos* (mais um triz e seria *por estrangeiros*...), que isso mostrava serem os paulistas julgados indignos dos cargos públicos. Para justificar a rebeldia perante a opinião, acrescentava que o povo queria "tres objétos idolatrados": a Constituição, o Imperador e o presidente da provincia, Rafael Tobias de Aguiar. Terminava afirmando que as forças revolucionarias marchavam sobre a capital, afim de a libertarem do *jugo baiano* e levar aos pés do trono suas queixas e reivindicações.

Êsse *jugo baiano* de 1842 equivale ao repudio de cabeças-chatas e nortistas pelos constitucionalistas de 1932. Por que *jugo baiano?* Porque o Governo Imperial demitira da presidencia o brigadeiro Tobias, O

(20) Ata da reunião da Câmara Municipal de Sorocaba para a posse de Rafael Tobias.

Rei dos Patriarcas invisiveis, substituindo-o, primeiro, pelo presidente Alvim, de ánimo conciliador, depois, pelo baiano Costa Carvalho, barão de Monte Alegre, que perseguia os liberais. Contudo êste se achava muito ligado a São Paulo, onde redigira o "Farol Paulistano" (21). Os documentos coévos mostram a provincia ressentida com o despreso do governo na "partilha das graças" da Coroação, quando se contemplaram os inimigos de Tobias e "até Vasconcelos recebera a dignitaria do Cruzeiro" (22). Vasconcelos continuava a ser a espinha de garganta dos *Andradas e seus amigos,* que teciam intrigas na sombra, por trás do brigadeiro, de Feijó e dos outros Patriarcas invisiveis...

A revolução rebentou em Sorocaba no dia 17 de maio. Tobias foi aclamado presidente e Feijó intitulou-se vice-presidente (23). Já dêsde o dia 10 a situação era ali de franca rebelião, pois nessa data a força policial se opusera em armas á posse das autoridades creadas pela lei de reforma do Código do Processo. Na capital, o presidente Costa Carvalho, instruido do fáto, oficiára ao Governo no dia 13, pedindo a remessa de tropas para combater os rebeldes. As providencias oficiais não se fizeram esperar: a 19, o general barão de Caxias embarcava para Santos com

(21) J. A. Pinto Junior, op. cit., pg. 49.

(22) "Fragmentos historico-politicos sobre o Brasil — A revolução de 1842 em São Paulo", pg. 9; Eugenio Egas, op. cit., pgs. 192-198.

(23) Eugenio Egas, op. cit., pg. 193.

uma leva de recrutas; a 23, chegava á Paulicéa, organizava-lhe a defesa e preparava a gente que devia marchar para o interior (24).

Aproveitando a indecisão dos rebeldes, que naturalmente esperavam a eclosão dos movimentos articulados pelos INVISIVEIS no Rio e em Minas, o Pacificador do Imperio, já instruido pela experiencia da Balaiada do valor da celeridade das operações contra-revolucionarias, galgára a serra do Cubatão antes que o adversario a guarnecesse, impedindo o caminho do mar, estabelecera sua linha de cobertura e ocupára a capital, encurralando o grosso dos rebeldes em Sorocaba e separando os outros grupos de Campinas e do Norte. Dêsde êsse momento a revolução estava virtualmente perdida. Os revoltosos deviam ter marchado logo sobre São Paulo e ocupado a serra. Assim perderam em 1932, quando se detiveram a meio caminho do Rio de Janeiro, e deram tempo á ditadura de se defender. Toda revolução morre na defensiva.

O primeiro encontro entre imperiais e rebeldes se deu na estrada de Sorocaba, á margem do Jaguaré, no dia 28 de maio. Depois de rápido tiroteio, os últimos retiraram desanimados. Os de Campinas fôram batidos em Venda Grande, a 7 de junho. A 20, Caxias entrava em Sorocaba e prendia o padre Feijó. "Na véspera, tinham-se dispersado os insurgentes, fugindo o seu chefe, Rafael Tobias de Aguiar, para o Rio Grande do Sul, onde foi aprisionado cinco mêses depois, em

(24) Rio Branco, op. cit., pgs. 267, 273, 276 e 282.

Passo Fundo. Restabelecida a ordem nos distritos do Oeste e Norte de São Paulo, Caxias voltou para a capital. A rebelião mantinha ainda alguma fôrça armada nos distritos de Leste, onde se deu, em Silveiras, no dia 12 de julho, o último combate dessa guerra civil (25)."

Voltas que o mundo dá! O antigo comandante dos Permanentes da Côrte, braço da legalidade, aprisionando o antigo ministro da Justiça da Regencia! "Quem diria — escrevia o velho estadista — que em qualquer tempo o sr. Luiz Alves de Lima seria obrigado a combater o padre Feijó?" Quem diria que o padre Feijó, esteio da ordem, acabaria como revolucionario?!

No Rio de Janeiro, os Invisiveis não conseguiram fazer estalar movimento algum. Mas a maçonaria mineira correra em auxilio da Bucha paulista. O fóco dos Ottoni, que seria consultado sobre a pacificação do Rio Grande do Sul por um enviado especial, como se viu na Segunda Parte desta História, tão forte era a sua influencia, rebelou a provincia de Minas Gerais com o mêsmo clima e os mêsmos pretextos constitucionalistas de São Paulo. O levante se fez com algum atraso, decerto devido a defeitos de articulação decorrentes na maior parte das distancias e dificuldades de comunicação.

A 10 de junho, quando Caxias marchava sôbre Sorocaba, começou a revolução em Barbacena com a aclamação do barão de Cocais para presidente da provincia. Era aquêle Feliciano Pinto Coelho que levava

(25) Op. cit., pgs. 288, 296, 301, 318 e 343.

os recados dos maioristas a D. Pedro II por intermedio de seu parente e amigo o marquês de Itanhaen. O presidente legal, Bernardo Jacinto da Veiga, logo reuniu voluntarios e guardas nacionais, afim de resistir aos rebeldes. Êstes diziam em suas proclamações querer libertar o Imperador da coacção em que o trazia o ministerio conservador, o qual rebaixava o trono e atentava com as leis do Conselho de Estado e da reforma do Código contra a pureza da Constituição. Recuaram, porém, dêsde o inicio, deante dos imperiais. A 27 de junho eram desalojados do Registro do Paraibuna; a 2 de julho eram repelidos em Caeté; a 30 do mêsmo mês tinham pela prôa o barão de Caxias, que viera de São Paulo comandar as tropas legais e entrára a 6 de agosto em Ouro Preto, obrigando-os, máu grado seu ataque a Queluz, a se retirarem para Sabará, evacuada pela Guarda Nacional da legalidade (26).

O exercito dos liberais mineiros numerava uns tres mil e trezentos homens com uma peça de artilharia. Comandavam-no Antonio Nunes Galvão, Francisco Joaquim de Alvarenga e Manuel Joaquim de Lemos. Seus inspiradores ficaram ocultos, a bom recato. Tendo deixado Sabará, ocupava a povoação de Santa Luzia do Rio das Velhas, cujas estradas de acesso estavam defendidas por trincheiras cavadas sob a direção dum aventureiro militar germanico, o barão Wiener von Morgenstern, entrado subrepticiamente no país, como de encomenda, que Caxias aprisionaria ali e, anos

(26) Op. cit., pgs. 326, 333, 359, 360, 368 e 390.

mais tarde, no Paraguai, após Lomas Valentinas, a serviço de Solano Lopez. Era um servidor internacional das forças invisiveis como os ha por toda a parte e em todos os tempos. E' digno de nota que, tendo Teófilo e Cristiano Ottoni escrito tantos opúsculos sobre os acontecimentos politicos de que participaram, nêles não se encontre a menor referencia a Wiener von Morgenstern. Silencio curioso! O conego Marinho nêle pouco fala, limitando-se a relatar que dirigira em Santa Luzia o tiro da artilharia.

Caxias comandava pouco mais de dois mil homens, na quasi totalidade guardas-nacionais, e trazia duas peças. Forçava as marchas para não dar tempo aos contrarios de respirar. Dividiu sua gente em tres colunas e atacou a povoação por tres lados, no dia 20 de agosto de 1842. A' frente da do centro, com oitocentos soldados, avançou pela estrada de Sabará, precipitando o assalto com alguma imprudencia. A da esquerda, mais fraca, quatrocentos e sessenta homens, investiu pela de Ponte Grande, onde encontrou séria resistencia e retirou. A da direita, com oitocentas praças, sob o comando de José Joaquim de Lima e Silva, conde de Tocantins, enquanto êle engajava a fundo o combate, penetrou no povoado pela estrada da Lapa e decidiu a sorte das armas. Os rebeldes dispersaram-se, completamente derrotados. Dez de seus chefes entregaram-se ao general vitorioso (27). Entre êles se achava Teófilo Ottoni.

---

(27) Op. cit., pgs. 403-404.

Dessa derrota veiu aos liberais a antonomasia de *Luzias*, em contraposição á de *Saquaremas*, dada aos conservadores, porque a vila dêste nome, na provincia Fluminense, era seu inexpugnavel baluarte eleitoral. Em setembro, Caxias dava Minas como pacificada. Assim, rapidamente, findára a rebelião bucheira-maçónica contra as leis que estruturavam solidamente o Imperio. Aproximava-se a pacificação das coxilhas. A nova ordem ia entrar no seu periodo construtivo. Mas as forças ocultas ainda tentariam embargar-lhe o passo na revolução praieira de 1848.

Na Côrte, a policia deitára as mãos a alguns dos que se suspeitava andassem tramando nas sombras, *invisivelmente*. Deportára-os em começo de julho para Lisbôa, na fragata "Paraguassú". Eram Limpo de Abreu, Sales Torres Homem, França Leite, José Francisco Guimarães, Soares de Meireles e o conego Leite Bastos. Os verdadeiros PATRIARCAS INVISIVEIS, como sempre, nada sofreram. Os Andradas, sopradas as labaredas, tinham-se metido nas encôlhas.

Tres anos mais tarde, quando os liberais no poder quiseram desmontar a máquina eleitoral dos conservadores, sua "grande arma foi a famigerada lei de 3 de dezembro de 1841, a mêsma que os fizera pegar em armas em 1842 (28)." Todas as lutas partidarias liberais, tendo por único escôpo o eleitoralismo puro, se apresentam com essa insinceridade. Atêam-nas por trás dos partidos que se odeiam as forças ocultas, ás

(28) Otávio Tarquinio, op. cit., pg. 245.

quais pouco importa o sangue que se derrame. Através da teia das sociedades secretas que manejam ardilosamente os politicos, se exerce a vontade do invisivel jogador de xadrez para quem a vida dos cristãos vale tanto como uma gôta de agua. Os cadaveres dos Luzias humildes com suas jaquetas vermelhas como as dos farrapos (29) lá ficaram estendidos á margem do rio das Velhas, enquanto os verdadeiros autores inteletuais da ingloria rebeldia continuavam suas manobras politicas e conquistavam novas posições no malabarismo da vida parlamentar.

A maneira como se creou o clima revolucionario de 1842 em Minas revela a ação nefasta das forças invisiveis. Dêsde 1833, quando houve uma rebeldia passageira, a provincia se enchera de sociedades secretas, atuando na politica, ora dum lado, ora do outro. Quando os deputados dissolvidos em 1842 regressaram á sua terra natal, acharam os ánimos irritados contra o ministerio pela atuação sutil dessas sociedades. "A revolução tornou-se para os espiritos os mais refletidos e prudentes o unico meio, bem que desesperado, de que podiam os oprimidos lançar mãos..." Todos gritavam: — Vamos á revolução! Quando chegou a noticia da irrupção do movimento em Sorocaba, foi impossivel conter os ánimos e a revolta estourou em Barbacena por ser impossivel estalar em Ouro Preto (30).

---

(29) Fardamento dum sargento "Luzia" que tomou parte na batalha de Santa Luzia, conservado no Museu Historico Nacional.

(30) Conego José Antonio Marinho, op. cit., t. I, pgs. 60, 80, 82 e 87.

Pelo meio do caminho, quando sentiam as cousas pretas, muitos dos maçons e até alguns que cheiravam a cristãos-novos, como Narciso Tavares Coimbra e seu irmão, de nome tão diferente! Jacob Dornelas, apesar dos serviços prestados á revolução, se escafediam com êste ou aquêle pretexto... (31)

O decreto n.º 342 de 1844, assinado pelo Imperador a 14 de março, concedeu anistia a todos os que tomaram parte na revolução de 1842, em São Paulo e Minas, VISIVEIS e INVISIVEIS. Então, Vergueiro, que andára pelo Prata, e Feijó, que estivera desterrado no Espirito Santo, voltaram a São Paulo; os deportados para o estrangeiro regressaram á Pátria; Teófilo retornou á atividade politica. Era um maçon antigo e veneravel, um Filaleto. Pertencera no Primeiro Reinado á loja dos Amigos-Unidos, fundada em grande parte pelos pedreiros livres portuguêses escapos á sanha dos caceteiros de D. Miguel. Dèles nascera o famigerado Oriente do Passeio Público, preparador da quéda de D. Pedro I. Dêsde muito joven, pois, o politico mineiro de ascendencia italiana vivia na intimidade das organizações secretas. A outro elas não poderiam decerto dar a tarefa que lhe coube em 1842. E a guerra civil dos farrapos não cessaria sem o seu *placet* (32). Seu irmão, Cristiano, não lhe ficava atrás em ilustração e venerabilidade maçónica. Êle proprio escreve com sua letra miuda e regular: "Minha matri-

(31) Op. cit., pg. 229.
(32) Cristiano Ottoni, op. cit., pgs. 9 e 27.

cula de revolucionario (?) teve lugar no fim de 1830, logo depois da partida de Teófilo Ottoni para Minas: tomei o seu lugar na sociedade dos Amigos Unidos, clube politico com fórma maçónica, que muito concorreu para o movimento de 7 de abril de 1831". Confessa mais que era o secretario da loja e que distribuiu cartuchos no dia da Abdicação ao *povo liberal* (33). Outro eufemismo para designar aquêle *povo maçónico* que tão bem conhecemos...

---

(33) Autobiografia de Cristiano B. Ottoni, manuscrito existente no Museu Historico Nacional, t. I, pg. 41.

Capitulo III

O RABO DO FOGUETE

O ministerio liberal-maçónico que subira ao poder em 1840, levando no seu seio o *principio dissolvente* que se chamava Aureliano Coutinho, caíu quando procurava amparar os revolucionarios farroupilhas. Apesar de, naquela data, não se poder mais esconder que os mêsmos se batiam pela separação com a república, Antonio Carlos exprimia-se favoravelmente a seu respeito (1). Não só se exprimia, agia. Impedia sob o pretexto de não irritá-los, afim de que se rendessem, que se incentivassem as hostilidades. Isso trouxe a dissidencia ao gabinete, da qual resultou sua queda.

Governava e comandava no Rio Grande do Sul o general Francisco José de Souza Soares de Andréa, depois barão de Caçapava, que vencera os revolucionarios do Pará e de Santa Catarina. Conseguira vantagens apreciaveis na luta, sobretudo porque indultára o bravo caudilho Bento Manuel, que se recolhera á vida privada. Antonio Carlos, como desejando continuasse a guerra civil, principiara a sabotá-lo, chegando ao ponto de suspender a remessa de contingentes militares para o Sul. Foi alem. Escreveu *confidencial-*

(1) Pereira da Silva, "Memorias de meu tempo", t. I, pg. 22.

Capitulo III

O RABO DO FOGUETE

O ministerio liberal-maçónico que subira ao poder em 1840, levando no seu seio o *principio dissolvente* que se chamava Aureliano Coutinho, caíu quando procurava amparar os revolucionarios farroupilhas. Apesar de, naquela data, não se poder mais esconder que os mêsmos se batiam pela separação com a república, Antonio Carlos exprimia-se favoravelmente a seu respeito (1). Não só se exprimia, agia. Impedia sob o pretexto de não irritá-los, afim de que se rendessem, que se incentivassem as hostilidades. Isso trouxe a dissidencia ao gabinete, da qual resultou sua queda.

Governava e comandava no Rio Grande do Sul o general Francisco José de Souza Soares de Andréa, depois barão de Caçapava, que vencera os revolucionarios do Pará e de Santa Catarina. Conseguira vantagens apreciaveis na luta, sobretudo porque indultára o bravo caudilho Bento Manuel, que se recolhera á vida privada. Antonio Carlos, como desejando continuasse a guerra civil, principiara a sabotá-lo, chegando ao ponto de suspender a remessa de contingentes militares para o Sul. Foi alem. Escreveu *confidencial-*

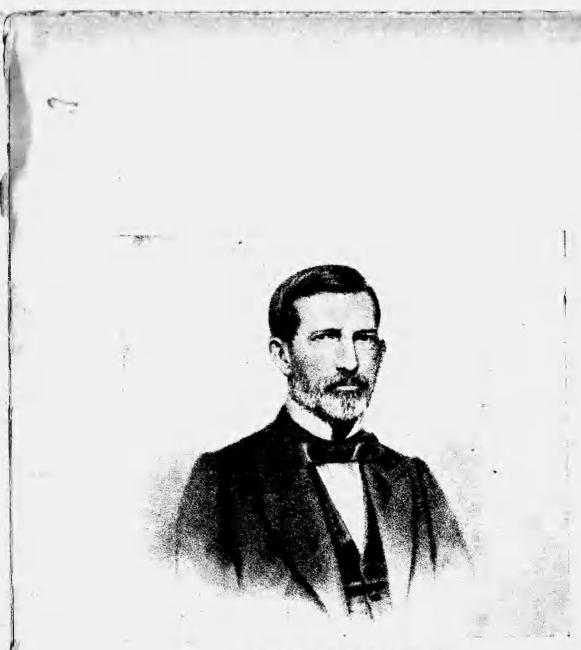
(1) Pereira da Silva, "Memorias de meu tempo", t. I, pg. 22.

mente a Bento Gonçalves. O ministro do Imperio correspondendo-se em segredo com o chefe duma rebelião e presidente duma república separatista!!! Seria muito de admirar, se não se soubesse que ambos eram, em altos graus, irmãos da Acácia, considerando, pois, muitas vezes, acima da Pátria e da Moral, a Fraternidade Maçónica. Êsses entendimentos continuariam até abril de 1841, sob o governo provincial de Saturnino de Souza, irmão de Aureliano Coutinho (2).

Em consequencia de tal correspondencia, Antonio Carlos ordenou ao general Andréa suspendesse as operações militares contra os rebeldes, enviando-lhe *instruções reservadas* para se entender com êles. O chefe militar não gostou daquelas ordens governamentais, mas cumpriu-as disciplinarmente. Suas consequencias só podiam ser o convencimento por parte de Bento Gonçalves da fraqueza ou mêsmo extenuamento do Governo Imperial, e a recusa de entrar em entendimentos com um intermediario de má vontade, exigindo conversa diréta com os altos poderes da Monarquia. Sentindo-se, assim, fortalecido com o apoio ministerial, Bento Gonçalves declarou a Andréa que se comunicaria com Antonio Carlos...

Êste mandou ao Rio Grande do Sul seu amigo e confrade das lojas, um dos propugnadores da Maioridade, Alvares Machado, na qualidade de *agente secre-*

---

(2) Tristão de Alencar Araripe, "Guerra civil no Rio Grande do Sul", "in" "Revista do Instituto Historico e Geografico do Brasil", t. XLIII, pg. 123.

TEOFILO BENEDITO OTTONI

Medalha comemorativa da República de Piratinim, muito usada pelos gaúchos como distintivo e adorno em cinturões, guaiacas e arreios. Nêsse emblema maçônico das duas

mãos que apertam o punho do gládio em cuja ponta repousa o barrete frígio sobre os raios do sol. A comparar com o brazão nacional da República Argentina, a qual a maçonaria impôs o mesmo símbolo.

to. Tudo isso é admiravel e não se explica sem aquela Fraternidade Maçónica a que nos referimos. Um ministro que acredita *agentes secretos* junto ao chefe duma revolução contra o governo que êle proprio representa! As conferencias de Bento Gonçalves e Alvares Machado fôram *secretas*. Depois delas, o general Andréa foi demitido de seus cargos e nomeado presidente da provincia o *agente secreto* dos Andradas...

Como êste não fôsse militar, de novo se dividiu a autoridade, o que fôra uma das causas principais do prolongamento daquela luta estéril. E assumiu o comando das armas o general João Paulo dos Santos Barreto. Tudo isso arrefeceu o ánimo dos defensores da legalidade, traídos pelos conciliabulos secretos dos sectarios de Hiram. Os melhores chefes imperiais retiraram-se desgostosos. O novo general, sob o pretexto de guarnecer as fronteiras, concentrou as forças do Imperio em São Lourenço, abandonando como de propósito pontos importantes, de modo que os farrapos, reanimados, passaram logo á ofensiva, obrigando Alvares Machado, apesar do seu maçonismo, a recomeçar as hostilidades.

"De Piratinim transferiram-se os rebeldes para Bagé, São Borja e Alegrete; ocupavam as margens do rio Jacuí e devastavam os territorios adjacentes, desassustados dos legalistas e ufanos com os fátos ocorridos e com as apreensões e inercia do comandante das armas. Conhecedores da topografia da provincia, de todos os seus desvios, esconderijos, posições estrategicas

e rios vadeaveis, não se atreviam a combater em batalha regular e campo raso tropas disciplinadas e fornecidas de todas as armas. Dispersavam-se, porem, em grupos, capitaneados por caudilhos arrojados, e manobravam como os arabes dos desertos argelinos, ou os antigos mouros espanhóis, por meio de algaras repentinas, assaltos inesperados, escaramuças e correrias (3)." Era a guerra de recursos levada á maior perfeição por gente brava, adestrada e endurecida por longos anos de luta constante.

Derrubado o ministerio da Maioridade, malogradas de vez as esperanças do maçonismo liberal exaltado no menino Imperador que elevára ao trono por uma "aberração imprescindivel", como diria Teófilo Ottoni, na vida constitucional do país, subiram ao poder os conservadores, " homens das leis fortes". Logo, Alvares Machado e Santos Barreto fôram retirados do Rio Grande do Sul. A influencia de Aureliano Coutinho, pessoal, intima, aulica, impôs novo presidente á provincia rebelde: seu irmão Saturnino de Souza. Para o comando das armas, um general velho que se não podia contrapôr ao mando presidencial, o conde do Rio Pardo. Êsse arranjo de familia causou o mêsmo mal que causára o maçonismo andradino: a divisão da autoridade em face do adversario impávido e lutador. O ministerio acabou tendo de retirar a ambos e de concentrar novamente em mãos dum militar presidencia civil

(3) Pereira da Silva, op. cit., t. I, pgs. 42-49.

e comando das armas. Escolheu-se o general José Maria da Silva Bittencourt.

Não era, porem, o chefe necessario, imprescindivel. A revolução paulista-mineira de 1842 revelou êste ao Governo Imperial. Tinha sido o braço militar de Feijó, quando ministro da Justiça da Regencia. Vencera e pacificára os balaios do Maranhão. Entrára vitorioso em Sorocaba e Santa Luzia. Embainhava a espada invencivel com o sorriso do perdão e do esquecimento nos lábios. Era a encarnação do bom senso. Chamava-se Luiz Alves de Lima, então barão de Caxias. A 28 de setembro de 1842, mal voltava de Minas pacificada, nomeavam-no presidente da provincia do Rio Grande do Sul e comandante das armas. Um mês depois, a 29 de outubro, embarcava para o teatro das operações. No dia 9 de novembro, tomava posse de seus cargos em Porto Alegre.

Tudo ia mudar.

Bastaram dois mêses ao novo estratego para preparar-se, reorganizando as tropas, fardando-as, armando-as, municiando-as, convocando os chefes afastados e desgostosos, arranjando cavalhadas, provendo os comandos, pondo termo ao peculato e á dilapidação, aplainando todas as dificuldades á sua retaguarda, afim de poder investir contra os inimigos que seu magnânimo coração não esquece sêrem simplesmente irmãos transviados. Inova até a tática da guerra pampeana, preparando e usando pela primeira vez no Brasil e quiçá na America do Sul a *infantaria montada*, de maneira

a ter tropa com mobilidade igual á da cavalaria ligeira e com potencial de fogo superior nas guerrilhas (4).

No dia 11 de janeiro de 1843, o barão de Caxias atravessou o rio São Gonçalo em direção a São Lourenço, rompendo a ofensiva contra os republicanos (5). Ia um tanto receoso (6). Mas, dêsde essa data até o momento da entrega das armas, da pacificação definitiva, não se deteria mais, não deixaria mais os contrarios tomarem fôlego, obrigando-os a consecutivas marchas e contramarchas, atirando-lhes em cima colunas volantes e, ao mêsmo tempo, usando da politica conciliatoria fóra do campo de batalha.

O tropel dos centauros continúa a ressoar pelas coxilhas da fronteira. Gesta heroica! No meio das labaredas dêsse resto de incendio carbonario que devora a provincia, perpassam vultos de epopéa. Entre êles, Canabarro, o incansavel vigilante, batendo-se pela República, e o "sigiloso e célere" Moringue, batendo-se pelo Imperio. O último, Francisco Pedro de Abreu, depois barão de Jacuí, é o pesadelo dos farrapos, a quem não dá treguas.

Lavra a inimizade entre os chefes farroupilhas, favorecendo o desenlace da tragedia. Dêsde 1841, o presidente da efémera República de Piratinim, Bento

---

(4) Exposição do barão de Caxias ao ministro da Guerra, datada da cidade do Rio Grande em 29 de novembro de 1842, vinte dias após sua posse.

(5) Rio Branco, op. cit., pg. 20.

(6) Oficio do barão de Caxias ao ministro da Guerra, de 18 de julho de 1843.

Gonçalves, e o vice-presidente, Antonio Paulo ou Paulino da Fontoura, não se toleram (7). Sobre o presidente, dizia o arguto Bento Manuel: "As arbitrariedades de Bento Gonçalves teem desenganado que o tal sistema republicano parece em teoria governo de anjos, porem na prática nem mêsmo para diabos serve (8)." Ao vice-presidente se faziam as mais duras acusações, até de soltar chefes legalistas aprisionados como Silva Tavares (9). O dissidio acabou com o assassinio a tiro de Paulino da Fontoura na sua casa de Alegrete. Suspeitou-se de Bento Gonçalves. O forçudo e valente Onofre Pires escreveu-lhe uma carta famosa, chamando-o de ladrão de dinheiro, da vida e da honra. Bateram-se em duelo a espada, em lugar ermo sem testemunhas. Parece que a agilidade do franzino Bento Gonçalves venceu a força bruta de Onofre Pires, que, gravemente ferido, faleceu antes que se lhe pudessem prestar socorros. A justiça republicana isentou de culpa o caudilho por ter lavado sua honra de cidadão e de militar (10).

"O que golpeou no coração a República foi a discordia (11)", escreve Alfredo Varela. Ela lavrou de

---

(7) J. Pinto da Silva, "A provincia de São Pedro", ed. da Livraria do Globo, Porto Alegre, 1930, pgs. 170 e 188.

(8) Carta de Bento Manuel a Saturnino de Souza, de 13 de outubro de 1840.

(9) Alfredo Varela, "Historia da Grande Revolução", ed. da Livraria do Globo, Porto Alegre, 1933, t. V, pgs. 375 e segs.

(10) Tristão de Alencar Araripe, op. cit., t. cit., pgs. 119 e 273.

(11) Alfredo Varela, op. cit., t. VI, pg. 123.

alto a baixo. Entre o presidente e o vice-presidente. Entre os ministros. Entre os deputados á sua constituinte. A' bôca pequena, acusavam-se os próceres de peculato e roubo, que lhes permitia ter no Uruguai fazendas de rezes *mal havidas*. Assumindo a pasta da Fazenda, Antonio Vicente da Fontoura, desavindo com seu antecessor Domingos José de Almeida, declarava só ter achado "maldade e desordem" (12). A Assembléa Constituinte reunida para dotar de arcabouço juridico a nova República, dissolveu-se roida de intrigas, depois de tentar a instalação duma junta provisoria que substituisse o arbitrio de Bento Gonçalves. A' intrigalhada que nascia dentro do campo rebelde espontaneamente se juntava a que vinha de fóra, assoprada sobretudo por José Clemente, ministro da Guerra, técnico nessas cousas como velho maçon que era... (13)

A ajuda do estrangeiro falhára, apesar da Convenção de Auxilio Mútuo com Frutuoso Rivera, presidente do Uruguai, e da Convenção Secreta com o mêsmo, mêses depois (14). Rivera conseguira iludir o Governo Imperial e facultára aos farrapos acesso ao mar com a livre navegação do Uruguai (15). As in-

---

(12) Op. cit., t. V, pgs. 361 e 367.

(13) João de Morais, "A Revolução no Rio Grande", p. II, pg. 73; Carta de José Clemente Pereira ao barão de Caxias, de 12 de dezembro de 1842.

(14) A primeira a 5 de julho e a segunda a 28 de dezembro de 1841. V. Rio Branco, op. cit., pgs. 337, 510 e 611.

(15) Alfredo Varela, op. cit., t. V, pgs. 397 e segs.

teligencias dos *continentistas*, depois farrapos, no Prata eram anteriores á revolução. A maçonaria encarregára-se de tecê-las. Nos simbolos que permanecem em bandeiras e escudos, ela ainda hoje se mostra (16). Dêsde 1832, falava-se nas lojas e até fóra delas na formação dum chamado QUADRILATERO, confederação composta do Rio Grande do Sul, do Uruguai, de Corrientes e de Entrerios. Secretamente, o judaismo internacional favorecia isso através de seus prepostos maçónicos. Punha-se em prática o mêsmo processo de que resultou a fragmentação da America Central. A creação naquela zona nevralgica do continente meridional duma constelação de republiquetas mataria para sempre a grandeza da nação Argentina e a projeção imperial do Brasil. Através daquela rêde de novas Honduras e Nicaraguas, a influencia judaica se faria sentir de outro modo na America do Sul. Ainda hoje seu sonho é pôr o pé por meio duma hipotetica colonização na região do Guaira e do Iguassú.

Cansanção de Sinimbú pensára, quando no poder, fazer a independencia de Entre Rios e Corrientes. Fomentára êsse separatismo. Sem o Rio Grande, êle favorecia o Imperio, enfraquecendo a Argentina e pondo entre ela e nós tres Estados-tampões. Com o Rio Grande, somente poderia favorecer o Poder Oculto Internacional.

A idéa de 1832, voltou á tona em 1841. Para tratar de sua realização, reuniu-se um *Congresso Secreto*

---

(16) Vide a gravura de pg. 62-A.

na cidade de Paisandú, ao qual compareceram os caudilhos argentinos Ferré, Paz e Lopez. Lá esteve Bento Gonçalves. Agenciou-o o enviado farroupilha Ulhôa Cintra (17). Não era o primeiro nem seria o último esforço dos republicanos em busca do apoio estrangeiro para a guerra civil. Em 1839, haviam propugnado fortemente no Prata, junto ás legações européas, o reconhecimento da República de Piratinim. Tinham ministerio do Exterior e acreditavam plenipotenciario no Paraguai. Procuraram, depois, recorrer até a Rosas (18). O Congresso Secreto de Paisandú não produziu os resultados que seus fautores esperavam; todavia, Bento Gonçalves obteve nele, de Rivera, duas peças de artilharia, fardamentos e armas.

A mão oculta de Mauá-Carruthers já não despejava fartamente nos pampas o dinheiro alimentador da guerra civil. E' preciso nunca esquecer que o judaismo não serve a ninguem, embora pareça; serve sempre a si proprio. Servira-se dos farrapos atiçados pela carbonária, enquanto isso lhe conveiu aos planos de enfraquecimento do Brasil e houve probabilidades de exito. Abandonava-os no momento em que os via perdidos e subindo o calvario da desilusão e dos revezes. A diversão da revolta paulista-mineira de 1842

---

(17) Ponte Ribeiro, "Memoria".

(18) Alfredo Varela, op. cit., t. V, pgs. 400-401, t. VI, pg. 142; Tristão de Alencar Araripe, op. cit., t. XLVI, p. I, pgs. 423-424.

alegrára-os com uma nova esperança (19). Passageira, porem, porque logo se desvaneceu.

Foi apagar-se de todo naquêles mêsmos pampas onde erravam, brandindo armas, as cavalarias revolucionarias. Caxias, o vencedor de Sorocaba e Santa Luzia, aprisionou Rafael Tobias, evadido de São Paulo, quando pretendia juntar-se aos rebeldes sulinos (20). "Rafael Tobias, muito provavelmente, esperou alcançar as raias meridionais, para ter asilo numa das repúblicas do Prata, como fez Nicoláu Vergueiro, um dos co-autores do malogrado movimento insurrecional. O sobredito brigadeiro, em vez de se encaminhar a Cruz Alta, onde Portinho estava aquartelado, embrenhou-se no invio distrito de Palmeira e estanciava pela Guarita; adeantando-se para a citada vila serrana, o dr. Gabriel Rodrigues dos Santos, "um enteado do mêsmo Tobias, de nome Felicio, e Daniel Gomes de Freitas". Portinho, com quem êstes se encontraram, "convidou-os" a tomar parte nas lutas do Sul, e "anuiu a acompanhá-lo para o Exercito Republicano" unicamente o terceiro. O dr. Gabriel "regressou para São Paulo, mentres uma escolta mandada acolá pelo barão de Caxias, prendeu aquêle brigadeiro (21)." Comandava a escolta o capitão Benedito Martins Fraulo.

(19) Alfredo Varela, op. cit., t. V, pgs. 381 e segs.

(20) Carta do barão de Caxias ao ministro da Guerra, de 12 de dezembro de 1842.

(21) Alfredo Varela, op. cit., t. VI, pg. 21.

No mês de julho de 1843, quando o general Antonio Neto foi deposto do comando do Exercito Republicano e substituido pelo bravo David Canabarro (22), êste, como escreveu o historiador gaúcho João Pinto da Silva, pegava num RABO DE FOGUETE...

A Argentina de Rosas fornecia, contudo, alguma pólvora ás escondidas para êsse rabo de foguete. Por isso, a 24 de março de 1843, Honorio Hermeto Carneiro Leão, depois marquês do Paraná, então na pasta de Estrangeiros, assinou com D. Tomás Guido, hábil representante do governo rosista no Brasil, um tratado em que se postulavam medidas tendentes a dificultar o abastecimento e o acolhimento dos farrapos perseguidos em territorio argentino. O Tigre de Palermo recusou-lhe sua ratificação, o que mais tarde sobremodo repercutiria nas relações entre o Imperio e a Confederação. Mas o auxilio estranho não impedia a derrota dos rebeldes. A 26 de maio, em Ponche Verde, Bento Manuel, novamente a favor do Imperio, infligiu sério revez ás hostes republicanas sob o comando pessoal de Canabarro e Bento Gonçalves.

A 25 de outubro, com os caçadores de Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto e os seus lanceiros gaúchos, o Moringue encontra em Cangussú Bento Gonçalves e Neto, ataca-os vigorosamente, bate-os, persegue-os e toma-lhes a cavalhada e um estandarte. A 6 de novembro, no mêsmo campo de batalha, Neto, que se

---

(22) Tristão de Alencar Araripe, op. cit., "in" Rev. cit., t. XLVI, p. I, pg. 122.

refizera do primeiro encontro, é de novo lamentavelmente batido. A 26 de dezembro, em Santa Rosa, nas cercanias de Botuí, o tenente-coronel Demetrio Ribeiro surpreende, derrota e dispersa as forças do valente Onofre Pires (23).

"Incansavel vigilancia" era, na opinião do proprio Caxias, a de David Canabarro. Mas seus esforços resultavam improficuos a querer segurar impávido o rabo do foguete que as forças ocultas tinham queimado durante tantos anos e agora lhe largavam na mão. Faça-se justiça ao destemor e abnegação do velho lidador riograndense. Contra essa "incansavel vigilancia" a *incansavel mobilidade* do Moringue, que consegue a surpresa de Porongos. Estava-se a 14 de novembro de 1844. Pela madrugada, quando cabeceavam de sono as sentinelas perdidas de Canabarro, Neto e Silveira, ao pé dos serros que separam o arroio das Torrinhas do Grande, a cavalaria legalista caiu de súbito sobre o acampamento farroupilha. Mal puderam se defender os centauros tomados de improviso, sem tempo sequer de ensilhar as montarias. Bateram-se a pé, a arma branca, fugindo, depois, em todas as direções. Grande número de prisioneiros, sobretudo oficiais. Grande número de mortos e feridos. Cinco estandartes tomados. As cavalhadas, o arquivo, as munições, as bagagens e o unico canhão da República em poder dos imperiais. Narrando o feito ao ministro da Guerra, o barão de

(23) Rio Branco, op. cit., pgs. 504, 525 e 608.

Caxias escrevia: "E' sem dúvida a primeira vez que David Canabarro é surpreendido, o que até agora parecia impossivel pela sua incansavel vigilancia (24)." Os farrapos começavam a se deixar dominar pelo cansaço.

Dia aziago para os republicanos. Em Guapitangui, o coronel João Propicio Mena Barreto, futuro barão de São Gabriel, acometeu o chefe farrapo Jacinto Guedes, perseguiu-o a lança até o Passo do Leão, no Quaraim, e obrigou-o a transpôr a raia e a refugiar-se em territorio uruguaio. A 29 de dezembro, o derradeiro combate da guerra civil. Junto ao Quaró, afluente do Quaraim, Vasco Alves, depois barão de Sant'Ana do Livramento, destroçou o caudilho farroupilha Bernardino Pinto e o aprisionou. A pugna travou-se em terras orientais. A guerra fratricida, que começára nas tramas carbonario-maçónicas fóra da Pátria, como que era expulsa simbolicamente de suas fronteiras nêsse último embate dos centauros.

Caxias viera para o Rio Grande do Sul enviado por um ministerio conservador. Em fevereiro de 1843, de novo os liberais ascendiam ao poder, conservando-se nêle até 1845, graças á dissolução da Cámara de 1844. Entre os ministros, alguns dos maçons extremados de todos os tempos, como Ernesto Ferreira França, na pasta de Estrangeiros, e Holanda Cavalcanti, na da Marinha. A orientação do novo governo favoreceria

---

(24) Parte do barão de Caxias ao ministro da Guerra sobre o combate de Porongos, de 14 de novembro de 1843.

com seu liberalismo, naturalmente, a politica conciliatoria do Pacificador do Imperio.

As dissenções lavravam cada vez mais fundas entre os farrapos. Bento Gonçalves renunciára á presidencia, sucedendo-lhe o octogenario José Gomes. Passára a comandar uma das tres divisões do Exercito, na companhia de Canabarro e Neto, chefes das outras duas. Contestavam-se o generalato e a chefia militar do primeiro. Tanto que é com Bento Gonçalves que Caxias, desejoso de terminar o improficuo derramamento de sangue, conferencia (25). Estabelecem-se as bases da pacificação: reconhecimento das graduações e postos militares dos republicanos; pagamento das dividas da República; anistia. Nem uma palavra sobre os principios ideologicos apregoados como a essencia da revolução... (26)

Graças á mediação de Caxias, já o Imperador concedera a 18 de dezembro de 1844, em decreto, anistia "a todos os comprometidos na *rebelião separatista* do Rio Grande do Sul que depusessem as armas (27)." O decreto imperial trouxera uma esperança nova aos que se sentiam cansados daquela luta estéril, aos que consideravam perdida de todo a causa republicana. A 28 de fevereiro de 1845, David Canabarro reuniu em Ponche Verde um conselho de oficiais farroupilhas e,

---

(25) Tristão de Alencar Araripe, op. cit., "in" Rev. cit., t. XLIII, p. II, pgs. 286-287.

(26) Op. cit., Rev. cit., t. cit., p. cit., pg. 122.

(27) Rio Branco, op. cit., pg. 596.

depois de obtido seu assentimento, declarou aceitar as propostas da Corôa. Largava afinal o rabo do foguete que lhe ardia nas mãos. Tres dias mais, a 1.º de março, o barão de Caxias proclamava definitivamente pacificado o Rio Grande do Sul.

Os peitos respiraram desafogados. Intenso júbilo em todo o país. Deixára de correr o sangue brasileiro. O Rio Grande do Sul continuava unido ao Imperio. As insidias maçónicas disfarçadas em belas ideologias tinham sido vencidas pela brasilidade dos filhos daquela terra heroica, tanto tempo transviados do bom caminho. De nada lhes servira a diversão tentada pelos INVISIVEIS em Minas e São Paulo, em 1842. Agora, aos liberais no poder não convinha desencadear revoltas. Eram os conservadores que, oprimidos, as lançavam contra êles, como em Alagôas, depondo o presidente Souza Franco e obrigando-o a embarcar ás pressas no hiate "Caçador", combatendo em Atalaia contra os soldados do general Seara e só depondo as armas perante o novo presidente Lopes Gama, depois visconde de Maranguape (28).

São Paulo, Minas Gerais e o Rio Grande do Sul haviam formado um triangulo revolucionario sob a égide da bucha, da maçonaria e da carbonária. A ligação era tão visceral que David Canabarro não largou o rabo do foguete sem a anuencia do fóco de pedreiros livres da antiga Vila do Principe, o Serro, onde pontificava a figura invulgar de Teófilo Ottoni. Essa liga-

(28) Op. cit., pgs. 477, 483, 522 e 575.

ção secreta é sobremodo interessante. Tão forte que foi necessaria a palavra do chefe dos Ottoni ao enviado especial de Canabarro, que, antes, passára pela casa de Mauá, consultando a MÃO OCULTA que dava o dinheiro e cansára de o dar, para que o general, embora autorizado pelo seu conselho de oficiais, aceitasse a paz generosamente oferecida pelo barão de Caxias em nome do Imperio. Da documentação que prova ésse entendimento secreto se infere que, acima dos chefes militares que se batiam nas coxilhas, havia chefes ocultos longe do teatro da guerra civil.

Por que mandar lá dos pampas consultar a opinião das montanhas mineiras?

"Foi no ano de 1844 que teve fim a rebelião do Rio Grande do Sul, *pacificação devida em parte a Teófilo Ottoni*. Quando o sr. conde de Caxias propôs a Canabarro condições para a terminação da luta, quis aquêle general *ouvir o parecer do democrata mineiro, a quem mandou como emissario* o sr. tenente Martins (hoje coronel), que fez a viagem, sob nome suposto, por Curitiba e São Paulo, e aqui foi por mim hospedado. Póde-se julgar dos conselhos de que foi portador êste emissario pela seguinte carta do bravo general riograndense:

"Ilmo. sr. Teófilo Ottoni. — Se ha mais tempo não tenho respondido á estimada carta que V. S. se dignou dirigir-me em 24 de setembro do ano findo, tem sido esta falta devida á escassez de um *seguro meio* pelo qual fizesse chegar ás mãos de V. S. a minha res-

posta. Agora, porem, contando com o favor de meu ilustre amigo o sr. José Simeão de Oliveira, por cuja intervenção espero que V. S. não deixe de honrar-me com suas letras, vou pagar uma divida em que estava para com V. S. Tomando em consideração as sábias reflexões de V. S., fiquei convencido da impossibilidade de levar a efeito a desejada federação desta provincia, pela qual fervorosos pugnaram mais de nove anos os riograndenses livres, tanto mais assegurando V. S. que *só deviamos contar com os nossos irmãos de armas,* por isso que nenhuma coadjuvação nos proviria dos homens que em 1842 lutaram em São Paulo e Minas *a favor dos mêsmos principios,* e que finalmente os proprios chefes do partido progressista quando no poder fazem a mêsma cousa que os regressistas. Apreciando, pois, a franqueza de V. S. e leal exposição que me fez do estado geral das cousas, me convenci a empregar os meus esforços e diminuta influencia na terminação da guerra que por tanto tempo devastou as belas campinas dêste continente, podendo assegurar a V. S. que *a sua carta foi o farol que conduziu os continentistas ao desejado porto.* Oxalá que êsse relevante serviço por V. S. prestado em favor do bem geral, e da liberdade, fôsse um dia lembrado pelo governo com o mêsmo apreço com que o recordam os riograndenses livres. Desnecessario seria relatar a V. S. as condições por que foi terminada essa importante questão, visto que delas está V. S. cientificado. Hoje me acho retirado á vida privada, e por isso somente com as influencias de um particular; porem mêsmo assim me ufana-

rei se tiver ocasião de executar as ordens de V. S., de que com o mais alto apreço e consideração me firmo, at.°, v.° e cr.° *David Canabarro*. Fazenda da Alegria, 30 de maio de 1845."

Escreve isto e transcreve esta carta Cristiano Benedito Ottoni, biografando o irmão (29). A carta de Canabarro é de maio de 1845, quando o Rio Grande do Sul já pacificado e o herói a descansar na sua estancia das canceiras em aguentar o rabo do foguete. Ela mostra, porem, que Teófilo Ottoni lhe havia escrito, dissuadindo-o de qualquer probabilidade de auxilio depois do malôgro da revolução de 1842. Apesar disso, para definitivamente concertar a paz, o general não trepidou em consultá-lo por mensageiro especial e seguro, que viajou com as precauções de quem guarda um grave segredo. Somente a filiação ás forças ocultas póde explicar êste misterioso ponto da história da revolução farroupilha: a participação do mineiro Teófilo Ottoni, sumido no fundo da montanhosa Minas Gerais, nos acontecimentos que se processavam na vastidão dos pampas fronteiriços.

---

(29) Cristiano Ottoni, "Biografia de Teófilo Ottoni", tip. do "Diario do Rio de Janeiro, 1870, pg. 27. Os grifos são nossos. A consulta tinha sido do teôr seguinte: "Se lhes dessem esperanças de levantamento de outras provincias, êles, farrapos, se sustentariam, mas abandonados como até então muito lhes convinham as condições estabelecidas", testemunha o mêsmo Cristiano Ottoni em "O advento da Republica no Brasil", tip. Perseverança, Rio de Janeiro, 1890, pgs. 69-70. A prova da ligação maçónica dos farrapos com os outros revolucionarios da época é evidente.

A iniciação maçónica não obumbrára em David Canabarro o profundo amor pela Pátria Brasileira. Comandando os derradeiros soldados da República de Piratinim, batendo-se lealmente contra os imperiais de Caxias, sentira e compreendera o interesse dos argentinos proximos nas nossas dissenções intestinas, visando o enfraquecimento e seccessão do Imperio. O vulto sangrento de Rosas erguia-se no estuario do Prata como a ameaça da reconstrução, sob nova ordem, do antigo Vice-Reinado espanhol. O Paraguai temeroso acolhia-se á sombra protetora da diplomacia imperial, enquanto Pimenta Bueno agenciava na Europa o reconhecimento de sua independencia que Buenos Aires contestava. Na campanha uruguaia, dominava o furor de Oribe, o Corta-Cabeças, sequaz de Rosas. Os caudilhos de Entre Rios e Corrientes amoutavam-se apavorados. Somente o Imperio poderia salvar o Prata da horrenda tirania, mas o Imperio unido e forte. Por isso, Rosas oferecia tudo aos farrapos que o debilitavam pela demorada guerra civil.

No fundo do separatismo farroupilha, havia amor despeitado pelo Brasil. Os farrapos aceitaram algum auxilio de Rosas, mas o repeliram quando quis avançar mais, declarando que o sangue do primeiro argentino que atravessasse a raia lhes serviria para assinar a paz com o Imperio. Quando proclamou o acôrdo de paz com Caxias, David Canabarro disse aos seus companheiros de luta e ideal estas memoraveis palavras: "Um poder estranho ameaça a integridade do Imperio e tão estó-

lida ousadia jamais deixaria de ecoar em nossos corações brasileiros. O Rio Grande não será o teatro de suas iniquidades, e nós partilharemos a gloria de sacrificar os ressentimentos creados no furor dos partidos ao bem geral do Brasil."

"A espada e o tacto de Caxias tinham pacificado o Rio Grande do Sul. Depois de dez anos de gloriosa luta, os audazes republicanos de Piratinim depunham nobremente as armas. E a vizinhança platina, sempre ansiosa pelo enfraquecimento do Brasil, emocionou-se. Seria possivel? Os sonhos da desejada fragmentação do Imperio por terra? Desfeitos os ideais de crear para nosso lado uma espécie de Banda Oriental (30)?" A propósito escreve com a maior propriedade um dos nossos mais eminentes historiadores militares, militar êle mêsmo: "Sonhos de anexação, separação do Rio Grande, fronteira para base de operações na República Oriental pela caudilhagem militar, sôfrega de assentar-se na curul presidencial; tudo, tudo acabado! A proclamação de David Canabarro que era, então, general chefe dos revolucionarios, anunciando a paz, foi lida e comentada nas repúblicas vizinhas com avidez e paixão, e é claro que os chefes da revolução outróra tão elogiados, tão considerados, fôram postos pela rua da amargura. Não houve insultos que não fôssem atirados sobre os ex-amigos, os ex-aliados, especialmente

(30) Gustavo Barroso, "A guerra do Rosas", ed. da Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1929, pg. 97.

porque Canabarro aludia a um poder estranho que ameaçava a integridade do Imperio (31)."

O espirito de brasilidade acabára vencendo as artimanhas do maçonismo judaico. Bastava já tanto sangue derramado dentro de nossas fronteiras, ensopando o chão gaúcho do qual brotavam messes de heróis. Depois do combate de Porongos, ao aproximar-se de Bagé o barão de Caxias, uma comissão de moradores, com o vigario á frente, procurou-o e convidou-o para um Te-Deum pela vitória. O grande general respondeu-lhe: "Precedeu a êsse triunfo derramamento de sangue brasileiro. Não conto como troféus desgraças de concidadãos meus. Guerreio dissidentes; mas sinto as suas desditas e choro pelas vitimas como um pai por seus filhos. Vá, reverendo (terminou, dirigindo-se ao páröco), e, em lugar de Te-Deum, celebre missa de defuntos, que eu, com o meu estado-maior e a tropa que na sua igreja couber, irei amanhã ouvi-la por alma dos nossos irmãos iludidos que pereceram no combate (32)."

Tal procedimento atraía simpatias e bençãos de todos os que a luta civil exaurira num infindavel decenio. "A' voz de Caxias, os farrapos acordaram do seu devaneio que custára muita lágrima e muito sangue. Sentiram a ameaça que pesava sôbre o seu país e desembainharam de novo as espadas sob o comando do grande brasileiro, para defenderem o Brasil unido.

---

(31) Marechal Bormann, "Rosas e o Exercito Aliado", Rio de Janeiro, 1912, t. I, pg. 144.

(32) Op. cit., t. cit., pg. 148.

Como antes, como depois, como sempre, o Rio Grande não mentiu ao seu papel, nobre e glorioso, reservado pelas fatalidades historicas e geograficas, de sentinela da fronteira meridional. E os sub-chefes de Caxias na arrancada contra Rosas fôram os antigos caudilhos farroupilhas (33)."

Bento Gonçalves não chegaria a ver seus antigos companheiros ombro a ombro na marcha contra Rosas, sob o flutuar das bandeiras imperiais. A guerra contra o tirano começou ao findar o ano de 1851. Fazia, então, seis que Canabarro descansava nas suas terras. Braço ás armas feito, desembainhára a espada contra Rosas, como a desembainharia quatorze anos mais tarde contra as hordas invasoras de Solano Lopez. A mão que empunhára sem queixumes e hesitações o rabo do foguete nunca estremeceu na defesa do Brasil. Bento Gonçalves não veria tudo isso. O veterano de Ituzaingó, de cujo prestigio e valor se aproveitaram as forças ocultas, assoprando-lhe as ideologias sedutoras e falsas das lojas, faleceu em Pedras Brancas, retirado da vida pública e ralado de desgostos, no dia 18 de julho de 1847. Vivo, sem dúvida, teria seguido a estrela de Caxias contra Rosas.

O Imperio que se fortalecia na paz interna crearia dois dias mais tarde o cargo de Presidente do Conselho de Ministros, concentrando num homem a autoridade do governo já centralizado no poder pessoal do monarca, tanto quanto possivel dentro do regime. Êsse

(33) Gustavo Barroso, op. cit., pg. 99.

revigoramento do executivo permitiria domar o ultimo surto do maçonismo revolucionario — a revolta Praieira de 1848, para poder projetar as armas vitoriosas alem das fronteiras, libertar o Prata, exercer sua missão civilizadora contra a caudilhagem feroz e vingar os agravos de 1827, passeando sobre as baionetas dos caçadores de Marques de Souza as côres imperiais pelas ruas de Buenos Aires.

O Brasil inaugurava o sentido imperial do seu destino na America do Sul. As forças ocultas encolhiam as garras no preparo dos golpes sucessivos e necessarios que o levariam á República para se tornar pasto do capitalismo internacional, que, em 1843, entre a pacificação de Minas-São Paulo e a do Rio Grande do Sul, pôs mais uma algema de ouro na nossa Pátria: o emprestimo contratado pelo comendador José Marques Lisbôa, nosso plenipotenciario em Londres, com o banqueiro judeu Isaac Lyon Goldsmid, garantido com o penhor das alfandegas. Com seu produto liquidamos nossas contas com Portugal, que datavam da Independencia e o regime de deficits em que viviamos ainda não permitira saldar. "Reconheciamos dever ainda do emprestimo português £ 488.393,15 shs. e 5 ds., alem de £ 134.308 de juros, isto é, o total de £ 622.702. Tomámos, portanto, emprestado êste capital real de £ 622.702 a juros de 5%, tipo 85 e prazo de 20 anos, com a obrigação de pagar o capital nominal de £ ... 732.600." Os resultados da operação financeira fôram os seguintes, na nossa moeda, ao magnifico cambio da

época: recebemos uns cinco mil e quinhentos contos pelos quais pagámos quatorze mil e duzentos (34)!

Nas páginas vibrantes de Alfredo Rodrigues, está retratado o heroismo gaúcho durante quasi dez anos de luta contra o Imperio. O escritor riograndense pintou com singular mestria os episodios dos prélios fronteiriços, os entreveros das cavalarias rivais com seu retinir de espadas e de lanças. Nessas páginas se enumeram as vitórias e as derrotas: Passo dos Negros, Taquari, Couto, São José do Norte, Seival, Porongos, Fanfa, Poncho Verde. Nelas se revelam os apelidos e as façanhas dos centauros fardados de vermelho ou azul com seus curvos sabres luminosos e suas lanças de choupas faiscantes: Bento Manuel, o das idas e vindas; Bento Gonçalves, o chefe cavalheiresco; David Canabarro, o incansavel guerrilheiro; os irmãos Sarmento Mena, heróis do Rio Pardo; Garibaldi e Anita; Inocencio Ferrão e Antonio Joaquim de Souza; o capitão Manuel Lucas de Oliveira e João Manuel de Lima e Silva; Côrte Real, Onofre Pires, Portinho; Vasco Alves, Jóca Tavares e o velho Moringue, Francisco Pedro de Abreu, barão de Jacuí, o homem das californias... Nelas se vêem as paisagens pampeanas ensombradas de umbús e cortadas de sangas, as cargas de lanceiros, as guerrilhas atirando por trás das piteiras, o ataque de ranchos, galpões e estancias, a figura len-

(34) Gustavo Barroso, "Brasil — colonia de banqueiros", 6.ª ed., pg. 59.

daria dos chefes, todo o panorama da revolução farroupilha, vivo, palpitante (35).

Sob essa agitação guerreira, os segredos intimos da história. Sob o galopar estrondante das cavalarias imperiais e republicanas na vastidão dos pampas ensolados e varridos de minuanos, o cauteloso caminhar das intrigas, o infame rastejar das maçonarias, a *mão oculta* do judaismo fornecendo o dinheiro para a matança fratricida. E' necessario não deixar que a atenção se prenda de todo nos vultos atraentes dos paladinos altaneiros, cingidos nas fardetas purpurinas, azúes ou verdes, manchadas de poeira e de pólvora, com os grandes sabres pendendo dos talins de couro branco e a barretina preta inclinada sobre a orelha. E' necessario desviar um pouco os olhos do choque dos escalões de carga, do agitar das lanças apendoadas de galhardetes, do flutuar das bandeiras auri-verdes ou tricolôres sobre os ponchos largados ao vento. E' necessario tapar os ouvidos ao tropel ritmico das cargas, ao cavo rodar da artilharia pelas arrieiras enlameadas, á gritaria bárbara da indiada carregando... E' necessario deixar o esplendor do sol e perder-se na empoeirada papelada dos arquivos, no silencioso convivio das velhas memórias, esmiuçando os motivos secretos e as influencias escondidas, fazendo aos episodios enluminados e ensanguentados se sucederem as análises frias e as exegéses cuidadosas, verificando as indoles indivi-

---

(35) Os trabalhos de Alfredo Rodrigues fôram publicados anos seguidos no "Almanaque Riograndense".

duais e os determinismos mesologicos, palpando a ação solerte das forças ocultas e examinando os desvairamentos das ambições pessoais e da politicagem das facções. Somente assim se compreenderá como o sangue dos centauros gaúchos foi desperdiçado numa luta fratricida de quasi dez anos, que serviu felizmente de escola de sacrificio e de grandeza para a gente riograndense (36).

As lições da história se deduzem muitas vezes em termos de comparação. Confrontemos um instante o que se passou em 1835 - 1845 com o que ocorreu em São Paulo em 1932. As forças secretas operantes do judaismo através da bucha e da maçonaria agiam então sobretudo pela *mão oculta* de Mauá e pelos carbonarios, como já vimos. As forças aparentes de 1932 — clubes 3 de outubro e legiões 5 de julho — eram as sociedades Defensora, Militar, Continentina, em outra encarnação. O espezinhamento, dir-se-ia proposital, exagerado tambem no clamor da imprensa e do público paulista, identico ao do Rio Grande no começo da rebelião. Mêsmo processo de creação do clima revolucionario. As explosões dos movimentos fôram semelhantes. Depois da derrota, como no São Paulo de 1932, as mêsmas cousas: o abrolhar do separatismo, o odio ao nortista que cooperou como soldado na repressão, em São Paulo — *cabeça chata,* no Rio Grande — *baiano,*

---

(36) Gustavo Barroso, "Os homens de 1835", "in" "A Nação" do Rio de Janeiro, de 20 de setembro de 1935.

fermentos destinados a operar novas crises pelo tempo alem.

A's forças ocultas, anti-nacionais, [illegible], que, assim, tentam desmembrar as grandes nações, parece que o separatismo será uma poderosa alavanca de destruição. Enganam-se muitas vezes. Porque, no fundo, quasi sempre, o separatismo se reduz a simples amúo de filho que sofreu injustiças de seus pais. Veja-se bem que, quando campeava a revolução farroupilha, seu governo mandava representantes e agentes ao estrangeiro e concertava tratados com os vizinhos, quando Rosas pensou em aproveitar o dissidio gaúcho para separar o Rio Grande e enfraquecer o Brasil, David Canabarro mandou-lhe uma carta, que é o mais honroso documento da época: "Senhor. O primeiro de vossos soldados que transpuser a fronteira fornecerá o sangue com que assinaremos a paz de Piratinim com os imperiais, pois acima de nosso amor á República está o nosso brio de brasileiros. Quisemos ontem a separação de nossa pátria; hoje, almejamos a sua integridade. Vossos homens, se ousassem invadir nosso país, encontrariam ombro a ombro os republicanos de Piratinim e os monarquistas do sr. D. Pedro II." Vimo-los lado a lado contra Rosas.

O sentimento de integridade da pátria que o judaismo maçónico não lográra destruir, palpitava ainda vivo no sub-consciente dos heróis sulinos.

Um século já passou sobre os homens e os fatos dessa época atormentada. Só a glória dos heroismos

e sacrificios gaúchos resplandece hoje nos horizontes do Brasil. Essa lição de grandeza de alma, desinteresse e bravura é a herança maior que deixaram os farrapos desaparecidos. Depois de ter apreciado os bastidores de sua história, tornemos a contemplar sua galopada épica. Olhemo-los feridos na macéga ensanguentada e lamentemos que, assim, se tenha gasto tanta valentia. Leiamos comovidamente as cartas e proclamações em que se alçam pela integridade da Grande Pátria. Lá dentro da alma profundamente a amavam. Se, no jogo da politica e da guerra, obedeceram a sugestões, manejos e influencias que somente hoje se vão descobrindo, tiveram culpas, provindas na maioria de sua ignorancia, bem que as pagaram com seu sangue generoso nos campos de batalha. Não é julgá-los o que sobretudo nos importa, porem glorificar a honrosa lição de sacrificio que nos legaram. Ela creou os heróis epónimos do povo gaucho, singelos como Parsifais, quixotescos como paladinos lendarios, levados dum grande sonho... (37). "Não podemos culpar os homens de 1835... (38)"

Cabem aqui as palavras de Georges Batault: "Contanto que a aparencia seja bela e *racional*, facilmente todos se desinteressam do que se passa nos bastidores. Mas, na verdade, a história faz pouco caso da logica e da razão, porque ela é a propria Vida da Humanidade, não um edificio, porem um rio caprichoso,

(37) Loc. cit.

(38) De Paranhos Antunes, "Episodios e perfis de 1835".

cheio de turbilhões e rodamoinhos. *A ação dos poderes ocultos, invisiveis ao primeiro olhar, existe e desempenha muitas vezes um papel preponderante* (39)."

E' êsse papel que vamos pouco a pouco, conforme nos permite a documentação rara e esparsa, fazendo ressaltar nas fáses e episodios principais de nossa história, dôa em quem doer.

(39) "Hitler, l'Allemagne et les Juifs", "in" "Contre-Révolution", n.º 6, dezembro de 1937, Genebra, pg. 636.

Capitulo IV

A GUERRA CIVIL DAS MATAS

A luta de partidos do liberalismo lançada no seio das sociedades cristãs pelas ideologias maçónicas-judaicas, precursora da luta de classes comunista, dominava o Brasil parlamentar do Segundo Reinado. No seu seio, fermentavam ainda as xenofobias da Independencia, os residuos dos odios das facções que se bateram no periodo regencial, o sangue das guerras civis, as vinganças de familias intrigadas pela politicagem e os anseios das massas sertanejas abandonadas ao seu destino e tiranizadas pelos reguletes, explodindo em fanatismos e comunismos.

Sob a rubríca geral de Conservador e Liberal parecia haver dois grandes partidos nacionais no Imperio. Não era, porem, verdade. Êles se haviam constituido de varios grupos com tendencias as mais díspares, sobretudo o Liberal, com exaltados e moderados, se eivavam nas provincias de localismos, bairrismos e regionalismos carateristicos, se subdividiam e se guerreavam nas subdivisões com inaudita ferocidade, uniam-se em coligações passageiras para vencer esta ou aquela eleição e se separavam com ainda maior rapidez. A maçonaria tinha magnifico campo de ação no meio de toda essa confusão.

Em 1840, com a Maioridade, os liberais subiram ao poder ligados á facção aulica que se representava por Aureliano Coutinho. Em 1841, entregavam o poder aos conservadores ligados á mêsma facção representada pelo mêsmo ministro. Um Senado de maioria conservadora permitiu-lhes aguentar melhor a luta. Mas, em 1844, de novo os liberais iam para cima com o gabinete de Almeida Torres, visconde de Macaé.

Uma das provincias onde mais entranhados estavam os odios partidarios era a de Pernambuco, tradicionalmente revolucionaria dêsde a constituição das academias secretas do começo do século, com o fóco maçónico de Goiana sempre a arder sob as cinzas e então com o Iluminismo que Julio Frank trouxera para São Paulo florescendo na sua Academia de Direito sob o nome de Tugendbund, segundo afirma Odilon Nestor nas "Pandectas Brasileiras". O bom humor popular alcunhava por toda a parte liberais e conservadores com apelidos expressivos: Luzias e Saquaremas, Chimangos e Carangueijos. Em Pernambuco eram Praieiros e Guabirús, tão extremados e odientos que fôra impossivel crear entre êles terceiro grupo para servir de para-choque (1). Os Guabirús diziam-se o partido da Ordem. A Praia era a revolução. Vinha-lhe o nome da rua da Praia, onde ficava a tipografia de seu jornal. De baixo, com a subida ao poder dos liberais, os conservadores se apoiavam unicamente no Senado e se

---

(1) Joaquim Nabuco, "Um estadista do Imperio", 1.ª ed., t. I, pg. 76.

aliavam aos saquaremas do Sul. De cima, os praieiros exigiam um presidente de provincia que pudessem manejar para aniquilar os adversarios.

Marcelino de Brito não agradou. O conselheiro Tomás Xavier não serviu. Enfim, veiu Antonio Pinto Chichorro da Gama, maçon de quatro costados, "genuino corifeu das mais exaltadas doutrinas do liberalismo (2)", "que se vai tornar em Pernambuco durante muitos anos o idolo dos liberais". Sua presença — diz Joaquim Nabuco — assinala o pleno dominio da Praia: injustiças, abusos, tropelias, perseguições. Tudo visando o mais imoral e desenfreado eleitoralismo. Demissões em massa. Caceteiros a pintarem o sete pelas ruas, quebrando lampeões a deshoras, espancando os negociantes portuguêses aos gritos de — *mata marinheiro!* espavorindo a população (3). Um horror! A reação conservadora naturalmente não o poupa. Os jornais guabirús cruzam fogos sobre êle, condenando-lhe os átos. Chamam-lhe o Procónsul da Praia como, mais tarde, os praieiros chamarão ao presidente contrario o Pachá de Pernambuco.

---

(2) Pereira da Silva, op. cit., t. I, pg. 167.

(3) J. J. Figueira de Melo, "Crónica da rebelião praieira de 1848 a 1849", tip. do Brasil, Rio de Janeiro, 1850, pg. 6. Em todo o Norte, o português é vulgarmente chamado pelo expressivo nome de "marinheiro". Compare-se o "mata marinheiro" com o "mata maroto" e o "mata bicudo". Vê-se que a inspiração xenófoba é a mêsma. Enquanto essa xenofobia se diverte com os portuguêses, nossos irmãos, nossos afins por todos os motivos, esquece outros estrangeiros sobre os quais por justiça se deveria exercer.

Em 1846, naufraga uma primeira tentativa de Conciliação dos Partidos em luta, afim de poder o Imperio, minado pela politicalha, trabalhar e progredir. E' o sonho por que se bate, cheio de esperanças, Honorio Hermeto Carneiro Leão. Ha uma verdadeira contradansa partidaria por toda a parte. Grupos que se ligam ou se desligam ao sabor de interesses imediatos e momentaneos. Velhos conservadores unidos aos Luzías que haviam vencido, para derrotar os aulicos. Velhos liberais impenitentes de braço dado a corcundas, carangueijos, saquaremas ou guabirús. Viu-se de tudo.

Em 1847, a maioria liberal impõe com Alves Branco um ministerio de combate. A Conciliação liquidára-se. Tentar-se-ia outra com melhor proveito mais tarde. Ao pé de Alves Branco, assoprando-lhe conselhos o misterioso Vergueiro, bucheiro e iluminado, que voltára a influir na politica depois de ter errado pelo Prata e pelo Espirito Santo em consequencia da malograda revolução de 1842. Continuava, porem, "animado do mêsmo espirito". O ministerio Alves Branco era, "para a Praia um triunfo incontestavel". Na Côrte, ela aceitava "todas as combinações", contanto que conservasse intacto o feudo, o governo de Pernambuco (4). Não podia abrir mão do proconsulado!

Os conservadores responderam-lhe com a anulação das eleições senatoriais pernambucanas, baseados nos inqualificaveis abusos de Chichorro da Gama que presidia o pleito em que era candidato, em companhia de

(4) Joaquim Nabuco, op. cit., t. I, pgs. 80-81.

O BARÃO DE MAUÁ 1858

(*Sisson.* Galeria de brasileiros ilustres)

O judeu *ÉMILE PÉREIRE*, irmão de *ISAAC PÉREIRE*, um dos inspiradores sansimonianos de Mauá

Ernesto Ferreira França, notoriamente criatura das lojas. Nos corredores do velho casarão do conde dos Arcos, ciciava-se que o Imperador protegia a ambos e os jornais praieiros consideraram a anulação verdadeira revolta dos "façanhudos guabirús" contra a Corôa (5). Chichorro da Gama permaneceu no governo a presidir novas eleições em que continuava como candidato. O ministerio liberal apregoava a sua força e punha em ação todos os meios para obter a vitória (6).

"A politica (praieira) — comenta Joaquim Nabuco — complica-se com um fermento socialista. Os praieiros reclamavam a nacionalização do comercio a retalho". Antes, o mêsmo historiador já havia dito: "Um dos principais ataques da Praia era contra o *feudalismo* dos senhores de engenho. Forte na capital, ela sentia dificuldade de avançar no interior, fechado pela grande propriedade, a cuja sombra viviam as pequenas povoações, semeadas em suas cercanias; daí a guerra que ela movia á grande propriedade, superior á justiça pública. Nêsse ponto, a invasão praieira era uma imposição necessaria; depois, viria, ou não, a reconstrução democratica, o essencial era dêsde logo a conquista do interior pela lei. Tanto na "Justa apreciação" como na tribuna da Câmara, em 1843 e em 1853, Nabuco (7)

---

(5) "Diario Novo", orgão oficial da Praia, Recife, 25 de agosto de 1847.

(6) Nabuco de Araujo, "As eleições para senadores na provincia de Pernambuco em 1847".

(7) O pai de Joaquim Nabuco, o senador José Tomás Nabuco de Araujo.

de algum modo o reconhece. Êle não contesta o beneficio dessa campanha, lastima somente que os átos não correspondam ás palavras e que de uma obra social de vasto alcance se faça uma estreita perseguição partidaria (8)." Era naturalissimo que os senhores de engenho se acautelassem e defendessem. Seus grupos de acostados armados e de *papa-méis* ou escravos fugidos eram pretextos para os maiores arrôchos de parte das autoridades praieiras. Diziam estas que os outros dispunham de engenhos fortificados, alguns até com artilharia (9)!

Aproveitando o anseio de libertação economica e social das massas trabalhadoras do açúcar, os praieiros procuravam fazer dêle arma politica contra os latifundiarios que, naturalmente, sustentavam o partido conservador. Contribuiam, assim, para o inicio duma verdadeira luta de classes: os pequenos plantadores de cana e os moradores dos engenhos contra a velha e tradicional nobreza da *brava gente* pernambucana, que vinha dos *pés-rapados* de Olinda alçados contra os judeus-mascates e dos heróis da guerra holandêsa; o campo, a choupana e mêsmo a senzala contra a casa-grande... A Praia, que era o litoral, recebendo o influxo das idéias mascateadas mundo afóra pelo judaismo maçónico, erguia-se contra o que ela denominava *as influencias do interior, acasteladas nas suas proprieda-*

(8) Joaquim Nabuco, op. cit., t. I, pgs. 85 e 91.

(9) Urbano Sabino, "Apreciação da revolta praieira em Pernambuco", tip. do "Correio Mercantil", Rio de Janeiro, 1849, pg. 19.

des e inacessiveis á autoridade pública (10). Havia, pois, certa razão em Maciel Monteiro, quando, em discurso na Cámara, acusou textualmente os praieiros de quererem o COMUNISMO, cujo Manifesto surgira um ano antes de se revoltarem (11).

Em notavel oração da época, o ministro Paula Souza referira-se ás conquistas liberais do mundo que assanhavam todos os povos. Manobrada pelo judaismo, de quem é a criada de servir, a maçonaria assoprava os fogachos do incendio revolucionario que lavraria nos dois hemisferios em 1848. Revolução liberal na Prussia. Revolução hungara de Kossuth. Revolução liberal em Viena contra o joven Francisco José, vencida pelas tropas croatas do ban Jellachich. Perturbações da ordem e agitações por toda a parte. Revolução francêsa de julho, depondo o rei burguês-liberal Luiz Filipe e proclamando a República dos sonhos de Lamartine, destinada a morrer no berço sob os tacões militares do Segundo Imperio Napoleonico. Tudo isso se sucedia depois da publicação, em 1847, do Manifesto Comunista do judeu Mardoqueu, vulgo Karl Marx... A coincidencia não é despresivel.

Havia inteligencias secretas movendo a gente da Praia no Recife (12). Os clubes politicos que tinham sido a peste da Regencia como biombos das lojas, rea-

(10) Nabuco de Araujo, "Justa apreciação da revolta praieira", pg. 10.

(11) Urbano Sabino, op. cit., pg. 7.

(12) Pereira da Silva, op. cit., t. I, pg. 195.

parecidos em 1842, tornavam a se constituir. Formava-se com elementos maçons e da Tugendbund a famosa Sociedade Imperial Pernambucana, que logo estendia suas ramificações tentaculares pelo interior, declarando-se resolvida a resistir pelas armas a quaisquer demissões de empregados públicos, de policiais ou de oficiais da Guarda Nacional (13). Era presidida pelo general José Inácio de Abreu Lima, *redator ostensivo* do jornal da Praia, o "Diario Novo". Reunia-se secretamente, de preferencia á noite. Excitava todas as resistencias. Fazia terrivel campanha de boatos, espalhando a confusão nos espiritos. Assoalhava a existencia dum "plano tenebroso contra a independencia do Brasil" traçado pelo Imperador mancomunado com os portuguêses, rançosa acusação feita a D. Pedro I pela maçonaria em 1824. Absoluta falta de imaginação! Os agentes da treda sociedade penetravam em todos os meios, empeçonhando-os com essas e outras balelas, cuja inspiração maçónica é evidente. Basta a simples leitura das Proclamações ou, como se diria hoje, boletins da tal associação para se ver que repete fórmulas em voga tres lustros e mais: "O Partido Absoluto Miguelista que se acha no poder unido aos portuguêses..." e quejandas tolices em que poreja o odio da maçonaria á reação de D. Miguel, do outro lado do Atlantico (14). Que tinha Pernambuco com isso?...

---

(13) Op. cit., t. I, pg. 186.
(14) J. J. Figueira de Melo, op. cit., pgs. 27-28 e 53-55.

O general Abreu Lima, presidente da Sociedade Imperial, era um dos maiores corifeus do maçonismo no continente. Filho do famoso padre Roma, fusilado como rebelde, expatriára-se e servira ás ordens de Bolivar nos exercitos da Gran Colombia. Estava intima e diretamente ligado ao fóco maçónico-mirandista do continente, do qual grande influencia se irradiava pelos países vizinhos. Seu irmão, João Inácio Roma, tambem membro influente da mêsma sociedade, reunia gente de máus bofes nas matas do Catucá a duas leguas do Recife, para o que desse e viesse. Verdadeiro profissional da desordem. Depois de tomar parte na revolução de 1824, refugiára-se nos Estados Unidos. De volta ao Brasil, tentou, em 1828, quando do motim dos mercenarios alemães e irlandêses na Côrte, articulado pela Argentina, levantar o corpo de caçadores mercenarios de guarnição na capital pernambucana. Do seu plano constava o incendio e o saque da cidade. Falhou. Condenado a degredo no Rio Negro, homiziou-se nas tais matas do Catucá, onde, a exemplo de certos próceres da cabanagem paraense, fabricava moeda falsa de cobre. Participára dos movimentos sediciosos de 1831, 1832, 1833 e 1834. Servira como oficial na luta contra os cabanos em 1835 e reformára-se no posto de capitão. Homem cruel, covarde, temido e sem remorsos (15).

A Sociedade Imperial arregimentava em segredo elementos revolucionarios dinamicos com o nome su-

(15) Op. cit., pgs. 57, 347-349.

gestivo de CORPO DE INVISIVEIS (16), emulos daquêles PATRIARCAS INVISIVEIS da rebeldia bucheiro-maçônica de 1842... Como essas cousas se parecem! Será obra do acaso?...

Dêsde 1846, a policia praieira invadia tumultuariamente os engenhos dos contrarios sob o pretexto de procurar criminosos fugidos, operando-se daí, gradualmente, a modificação no caráter feudal da grande propriedade açucareira (17).

Em 1848, veiu para o Parlamento uma deputação praieira "animada da confiança que dá a unanimidade". Compunham-na Joaquim Nunes Machado, Antonio Pinto Chichorro da Gama, Antonio Afonso Ferreira, Jerónimo Vilela de Castro Tavares, Urbano Sabino Pessôa de Melo, José Francisco de Arruda Cámara, Manuel Mendes da Cunha Azeredo, Joaquim Teixeira Pessôa de Abreu Lima, Antonio da Costa Rego Monteiro, Filipe Lopes Neto, Manuel Inácio de Carvalho Mendonça e o padre Joaquim Francisco de Faria (18). A fina flôr do movimento rebelde que ia abrolhar. O estado-maior da revolução em perspectiva. Chefes revolucionarios e autoridades da revolução. Os cronistas dos acontecimentos e os advogados da defesa. Nomes tradicionais na vida das sociedades secretas pernambucanas dêsde fins do século XVIII.

---

(16) Op. cit., pg. 80.

(17) Joaquim Nabuco, op. cit., t. I, pg. 89.

(18) Neto Campelo, "História parlamentar de Pernambuco", ed. da Livraria Universal, Recife, 1923, pg. 59.

No poder, o oitavo gabinete do Segundo Reinado: Macaé, São Vicente, Abaeté, Manuel Felizardo; mas sua duração não iria alem de dois mêses e vinte e tres dias (19). A legislatura de 1848 não chegaria a funcionar. Adiada por decreto de 5 de outubro dêsse ano para 23 de abril de 1849, seria dissolvida por decreto de 19 de fevereiro... (20) Chichorro da Gama era demitido da presidencia, sem complacencia, e, no novo gabinete, embora ainda liberal, o de Paula Souza, não entrava um unico ministro partidario ou amigo da Praia. "Pesava um interdito sobre ela. Em Pernambuco mêsmo a situação tinha peorado (21)." O sucessor de Chichorro, o padre paulista conselheiro Vicente Pires da Mota, homem energico, rabugento e de lingua sôlta, arrazou em relatorio famoso a administração anterior (22). Os liberais dividiram-se, enfraquecendo-se. Aos poucos, o bloco conservador do Senado ia impondo o que queria. Quando Paula Souza, no ocaso, passou o bastão a Souza Franco, o novo presidente de Pernambuco foi recebido pelos praieiros "como um adversario".

"Com a queda da situação liberal — escreve sabiamente Joaquim Nabuco — Pernambuco estava fadado a ser o campo de uma revolução sanguinolenta."

---

(19) Rio Branco, op. cit., pg. 176.

(20) Neto Campelo, loc. cit.

(21) Joaquim Nabuco, op. cit., t. I, pg. 90.

(22) J. J. Figueira de Melo, "Crónica da revolução praieira", relatorio de Vicente Pires da Mota, "in fine".

Do mêsmo modo que os liberais, dispensados do poder em 1841, se rebelaram em 1842, em São Paulo e Minas, os praieiros se revoltariam em 1848, sobretudo por verem no poder, dêsde 29 de setembro, "o chefe mais graduado dos guabirús", Pedro de Araujo Lima, então visconde de Olinda. "Ao ressentimento que os praieiros experimentaram vendo á testa da administração o homem que com o seu prestigio pessoal, durante os cinco anos da situação liberal, os estorvou e ás vezes paralizou no governo e que impediu os seus chefes de entrarem para o ministerio e de se acastelarem no Senado, juntava-se para movê-los á ação a confiança do partido liberal no Imperio de que Pernambuco não toleraria o dominio saquarema e que desta vez o país assistiria a um movimento como fôra o do Rio Grande e não ao espetáculo da Venda Grande ou da Santa Luzia. Sob tal influencia não havia para a Praia freio que a pudesse conter; a revolução era inevitavel (23)." Demais, o CORPO DE INVISIVEIS estava a postos, ajudando a desencadeá-la.

Todavia, os homens de verdadeira responsabilidade do partido da Praia não a queriam, não a desejavam e procuravam evitá-la. Ela estava *fóra das vistas e esperanças* de Nunes Machado, assegura Urbano Sabino, cronista e parte do movimento. Ela não tinha nenhum pretexto que satisfizesse á opinião, depõe gravemente Joaquim Nabuco. Ela foi "um erro depois unanimemente lastimado", acrescenta. Borges da Fon-

(23) Joaquim Nabuco, op. cit., t. I, pg. 93.

seca, um dos chefes, julgou-a prematura. Todos os outros, desarvorados, atiraram a responsabilidade como uma peteca de mão em mão, acusando-se mutuamente de traição e de covardia (24).

Infeliz revolução! Ondulação começada em Paris, como disse Nabuco, não podendo acrescentar por falta de conhecimento das forças secretas, o que acrescentamos: transmitida por essas forças, habeis imitadores em toda a parte das idéas judaicas rotuladas de francêsas...

Que motivos a ditaram?

Vejamos a confissão dos chefes. A 31 de dezembro de 1848, Nunes Machado, Peixoto de Brito, Vilela Tavares e Antonio Afonso Ferreira deixaram o Recife para se unirem ás forças rebeldes que já vinham do interior para a capital, onde ficavam agindo Lopes Neto, Rego Monteiro e o padre Faria. Arruda Câmara ia agitar o norte da provincia. Ao se separarem, assinaram uma proclamação em que reclamavam a convocação duma Constituinte, a temporariedade do Senado, nova divisão territorial do Imperio, nomeação dos presidentes de provincia e de prefeitos departamentais pelas assembléas provinciais em listas sujeitas ao *placet* imperial, mandatos eleitorais e magistraturas somente destinados a brasileiros natos, nomeações de funcionarios pelos prefeitos, centralização financeira

(24) Artigo de Borges da Fonseca no "O Repúblico", de 2 de fevereiro de 1854; Discurso na Assembléa do Rio, do dr. Tomás Gomes dos Santos, de 19 de março de 1849.

do país. Não achando suficiente o programa, ampliaram-no mais tarde, exigindo a extinção do Poder Moderador e do de Graça, sufragio universal, federalismo, independencia dos tres poderes, reforma judiciaria, novo sistema de recrutamento militar, extinção da lei do juro convencional e nacionalização do comercio a retalho (25). Sente-se em tudo isso o sôpro das lojas, o cheiro da Acácia: acabariam querendo a República...

Não ha uma alegação de peso contra o Imperio. Os lideres não desejavam a rebeldia. Ela como que foi assoprada da sombra, dos INVISIVEIS, de tal modo que os comprometeu ao ponto de não têrem outra saída senão pegar em armas.

Urbano Sabino, defendendo seus amigos e companheiros, afirma que a prepotencia do governo provocou-a, tendo o seu partido recorrido ás armas por ser êsse, em verdade, o último recurso que lhe restava contra a compressão do poder e que os bandos armados surgidos de repente pelas comarcas do interior nada mais eram do que elementos locais de defesa contra a prepotencia das autoridades guabirús (26). Figueira de Melo, o chefe de policia que combateu os praieiros, declara que êles esperavam se generalizasse o movimento por todo o Norte e se agitasse o Sul (27). Melo Rego assegura que os chefes da rebelião estavam de

(25) Rio Branco, op. cit., pgs. 617-618; "Manifesto ao Senado", de 1.º de janeiro de 1849, assinado pelos Chefes das Forças Liberais.

(26) Urbano Sabino, op. cit., pgs. 6, 51-53.

(27) Op. cit., pg. 19.

inteligencia com amigos na Côrte (28). As intrigas maçónicas enleavam todos em sua teia sutil.

A acusação de compressão governamental está sujeita a dúvidas sérias. Os homens que o poder central mandára nos últimos tempos, quando a agitação dos espiritos prenunciava a revolta, governar a provincia, não eram tipos de tiranos. Herculano Pena distinguia-se, aliás, pela moderação, o que fez com que as cousas chegassem ao ponto a que chegaram. Vieira Tosta, o presidente que acabou dominando a revolta, se tinha uma mão politica de ferro, possuía uma consciência "delicada e escrupulosa" de magistrado, não praticando nenhum abuso de autoridade (29).

O certo é que, quando estiveram no governo, os praieiros conseguiram, visando o futuro, distribuir pelo interior cinco mil espingardas e 350 mil cartuchos. Preparavam a revolução (30). A Praia acreditava que as delongas e a moderação significavam fraqueza governamental. Acendeu, pois, o estopim da bomba destinada a rebentar nas mãos fracas de Herculano Pena. Vieira Tosta, o Pachá de Pernambuco, como lhe chamariam os praieiros concertaria os estragos da explosão.

Esta foi a 7 de novembro de 1848. Chefiou o movimento o desembargador Nunes Machado, homem de

---

(28) General Melo Rego, "Rebelião Praieira", ed. da Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1899, pg. 47.

(29) Joaquim Nabuco, op. cit., t. I, pg. 96.

(30) J. J. Figueira de Melo, Discurso na sessão da Cámara dos Deputados, de 24 de janeiro de 1850.

alto valor mental e moral, muito popular na sua terra. Tinha o defeito de se julgar genial. Conformára-se á vontade de seus amigos, vitima da intriga maçónica. Viu-o claramente o espirito de Joaquim Nabuco: "Ao pisar o sólo pernambucano o chefe que ia tudo apiacar sentiu-se vencido pelas circunstancias locais, enleado pelas intrigas do partido. Havia já corrido sangue, os praieiros estavam em armas, a atitude conciliatoria atribuida a Nunes Machado foi considerada pelos combatentes como uma tentativa de deserção, e espalhou-se logo o boato de que êle se tinha passado. Essa suspeita bastou para lançá-lo com dupla violencia no caminho da revolução. Póde-se lêr no avulso publicado por êle, logo depois de sua chegada, a história do que se passou em seu espirito, a sua resolução de evitar a luta, dominada pela sua incapacidade de afrontar uma suspeita desonrosa (31)." Êle vinha, com os outros deputados pernambucanos, da Côrte, chamado pela gravidade da situação, torturado pelo pressentimento de ser vitima dos acontecimentos (32).

Iniciava-se, assim, a revolta que, se durasse, penderia para a República, como opina Nabuco, proclamaria uma República separatista do género da de Piratinim. Lançou-a nêsse rumo a adesão de Antonio Borges da Fonseca, cognominado o Repúblico, que a propria Praia outróra castigára por ter insultado Sua Majestade o Imperador. O movimento acabaria, em

(31) Joaquim Nabuco, op. cit., t. I, pg. 97.
(32) Macedo, "Ano Biografico".

verdade, arvorando a verdadeira bandeira que desejavam os conciliabulos dos INVISIVEIS...

Aqui e ali, o interior já se alçára com as armas que recebera. A 14 de novembro, já os rebeldes de José Joaquim de Almeida Guedes davam combate aos guardas-nacionais, policiais e soldados de linha do coronel Amorim Bezerra, em Mussupinho. Depois de tres horas de fogo, os legais ficaram senhores do terreno e os praieiros recuaram batidos, perdendo 43 homens (33). Não era lisonjeiro o anuncio para a nascente rebeldia. Seus bandos infestam o sertão. Pipocam sublevações de todos os lados. Abusos. Barbaridades. Os legalistas por onde passam pagam na mêsma moeda.

Em fevereiro, os praieiros resolvem apoderar-se do Recife. Investem-no no dia 2, com dois mil homens, pela Bôa Vista e pelos Afogados. Penetram na cidade. O tiroteio crepita horas e horas nas ruas Nova e do Crespo, nos largos da Ribeira e do Carmo. O combate dura de 5 da manhã ás 9 da noite. Os insurgentes esperavam apanhar o governo de surpresa, mas o encontraram prevenido e suspeitaram uma traição ao seu plano. Ao invés de correr a refugiar-se medrosamente a bordo dum navio, como pensavam, Vieira Tosta resistiu com as forças da guarnição auxiliadas pela maruja do vapor de guerra "D. Afonso" surto no porto. Quando dirigia o ataque ao quartel da Soledade, Nunes

(33) Rio Branco, op. cit., pgs. 535-536; Ordem do Dia de Amorim Bezerra, datada de 15 de novembro de 1848.

Machado caíu morto com uma bala na cabeça, o que privou os assaltantes de seu chefe e lhes apressou a derrota. Fôram repelidos com grandes perdas, deixando inúmeros prisioneiros nas mãos dos legalistas, os quais fôram depois deportados para a ilha de Fernando de Noronha. As cabeças dos lideres fugitivos fôram, em edital, postas a premio por tres contos de reis cada uma (34). O malôgro dêsse ataque ao Recife foi um golpe mortal na revolução (35).

A morte de Nunes Machado deu lugar a que os praieiros acusassem aos contrarios de o haverem assassinado. Urbano Sabino ameaça revelar um dia os nomes dos mandantes e a soma por que foi ajustado o crime. Acrescenta que o cadaver, transportado numa rêde, fôra insultado pelos guabirús aos berros de — *morram os cabanos* (36)! Figueira de Melo explica ter sido impossivel preparar uma emboscada contra o chefe praieiro em plena refrega, que o transporte do corpo se fizera em rêde, meio usual de carregar defunto no Norte, por não haver outro no momento, e que não houve o menor insulto ao corpo, mas simples *vistoría* ou, como se diz atualmente, verificação de identidade. A opinião do general Melo Rego é que morreu em combate (37).

Os rebeldes, após a morte de Nunes Machado, passaram a considerar assim como a uma espécie de

(34) Urbano Sabino, op. cit., pgs. 83-88 e 149.
(35) General Melo Rego, op. cit., pg. 73.
(36) Op. cit., pgs. 83-88 e 149.
(37) Op. cit., pg. 75.

general chefe a Peixoto de Brito, graduado irmão da Acácia, que conseguiu escapolir, quando viu a causa perdida, para o estrangeiro. Voltou mais tarde ao Brasil, á sombra da anistia, reatou as antigas relações politicas e logrou com os apertos de mão simbolicos ser nomeado consul do Brasil em Barcelona. Viveu feliz, falecendo com setenta anos de idade em 1878 (38). Os pobres praieiros da plebe que deram sua vida pelas idéas pregadas pelos INVISIVEIS dormiam esquecidos no fundo da ensanguentada terra pernambucana. Felizmente os que crêem sabem que na presença de Deus não existem heróis anónimos.

A Praia continuou a lutar, máu grado o revez do Recife, incendiando o interior. O general José Joaquim Coelho, depois barão da Vitória, assumiu o comando dos imperiais. No norte da Provincia, fócos sediciosos borbulhavam nas matas de Paratibe e Monjope. No Rio Grande do Sul, a guerra civil se estendia pelos pampas desabrigados em algáras de cavalaria. Ali, ela se refugiava no intrincado das matas, usando em guerrilhas a formidavel infantaria nordestina. Para o sul de Pernambuco, o incendio ia devorando Agua Preta e Pajeú de Flôres. A 13 de dezembro, os praieiros entravam em Goiana, velho fóco maçónico, espécie de Serro de Pernambuco, aprisionando a guarnição e só abandonando a cidade após a derrota do Páu Amarelo.

O praieiro Manuel Pereira de Morais comandava um destacamento de mil e duzentos homens bem arma-

(38) Op. cit., pgs. 11 e 101.

dos, que o general José Joaquim Coelho atacou com tropa de linha — fusileiros, caçadores e artilharia — em Cruangi, no dia 20 de dezembro, e desbaratou completamente. Os rebeldes começaram, então, a armar os indios mansos que ainda existiam nas matas do Jacuipe e de Agua Preta, como os balaios do Maranhão haviam armado os pretos, lançando-os em correrias contra as colunas volantes dos legalistas. Mas, a 27 de dezembro, êles fôram batidos em Almecega (39).

Raiou o ano de 1849 com uma vitória praieira: a tomada de Bezerros por Antonio Corrêa Pessôa de Melo, no dia 4, a que respondeu o major legalista Bruce, conquistando as trincheiras revolucionarias de Utinga, no dia 5. A 10, novo triunfo dos insurgentes: Peixoto de Brito entra em Barreiros. Depois, começam as derrotas: a 21 em Currais, perto do Rio Bonito, após cinco horas de fogo; a 27 no Pasmado, quando o capitão Argolo Ferrão, que seria mais tarde o general visconde de Itaparica, os desalojou das trincheiras ao sul do Tapissuma; enfim, a 13 de fevereiro, no engenho do Páu Amarelo, entre Goiana e Itambé, onde o tenente-coronel Feliciano Antonio Falcão derrotou o corpo revolucionario do *general* Peixoto de Brito, que se havia apoderado de Goiana (40).

Batidos em varios lugares, os insurgentes concentraram-se na região de Agua Preta, de onde tentaram marchar outra vez sobre o Recife e fôram obrigados

---

(39) Rio Branco, op. cit., pgs. 598 e 604.
(40) Op. cit., pgs. 9, 10, 19, 38, 51, 84 e 89.

a fugir para Iguarassú, em busca de munições, perseguidos pelos legalistas (41). Aquêle seria o derradeiro baluarte das resistencias praieiras. A guerra civil apelava para os últimos recursos e desfraldava a bandeira republicana, como diz o general Melo Rego, sob a inspiração de Antonio Borges da Fonseca, o grande ativador dos últimos tempos da rebellião.

A figura principal dêsse periodo é o capitão de artilharia Pedro Ivo, transformado na época pela fantasia e pelo maçonismo numa figura lendaria como Luiz Carlos Prestes antes de se revelar em 1935. Militar insubordinado, de máus precedentes, encontrava-se licenciado em Agua Preta. Arranjára a licença para ganhar tempo por se achar alcançado com a fazenda pública. Desbaratára a caixa militar de seu corpo e via com ansiedade o término de sua licença e a obrigação de prestar contas das quantias que lhe haviam sido confiadas. Quando a revolução chegou áquela zona, recebeu-a como uma saída para sua dificil situação (42). Aderiu, combateu valentemente e foi endeusado. Castro Alves exaltou-o em versos épicos. Dizia-se geralmente que Nunes Machado fôra "a cabeça e o verbo da revolução", mas que Pedro Ivo era "o braço e a espada".

Naquêle trecho do sertão pernambucano, outróra se haviam alevantado os quilombos da famosa Repú-

---

(41) J. J. Figueira de Melo, op. cit., pgs. 328 e segs.

(42) General Melo Rego, op. cit., pg. 111; J. J. Figueira de Melo, op. cit., pg. 138.

blica dos Palmares. Matas cerradas se estendiam pelas margens do Jacuipe e entre o Una e o Camaragibe. Nelas anteriormente se acoutára o bando dos famigerados salteadores de Vicente de Paula, o Jacutupo (43). Ali, Pedro Ivo e os praieiros se ligaram ao bando rebelde de Caetano Alves, assolando a vizinhança. A revolução não conseguira a menor diversão em seu favor no resto do Brasil, que, cansado de guerras fratricidas, assistia tranquilamente ao seu estertorar. Terminava, pois, numa simples chuaneria cangaceiral. Nem podia acabar de outro modo um movimento politico-social que explodira sem razões profundas, explorando artificialmente uma reação natural contra o latifundio e o comercio a retalho, sem coesão e sem disciplina. Honorio Hermeto Carneiro Leão, futuro marquês do Paraná, denominou com a máxima propriedade aquêle triste fim — A GUERRA CIVIL DAS MATAS.

Eis como Lopes Machado descreve essa GUERRA CIVIL DAS MATAS: "Dos pincaros mais agrestes dos alcantis mais escabrosos, das brenhas mais enredadas daquêles lugares, caíam de improviso sobre as avançadas do governo, ou as atraíam a veredas enguerrilhadas para as destruir e aniquilar, e, quando surpreendidos todos ou separados, na refrega, morriam motejando, sem nunca se renderem (44)." Toda a bravura sertaneja se desperdiçava desta sorte em pura perda!

(43) Pereira da Silva, op. cit., t. I, pg. 212.
(44) "Memoria" apresentada ao Instituto Arqueologico e Geografico de Pernambuco.

Os guerreiros das matas acabaram, porem, dispersados pelos governistas. A derradeira resistencia foi a de Nogueira Pais em Pajeú de Flôres. Pedro Ivo, considerado desertor do Exercito e com a cabeça a premio, ocultou-se nas terras do engenho Verde. Afinal foi agarrado e veiu para o Rio de Janeiro, onde o prenderam na fortaleza de Santa Cruz. O governo ofereceu-lhe anistia sob a condição de passar seis anos fóra do Imperio. Naturalmente apoiado nas promessas e proteções das forças ocultas a quem servira, recusou. Transferido para a fortaleza da Lage, dali se evadiu, como Bento Gonçalves do forte do Mar, na Baía, refugiando-se numa fazenda de Joaquim Breves, o Mata-gente. Embarcou furtivamente na restinga de Marambaia com destino á Italia, mas faleceu a bordo, provavelmente dum colapso cardiaco, na altura da Paraíba. Lançado o cadáver ao mar, deu á costa roído pelos peixes.

Os outros cabecilhas processados fôram condenados a prisão perpétua "em pouco tempo nulificada pela anistia". Honorio Hermeto substituiu na presidencia da provincia de Pernambuco a Vieira Tosta, futuro marquês de Muritiba, "para impedir os excessos da reação".

Dominada essa última tentativa do revolucionarismo maçónico, o Imperio poderia realizar seu grande destino na America do Sul.

CAPITULO V

O TIGRE DE PALERMO E O CARNAVAL FINANCEIRO

Depois da revolução praieira — notou Ribeyrolles — os processos politicos desapareceram do Brasil. Toda a gente procurou acatar a Autoridade Imperial como unico remedio ás lutas facciosas que depauperavam a vida economica, envenenavam o ambiente social e perturbavam a administração da cousa pública. Começava a opulencia dos grandes fazendeiros de café, espécie de nobreza rural em que se ia basear o Imperio. Dêsde 1819, os cafezais se multiplicavam em volta do Rio de Janeiro, ao principio plantados e explorados por hestrangeiros: Lecesne, Duffles, Monk, o general holandês Hogendorp, antigo ajudante de campo de Napoleão, lembrado no testamento de Santa Helena (1). Onze anos antes, em 1808, o Brasil já produzia 960 mil libras da *preciosa rubiácea.* Essa produção elevava-se em 1820 a 7.360.000 libras (2). Crescimento vertiginoso. Cada dia mais capitais se empregavam nessa

---

(1) Theodor von Leuthold, "Meine Amflucht nach Brasilien oder Reise von Berlin nach Rio de Janeiro", Berlim, 1820.

(2) Henri Raffard, "Apontamentos acerca de pessôas e cousas do Brasil", "in" "Revista do Instituto Historico e Geografico do Brasil", Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1898, t. LXI, pg. 137.

Capitulo V

O TIGRE DE PALERMO E O CARNAVAL FINANCEIRO

DEPOIS da revolução praieira — notou Ribeyrolles — os processos politicos desapareceram do Brasil. Toda a gente procurou acatar a Autoridade Imperial como unico remedio ás lutas facciosas que depauperavam a vida economica, envenenavam o ambiente social e perturbavam a administração da cousa pública. Começava a opulencia dos grandes fazendeiros de café, espécie de nobreza rural em que se ia basear o Imperio. Dêsde 1819, os cafezais se multiplicavam em volta do Rio de Janeiro, ao principio plantados e explorados por estrangeiros: Lecesne, Duffles, Monk, o general holandês Hogendorp, antigo ajudante de campo de Napoleão, lembrado no testamento de Santa Helena (1). Onze anos antes, em 1808, o Brasil já produzia 960 mil libras da *preciosa rubiácea.* Essa produção elevava-se em 1820 a 7.360.000 libras (2). Crescimento vertiginoso. Cada dia mais capitais se empregavam nessa

(1) Theodor von Leuthold, "Meine Amflucht nach Brasilien oder Reise von Berlin nach Rio de Janeiro", Berlim, 1820.

(2) Henri Raffard, "Apontamentos acerca de pessôas e cousas do Brasil", "in" "Revista do Instituto Historico e Geografico do Brasil", Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1898, t. LXI, pg. 137.

cultura, que exigia a multiplicação do braço escravo e levantava a provincia do Rio de Janeiro ao pináculo da importancia economica, politica e social.

O joven Imperador casára em 1843 com D. Teresa Cristina, princêsa real das Duas Sicilias, de quem tivera um filho, D. Pedro Afonso. A 20 de julho de 1850, o pequenino rebento imperial faleceu na fazenda de Santa Cruz. A dinastia viu-se, assim, privada de herdeiro varão e mais tarde o cetro sob a ameaça de *tomber en quenouille,* o que emprestou ao maçonismo sempre alerta um de seus motivos de propaganda contra o Terceiro Reinado, como veremos oportunamente.

O judaismo londrino pressentira que o Brasil seria um país grande e livre, se dispusesse de abundante mão de obra. Até então esta somente lhe havia sido dada pelo odioso instituto da escravidão, em que os judeus se haviam enriquecido nos tempos coloniais. Era fácil combatê-lo por ser anti-humano e o combate deveria ser levado a cabo sem dar tempo ao Imperio de organizar outra base de trabalho e povoamento do solo.

A 8 de agosto de 1845, o governo de Sua Majestade Britanica promulgava o famigerado BILL ABERDEEN, contra o qual logo protestou o ministro de Estrangeiros, Limpo de Abreu, em nota de 22 de outubro seguinte. Por que protestou? Porque o BILL sujeitava as tripulações e cargas dos navios apreendidos com escravos a bordo pelos cruzeiros inglêses ou *somente suspeitos de se ocuparem no tráfico de carne humana aos tribunais e leis da Grã Bretanha.* Era um desrespeito

á soberania dos outros e um pretexto para justificar abusos contra embarcações que navegassem sob o pavilhão brasileiro. Tinha-se a impressão que a Inglaterra procurava uma briga com o Brasil. "Ofendiam os cruzeiros britanicos a dignidade e independencia do Imperio Americano. Aproximavam-se das costas maritimas, não respeitavam os mares territoriais e nem os proprios portos e enseadas. Cometiam toda a sorte de degradações, saltando em terra, e perseguindo os moradores, cuja convivencia suspeitavam; ousaram disparar tiros contra as fortificações (3)."

O Imperio não precisava ser forçado dessa maneira. O Governo Imperial acompanhava com cuidado o desenvolvimento da vida economica do país para saber quando e como deveria ir libertando-o da mancha negra da escravatura, que o proprio judaismo, que hoje a combatia por trás do governo inglês, lhe impusera nas priscas eras da colonia e continuava a explorar na Africa e no Oriente. Tanto assim que pela lei de 14 de novembro de 1850 equiparou o tráfico á pirataria para todos os efeitos.

Encerrado o ciclo revolucionario-maçónico que viera dos primeiros anos do século até 1849, inaugurava-se a era da paz interna que nos permitiria arcar com o peso das guerras estrangeiras, enquanto a pressão inglêsa a pretexto da escravidão o levaria até os dias perigosos da questão Cristie. A Corôa dominou a hidra da revolução. Morais Sarmento escreve: "A to-

---

(3) Pereira da Silva, op. cit., pg. 218.

lerancia geral do predominio abusivo que lhe sucedeu (*á revolução de 1848*) foi por muitos anos resultado natural do cataclisma com que os revolucionarios constituintes ameaçavam o Brasil. Os homens pacificos e desapaixonados da lavoura e do comercio, os desinteressados nas lides pessoais da politica, viram as fontes da produção ameaçadas, temeram que as paixões adrede sobrexcitadas chegassem a pôr em risco a propriedade, presenciaram o afugentamento dos braços e dos capitais, e o subsequente definhamento das industrias, cairam em si, viram o caminho errado por onde estranhas ambições os guiavam, resignaram-se á prepotencia administrativa, como antidoto do veneno que girava na atmosfera revolucionaria. Êles e só êles, pelo arrependimento de uns, pela inercia de muitos e pela valiosa coadjuvação de alguns, fôram os verdadeiros vencedores da Revolução (4)."

Excelente esta pintura da vitória do espirito conservador da nacionalidade sobre o espirito revolucionario que procurava destruir sua obra de coesão e paz.

O conservadorismo imperial floresceu em moderação depois de 1848-1849. A anistia desarmou os odios. "Acalmaram paixões". "Desvaneciam rancores". Falava-se por toda a parte duma "reconciliação salutar", sobretudo depois que, em rapida campanha, nossos soldados expulsaram o tirano Rosas e passearam suas bandeiras vitoriosas pelas ruas de Buenos

(4) "Noticia biografica do conselheiro Francisco Xavier de Pais Barreto", pg. 25.

Aires, respondendo com Caseros ás fanfarronices de Ituzaingó. As principais figuras que combatiam a Corôa dela se aproximaram e a ela aderiram, fortalecendo-lhe a ação em beneficio do Brasil. José Maria da Silva Paranhos, corifeu maçónico, futuro visconde do Rio Branco, escrevia artigos favoraveis ao governo. Acaiaba Montezuma, maçon e iluminado coimbrão, apoiava-o para ser escolhido senador. Sales Torres Homem, o do *Timandro*, louvava o Imperador na imprensa. Teófilo Ottoni parecia esquecido dos conciliabulos das lojas e unicamente preocupado com empresas industriais, sobretudo a concessão do Mucuri. O partido Liberal diminuira em número e força. Casado, entregue a estudos e a uma pura vida de familia, inatacavel em sua honestidade, o joven soberano mostrava mais experiencia dos negocios públicos e governava pessoalmente, afastados os aulicos. A "ditadura da moralidade", na frase feliz de Oliveira Lima.

O país progredia moral, mental e materialmente. O controle pessoal do Imperador varria as sevandijas da administração e da politica. Reorganizava-se a Instrução. Mauá, ligado aos capitais judaicos de Carruthers e Castro, lançava estradas de ferro, companhias de gas e de esgotos. Creavam-se já no sentido de obviar os inconvenientes da odiosa escravidão as primeiras colonias agricolas. Honorio Hermeto entoava em discurso célebre no Senado lôas a essa frutuosa paz da familia brasileira: "Não ha mais saquaremas nem luzias. As lutas passadas estão terminadas e esquecidas. O governo é conservador-progressista, e progressista-

conservador." Compreender-se-á melhor êste rótulo politico lembrando que o mêsmo orador realizaria em 1853 a Conciliação dos Partidos. Sentia-se a necessidade duma grande união de vistas. Já na Câmara eleita para 1850 só havia um liberal, Souza Franco. O gabinete ministerial era homogeneo e de figuras conservadoras independentes e influentes (5). Gente da primeira linha. "Foi realmente um ministerio forte êsse que suprimiu o trafico, dominou a revolução de Pernambuco, derrubou Rosas, e ao mêsmo tempo lançou as bases de grandes reformas e melhoramentos que mais tarde se realizaram (6)."

Derrubou Rosas!

D. Juan Manuel Ortiz de Rosas era o fantasma da reconstrução do Vice Reinado que se erguia ensanguentado no Prata, atemorizando o Imperio sempre lembrado dos desastres do Primeiro Reinado. Mas agora, ao invés duma nação dividida e maçonizada internamente, havia outra que saía triunfante das guerras civis e se unia em torno dum joven monarca que não cortejava marquêsas. Nos pródromos da grande conciliação partidaria, com o enfraquecimento dos liberais exaltados, a maçonaria encolhia as garras prudentemente, ressonando no fundo das lojas.

Na sua tirania caudilhesca, Rosas sonhava ligar o Uruguai e o Paraguai á Argentina Federal, domando ao mêsmo tempo as resistencias regionais de Cor-

(5) Joaquim Nabuco, op. cit., t. I, pg. 113.
(6) Op. cit., pg. 114.

rientes e Entre Rios. Adotára o vermelho como côr oficial de seus partidarios, obrigava-os ao uso de bigodes postiços e degolava os inimigos sob o rótulo geral de *salvajes unitarios,* conservando-lhes as cabeças em serragem ou vinagre, e expondo-as em ganchos nos lugares públicos (7). Seu esquerdismo expresso no culto da côr encarnada, bebido no anticlericalismo maçónico, ressaltava no modo como tiranizava o clero, fazendo da religião alavanca de seu governo e ridiculizando a pessôa dos prelados com seus bufões fantasiados de *bispos das vacas* (8).

Destruia tudo em volta de si para dominar. "Somente de pé ficaram a alfandega, que era a mina de ouro, e a tropa, que era a força. Fecha a Casa dos Expostos e reparte as infelizes crianças entre as pessôas caridosas que as queiram receber. Suprime por decreto a vacina e risca do orçamento a verba que a custeava. Tira os ordenados dos mestres-escola, abandonando-os *á caridade dos pais de familia.* Cerra as portas do Colegio de Orfãos, dos asilos e de todos os hospitais, cujos habitantes e enfermos são postos na rua para que a piedade pública os proteja. E clausura-se a Universidade — reunião, diz a palavra oficial, *de mocitos haraganes y lojistas* (9)."

---

(7) Ramos Mejia, "Rosas y su tiempo", ed. Atanasio Martinez, Buenos Aires, 1927, t. II, pgs. 95, 99 e 117; Adolfo Saldias, "Historia de la Confederacion Argentina", ed. La Facultad, Buenos Aires, 1911, t. V, pg. 72, "in" nota.

(8) Ramos Mejia, op. cit., t. II, pgs. 49-52.

(9) Ramos Mejia, op. cit., t. II, pgs. 65-69; Gustavo Barroso, "A guerra do Rosas", pgs. 19-20.

O despota voltava-se contra as proprias lojas, cujo espirito inspirára sua politica de Stalin platino. Decretára o desaparecimento de roupas azúes e verdes, sob pena de morte. Intitulava-se Ilustre Restaurador das Leis, enquanto a voz de seus inimigos o alcunhava Tigre de Palermo (10).

Degolavam-se os unitarios diariamente ao som da *Resbalosa*, que Avellaneda diz imitar o movimento da faca sobre a garganta da vitima. Era canto e bailado. A *Carmagnole* do Prata. Havia como que um jacobinismo nêsses degolamentos. Com uma diferença: ao invés da guilhotina, o *cuchillo*. Satanismo tambem. Rosas cercava-se de negros macumbeiros e frequentava-lhes os candomblés. Contavam-se em Buenos Aires mais de vinte mil pretos organizados em poderosas sociedades, verdadeiras maçonarias negras: a Banguela, a Munonque, a Conga, a Cambunga, a Alagungan, que conservavam os rituais feiticistas da Africa e se persignavam pela Santa Federação (11).

Ao povo miudo dava diversões infantis: cavalinhos, argolinhas, rinhas de galo e páus de sêbo. Ridiculizava as datas nacionais e deixava pôrem seu retrato em todos os objétos, dos livros de missa aos bacios (12).

---

(10) Gustavo Barroso, op. cit., pg. 69.

(11) Vicente Rossi, "Cosas de Negros", Rio de la Plata, 1926, pgs. 81-82; Ramos Mejia, op. cit., t. I, pgs. 238, 262-263, t. II, pg. 348; Arturo Capdevila, "Las visperas de Caseros", ed. Cabault & Cia.; Buenos Aires, pgs. 38, 50-51.

(12) Ramos Mejia, op. cit., t. II, pgs. 127, 218-219; Arturo Capdevila, op. cit., pgs. 61 e 97.

O homem que tudo abatera em redor de si, receoso de qualquer superioridade, apoiava-se na ralé, cujas expressões mais altas eram o Clube da Mashorca e a Sociedade Restauradora. Nêsses agrupamentos infames, dominavam frades apóstatas, magarefes, negros, mulatos, vagabundos e criminosos. Espalhavam o terror, unico sustentáculo do tirano (13), que Capdevila denomina "pontifice brujo de una teocracia bárbara."

A ambição de Rosas era restaurar sob a égide da Argentina o antigo Vice Reinado, reconquistando o Paraguai, que proclamára sua independencia á sombra da diplomacia imperial, retomando o Uruguai por meio de interposta pessôa posta á sua frente e dedicada á causa rosina, e, se possivel, apoderando-se do Rio Grande do Sul. Daí aquelas palavras da proclamação de Canabarro: "Um poder estranho ameaça a integridade do Imperio."

A luta entre o Imperio e Rosas travou-se primeiro secretamente. O representante diplomatico da Argentina no Rio de Janeiro, D. Tomás Guido, montára verdadeiro serviço de espionagem. O ouro de Rosas pagava uma policia secreta espalhada em todas as nossas repartições públicas, de modo que o governo do ditador vivia minuciosamente informado de quanto se pensava, se dizia ou fazia na Côrte Imperial. Por sua vez, o governo do Brasil usava de meios identicos, não só mantendo a poder de dinheiro estreitas relações com os

(13) Bormann, "Rosas e o Exercito Aliado", t. I, pgs. 51 e segs.; Ramos Mejia, op. cit., t. I, pg. 248.

caudilhos semi-independentes de Corrientes e Entre Rios, Urquiza e Virasoro, como estabelecendo ligações secretas por intermedio de Rodrigo de Souza da Silva Pontes, nosso ministro em Montevidéu, com próceres argentinos exilados e com figuras de relevo uruguaias, inimigos declarados ou encobertos do famigerado Tigre de Palermo (14).

Isso custou muito dinheiro ao erario imperial. Os governos uruguaios viviam do "subsidio pecuniario mensual" pago pelo Brasil. Êsses "auxilios pecuniarios que nos dio el Imperio", confessa D. André Lamas, cessaram em 1854 e, entregue aos proprios recursos, a República Oriental não podia atender sequer ás mais exiguas necessidades de seu orçamento. "Miseria desoladora!" Os cofres absolutamente raspados! A Entre Rios e Corrientes emprestou o Governo Imperial quatrocentos mil patacões ou sejam oitocentos contos, soma respeitavel na época, subsidiando mensalmente Urquiza com cem mil patacões (15).

Essas ligações secretas do Imperio contra Rosas iam até o Paraguai e penetravam na propria Bolivia. Dêsde 1845, após se declarar independente, o Paraguai procurára apoio em Corrientes, fazendo um tratado de aliança defensiva e ofensiva com o caudilho Madaria-

---

(14) Pereira da Silva, op. cit., t. I, pgs. 207-209. Sobre a reconstituição do Vice-Reinado, vide Aquiles B. Oribe "Brigadier general P. Manuel Oribe", Montevidéu, 1913, t. I, pg. 183, "in" nota.

(15) Oneto y Viana, "La diplomácia del Brasil en el Rio de la Plata; Luis Alberto de Herrera, "La diplomácia oriental en el Paraguay", t. III, pgs. 88 e 211; Gustavo Barroso, "O Brasil em face do Prata", pgs. 174-176.

ga. Quando, em 1851, decidido a acabar de vez com *o poder estranho que ameaçava sua integridade*, o Imperio invadiu a Banda Oriental, a Bolivia enviou algumas tropas ás fronteiras do Chaco, como ameaça a um flanco da Argentina, e o Paraguai mandou alguns destacamentos, que, repelidos em Corrientes com perda até das bagagens, se limitaram a exaurir a cavalhada em marchas e contramarchas nos arredores das *tranqueras* de Loreto e San Miguel. Para essa "palhaçada militar", D. Carlos Antonio Lopez exigiu constantemente subsidios do Imperio, que acabou fechando a bôlsa e despresando tanto elogios como ameaças do pai de Solano Lopez (16).

Até o último momento Rosas procurou evitar a guerra com o Brasil. Mêsmo depois de mobilizadas as guardas nacionais gaúchas, de convocadas as milicias rurais entrerianas, de nomeado o conde de Caxias para dirigir a campanha, "nas solenes imprecações de 9 de julho, Rosas impetrava do céu e da terra morte horrivel para as avantêsmas Flôres e Santa Cruz, esquecendo-se adrede do inimigo em marcha... Era que o Grande Americano e Mui Ilustre Argentino implorava fóra de horas a mediação de Mr. Southern e o favor das estrelas. Medo? Sim, medo. Os fátos o demonstraram (17)."

---

(16) Adolfo Saldias, op. cit., t. V, pgs. 212 e segs.; Thompson, "La guerra del Paraguay", ed. de 1910, pgs. 4 e 9; Gustavo Barroso, "O Brasil em face do Prata", pgs. 78-80.

(17) Arturo Capdevila, op. cit., pgs. 69-70.

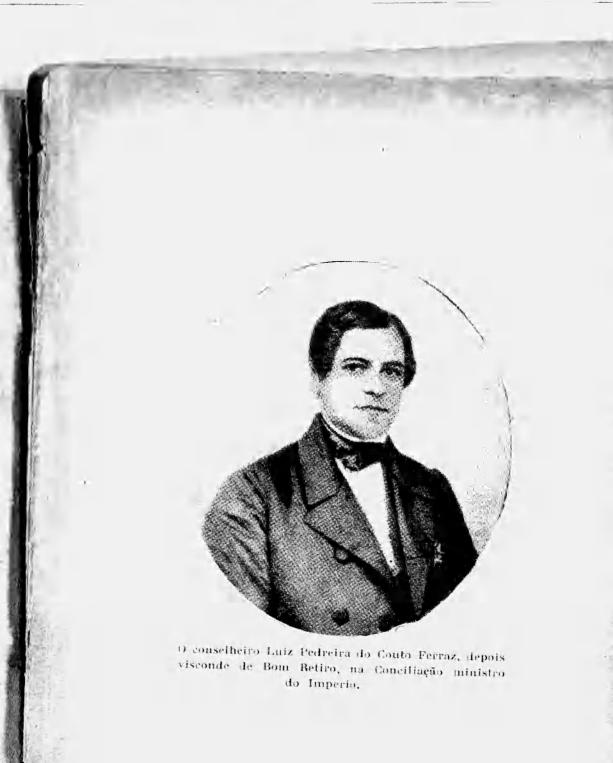
Mas os astros falharam. Falhou tambem a suplicada intervenção da Inglaterra, cuja maçonaria protegia o tirano. E, "ao rumor dos tambores das tropas brasileiras, as milicias entrerianas e correntinas caminharam para as planicies fartas do Uruguai. Rosas tremeu. Buenos Aires tremeu com Rosas e, publicamente, os mashorqueiros puderam associar, nas suas maldições de baixa feitiçaria e nas suas comedias tragico-burlescas, o nome de Urquiza ao nome do Brasil (18)."

Apesar dos patacões que recebia mensalmente, o general D. Justo José de Urquiza mostrára tanta indecisão que fôra necessario o Brasil intimá-lo a mover-se com a declaração categorica de que — *com êle, sem êle ou contra êle* — entraria em campanha (19). Assim, Caxias surgiu na fronteira uruguaia á frente de dezeseis mil homens. Das pontas do Cunha Perú o Exercito Imperial se dirigiu ás coxilhas orientais. Ás suas ordens, Canabarro e o Moringue, João Propicio e Bruce, Andrade Neves e Osorio!

O Tigre de Palermo entregára a tarefa de conquistar o Uruguai, disfarçada em competição politica interna, a um dos mais torpes e sanguinarios caudilhos que a America espanhola jamais produziu, Oribe, o Corta-Cabeças. Depois da batalha do Arroio Grande, em que derrotára o velho Lavalleja e degolára friamente mil e quinhentos prisioneiros, Oribe sitiára Mon-

---

(18) Gustavo Barroso, "A guerra do Rosas", pg. 106.
(19) Bormann, op. cit., t. II, pg. 17.

O conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, depois visconde de Bom Retiro, na Conciliação ministro do Imperio.

JAMES DE ROTHSCHILD
(Um dos Reis do Brasil)

tevidéu, "baluarte da independencia mental do Prata", refugio sagrado dos perseguidos de Rosas. Durante nove interminaveis anos, de 1842 a 1851, a cidade heroica sofreu rigoroso assédio que lhe valeu o titulo de Troia Americana. Fome. Angústia. Medo. Martirio. Bombardeios. Sortidas. Um inferno! Alexandre Dumas escreveu exaltado opúsculo sobre essa resistencia: "Nouvelle Troie".

A serviço de Rosas, Oribe, "peor do que Atila", afogára em lama e sangue, de 1839 a 1842, as rebeliões de Santiago del Estero, Cordoba, Jujuí, Corrientes, Santa Fé, La Rioja, Cuyo e Tucuman. Açoitava, violava e vilipendiava as mulheres. Torturava e degolava os homens. Incendiava, saqueava e arrazava (20).

Graças ao auxilio estrangeiro, Montevidéu pôde resistir tanto tempo. Subsidios inglêses, francêses e brasileiros. O Brasil interveiu quando a França abandonou a liça. Legião francêsa de Thiebaut, veterano de Napoleão. Legião italiana de Garibaldi, que deixára os farrapos. Legião espanhola de Brie. Refugiados argentinos de Gell y Obes. Riveristas e colorados. Todos bateram-se como leões (21).

O primeiro objetivo de Caxias era naturalmente libertar Montevidéu, que a esquadra de Grenfell bloquearia. Entretanto, quando se aproximou da capital uruguaia, já Urquiza, que forçára as marchas na sua

(20) Bormann, op. cit., t. I, pg. 108; Julio Maria Sosa, "Lavalleja y Oribe", pg. 319.

(21) Bormann, op. cit., t. I, pg. 112.

frente, se entendera com Oribe, o qual se rendeu com garantia de vida e retirada. Eduardo de Urquiza, neto do general, reconheceu que êle assim procedeu por um sentimento de argentinismo, "prescindindo dos brasileiros", que lhe pagavam cem mil patacões mensais, "para dar o golpe decisivo" (22). A Sarmiento o proprio Urquiza confessou que não podia consentir tivessem os brasileiros participação na rendição de orientais e argentinos (23). Eram êstes da mêsma familia. Demais, Urquiza e Oribe pertenciam ambos á maçonaria... O primeiro salvou o segundo Filho da Viuva de ser tomado entre dois fogos, o dos imperiais e o dos sitiados, com o caminho do rio e do mar sob o controlo da esquadra brasileira, em situação de ser esmagado á menor veleidade de resistencia. A deslealdade de Urquiza salvára seu amigo e irmão da Acácia...

Essa capitulação passava uma esponja sobre o passado, punha os partidos em luta em igualdade de condições, mandava processar novas eleições e reconhecia como divida nacional as despesas das tropas sitiantes. O cúmulo! Tudo ficava preparado para a continuação da luta na primeira oportunidade. Oribe podia dispôr livremente de sua pessôa (24).

---

(22) Eduardo de Urquiza, "Historia Numismatica de la Campaña Libertadora de Urquiza", Buenos Aires, 1928, pg. 35.

(23) Domingos Sarmiento, "Campaña en el Ejercito Grande Aliado Libertador de Sud America".

(24) Áta da capitulação "in" Santos Titára, "Memorias do Grande Exercito Libertador da Sul America".

Depois de alguma demora em Montevidéu, Caxias transferiu seu quartel general para a Colonia do Sacramento. Ficaria ali com o grosso do Exercito Imperial, enquanto uma divisão de quatro mil homens, sob o comando do brigadeiro Manuel Marques de Souza, futuro conde de Porto Alegre, seguindo na esquadra rio acima, cooperaria com as milicias de Urquiza e Virasoro que marchavam sobre Buenos Aires. Deviam encontrar o exercito de Rosas no caminho. Se a sorte da batalha perigasse, o conde de Caxias atravessaria o estuario e investiria a capital, ocupando-a na retaguarda do inimigo, cortando-lhe as subsistencias e desmoralizando-o. Seria a derrota certa. Os navios de guerra e transportes imperiais, com o pavilhão do chefe Grenfell no mastro grande do "D. Afonso", forçaram as baterias da passagem de Teneleros e levaram nossas tropas á ponta do Diamante, onde desembarcaram em ordem (25).

Dali, o Grande Exercito Aliado Libertador da America do Sul, composto por quatro mil brasileiros, mil e setecentos uruguaios sob o comando de Cesar Dias e vinte mil correntinos e entrerianos, avançou para Buenos Aires. Alem da ponte de Márquez sobre o arroio Morón, divisou os vinte e seis mil homens do ditador portenho, com seus cincoenta canhões, entrincheirados na quinta de Caseros e na vila dos Santos Lugares. Era um "exercito de rapina", de escória, sem pá-

(25) Bormann. op. cit., t. II, pgs. 43-47; Rio Branco, op. cit., pgs. 594-595

tria e sem lei. O outro trazia um ideal de libertação e, no meio de sua desorganização gauchesca, a disciplina consciente da divisão imperial, *unica tropa decente,* como a qualificava Sarmiento. Alem disso, faltava a Rosas um general, enquanto do outro lado a competencia de Marques de Souza supria vantajosamente a incapacidade proverbial de Urquiza. Estava-se no dia 3 de fevereiro de 1852, pela manhã. Em atiradores, a infantaria ligeira do Imperio, armada de fusis de retro-carga Dreise, modelo de 1841, instruida por oficiais alemães, reduziu ao silencio as peças argentinas, matando-lhes chefes, apontadores e serventes. Depois, carregou a baioneta e rompeu o centro da linha, ao mêsmo tempo que Osorio, com seu regimento de cavalaria, carregava á direita, tomando a unica bandeira conquistada naquêle dia. O inimigo fugiu desbaratado. Urquiza conservára-se inativo até onze horas e todas as disposições fôram tomadas por Marques de Souza, Piran, Galan, Sarmiento e Mitre, que para o primeiro apelaram deante da imobilidade do general chefe (26).

Rosas, seguido unicamente por um ordenança fiel, galopou para Buenos Aires pelo caminho de Matanzas, apeou-se no Hueco de los Sauces, gatafunhou a lapis sua renuncia num farrapo de papel e mandou entregá-

(26) Rio Branco, op. cit., pgs. 62-63; Bormann, op. cit., t. II, pg. 110; Adolfo Saldias, op. cit., t. I, pgs. XX e segs., t. V, pgs. 287 e 300; Ramos Mejia, op. cit., t. III, pg. 16, t. I, pgs. 156-157 e 253; Herrera, "Buenos Aires, Urquiza y el Uruguay", pg. 315; Cesar Dias, "Memorias", pg. 269.

la na Sala dos Representantes que tanto aviltára. Disfarçou-se com o poncho e o barrete do soldado e asilou-se na legação inglêsa, onde sua filha Manuelita se lhe foi reunir. A' meia-noite, guardado por marinheiros britanicos, embarcou no "Centaur", transladando-se depois para o "Conflict", que o conduziu á Inglaterra com escala pela Baía. Desembarcou em Plymouth a 5 de abril de 1852 e morreu em 1877, pobre e esquecido, nos arredores de Southampton (27).

Porto Alegre foi o verdadeiro vencedor de Caseros e não Urquiza. A divisão imperial formava o *centro* da linha de batalha e arrojára os argentinos fóra de suas posições centrais com "inaudita bravura" (28). *Nuestro centro,* confessa oficialmente o proprio estado maior de Urquiza, além de auxiliar os orientais no flanco esquerdo, avançou sob o amparo de suas baterias, envolveu a direita de Rosas, rompeu-lhe a linha, tomou os entrincheiramentos a baioneta e apoderou-se de canhões, viaturas, bagagens, armas, munições e troféus (29). Arripiára-se, porém, o argentinismo com o pensamento de entrarem os brasileiros vencedores em Buenos Aires. Doía naturalmente aos portenhos que

(27) Adolfo Saldias, op. cit., t. V, pgs. 305 e segs.; C. Ibarguren, "Juan Manuel de Rosas", ed. La Facultad, 1931, pgs. 436-437.

(28) Parte do general Gregorio Araoz de La Madrid a Urquiza, "in" "História do general Osorio", t. I, pg. 520.

(29) Parte do major general Virasoro a Urquiza, "in" Eduardo de Urquiza, op. cit., pg. 65. Cfr. Parte de Marques de Souza ao conde de Caxias. V. Gustavo Barroso, "O Brasil em face do Prata", pgs. 165 e segs., docs. III, IV e V, no APENDICE, e o plano da batalha "in" Santos Titára, op. cit.

um Exercito Imperial palmilhasse com as musicas tocando e as bandeiras desfraldadas as ruas pelas quais até então só os inglêses haviam passado para logo serem vencidos e expulsos. Os jornais, alarmados, berravam, esquecendo que o sangue de nossos soldados os tinha libertado da tirania atroz de Rosas: *que no vengan los brasileros*! A indignação se esboçava em cada canto (30). O proprio Urquiza, acompanhado de Virasoro, La Madrid e Mansilla, cunhado de Rosas, vencido tristemente em Toneleros, procuraram Marques de Souza e fizeram-lhe vêr a inconveniencia da entrada triunfal na cidade. O general do Imperio ouviu-os e declarou que Caseros era uma vitória brasileira e que seus soldados a festejariam entrando em Buenos Aires, fôsse ou não conveniente (31).

Entraram a 18 de fevereiro de 1852, dois dias antes do aniversario de Ituzaingó, como as *unicas tropas decentes* do Exercito Libertador (32). Desfilaram ao rufo dos tambores pelas ruas do Perú e da Federação, praça da Vitória e Paseo de Julio até Palermo, onde acamparam: o 5.º, o 6.º, o 7.º, o 8.º, o 11.º e o 12.º de caçadores a pé; o 2.º de cavalaria de Osorio e o 1.º de artilharia a cavalo, o *Boi de Botas*. Saudou-os uma

---

(30) Adolfo Saldias, op. cit., t. V, pg. 312; "Gaceta Mercantil", numeros da época; Luis Alberto de Herrera, "Buenos Aires, Urquiza y el Uruguay", pgs. 20-22; Lucas Ayarragaray, "La anarquia argentina y el caudillismo", ed. La Jouane, Buenos Aires, 1925, pg. 62.

(31) Rio Branco, op. cit., pgs. 110-111.

(32) Domingos F. Sarmiento, "Campaña en el Ejercito Grande Aliado".

ovação popular indescritivel (33). Mais uma vez o sentido da civilização brasileira se interpunha á barbárie caudilhesca do Prata, mais pela força moral de sua ordem interna e de sua disciplina do que pelo material dos seus armamentos. Apesar de sua malicia e de seu entranhado argentinismo, Urquiza reconhecia de público que os brasileiros tinham ido ao Prata pela justiça, pela liberdade e pela gloria, cooperando para a salvação de dois povos e para a ruina de dois tiranos, grangeando as simpatias do mundo e assegurando para o futuro a dignidade da nação argentina. Os veteranos do Imperio mereciam admiração, gratidão e amor (34)! Sobre suas cabeças caíam "as bençãos de todo um povo agradecido" (35).

O Imperio impunha-se na vida interna, ordenada e tranquila, na vida exterior, como campeão de liberdade e paz. Honorio Hermeto, engrandecido pela sua ação no Prata, junto a Urquiza, organizava em 1853 o gabinete da Conciliação. "Vassalo igual ao Rei", diziam. Em plena força, a monarquia procurava amparar-se na paz politica, como a buscar um partido unico que fizesse desaparecer as lutas estéreis, creasse uma consciência nacional e permitisse a continuidade administrativa. A Conciliação durou até 1856.

---

(33) Santos Titára, op. cit.; Sarmiento, op. cit.

(34) Proclamação de despedida á Divisão Auxiliar do Brasil por D. Justo José de Urquiza.

(35) Manifesto de gratidão ao Brasil pela Honorable Sala de los Representantes, setembro de 1852.

O judaismo internacional não poderia permitir o desenvolvimento, o engrandecimento dêsse Imperio que já se mostrava capaz de resolver as questões de sua vizinhança na ponta das baionetas e com elas arrancava de Buenos Aires um tirano acastelado havia longos anos e armado até os dentes. Era necessario enfraquecê-lo e, do dia para a noite, a crise bateu-nos ás portas...

Em julho de 1852, depois do triunfo de Caseros, o Governo Imperial tomou em Londres, por intermedio de Rotschild, um emprestimo de £ 954.250 reais por £ 1.040.600 nominais, a tipo 95 e juros módicos de 4 1/2 %, do qual nem o cheiro sentiria. Com êsse ouro, que não chegou a sair dos cofres judaicos, resgatámos os remanescentes do emprestimo da Independencia, que já nos levára trinta anos de juros, e do emprestimo português, que ficára a nosso cargo. Só em 1882 nos libertámos dêsse peso. Pelo contráto passado entre varios barões Rotschild e o cavalheiro Sergio Teixeira de Macedo, nosso ministro em Londres, aquêles ficavam *exclusivamente* encarregados de pagamentos e compras da operação, com percentagens sobre remanescentes, despesas, trabalhos e riscos eventuais, variando de 1/2 a 2 %. No final das contas, recebemos um pouco mais de oito mil contos e pagámos vinte e um mil (36)!

Cinco anos depois, em 1857, desenhava-se a crise que o emprestimo demorara para agravar. O governo,

---

(36) Gustavo Barroso, "Brasil — colonia de banqueiros", 6.ª ed., pgs. 60-62.

aconselhado pelos técnicos que bebem suas teorias em livros judaicos, concedeu em decretos faculdade emissora a dois bancos do Rio de Janeiro: o Comercial e Agricola, e o Rural e Hipotecario. Concedeu-a, depois, aos bancos do Maranhão, da Baía, de Pernambuco e do Rio Grande do Sul, com prazos variaveis. O ministro da Fazenda, Souza Franco, como se isso não bastasse, tornou extensiva a faculdade emissora ás proprias sociedades em comandita. Era uma inflação de caráter verdadeiramente judaico, que se processava no sentido de arruinar mais adeante a economia do Imperio. José Joaquim Rodrigues Torres, visconde de Itaboraí, fez oposição cerrada ao que denominou CARNAVAL FINANCEIRO, demitindo-se da presidencia do Banco do Brasil.

Quem defendia o CARNAVAL FINANCEIRO?

Naturalmente aquêle a quem isso interessava e que era o sol que iluminava os grandes negocios e empreendimentos da monarquia: Irineu Evangelista de Souza, visconde de Mauá, socio de Carruthers de Castro, de Manchester. Advogava a teoria do crédito ilimitado. O abuso dêste trouxe o desastre que era de prever. Especulação. Jogatina. Fraude. Agiotagem. Lucros ostentosos. Essa espécie de *ensilhamento* durou um ano. Em dezembro de 1858, o Imperador alarmou-se com a situação e o ministerio caíu.

O CARNAVAL FINANCEIRO teve como consequencia o fim da Conciliação trabalhosamente realizada sob o prestigio de Honorio Hermeto, "solene compromisso mi-

nisterial", na opinião de Nabuco, que os liberais tomaram e era o complemento da politica chamada de justiça e tolerancia de 1848, a que o Imperador assentiu e era seu "pensamento augusto", como dizia Olinda. De novo, os partidos se encresparam e engalfinharam na rinha eleitoral, enfraquecendo a nação para gaudio das forças secretas. Dêsde 1848, o marquês do Paraná iniciára a obra conciliatoria, cujos frutos tinham sido os gabinetes do conde de Caxias e do marquês de Olinda. Em dezembro de 1858, dez anos depois, todo êsse trabalho ia de aguas abaixo levado pelo turbilhão da crise e subia ao poder, presidido pelo visconde de Abaeté, esquecido do liberalismo exaltado dos *Andradas e seus amigos*, dos INVISIVEIS de 1842, maçon arrependido, um ministerio conservador, no qual o titular da Fazenda, Sales Torres Homem, visconde de Inhomerim, inaugurava politica financeira contrária ao seu antecessor, com a centralização economica (37).

Sales Torres Homem pôs paradeiro ao CARNAVAL FINANCEIRO, "época caracterizada pela ansia de enriquecer de repente por um golpe de audacia" (38); mas o desbarato da fazenda pública o obrigou a solicitar novo emprestimo em Londres. Era o que o judeu internacional queria para pouco a pouco escravizar o Brasil, reduzí-lo a colonia de banqueiros. Em maio, Carvalho Moreira, barão de Penedo, cujo fausto maravilhava a sociedade londrina, tomava por trinta anos a

(37) Rio Branco, op. cit., pg. 587.
(38) Joaquim Nabuco, op. cit., t. I, pg. 256.

Rotschild £ 1.526.500 nominais, a juros de 4 1/2 % e tipo 95 1/2. O fim confessado era o prolongamento da Estrada de Ferro D. Pedro II. Os banqueiros abiscoitavam varias espécies de comissões, de 1 a 2 1/4 %. Recebemos sómente £ 1.360.275, que nos custaram £ 3.366.500. Até dezembro de 1888, por doze mil contos que nos vieram ter ás mãos, restituimos quasi vinte e cinco mil!

Consequencia dêsse emprestimo de 1858 foi o de 1859, tambem negociado e assinado pelo barão de Penedo. Resgatou o *escandalosissimo* de 1839, £ 208.000 "já pagas e repagas, que se convertiam em novo emprestimo para render juros por mais trinta anos". Essas £ 762.000 saíram por £ 1.270.000. Custo total: oito mil e quinhentos contos (39).

De então por deante, os emprestimos se vão suceder uns aos outros sem solução de continuidade, ficando cada vez mais o Brasil escravizado ao judeu da City. Para isso, se provocou habilmente o CARNAVAL FINANCEIRO de 1857, que desorientou a economia nacional. Em 1860, o barão de Penedo contrata para a construção de caminhos de ferro £ 1.210.000. Delas nos chegam ao erario £ 1.089.000; por elas se pagam £ 3.025.000. Dez mil e quinhentos contos por quasi vinte e quatro mil!

Quando, em 1863, o Imperio, representado pelo mêsmo Carvalho Moreira, que denunciavam ao Imperador, como o fez sentir em carta ao marquês de

(39) Gustavo Barroso, op. cit., pgs. 63 e 72.

Abrantes, como recebendo comissões dos banqueiros, contraíu o emprestimo conhecido em nossa história financeira pelo ONEROSO, a tipo 88, para remir os saldos devedores dos emprestimos de 1824 a 1843 e parte da divida flutuante, emprestimo cujo ouro tambem não chegou a sair do cofre dos prestamistas, £ 3.855.307, isso nos custaria o suor e o sangue de gerações sacrificadas: oito milhões e meio de libras, sessenta e sete mil e quinhentos contos (40)!

O *poder colossal* de Rotschild, a que aludira antanho o marquês de Barbacena, colonizava financeiramente o Imperio que se erguera na America do Sul como um campeão da ordem e da liberdade no meio de bárbaras repúblicas caudilhescas, onde a degola e a matança eram a lei comum da politica inexoravel. Manobrado por êsse poder, o governo inglês tambem entraria depois na liça, afim de humilhar a soberania imperial, tirando-lhe a força moral que lhe adviera da vitória de Caseros e da entrada triunfal de Marques de Souza em Buenos Aires, de onde os inglêses haviam sido corridos. O Super Estado judaico demonstraria que outros Estados não pódem crescer sem lhe pedir licença. E veiu a questão Christie como a PATA DO LEOPARDO a querer pousar sobre a Nação dessorada pelo CARNAVAL FINANCEIRO... (41)

---

(40) Op. cit., pgs. 73-74.

(41) Sobre o CARNAVAL FINANCEIRO consulte-se Pereira da Silva, "Memorias de meu tempo", t. I.

Capitulo VI

A REALEZA ECONOMICA

A espada de Caxias, vencedora de rebeliões e da guerra estrangeira, fôra a "escora" do Imperio, como escreveu Euclides da Cunha. Por trás do fulgor dessa espada idealista e prática ao mêsmo tempo, que sabia vencer e perdoar, havia outra força dinamizando o Segundo Reinado, a que Tristão de Ataíde denomina "a realeza economica de Mauá". *Mão oculta* que subsidiava os farrapos contra o poder central, passou a servir êste, quando lhe conveiu aos interesses. Ao ponto que Tobias Monteiro exclama: "Mauá teria sido o creador dum Imperio". A' feição de Warren Hastings na India ou de Cecil Rhodes na Africa do Sul. Menos os crimes, está visto.

Seu proprio biografo-panegirista afirma que êle foi "o ousado interventor de 1851" contra Rosas, quando a Inglaterra receava que prejudicassemos no Prata os seus interesses. Tanto Paulino de Souza, que sucedera ao marquês de Olinda anti-intervencionista, como Rodrigues Torres reconheciam nêle a "alma da intervenção". Assinou convénios secretos de igual para igual com os governos interessados no pleito. Foi pessoalmente ao Prata, examinar a questão *in loco* e tornou-se, depois, em Montevidéu a "mais poderosa agencia diplo-

matica do Imperio". Sua influencia, com o tempo, ficou "quasi onipotente" (1).

A *mão oculta* da rebeldia interna agora se tornára a *realeza economica* do Imperio e a *alma da intervenção* armada. Estudemos, pois, o poder do ouro de Mauá, escondido na história pelo lampejar do aço de Caxias.

Irineu Evangelista de Souza, barão e depois visconde de Mauá, surge como caixeiro humilde da casa judaica de Ricardo Carruthers, da qual se torna gerente e socio. No convivio com os judeus britanicos, perdera até os hábitos da lingua pátria. Só sabia contar em inglês. Quando irritado, só podia dizer desafôros em inglês. No discurso, empregava constantemente anglicanismos, e espanholismos após sua estadia no Prata (2). Notavel sua adaptação a qualquer pedaço de terra...

Dêsde seus primeiros passos no mundo dos negocios se pôs em contáto com os poderosos, frequentando-os e sendo por êles frequentado. Pagou as despesas dos rebeldes farroupilhas e acolheu-os em sua casa de Santa Tereza, o *quilombo riograndense*. Comentavam á bôca cheia sua influencia. Êle proprio a não negava, embora sempre se afirmando fóra da politica (3). A's vezes, ela é mais dominada de fóra do que de dentro,

(1) Alberto Faria, "Mauá", 2.ª ed., pgs. 42-43; Claudio Williman, "Exposicion sobre el Banco de la Republica Oriental del Uruguay", pgs. 11-13.

(2) Op. cit., pg. 74.

(3) Joaquim Nabuco, op. cit., t. I, pg. 207.

indiretamente do que diretamente. Que opine o judeu Beaconsfield, lord d'Israel, fundador do Imperio Judaico-Britanico. Mais tarde, quando essa influencia cresceu a ponto de crear aquela *realeza economica* reconhecida por Tristão de Ataide, dizia com certa imodestia que chegára "a fazer ciumes *no alto*" (4). A alusão visa claramente o Imperador...

Todavia, sua *mão* se conservára mais ou menos *oculta* até 1850, quando a luz da história a iluminou melhor. Foi em *missão secreta* ao Prata. Braço direito do ministerio de Paulino de Souza e do partido conservador, de cima. Assinou com Itaboraí e o agente uruguaio D. Andrés Lamas *pactos secretos*. Passou, depois, para Montevidéu e lá se transformou logo em "potencia financeira e influencia social" de tal monta que, enganados quanto á natureza do capital, que não tem pátria, porque parecia vir do Brasil, os orientais o consideravam EL PELIGRO BRASILEÑO. Era quem mandava nas duas margens platinas. Afim de não sofrer desconsiderações, o ministro plenipotenciario do Imperio na Banda Oriental não recorria ás armas, mas se acolhia á sombra prestigiosa da firma Mauá. Evitava rompimentos entre as tres potencias ribeirinhas por lhe não convir a guerra aos negocios engrenados após a luta contra Rosas. Essa, sim, lhe conviera. Enviava e recebia agentes confidenciais. O governo uruguaio consultava-o nos momentos dificeis (5). Verdadeiro

(4) Mauá, "Exposição aos credores".
(5) Alberto Faria, op. cit., pg. 56.

soberano sem territorio e sem exercitos. O conquistador pacifico...

Ainda mui pouco conhecido, apresentou-se em 1850 na casa de D. Andrés Lamas, representante dos riveristas e colorados de Montevidéu, oferecendo-lhe dinheiro e armas, que ali seriam diretamente entregues. Era de pasmar a oferta á cidade sitiada. O diplomata desconversou, tomando-o como espião ou agente provocador do *serviço secreto* que D. Tomás Guido, representante de Rosas, mantinha no Rio de Janeiro. Comunicou o fáto ao Imperador, que o tranquilizou, explicando de quem se tratava. Começaram assim os entendimentos entre o governo oriental e a *alma da intervenção* (6). Daí saiu o *pacto secreto* assinado por Mauá, Lamas e Itaboraí na propria secretaria de Estrangeiros, ajustando as contribuições mensais a serem pagas em Montevidéu (7). Tres potências firmando o conchavo oculto: o Imperio, a República Oriental e a Realeza Economica...

Vimos no capitulo anterior nossos soldados marchando contra Oribe e Rosas ás ordens de Caxias, vimo-los combatendo sob o comando de Marques de Souza, derramando seu sangue em Caseros e passeando as armas vencedoras nas ruas de Buenos Aires. Vemos agora a força secreta que os impelia: a Realeza Economica. Por isso, houve quem opinasse: O DINHEIRO DE MAUÁ SALVOU MONTEVIDÉU...

(6) Pedro Lamas, "Etapas de una gran politica".
(7) Pacto de 6 de setembro de 1850, no Arquivo do Itamarati.

Em 1851, no momento da rápida e vitoriosa campanha, Mauá aparelha o "Fluminense", o "Paraense" e o "Pedro II" para a frota de Grenfell, nas oficinas da Ponta d'Areia, que se desenvolviam amparadas no protecionismo da tarifa alfandegaria de Alves Branco, obtida em 1844. Alem de equipar navios, equipou batalhões (8).

A 12 de outubro dêsse ano, quando se ia iniciar a campanha, assinava segundo pacto para fornecer mais fartas contribuições ao Uruguai. E tinha somente 36 anos! Fazia carreira tão veloz no cenario dos negocios sul americanos quanto a do famoso Kruger nos nossos dias. Verdadeiro Messias da finança e da indústria, sua figura merece ser bem estudada dêste ponto de vista revelador das razões que lhe guiavam a *mão oculta.* Documentos intimos que deixou dão conta de sua *convicção messianica* de fomentador do progresso (9). Apresenta-se em todos os aspétos como o qualificou o professor Germain Martin: "une grande figure saint-simonienne."

Era, com efeito, um sansimoniano da escola de seu socio, o judeu Ricardo Carruthers. Grande homem de negocios *doublé* de sociologo, como o meio-judeu Walter Rathnau, sentia latejar no peito, como um dínamo, o ideal de "conquista pela ocupação industrial", que é um ideal nitidamente anti-cristão e se consubstancia no Estado Industrial, na Politica Industrial

(8) Alberto Faria, op. cit., pg. 127.
(9) Op. cit., pg. 102.

do judeu Pereire, em pleno florescimento no meado do século XIX. Seu messianismo o enchia de desmesurado orgulho que se disfarçava sob maneiras blandiciosas, quando o não contrariavam no que tinha a peito fazer. Nêste caso, se tornava áspero, como o foi com D. Pedro II, violento, como o foi com o presidente do Uruguai, desabrido mêsmo, chegando a ser processado por abuso de imprensa. O *rei oculto* não compreendia que o contrariassem. Em cartas, refere-se *á ordem por base e ao progresso por fim*, revelando-se inclinado ao positivismo. Era positivista na moral escrupulosa. Não tinha o menor espirito religioso. Rarissimamente aparecia ou se manifestava em qualquer cousa que se relacionasse com a religião. Como que as evitava. "Raras vezes lhe acóde a idéa de Deus". Era liberal, embora servisse aos conservadores, e dêsde 1838 se afirmava abolicionista (10).

O sansimonismo de Mauá determinou sua projeção na história sul americana. "Estudando, com algum empenho, a doutrina de Saint Simon e a ação de seus discipulos na marcha da civilização, pretendia eu abordar uma demonstração grafica da ligação estreita que resulta da comparação do que fez Mauá no Brasil com o que êles fizeram em cenario mais vasto." Que é isso que Alberto Faria, panegirista de Irineu Evangelista de Souza, reconhece que Mauá pretendeu e até certo ponto realizou a exemplo de seus confrades na França

(10) Op. cit., pgs. 95, 102-108 e 118-119.

Imperial do Panamá, do Suez, das Exposições Universais e da aventura mexicana? Que êle proprio responda: a creação dum "Super-Estado, Estado de Produtores, governo geral independente dos governos nacionais (11)." O que equivale a um *internacionalismo materialista*, de fêlpa caracteristicamente judaica.

Confesse ainda o proprio Mauá o que tentou ser: "o centro de todo o movimento monetario e financeiro da America Meridional em ligação intima com os principais centros monetarios da Europa, permitindo ás empresas brasileiras (?) deixarem de arrastar-se abatidas ao pé da usura desapiedada dos máus elementos financeiros da praça de Londres (12)." Veremos documentadamente que Mauá estava ligado á usura ou finança internacional; portanto, o último trecho do que escreve é mero disfarce.

Montevidéu, onde Mauá chegou como a *alma da intervenção* imperial, servir-lhe-ia como um ponto de apoio para o vasto sistema que concebera de ligações fluviais e terrestres, prendendo em sua teia todo o continente. Tinha obtido a concessão da navegação do Amazonas. Considerava agora a penetração pelo Prata. O Brasil era a cabeça das vias férreas que sonhava lançar através dos araxás e sertões, de Vassouras até o Paraguai e de Paranaguá até a Bolivia. Por isso, em 1864, quando se desenhou a guerra do Imperio con-

(11) Op. cit., pgs. 115-116.
(12) Mauá, op. cit.

tra os blancos, a cujo governo se ligára financeiramente, queria a paz a todo custo (13).

Seu plano repousava no que na época se convencionou chamar Indústria Bancaria, isto é, o banco servindo de "veículo de capitais para estradas de ferro", para melhoramentos urbanos, mineração e navegação, inspirado no modelo de Crédit Mobilier de Paris, que atingia o apogeu em 1853, banco industrial de creação sansimoniana que tornava em verdadeira *religião* materialista o surto das grandes obras industriais de toda a natureza (14). E não se esqueça ainda que, no fundo, a idéia era judaica, provinda do famoso judeu bordelês Pereire que deixou o nome ligado a um dos *boulevards* da Cidade-Luz.

Mauá viveu sempre unido aos judeus Carruthers, cujas casas negociavam por toda a parte: Carruthers de Castro & Cia. em Londres e Manchester, Carruthers Souza & Cia. em Buenos Aires, Carruthers Dixon & Cia. em Nova York. Reydell de Castro, seu socio e de Carruthers, foi diretor da estrada de ferro do Recife ao São Francisco, cuja concessão obteve, e usava de sua influencia na City, afim de levantar dinheiro para as ferrovias a sêrem construidas. Muito rico, duma feita subscreveu para Mauá £ 300.000 (15)!

Prendia-se tambem aos Rotschild, que o superariam um dia na realeza economica sobre o Brasil. Ape-

---

(13) Alberto Faria, op. cit., pgs. 61-62 e 342-343.
(14) Op. cit., pgs. 232-233.
(15) Op. cit., pgs. 92 e 386.

sar do barão de Penedo ser considerado unanimemente "uma força junto a Rotschild" *et pour cause,* Mauá secundava-lhe o trabalho junto aos grandes banqueiros para a obtenção dos emprestimos ano a ano solicitados pelo Governo Imperial (16). Associou-se até a Rotschild no lançamento de emprestimos para estradas de ferro. Vendeu-lhe por £ 45.000, com a obrigação de ceder-lhe a metade, o que reduziu praticamente a soma a £ 22.500, condição imposta á última hora pela avidez dos banqueiros que o sabiam com a corda no pescoço, a concessão da via-férrea Santos-Jundiaí, hoje a colossal São Paulo Railway. Penedo aconselhára a cooperação de Rotschild no negocio (17). No oceano da finança internacional, os peixes graúdos vão devorando os miúdos, sem piedade, á proporção que crescem...

Mauá obtivera essa concessão associado a Costa Carvalho, antigo regente, marquês de Monte Alegre, e a Pimenta Bueno, marquês de São Vicente. Andou sempre de braço com os politicos de real influencia no país. Diziam-no *protegido* de Monte Alegre. Foi "colaborador proeminente da Conciliação" e amigo pessoal do marquês do Paraná, cuja morte súbita, em 1856, abalou o Imperio como a dum verdadeiro DUCE. Era intimo de Eusebio de Queiroz, que lhe concedeu a instalação do gás no Rio de Janeiro e a navegação do

---

(16) Op. cit., pg. 177; Correspondencia de Carneiro de Campos e Mauá no Arquivo do Itamarati.

(17) Op. cit., pgs. 184 e 242.

Amazonas; de Alves Branco que o favoreceu com a tarifa que permitiu o progresso das oficinas da Ponta d'Areia; de Cotegipe. "Homem de confiança" do ministerio das Aguias, em 1853, através dêle inspirou a incentivação dos transportes. Dêsde 1852, conseguira a concessão da Estrada de Ferro de Mauá a Petropolis. A 30 de abril de 1854, fazia correr nos trilhos a locomotiva Baronêsa, recebendo por isso o titulo de barão. Segundo a voz pública, que comentava suas intimidades com o primeiro Rio Branco, êste era "o socio do barão" ou "o hóspede do barão", quando em relevante missão a Montevidéu. E, em 1857, o Governo Imperial, precisando de dinheiro, batia ás portas do banco Mauá Mac-Gregor & Cia. (18).

Em 1875, quando, em consequencia da crise na praça, faliu êsse banco, achando-se Rio Branco, que lhe confiára operações oficiais, na presidencia do ministerio, nos debates travados no Parlamento, o "inflexivel" Zacarias de Góis e Vasconcelos aludiu á intimidade do estadista e do industrial-financeiro, deixando claramente alegado que ela se radicára no fundo da maçonaria, da qual o primeiro era Grão-Mestre e o segundo não sabemos a que gráu atingira. Leiamos com atenção os trechos significativos do discurso:

"*O sr. Zacarias*: — ...quando um banco se estende por toda a parte do Antigo e do Novo Mundo e se mais mundo houvera lá chegára, quando tem uma

(18) Op. cit., pgs. 43-45, 183-184 e 223.

casa aqui, outra em Montevidéu, tres em São Paulo e tres no Rio Grande do Sul... o ministro que se presa não o constitúe passador de cambiais para a Europa... A amizade sempre do nobre presidente do Conselho... a fé do carvoeiro... a ingenuidade da pomba que vôa, quebra o peito na parede e cái...

O sr. Rio Branco: — Espero em Deus que não haja prejuizo dum real...

O sr. Zacarias: — Penso que o nobre presidente do Conselho espera êste resultado do GRANDE ARQUITÉTO DO UNIVERSO, de Deus, não... Não creio que a Providencia faça tais milagres; só o GRANDE ARQUITÉTO o fará. Ainda não vi falido de certa ordem que não dissesse que póde pagar integralmente; ainda não vi, porem, nenhum que pagasse... (19)"

Zacarias calculava em oito mil contos os prejuizos do governo e insistia ironicamente sobre a ajuda do GRANDE ARQUITÉTO tambem...

Por mais que se queira dar a Mauá uma fisionomia inteiramente brasileira, daquilo que documenta o seu panegirista se infere o sentido internacionalista de suas atividades e de sua personalidade, que, como vimos, começava por se trair no uso da lingua. Onde quer que estivesse, logo se adaptava admiravelmente ás condições locais. No Uruguai, tornou-se quasi uruguaio, estabeleceu grandes estancias de criação de gado, penetrou-se da vida da campanha oriental, meteu-se

---

(19) Anais do Senado do Imperio — sessão de 26 de maio de 1875.

em negocios de trigo e seus produtos industriais fôram premiados em exposições européas como verdadeiramente uruguaios. Entregou-se mais á exportação de xarque e associou-se á firma alemã Liebig para a fabricação do extráto de carne (20).

Dinamismo industrial que não conhecia pausa ou limites! Fundou no Brasil a Luz Estearica, a Companhia de Rebocadores do Rio Grande do Sul, a Fluminense de Transportes, a Montes Aureos Brazilian Gold Mining C°, a Empresa de Diques Flutuantes, a do Cabo Submarino, a Companhia de Navegação do Amazonas, a do Gás do Rio de Janeiro, a dos bondes do Jardim Botanico, os Bancos com Mac-Gregor, a Fundição da Ponta d'Areia, a Empresa do Canal do Mangue, a de Carnes Verdes e o Abastecimento de Agua, em que Rotschild interveiu, enviando durante sua ausencia na Europa o engenheiro ou preposto A. Gabrielli, recomendado ao Imperador e a Cotegipe. Forneceramlhe os estudos de Mauá, que reclamou. O governo achou que tinha direito a pedir uma indenisação. Desistiu de pleiteá-la, decerto por lhe não convir desgostar o *poder colossal* do Kahal de Londres... (21). Com identico silencio resignado recebeu o protesto de suas letras em 1875. Como que sentia deante de si um poder mais forte contra o qual sabia ser inútil combater...

---

(20) Eduardo Acevedo, "História del Uruguay", t. V, pgs 22 e segs.

(21) Alberto Faria, op. cit., pgs. 145, 154-155.

Mauá tinha ainda interesses nos bondes de Montevidéu, Paris, Bruxelas e Lisbôa, através de Francisco Sabino de Freitas Reis, *brasseur d'affaires* internacional, assiduo frequentador do clube maçónico da Reforma, amigo de Mauá, de quem "recebeu sólido concurso financeiro" (22).

Sonhava realizar o Porto de Pernambuco, a Companhia Pastoril e Agricola, e a Estrada de Ferro de Mato Grosso. Como dizia mordazmente o inflexivel Zacarias, se mais mundo houvera lá chegára...

Por tudo isso e por mais alguma cousa que arripiava a *ditadura da moralidade* imperial e que nós ignoramos, mas o Chefe do Estado devia saber, havia entre D. Pedro II e Mauá "um surdo afastamento, um inexplicavel antagonismo de temperamento, uma prevenção pessoal talvez." "O Imperador pareceu nutrir sempre prevenção contra Mauá", reconhece Alberto Faria e fatiga-se em alinhar razões que pouco ou nada explicam. Oliveira Lima é mais concludente em poucas palavras: "O Imperador sentia á volta de si os apetites de fortuna" (23). Os apetites de Mauá, a contar pelo número de empresas e companhias, não eram nada pequenos.

Por mais que alguem se esforce em querer demonstrar o patriotismo e idealismo de Mauá, embora

---

(22) Joaquim Manuel de Macedo, "Memorias da rua do Ouvidor", pg. 145; Alberto Faria, op. cit., pg. 150.

(23) Alberto Faria, op. cit., pgs. 46-48: Oliveira Lima, "Formation de la nationalité brésilienne".

se reconheça o que lhe deve o progresso material do país, se respeite sua moralidade comercial e o escrúpulo com que remiu as dividas, é forçoso convir que manejava muitos negocios em muitos países duma vez...

Sua realeza economica deveria ter feito na verdade ciumes *no alto*, como dizia. Quando em 1859 houve fortissima crise comercial na Baía, atribuindo-se a culpa ao governo, o povo pôs côlchas de luto ás janelas e sacadas na passagem do Imperador para o Norte. Dias após, de regresso da Europa, Mauá, creador e animador de indústrias, era ali recebido com formidavel ovação que mais o encheu de orgulho e capacitou do seu messianismo de fundador dum imperio industrial (24).

Os Mauá criam *empórios*. Um Imperio fia mais fino: nêle palpita um Espirito que é comunhão de pensamento e força tradicional. Os negocios não teem poder para tanto. A espada de Caxias creou uma Ordem Imperial. A' sua sombra benéfica, o talento de Mauá conseguiu crear um Emporio que alcançou o Prata e transbordou do continente. Êsse Emporio passaria breve a outras mãos. De 1863 em deante a estrela de Mauá começa a empalidecer. E' obrigado a se eleger deputado para defender seus planos diretamente. Já não está mais oculto. Revela-se para desaparecer. Em 1864, a segunda intervenção do Segundo Reinado no Uruguai dá fim á posição previlegiada que lhe conferira a primeira, de que fôra a *alma*, em 1851. Onze

(24) Alberto Faria, op. cit., pg. 54.

anos de decadencia e, em 1875, quebra fragorosamente, porque lhe devolvem saques sem a consideração da menor espera, como se a tarefa de que fôra encarregado estivesse finda. Resignava-se de maneira estranha.

Dêsde varios anos o *poder colossal* de Rotschild vinha substituindo-o silenciosamente através dos emprestimos que encalacravam dia a dia a Nação e interferindo com clareza ou não nos negocios que planejava. A *realeza economica* do Imperio, creada por Mauá, *realeza oculta*, acabou definitivamente nas mãos dos barões assinalados do ghetto de Francfort...

Já na era de 60, William Dougal Christie, ministro de Sua Majestade Britanica no Rio de Janeiro, o da famosa questão que tomou seu nome, se dava conta da vasta "influence of capitalists" no Brasil e do "social power of mercantile and monetary influence". Recorramos a êsse observador oficial inglês para sabermos de fonte limpa quem detinha tal influencia e encontraremos a revelação esperada no que escrevia ao seu superior hierarquico, lord Palmerston: "Grandes capitalistas largamente envolvidos nos emprestimos e especulações, que possuem *grande poder social*. São os Srs. Rotschild, agentes financeiros do governo do Brasil, negociadores dos emprestimos brasileiros que montam a muitos milhões, incorporadores de tres companhias brasileiras de estradas de ferro organizadas em Londres... Entre os diretores das mêsmas figuram em Londres homens de negocios, banqueiros e membros do Parlamento, de alta posição e grande in-

fluencia... Diversas outras companhias ultimamente se formaram em Londres, com concessões e previlegios do governo brasileiro..." E acrescenta que essa influencia se fazia sentir através dos editoriais em defesa do Brasil publicados pela conhecida "Edimburgh Rewiew", orgão sabidamente ligado aos banqueiros (25).

Rotschild destronava Mauá.

Rei morto — Rei posto!

Viva o Rei!

---

(25) W. D. Christie, "Notes on Brazilian Questions", ed. Macmillan & Co., Londres — Cambridge, 1865, Introdução, pg. LXIX.

Capitulo VII

A PATA DO LEOPARDO

O Imperio Britanico desenvolveu-se impelido pelo judaismo internacional que dêle fez seu campeão de dominio no mundo. A tal ponto que a British Israelite Association publicou uma brochura sobre a origem judaica da raça inglêsa (1). As duas raças, a inglêsa e a judaica, de modo tal se compreenderam, completaram e interpenetraram que foi possivel essa suposição. Roger Lambelin resume desta sorte a teoria: "Somente duas das doze tribus de Israel voltaram do cativeiro de Babilonia e repovoaram a Palestina, onde se achavam quando nasceu o Cristo. As outras emigraram para o noroeste da Europa e acabaram se estabelecendo nas Ilhas Britanicas. Invocam-se em apoio dessa tese considerações linguisticas e comparações biblicas e historicas... Mas o que está fóra de contestação é o impulso judaico, que, de certos anos para cá, se manifesta no Reino Unido com energia crescente (2)."

O reverendo evangelista Allen desenvolveu a hipótese em livro curiosissimo, no qual afirma que as tri-

---

(1) "L'Anglais est Israélite", ed. Jouve, Paris.

(2) "Le régne d'Israel chez les Anglo-Saxons", ed. Grasset, Paris, 1921, pgs. 11-12.

bus de Israel que não regressaram á Palestina, consideradas as *tribus perdidas,* vieram, através de mil vicissitudes, povoar as Ilhas do Mar. Dos filhos de Dan saíram os antigos Danaus ou Gregos, os Danaans da Irlanda, de raça real, os Danishs ou Dinamarquêses, que dominaram séculos o Septentrião. Da Dinamarca, *Danmark* ou *Dannmark,* a Marca de Dan, o País mais avançado de Dan, sairam os Anglos e os Saxões, povoadores da Grã Bretanha: Anglos ou Gaels, originando-se da expressão *One Gael,* um Gael, a palavra *Angael,* que deu, mais tarde, *Angael-ish-man, English-man,* Inglês; Saxões, os antigos *Sacas* de Herodoto ou *Scitas,* isto é, *Sach-sen* ou na verdade *Isaac-sons,* os filhos de Isaac...

Segundo os estudos do mêsmo autor, a tradição judaica da Inglaterra perdura até nos seus simbolos nacionais. Os chamados tres leopardos passantes do brazão inglês são simplesmente leões deformados pela heraldica, com cauda de serpente, como ainda se póde ver nos escudos dos sêlos medievais: os dois menores, na ponta e no meio, representam a Suecia e a Noruega, onde se fixaram aquelas tribus vindas da Asia; o maior, no chefe, a Dinamarca, terra de Dan, que dominava antigamente toda a Escandinavia. O leão representa Judá; a cauda, a serpente de Dan, a que Jacob o comparou antes de morrer, segundo o Génesis: — Dan, tu és a cobra escondida na poeira do caminho... A cruz de Santo André que figura sobre a outra cruz na bandeira, na Union Jack, simboliza as duas mãos

de Jacob abençoando a prole. Os dois tenentes do brazão são: o Leão de Judá e o Unicornio de Efraim-Israel, isto é, juntas, a Judéa e a Samaria. E a casa real inglêsa vem diretamente dos reis de Judá, cuja púrpura se conserva no pavilhão nacional e na farda tradicional dos soldados (3).

De fáto, muitos e muitos séculos antes do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, já os judeus se haviam dispersado pelo mundo, sobretudo se infiltrando nas colonias fenicias e logo se apoderando do comercio nas cidades que lhes davam guarida. Na opinião de grandes e reputados historiadores, em Cartago dominavam mais os judeus do que os proprios fenicios e aquela Fé Punica a que aludiam os romanos nada mais era do que uma Fé Judaica.

Após a queda de Cartago — escreve o erudito Georges Barbarin — "os israelitas enxamearam por toda a parte no contorno do Mediterraneo. Alguns passaram o estreito de Gibraltar e subiram ao longo dos litorais para o Norte." Alcançaram, assim, a Inglaterra. E, segundo o autor citado: "Os exegetas anglo-saxões pretendem que sua raça é a continuação da raça israelita e que fôram marcados para grandes destinos. Argumentam com o fáto do seu sistema de medidas ser o mêsmo dos hebreus..."

(3) J. H. Allen, "Judah's sceptre and Joseph's birthright", ed. Shaw, Michigan, 1902, pgs. 268-269, 294-295, 299, 304-305, 321 e o Apendice com as genealogias reais de Judá até a Inglaterra, através da Irlanda e da Escócia; Gowler, "Our Scythian Ancestors", sobretudo pg. 6.

Em verdade, quando acompanhamos a marcha dos elementos judaicos se enquistando nas varias civilizações, sugando-as e abandonando-as, logo que se enchem de ouro, vamos encontrá-los, após Cartago, em Alexandria, em Bizancio, em Veneza, em Lisbôa, em Amsterdão e, afinal, depois de d'Israeli, no pleno dominio do Imperio Britanico. Fôram essas as etapas que o judaismo foi percorrendo até construir, em Albion, *um trono de ouro sobre o mar,* como dizia Ruskin.

D'Israeli, lord Beaconsfield, judeu veneziano de origem, fundador do Imperio-Judaico-Britanico, foi uma criatura do Poder Oculto do judaismo. Êste o lançou com uma propaganda hábil, como faz com as *estrelas* de cinema, e levou-o até a presidencia do ministerio. Quem lê com a devida atenção os livros do famoso estadista "Conningsby" e "Endymion", quem medita sobre seu tão falado "Aylesbury Speech" verifica que êle conhecia a fundo as *forças secretas* que regem os destinos do mundo. Confessa sua existencia a cada passo. Confissões notabilissimas, partindo de quem partem.

Praticamente, o povo inglês chega a não existir. Reduz-se hoje á maruja dos navios e aos mineiros do carvão. A' sombra das famosas leis liberais inglêsas, a camarilha judaica se apoderou do país, detendo os postos técnicos e de comando. O mundo tem a impressão dum governo inglês e de uma politica inglêsa, quando o que existe, na verdade, é um governo judaico com uma politica judaica, agindo sob a camuflagem de Na-

ção Inglêsa. Aliás, é o que recentemente ainda assegura um notavel escritor néo-zelandês: "uma rodinha de judeus usa do Imperio Britanico (4)." Usa e abusa.

Pondo de parte a veracidade das teorias de uma origem judaica do povo inglês, a história mostra contudo a lenta e segura conquista da Grã Bretanha pelo judaismo através dos tempos, dêsde Oliveiro Cromwell, protetor dos judeus, ligado secretamente aos hebreus da Holanda e de Portugal. Essa conquista arrancou aos reinos católicos da Iberia o dominio do mundo, sua realeza econômica, passando-a ás mãos duma emporocracia talassocratica protestante-judaica, primeiro instalada nas Provincias-Unidas dos Países-Baixos, depois no "navio que Deus na Mancha ancorou".

A conquista revela-se a ôlho nú em 1830, quando os judeus iniciam a luta pela abrogação do juramento cristão que lhes impedia o exercicio das funções públicas. Em 1844, essa fórmula foi revogada para os cargos de carater municipal. Os judeus penetraram na vida pública dos municipios. Em 1847, Lionel Rotschild, lord e barão, fez-se eleger deputado por Londres, mas teve de renunciar por ter sido rejeitado o *Jew's Bill*, que eximia os israelitas daquêle juramento na Câmara dos Comuns. Em 1851, o judeu David Salomon, tambem eleito deputado por Londres, repeliu o jura-

(4) Georges Barbarin, "Le secret de la Grande Pyramide", ed. Adyar, Paris, 1936, pgs. 82-85; Gustavo Barroso, "O fim do Imperio Britanico" "in" "O Povo", Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1937; Ruskin, "The stones of Venice"; A. N. Field, "All these things".

mento e só se retirou do recinto compelido pela força. Um escándalo encomendado a um judeu de categoria mais inferior, porque o barão Lionel não o poderia dar... Em 1858, Lord John Russell, criatura do judaismo, propunha uma lei que omitia do juramento incriminado as palavras *on the true faith of a christian*, pela verdadeira fé de cristão, abrindo as portas do Parlamento e do governo á judiaria todo-poderosa. A Inglaterra caíra definitivamente em suas mãos (5).

O bastão de lider da Cámara dos Comuns foi um dia empunhado pelo judeu Benjamin d'Israeli, depois lord Beaconsfield. "Cedo convertido á Igreja Anglicana, a exemplo dos Ricardo e Goschen, não deixou por isso de servir mais eficazmente ás aspirações e aos interesses de Israel. Quando chegou a ministro, póde-se dizer que era a IDÉA JUDAICA que chegava ao poder." Defendeu-a como escritor e como estadista. Imaginou mêsmo uma teoria racista, antes de Gobineau, provando que só as raças puras teem superioridade real no mundo e que, entre essas raças, a mais brilhantemente pura é a israelita. Toda a sua vida pública se inspirou nêsse pensamento e "poucas pessôas na Inglaterra e na Europa o compreenderam e previram as consequencias de sua politica oriental fundamentalmente judaica (6)."

Êle creou o Imperio Britanico, pondo a corôa imperial das Indias na cabeça da Rainha Vitória e do-

---

(5) Roger Lambelin, op. cit., pgs. 12 e segs.

(6) Op. cit., pgs. 15 e segs.; "Lettres de lord Beaconsfield á sa soeur", ed. Perrin, Paris, 1889.

minando o famoso Congresso de Berlim. A' sombra de seu prestigio, a Inglaterra se encheu de judeus fugidos aos ghettos da Alemanha e da Austria.

Dêsde o século XVIII o leopardo judaico-inglês pusera a pata dominadora sobre a peninsula iberica, enfraquecida na luta contra o judaismo acastelado nos países protestantes do Norte. A guerra da Sucessão de Espanha permitira que a bandeira vermelha de Israel-Albion tremulasse em Gibraltar e que, pelo tratado Methuen, o judeu reinasse mercantilmente sobre a inépcia portuguêsa, como escreveu Oliveira Martins. Êsse reinado prolongou-se sobre a America Espanhola e sobre a America Portuguêsa, quando a Inglaterra se tornou, depois de Trafalgar, senhora incontestavel dos mares.

Sua intervenção é constante. No transporte de D. João VI, escapo aos francêses; na abertura de nossos portos ao comercio do mundo, então comercio unicamente inglês; nas lutas da independencia. Quando nos separámos de Portugal, a Inglaterra nos ajudou com geito e negociou o reconhecimento de nossa emancipação. Um diplomata britanico revela que, então, lord Canning quiz fazer do Brasil "um Imperio dependente da Grã Bretanha" (7). A maçonaria inglêsa exerce ação preponderante nas revoluções internas do nosso país através de agentes de toda a casta, inclusive o general Miranda. Imiscúe-se no Prata, onde desembarca tropas. Intervem na questão da Cisplatina e na

(7) W. D. Christie, op. cit., pg. 106.

guerra de Corso de 1825 a 1828. Pelo tratado comercial que celebra com o Imperio em 1827, é tal o tratamento preferencial que recebe que as rendas do Brasil se tornam insuficientes para as suas despesas (8). Os deficits obrigam-nos a emprestimos onerosos com os judeus inglêses, que nos escravizam. Não podendo pôr o pé no continente, a Inglaterra ocupa em 1842 as Malvinas, roubando escandalosamente um pedaço do sólo argentino, como quis fazer com a Trindade nos nossos dias. Oculta ou aparente, *a pata do leopardo de rabo de serpente* está em tudo e em toda a parte na história da America Meridional.

A questão Christie em 1862-1863 é o resultado fatal de todos êsses antecedentes. Tentativa do Imperio Judaico-Britanico para humilhar o Imperio Cristão-Brasileiro que se fortalecia e poderia escapar ao seu predominio. A onda veiu se formando de muito longe até chegar a rebentar com estardalhaço e espumarada na praia.

Em 1862, ao *ministerio dos tres dias* de Zacarias de Góis e Vasconcelos, sucedia o chamado ministerio dos Velhos, composto de antigos estadistas, cabeças encanecidas ao serviço da pátria nas lides da administração e da politica, com o marquês de Olinda na presidencia, representando o passado, a tradição, o conservadorismo puro, que voltava á tona após a Conciliação realizada pelo marquês do Paraná, já falecido, a qual muitos tinham denominado com ironia a Confusão.

(8) Op. cit., pg. 109.

JOHN BULL ACORRENTADO POR ISRAEL

(Caricatura inglêsa)

Nêsse ministerio, o mais moço, Cansanção de Sinimbú, contava cincoenta anos. Os outros eram homens ainda do tumultuoso periodo da Regencia. Um gabinete de bom senso, equilibrio politico e trabalho. A pasta dos Estrangeiros com Miguel Calmon du Pin e Almeida, marquês de Abrantes, em cujas mãos ia estourar a bomba (9). As mãos eram firmes, porem.

Dêsde a tarifa preferencial de 1809, imposta pela *pata do leopardo* ao Brasil-Reino que a pólvora para essa explosão se acumulava. No Segundo Reinado, os agravos entre o Imperio e a Grã Bretanha chegaram ao ponto de D. Pedro II fazer pouco caso do enviado extraordinario sir Ellis, em 1842, e da Rainha Vitória recusar a grã cruz do Cruzeiro. A questão do tráfico negreiro se envenenava dêsde a aurora do Primeiro Reinado. Canning, querendo realizar o dominio sobre o Imperio, após o reconhecimento da Independencia, conseguira a convenção de 23 de novembro de 1826 para a supressão do mêsmo tráfico. Era desmantelar economicamente a nação que nascia. Por essa convenção, ficava estipulado que tres anos após a troca das ratificações do tratado de reconhecimento da Independencia por Portugal, portanto em 1829, o tráfico seria considerado piratăria. Renovavam-se mais as disposições do tratado entre a Grã Bretanha e Portugal de 22 de janeiro de 1815 e convenção adicional de 28 de julho de 1817. Por isso, o governo inglês entendia que todo es-

(9) Pedro Calmon, "O marquês de Abrantes", ed. Guanabara, Rio, 1933, pgs. 272-278.

cravo entrado no Brasil depois de 1830 estava ilegalmente escravizado e era livre de pleno direito. Era, por exemplo, a tese de Christie (10). A "policia violenta do tráfico" exercida pelos cruzeiros britanicos creára uma excitação pública, que aumentára sobretudo depois de 1844. O estopim da bomba fôra o Bill Aberdeen, sujeitando as presas do contrabando de escravos aos tribunais da Inglaterra.

Sucediam-se amiudadamente incidentes desagradaveis, culminando no dia em que a fortaleza de Paranaguá trocou tiros com a fragata "Carmorath", que perseguia rente á costa um brigue brasileiro. Demais, alem da policia do tráfico, o inglês pretendia atuar, com o pretexto do combate á escravidão, na economia interna da nação, fiscalizando o destino dado aos *emancipados*, aos negros apreendidos em contrabando, que a lei considerava livres e o Governo Imperial alugava a particulares ou aldeava em colonias até que estivessem devidamente preparados á vida de cidadãos (11).

Em verdade, a escravidão era uma ignominia, porém passára ao rol dos fátos naturais e sobre ela repousava a economia nacional. Não era possivel aboli-la subitamente, sem cuidar de substituir convenientemente a mão de obra. Seria atirar o país de sopetão á miseria e os proprios escravos a uma situação triste e perigosa por não estarem preparados para a liberdade. Os estadistas do Imperio reconheciam a neces-

(10) Op. cit., pg. 81.
(11) Pedro Calmon, op. cit., pgs. 278 e segs.

sidade de realizar essa obra social gradualmente, sem atentar de chôfre contra a organização economica da nação e contra a propriedade particular garantida pela lei. Muito complexo, o problema não podia ser resolvido ás pressas. Se á Inglaterra convinha a desarticulação da agricultura brasileira, da riqueza nacional, afim de que prosperassem suas colonias, isso naturalmente não convinha ao Brasil.

Começou-se com Eusebio de Queiroz pela repressão do trafico como pirataria em 1850. Repressão dificilima numa linha de costas formidavel como a do Brasil. Os navios negreiros, sempre pequenos, brigues, patachos, escunas e palhabotes, zombavam dos cruzeiros imperiais e inglêses, entravam em qualquer porto ignorado, escondiam-se por trás das ilhas, fundeavam nos canais e enseadas, e encontravam a melhor acolhida da parte da população que precisava sempre de trabalhadores domesticos ou agricolas. As autoridades ás vezes eram cúmplices do contrabando, de outras cediam á pressão da opinião geral. De fáto, carregamento de negros entrado num portozinho qualquer era carregamento salvo e lucrativo. Na verdade, "o tráfico tinha por si tudo e a todos — da moral aos costumes, dos interesses ao patriotismo, ricos e pobres, grandes e plebeus. Contra só as leis, os tratados, os inglêses, as autoridades, o governo. Levantavam-se vozes no parlamento para excusá-lo. A reação dos representantes nacionais contra os excessos inglêses justificava, indiretamente, o comercio negreiro". A repressão dava lugar "a uma teia de complicações", dêsde

os empenhos politicos ás indenizações aos particulares prejudicados (12).

Alem disso, o alto comercio de escravos desfrutava uma situação de influencia preponderante, graças ao eleitoralismo corrupto do sistema parlamentar. Os grandes mercadores de carne humana que a forneciam aos fazendeiros carecidos de colonos, mediante hipoteca de suas fazendas, se haviam transformado em meros especuladores e apoderado da propriedade territorial (13). Ditavam leis. Manejavam jornais. Influiam na politica. Eram uma verdadeira potencia, tanto no Brasil como nos portos de embarque da costa d'Africa, onde a caçada aos negros se fazia com os maiores requintes de selvageria. Entre êles, como principais, os cristãos novos Fonsecas, firma poderosa do Rio de Janeiro, com ramificações dentro e fóra do país. Todos os que se ocupavam do infame comercio, quer os que exportavam escravos, quer os que os transportavam, quer os que os importavam no Brasil, em Cuba e em outros pontos da America, se ligavam na mêsma solidariedade. Verdadeira *societas sceleris* (14).

A pata do leopardo dava razões de humanidade para cobrir a prática de seus excessos contra a nossa soberania. Ficava-lhe aparentemente muito bem a ati-

---

(12) Wanderley de Pinho, "Cotegipe e seu tempo", ed. da Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1937, pgs. 197 e 214.

(13) Joaquim Nabuco, op. cit., t. I, pg. 225; Discurso de Eusebio de Queiroz no Senado, na sessão de 16 de julho de 1852.

(14) Relatorio de Cansanção de Sinimbú, chefe de policia da Côrte, em 7 de abril de 1856.

tude hipócrita. "A Inglaterra — escreve Wanderley de Pinho —, acordando, *por motivos mais economicos* do que politicos ou humanitarios, no coração de seus estadistas, uma seródia filantropia... se fazia libertadora, depois de explorar o comercio de escravos até as vésperas de se resolver a persegui-lo (15)." O que o judaismo inglês não queria era o enriquecimento e fortalecimento do Imperio Brasileiro. Pobre, encalacrado de dividas, seria seu escravo. Tanto assim que os filántropos e anti-esclavagistas inglêses transportavam os negros apreendidos ás suas possessões nas Antilhas, Barbados, Santa Lucia, Trindade, Bermudas, Bahamas, Jamaica, onde os entregavam aos colonos sob o rótulo de *aprendizes*, com o prazo de sete anos de trabalho forçado, verdadeira escravidão disfarçada com o letreiro de aprendizagem da liberdade... (16)

Nas "Vozes d'Africa" e no "Navio Negreiro", o genio de Castro Alves cantou a triste sina dos escravos trazidos da costa d'Africa nos veleiros brigues dos traficantes sem alma. Mas, nêsse caso, a poesia ficou além da realidade. A mercadoria humana atulhava currais nos portos de embarque como verdadeiro gado e era lançada encadeada aos porões lôbregos e imundos. Pasto de doenças e epidemias, sem a menor higiene, nús, mal alimentados, feridos pelos grilhões que lhes estorvavam qualquer rebelião, fazendo onde estavam

---

(15) Op. cit., pg. 201. Os grifos são nossos.
(16) Op. cit., pg. 221.

suas necessidades, os infelizes pretos morriam ás chusmas e eram lançados ao mar. De muitas milhas ao longe — depõe um oficial da marinha inglêsa — se sentia o fétido dum navio negreiro. Comercio monstruoso e navegação monstruosa, exercidos por homens sem o menor escrúpulo, a escória da sociedade, a salsugem dos portos, a rafaméa das cidades. Capazes de tudo. Os grandes lucros faziam com que se arriscassem a afrontar os cruzeiros nacionais e inglêses. Os rigores dêstes últimos dificultavam a navegação, obrigavam a manobras e fugas, a longos bordejos sem agua e sem bolacha, no fim da travessia, ao fechamento completo dos porões. Quem sofria era a *carga.* De modo que a *filantropia* inglêsa peorava as condições dos negros transportados.

Nenhuma nação do mundo tivera mais escravos, tinha-os naquêle tempo e continuaria a tê-los até hoje sob fórmas disfarçadas, como nas minas de diamantes da Africa do Sul, do que a liberal e judaica Inglaterra. De repente, ante o crescimento do Brasil, cuja agricultura se desenvolvia com o auxilio do braço africano, fadando-o a glorioso destino, o judaismo se alarmou e impeliu o governo de Sua Majestade a Rainha Vitória a assumir papel simpatico de defesa da liberdade dos pretos *destinados ao Brasil.*

Assumiu-o á maneira inglêsa, quando o inglês se sente forte. Semeou o Atlantico de cruzeiros e desmandou-se na repressão, fiado na proteção de suas esquadras. A imprensa facciosa açulava os inglêses aqui de

dentro, batia-lhes palmas, fazia de seus desacatos á soberania nacional arma de combate ao partido no poder. Chegava até a defender o estrangeiro contra o Imperio. Por isso, êle se não contentava somente em apreender a escravaria trazida furtivamente da Outra Banda, mas entendia confiscar os negros transportados duma provincia para a outra, por via maritima, com todos os documentos legalizados. No meado do século, devido ao crescimento sem par das lavouras paulista, fluminense e mineira, com a "atração do café", as populações trabalhadoras emigravam do Norte para o Sul. Houve verdadeiro exodo. Naturalmente, a mão de obra negra tambem era transferida, o que fazia minguar a vida agricola da Baía, do Nordeste todo, mêsmo do Maranhão e Pará, sendo o começo de decadencia economica dessas regiões (17).

Os cónsules britanicos intervinham com alarde nos processos dos negreiros surpreendidos em flagrante pela policia imperial. Queriam, ás vezes, favorecer protegidos seus, como o maçon Menezes Drummond no famoso processo de Serinhaem. O rito de York era solidario, *apesar da filantropia,* com os Filhos da Viuva negreiros atrapalhados. A legação inglêsa tomára tais atitudes que — como declara Nabuco — se tornára aqui verdadeira Anti Slavery Society (18), a qual já dirigira um Memorial ao Imperador. Parece que a legação não tinha outra finalidade. Em Londres, for-

(17) Op. cit., pgs. 217 e 373.
(18) Joaquim Nabuco, op. cit., t. I, pgs. 237 e 241.

mavam uma frente unica contra o Brasil, arrazando-o na tribuna e na imprensa, Aberdeen, Peel, Lyndhurst, Russell, Pollock, Thesiger, Palmerston. Em julho de 1861, lord Palmerston declarava na Cámara dos Lords que o Brasil violava flagrantemente todos os seus compromissos em materia de repressão do tráfico e não atendia sequer ás reclamações que lhe eram dirigidas sobre a entrega das listas dos negros livres (19).

Por mais que se esforçasse em combater o tráfico dêsde a promulgação da lei de 1850, o Governo Imperial não podia, devido á complexidade do problema, acabar com êle do dia para a noite, sobretudo quando era visivel o intuito do leopardo judaico de comprar uma briga, afim de nos humilhar á sua potestade. Daí os atritos seguidos, constantes, que acabaram rebentando na questão Christie, em 1861-1862, do nome do ministro inglês no Rio de Janeiro — William Dougal Christie. Tinha sido representante da Inglaterra em Buenos Aires, durante a presidencia de Urquiza, que não nos perdoava termos entrado na capital de sua pátria com armas e bandeiras, embora para dar-lhe o poder. Alí bebera uma grande prevenção contra o Imperio. Era criatura de lord Palmerston, amigo fiel de Rosas, que haviamos expelido da Argentina. A ação do seu protetor na Cámara dos Lords contra o Brasil foi tão inamistosa sempre que houve quem da propria tribuna parlamentar o acusasse de "inveterada hostilidade contra o governo brasileiro" e, mais ainda, de

(19) W. D. Christie, op. cit., pgs. 3-4.

"despeito" (20)! Lord Russell, ministro de Estrangeiros, o apoiava. Christie julgou que podia abusar de sua situação.

A questão negreira envenenára as relações britanico-brasileiras. Sobretudo por causa dos *emancipados,* negros tomados aos contrabandistas que eram pelos tratados considerados livres e cujo destino a Inglaterra entendia fiscalizar dentro do Imperio. De 1846 a 1850, época da lei Eusebio de Queiroz, baseando-se nas convenções anteriores, que consideravam o tráfico pirataria, o ministro inglês James Hudson levára o tempo a fazer sucessivas reclamações a respeito. Christie retomou-as com aspereza. Entendia que o Brasil era responsavel perante a Grã Bretanha pela sorte dos *emancipados.* Queria saber, como escrevia em nota a lord Russel, quantos existiam entre 1830 e 1845, desesperando-se por não haver estatisticas. Entrava até na questão do pagamento devido pelo Governo Imperial aos *emancipados* e não queria aceitar o encontro de contas com as despesas de re-exportação de negros para a Africa. Condenava o Governo do Brasil por tratar como escravos africanos livres e reclamava furiosamente só ter sido a sua nota de 11 de novembro de 1860, sobre a suspensão dos processos da comissão mixta de repressão, respondida em novembro de 1861. Fazia-se éco de todas as reclamações dos inglêses no nosso país, justas ou injustas, mêsmo as contra a expi-

(20) Op. cit., pgs. 104. Textualmente: "inveterate hostility to the government of Brazil"; "Spite!"

ração do tratado preferencial, em consequencia da tarifa protecionista de 1844. Era um nunca acabar de recriminações. Algumas acrimoniosas (21).

A escravidão era — na frase de grande escritor — uma "anomalia consagrada" pelo uso secular e pelas leis do país; era uma "chaga que interessava órgãos vitais". A Grã Bretanha chegava-lhe o cauterio brutalmente, porque não eram seus os órgãos vitais atingidos.... Ajudára a independencia do Imperio, diplomaticamente, porque isso desmembrava Portugal e creava uma nação nova que podia vir a ficar na sua órbita de influencia. Portugal isolado foi presa fácil para os dentes do judaismo britanico que o triturou até Salazar... Logo no tratado de reconhecimento da emancipação brasileira se meteu a cláusula *humanitaria* contra a escrávidão, que privaria a nova nação de sua base de trabalho, a empobreceria e a tornaria o que sonhava Canning — um Imperio dependente da Inglaterra...

O tumor que se vinha formando nas relações do Brasil com a Grã Bretanha supurou em 1861. Nêsse ano, deu á costa do Rio Grande do Sul a barca inglêsa "Prince of Wales". Os pescadores e moradores da redondeza pilharam os salvados, matando ou ferindo os homens da tripulação que os quiseram defender (22). O governo inglês reclamou energicamente contra os

(21) Op. cit., pgs. 3, 47 e segs.; 145 e segs.; Carta de Christie a lord Russell, de 12 de novembro de 1862.

(22) Discurso de lord Palmerston na Cámara dos Lords, em 7 de maio de 1863.

ladrões e assassinos. Ainda se não resolvera êsse incidente, quando surgiu outro. A 17 de junho de 1862, tres oficiais da fragata inglêsa "Forte", surta no porto do Rio de Janeiro, á paisana e bastante alcoolizados, desacataram um posto policial na Tijuca. Presos, logo que o delegado os identificou, os pôs em liberdade e pediu desculpas. Christie não se conformou: tomou o pião na unha, agarrando no ar o pretexto para tentar humilhar o Imperio. Quando vemos nos nossos dias os Estados Unidos aceitarem excusas e satisfações pelo afundamento da canhoneira "Panay" por aviões japonêses, verificamos o irrisorio motivo da questão Christie e que, quando se teem canhões, se pódem afundar navios de guerra, e, quando se não teem, não se pódem nem prender no seu territorio oficiais de marinha bebedos e malcriados...

Christie considerou ofendida a dignidade da marinha inglêsa e exigiu maiores satisfações. O marquês de Abrantes, ministro de Estrangeiros, negou-se dignamente a dá-las. Lord John Russell, criatura dos judeus, como vimos no inicio do capitulo, apoiou as notas de Christie, dizendo-lhe que usasse de medidas extremas, mas como último recurso. Apaixonado pelo caso e já de longa data empeçonhado, o diplomata somente se impressionou com a faculdade de recorrer áquellas medidas. Perdeu a tramontana e lançou mão delas, ordenando represálias imediatas. "Gastou — escreve Pedro Calmon, biografando o marquês de Abrantes — numa demonstração inútil de força o prestig

que detinha, e arrastou sua bandeira a uma aventura que a deslocou para sempre das aguas territoriais sul-americanas. O incidente terminou peor para a Inglaterra, porque fez suceder á atitude militar, de desfôrra, uma atitude pacifica, de conciliação, que foi em parte rejeitada pelo Governo Imperial; e porque, reconhecida a razão que nos assistia pelas nações estrangeiras, houve mais tarde de dar ao Brasil cabais satisfações pela injuria cometida (23)."

A pata do leopardo deu a pancada no vácuo... O Imperio não estava no lugar que pensava. Erro de pontaria... Christie dirigiu um ultimatum ao Governo Imperial, a 5 de dezembro de 1862, juntando o caso da "Prince of Wales" ao caso da "Forte". A 18, o marquês de Abrantes respondeu sem pressa que ia submeter tudo diretamente ao Foreign Office. O ministro protestou em nota do dia 20: não aceitava o entendimento diréto do Governo Imperial com o Governo Real e daria as ordens necessarias ao chefe da estação naval no Rio de Janeiro para conseguir pela força a reparação exigida. Perdera completamente a calma. Abrantes conservava uma serenidade olimpica que lhe daria a vitória.

Replicando a Christie, o marquês declarou achar preferivel sofrer quaisquer males a sacrificar o decôro e a dignidade do Imperio, apelando para o juizo das nações civilizadas. No dia 30, o representante britanico ordenou ao almirante Warren que iniciasse as re-

(23) Pedro Calmon, op. cit., pg. 283.

presálias. A 31, êle apreendia á vista da barra cinco navios mercantes brasileiros. Levaram a noticia a Abrantes, quando jogava o voltarete, em grande moda na época. O marquês limitou-se a sorrir... (24)

O povo amontoava-se nas praças e ruas principais, fervendo de indignação. Oradores populares atacavam violentamente a Inglaterra. Foi preciso a policia guardar a legação britanica para evitar o irreparavel. Deante da calma de Abrantes, Christie começou a sentir-se acabrunhado. No dia 1.° de janeiro, enviou uma proposta de solução do litigio por arbitramento. Sentiu que avançara demasiado, que estava ás portas duma guerra injusta e desnecessaria. Quis recuar. Abrantes acedeu entrar em conversações. Reuniu-se o Conselho de Ministros, deliberou e resolveu aceitar o arbitramento para o caso dos oficiais da "Forte", mas limitando-se o árbitro a responder a esta simples pergunta: houve ofensa á marinha inglêsa? Quanto ao caso da "Prince of Wales", o Governo Imperial pagaria em Londres a indenização reclamada de £ 3.200 sob protesto. Discutir-se-ia depois. Ao tomar conhecimento destas resoluções, Christie lembrou o veto possivel do Foreign Office. Abrantes manteve-se firme e êle cedeu, cessando as represálias e relaxando as presas.

Em março de 1863, desorientado, o ministro inglês abandonou o Brasil, embarcando na fragata "Forsite". Andava de mão em mão um folheto em que era

---

(24) Wanderley de Pinho, op. cit., pgs. 666-667.

pintado com grande crueldade e que teve imenso exito, "O governo inglês e a logica do canhão". A voz do povo atribuia sua autoria ao proprio Imperador. A questão Christie em verdade fôra uma patada. Vimos as razões ocultas que a determinaram. Houve quem as pressentisse naquella época. A 8 de janeiro de 1863, Sampaio Viana escrevia a Cotegipe: "...nunca pensei que tão subitamente surgisse um *casus belli* tão ridiculo quanto iniquo e violento. Para mim isto é mais do que *le commencement de la fin.* Dado o primeiro passo virão logo a intimação positiva para o tratado, a reclamação dos 60 mil contos de despesa feita com os cruzeiros por causa do tráfico, a renovação da questão sobre os consulados, a emancipação dos escravos existentes, etc., etc. DECIDIDAMENTE A INGLATERRA VÊ E CALCULA QUE ÊSTE GIGANTE DA AMERICA DO SUL, APESAR DE TUDO, CRESCE E CRESCE, E ISTO NÃO LHE CONVEM, é pois preciso apoquentá-lo e não hesita em fazê-lo..."

Apesar do oferecimento de mediação do rei de Portugal, o árbitro escolhido foi Leopoldo I, rei dos Belgas, que pronunciou sentença inteiramente favoravel ao Brasil. As relações diplomaticas, porém, permaneceram rôtas entre a Inglaterra e o Brasil até 23 de setembro de 1865, quando, no acampamento de Uruguaiana, cercados os paraguaios de Estigarribia pelo Exercito Imperial, o enviado extraordinario Thornton se apresentou a D. Pedro II para dizer-lhe que o governo de Sua Majestade a Rainha Vitória aceitava a

decisão do Rei dos Belgas e estava disposto a nomear ministro para o Rio de Janeiro, logo que o Imperador quisesse reatar as bôas relações. Devia-se êsse belo resultado final á mediação do Rei de Portugal por intermedio de seu representante em Londres, o conde do Lavradio (25). Devia-se mais ainda ao comercio importador e exportador da Inglaterra, sobretudo das praças de Manchester e de Londres, que, vendo prejudicados seus interesses diretos, dêsde o principio da questão se tinham mostrado favoraveis ao Brasil.

---

(25) Rio Branco, op. cit., pg. 616.

Capitulo VIII

O POMO DA DISCORDIA

O Uruguai foi sempre — como o definiu Joaquim Nabuco — "o mais delicado e perigoso problema de nossa politica exterior (1)", pomo de discordia com a Argentina e o Paraguai. Ali se chocaram na última investida a conquista bandeirante e a conquista espanhola. Os portuguêses queriam o Prata como limite natural ao Sul; os castelhanos queriam êsse limite na altura da ilha de Santa Catarina, em obediencia aos dictames do tratado de Tordesilhas. Dos avanços e recúos, sancionados pelas armas ou pelas convenções, sobrou afinal a independencia uruguaia. Os limites variaram ao sabor daquelas armas e convenções do Ararapeí ao Prata até se fixarem na linha do Chuí ao Quaraím pelo Jaguarão e o divisor do Aceguá. Mas a penetração brasileira continuou além da raia até hoje.

Entre o Prata e seus afluentes, e o Brasil, as mesopotamias que Teófilo Ottoni chamava com propriedade "os ducados do rio da Prata". Cansanção de Sinimbú quisera-os independentes como Estados-tampões entre a ambição sempre renascente do Vice-Reinado platino e a estabilidade brasileira. O sonho da

(1) Joaquim Nabuco, op. cit., t. II, pg. 151.

reconstrução do Vice-Reinado ás vezes se aumentava com o da conquista, separação ou absorção do Rio Grande do Sul, como ao tempo de Rosas. Sarmiento, a maior cabeça da Argentina, queria a formação dos Estados Unidos da America do Sul, compreendendo o Paraguai, o Uruguai e a Argentina, com sua capital, Argiropolis, a Cidade da Prata, na ilha estrategica de Martin Garcia (2). Elizalde acrescentava-lhes, talvez como reminiscencia da antiga Audiencia de Charcas, a Bolivia (3).

Em todos êsses *ducados* — Uruguai, Corrientes e Entre Rios, imperava desenfreada caudilhagem militar com seu cortejo de horrores; mas, devido á penetração de elementos brasileiros além fronteira e das condições importantes de sua situação geografica entre o rio Uruguai, o Prata e o oceano Atlantico, em nenhum dêles eram tão grandes os interesses do Brasil em ter vizinhança calma e ordeira, como no primeiro. A anarquia da época de Artigas obrigára o Brasil-Reino a conquistar e incorporar a Cisplatina. Não podendo conservá-la, o Primeiro Reinado outorgára-lhe a independencia. O Segundo Reinado velava por essa independencia, afim de se não estender a Argentina até ali e proteger os súditos imperiais residentes no territorio fronteiriço. Não tinha outros intuitos, embora pelo fáto de já ter sido a Banda Oriental provincia nossa, muitos pensarem que ainda meditassemos desejos de conquista.

---

(2) Domingos F. Sarmiento, "Argyropolis", Buenos Aires.

(3) Joaquim Nabuco, op. cit., t. II, pg. 152.

Dêsde a paz de 1828, a politica do Brasil no Prata demonstrára um "desinteresse sem exemplo". E' a confissão clara e explicita do eminente D. Andrés Lamas (4). Fazendo guerra a Rosas, dêle livraramos a Argentina e libertáramos o Uruguai de seu assécla, Oribe, o Corta-Cabeças. Nada pedimos em pagamento de tão grandes serviços, nem dinheiro, nem compensações territoriais, nem tratamentos preferenciais. Em 1854, quando chegou ao auge a luta dos caudilhos e o governo oriental se viu sem forças para resistir á onda de anarquia que assolava o país, pediu ao Governo Imperial mantivesse a ordem interna. Mandou-se ao Uruguai uma divisão do Exercito sob o comando do general Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, férreo soldado, a qual lá permaneceu por espaço de uns dois anos, ocupando e policiando o territorio, tendo sido o mais louvavel possivel o seu procedimento e havendo povo e governo solenemente reconhecido sua disciplina e moralidade (5). Retirada a divisão brasileira de ocupação, renasceu a agitação caudilhesca, culminando em 1858 no horrivel crime de Quinteros.

O general Anacleto Medina cercára ali os revolucionarios inimigos do governo *blanco,* que capitularam com todas as garantias. A capitulação, porém, foi violada por ordem oficial vinda de Montevidéu e 152 pessôas fôram fusiladas ou degoladas friamente. En-

(4) Carta a Francisco Hordeñana, em fevereiro de 1854.

(5) Fala do Trono na abertura da sessão parlamentar de 1856.

tre elas, o coronel Cesar Dias, herói da batalha de Caseros (6).

A caudilhagem á sôlta rodopiava pela campanha, depredando as propriedades dos brasileiros estabelecidos no Uruguai. Ás vezes, vinha mêsmo praticar desatinos no territorio do Brasil. Respondiam-lhe os riograndenses com as famosas *californias* ou expedições punitivas, entre as quais ficaram célebres as de Francisco Pedro de Abreu, barão de Jacuí, o Moringue. Refugiavam-se no Rio Grande os vencidos de qualquer côr politica e logo vinha a acusação de que o Imperio os protegia. Ao partido vencedor tambem se acusava sempre de receber auxilio do Brasil, de estar a serviço do Brasil (7).

Essa acusação pesou especialmente sobre Venancio Flôres muito antes do Imperio se manifestar em seu favor. Em 1855, fôra apeado do poder por uma revolução e exilára-se em Buenos Aires, onde lhe deram a melhor acolhida. Conseguira as bôas graças de Mitre. Seu pensamento fixo era, naturalmente, reconquistar a pátria e o poder. Em 1863, com tres companheiros apenas, surgiu no Rincão das Galinhas e fez uma proclamação entusiastica aos seus patricios. Vinha libertá-los da odiosa tirania do partido *blanco,* impopularizado pela matança de Quinteros. Dentro em pouco, chegava a Mercedes com quinhentos homens.

---

(6) Paula Cidade, "Leandro Gomez e Paisandú" "in" "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro", Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1929, t. CV, pgs. 274-275.

(7) Joaquim Nabuco, op. cit., t. II, pg. 156.

Desbaratou, depois, os governistas em Coquimbo e Las Cañas. Sua Cruzada Libertadora ateou no país o incendio da guerra civil, que trouxe, tanto na presidencia de Bernardo Berro, até 1.° de março de 1864, como na de seu sucessor, Atanasio Aguirre, os maiores vexames e atribulações aos brasileiros residentes ou proprietarios no Uruguai (8).

Êsses vexames e atribulações repetiam-se a cada passo, sobretudo nas zonas proximas da fronteira, em Montevidéu e Paisandú, dando origem a incidentes desagradaveis. Ora eram propriedades saqueadas ou incendiadas, gados roubados ou destruidos; ora, individuos forçados ao serviço militar nas hostes do governo ou vitimas de surras e maus tratos (9). O Imperio apresentava consecutivas reclamações ao governo uruguaio que adiava as soluções, iludia as perguntas, negava os informes, entrava no caminho das evasivas ou protestava com veemencia contra as *californias* ou represálias fronteiriças. Os brasileiros residentes na Banda Oriental enviaram ao Rio de Janeiro como seu representante o general Antonio de Souza Neto, antigo chefe farroupilha, portador dum Apêlo, que era quasi uma intimação ao governo que êles entendiam os aban-

---

(8) Coronel Dias de Oliveira, "Guerra do Paraguai", "in" "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro", Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1917, tomo especial consagrado ao Primeiro Congresso de História Nacional, p. V, tese 7.ª, pgs. 312 e segs.

(9) Romulo T. Rossi, "Episodis historicos — Bombardeo y toma de Paisandú — La Cruzada Libertadora", ed. Peña Hermanos, Montevidéu, 1923.

donava á sanha dos caudilhos estrangeiros: "Temos direito á vossa proteção ou devemos contar somente conôsco (10)?" Havia nessas palavras qualquer cousa do antigo sentimento revolucionario do Rio Grande do Sul que alarmou as esferas politicas e governamentais.

O general Neto incendiou as mentes no Rio de Janeiro. Os agravos que nos faziam estavam a exigir pronta e sumária justiça. O clamor das ruas queria a guerra a todo transe. Os proprios maçons liberais como o conselheiro José Maria do Amaral, Teófilo Ottoni e o marquês de São Vicente, Pimenta Bueno, acorreram em apoio do seu irmão tripingado e farrapo, declarando-se partidarios duma intervenção rápida e energica. O Imperador temia que ela desencadeasse a luta em todo o rio da Prata (11). Naturalmente, D. Pedro II, que não raciocinava preso ás ideologias das sociedades secretas, nem com elas mantinha o menor comercio, mas com o espirito livre, desembaraçado, sempre inclinado ao dever de rei e ao bem do seu povo, compreendia que havia outras forças por trás da injustificavel arrogancia provocadora do governo uruguaio. Essa força era o Paraguai, isto é, Francisco Solano Lopez, "a incógnita que ninguem resolvera... (12)"

A prudencia imperial demorava por êsse grave motivo a solução do caso, embora já tivesse enviado

(10) Publicado pelo "Espectador da America do Sul".

(11) Joaquim Nabuco, op. cit., t. II, pgs. 166-167.

(12) Op. cit., t. II, pg. 189, "in" nota.

para as aguas uruguaias os navios de guerra do almirante marquês de Tamandaré, cuja bravura e brasilidade mereciam a confiança da nação. Êle seria ali, de fáto, o "árbitro politico", se a maçonaria o não impedisse de atuar como queria, lançando mão de outros homens e de outros meios. Árbitro politico, chamou-lhe um historiador militar, mas esqueceu de alinhar as razões que destruiram a sua ação (13).

Uma força financeira se agitou contra a guerra em perspectiva: Mauá. Escreveu nos jornais, entendeu-se com os pro-homens do regime, esforçou-se em pintar o abismo para que ia correr o Governo Imperial, intervindo no Uruguai. Por toda a parte diziam que eram os interesses do Banco Mauá em Montevidéu que estavam berrando. Na verdade, Irineu Evangelista de Souza emprestára dinheiro seguidamente ao governo *blanco* de Bernardo Berro, enquanto durára a paz com o Imperio e mêsmo após a cruzada de Flôres. A entrada do Brasil em guerra seria fatalmente a queda daquêle governo e a subida dos *colorados*. Mauá procurou garantir-se e procurou o general Flôres, que consentiu em ouvi-lo, como enviado semi-oficial do governo blanco. Não se sabe o que o financeiro e o caudilho conversaram em segredo. Mauá tinha grande prática dêsses entendimentos entre caudilhos e tiranetes platinos. Em 1859, fôra o grande intermediario do governo de Buenos Aires junto a D. Justo José de Ur-

(13) Coronel Dias de Oliveira, op. cit., pg. 317.

quiza (14). Sentia que a guerra seria o fim de sua realeza economica no Brasil e no Prata, realeza já abalada. Combatia por isso a guerra. Tinha razão o povo em dizer que os seus interesses berravam.

Com efeito, o grande declinio de Mauá começou em 1864, com a vitória dos *colorados* sobre os *blancos*. Berro, a quem emprestára somas importantes, foi substituido a 1.º de março por Aguirre. O auxilio do Imperio a Flôres, dando a êste a vitória, creou situação dificil para a casa Mauá, suspeita de simpatias pelos *blancos*. No Brasil, a crise daquêle ano, verdadeiro "rebate popular", determinára corridas aos bancos, fechamento de casas bancarias, firmas aguas abaixo, aglomerações nas ruas, gritarias do povo, esgotamento das reservas metalicas e decretos de curso forçado do papel-moeda, criando grandes tropeços aos negocios de Mauá. Era uma crise da "maior complexidade" que sobrevinha de repente ás portas da guerra estrangeira como uma reencarnação da de 1857 (15). Mais um golpe desferido da sombra na economia nacional pelo judaismo bôlsista.

Durante a guerra, que logo se sucedeu á do Uruguai, Mauá se encarregou de transportes e fornecimentos, mas de modo limitado. Um dêsses fornecimentos fez a pedido de seu amigo, o visconde do Rio Branco (16). O governo brasileiro abandonou-o de vez, so-

---

(14) A. Comte. "La Cruzada Libertadora", pg. 117; Alberto Faria, op. cit., pgs. 58-60.

(15) Joaquim Nabuco, op. cit., t. II, pgs. 132 e segs.

(16) Alberto Faria, op. cit., pg. 62.

bretudo depois do terceiro ministerio do inflexivel Zacarias de Góis e Vasconcelos. No Uruguai, o partido *colorado* perseguiu-o como pôde. As sucessivas revoluções, uma de quatro em quatro mêses, arruinaram-lhe as empresas e dificultaram-lhe as transações. Quando chegou *el año terrible*, 1875, houve um diluvio de emissões e os bancos sossobraram. O de Mauá fechou as portas. Onze anos antes êle clamava contra a guerra, adivinhando o fim que o esperava.

"Representante desinteressado da civilização na America Meridional (17)", o Imperio não desejava nem provocava a guerra; mas não fugiria a êsse recurso extremo, se a isso o compelissem. Forçado pelo clamor público contra as atribulações e vexames sofridos pelos brasileiros, enviou em missão especial a Montevidéu o conselheiro José Antonio Saraiva. A má vontade oriental recebeu a missão Saraiva como se trouxesse no bôjo a intervenção em favor de Flôres (18), o que absolutamente não era verdade.

Saraiva chegou a Montevidéu a 6 de maio de 1864, verificando que o presidente Atanasio Aguirre era homem "indeciso e fraco", dominado por uma camarilha violentamente anti-brasileira. Tentou fortalecê-lo para resistir a ela e dar ao Imperio as satisfações exigidas pelos seus interesses prejudicados e sua honra nacional ferida. Nada conseguiu. Seu ultimatum, ainda assim,

---

(17) Joaquim Nabuco, "La guerra del Paraguay", versão castelhana de Gonzalo Reparaz, ed. Garnier, Paris, 1905, pgs. 47-48.

(18) Alberto Faria, op. cit., pg. 345.

foi antes um derradeiro apêlo amigavel. Pedia o minimo possivel: castigo dos culpados pelas tropelias cometidas, indenizações pelos prejuizos e roubos causados, libertação dos brasileiros presos e recrutados. Apresentára-se como um pacificador e somente encontrára má vontade. Naquela atmosfera irrespiravel sua missão abortou.

Compreendeu a inanidade de seus esforços e que havia uma *incógnita* naquela politica agressiva. Dirigiu-se a Buenos Aires, onde eram vivas as simpatias pela causa de Flôres. Mitre recebeu-o de braços abertos. A situação mudou completamente. Os entendimentos entre o diplomata brasileiro e o governante argentino inauguraram a politica de aproximação de que resultaria como ponto culminante a Triplice Aliança, facilitando ao Brasil uma linha fluvial de comunicações com suas bases que lhe deu finalmente a vitória sobre o tirano do Paraguai (19).

A 2 de dezembro de 1864, o visconde do Rio Branco substituía o conselheiro Saraiva no Prata. A *incógnita* que existia por trás do governo de Aguirre era o Paraguai. Daí os desafios ao Brasil. Logo compreendeu isso o almirante Tamandaré, que iniciára as represálias, imobilizando o unico vapor de guerra da República e obrigando-o a encalhar, incendiado pela tripulação, bloqueando os portos, apoderando-se da cidade de Salto e atacando a de Paisandú, enquanto o

(19) Joaquim Nabuco, "Um estadista do Imperio", 1.ª ed., t. II, pg. 177.

general João Propicio Mena Barreto, visconde de São Gabriel, organizava apressadamente pequeno corpo de exercito expedicionario, na fronteira e invadia o territorio oriental. Compunham-no uma divisão: duas brigadas de infantaria, uma de cavalaria e um regimento de artilharia. Destinava-se a ser o núcleo da concentração do futuro exercito contra o Paraguai. Flôres já se havia aproximado dos imperiais, cujos interesses eram agora comuns aos seus, conferenciando com o almirante no arroio Sacra e vindo formar ao seu lado.

O comandante da cidade de Salto, coronel Palomeque, aparentou resistir e logo se rendeu enrolado na bandeira uruguaia por temer desacatos ou violencias da parte dos milicianos de Flôres (20). Paisandú, entrincheirada e artilhada, era comandada por um oficial destemido e bárbaro, o coronel Leandro Gomez, que degolava cruelmente os prisioneiros, quer fôssem gaúchos dos bandos rebeldes de Flôres, quer fôssem rapazêlhos inocentes como o tambor da canhonheira imperial "Ivaí" (21). Fôra um dos peores carrascos da matança hedionda de Quinteros (22). Resistiu valentemente ao ataque inopinado dos floristas apoiados pelo destacamento de desembarque da marinha imperial. O encarniçado combate de ruas por horas e horas a fio esgotou os atacantes, sendo necessario espe-

(20) E. C. Jourdan, "História das campanhas do Uruguai, Mato Grosso e Paraguai", t. I, pg. 62.

(21) Op. cit., t. I, pgs. 59-62; Moreira de Azevedo, "Quadros Guerreiros", pg. 22.

(22) Romulo T. Rossi, op. cit., pgs. de 33 a 184.

rar a chegada da divisão do visconde de São Gabriel para sitiar devidamente a praça e tomá-la nos últimos dias de dezembro.

Por ocasião da tomada da cidade, o coronel Leandro Gomez, que se disfarçára e escondera, foi aprisionado por uma patrulha brasileira. Declarou, porém, preferir ser prisioneiro de seus patricios. Entregue em mãos do coronel *colorado* Gregorio Suarez, vulgo Goyo Suarez, êste o mandou fusilar com outros chefes prisioneiros pelo major Belen. Goyo Suarez vingava um "hondo agravío", a morte de sua mãe, queimada viva dentro dum rancho por Leandro Gomez, em Polanco del Rio Negro, cercanias de Quinteros. O Governo Imperial reclamou a punição dos culpados por êsse crime e o almirante Tamandaré forçou o general Flôres a afastar do exercito o coronel Goyo Suarez e o major Belen. Contudo, dessa morte se fez no Prata grande alarde, imputando-a aos brasileiros. Essa calúnia é um dos cavalos de batalha dos inimigos do Brasil (23).

Embora sitiado, Leandro Gomez mantinha ligações secretas com Montevidéu, sobretudo através de

---

(23) Op. cit., pgs. 33-34, 154-155 e 184; Mastermann, "Siete años de aventuras en el Paraguay", ed. de 1911, pg. 63 "in" nota; Juansilvano Godoi, "Monografias Historicas", 1.ª série, pg. 59; Schneider, "A guerra da Triplice Aliança", ed. de 1876, t. I, pgs. 52-53; Moreira de Azevedo, op. cit., pg. 18; Theodore Fix, "La guerre du Paraguay", ed. Tanera, Paris, 1870, pg. 38; Gustavo Barroso, "O Brasil em face do Prata", cap. "A execução de Leandro Gomez"; J. L. Rodrigues da Silva, "Recordações da Campanha do Paraguay", ed. Weiszflog, São Paulo, pg. 15; Oficio do ministro de Estrangeiros do Brasil ao visconde do Rio Branco, de 22 de janeiro de 1865; "Boletin Oficial", de D. Venancio Flôres.

GENERAL OSORIO, MARQUEZ DE HERVAL

agentes judaicos. Um dêles, de nome Vich, empregado na Administração dos Correios, em companhia duma judia francêsa de vida airada, sua amásia, pretendeu penetrar na praça sitiada. Apresentou-se nas linhas de assédio com alguns sacerdotes e irmãs de caridade ludibriados, pretextando auxilio aos feridos e doentes de Paisandú. Dizia-se medico e trazia um joven ajudante, carregando ambos maletas de medicamentos. Descobriu-se quem êle era, que o ajudante não passava da tal sujeita disfarçada de homem e que as maletas continham documentos secretos importantes... (24).

Depois da tomada de Paisandú, o Exercito Imperial e as tropas irregulares de Flôres, parte embarcados e parte por terra, aproximaram-se de Montevidéu. O almirante Tamandaré queria tomar a capital, impôr a paz com as condições da vitória e obter reparação condigna aos agravos sofridos pelo Brasil, cuja bandeira a canalha das ruas arrastára pelas sargetas (25).

A 2 de fevereiro de 1865, Tamandaré notificou o bloqueio de Montevidéu, tomando suas canhonheiras posições para o bombardeio. Era, na verdade, o árbitro da situação. Dentro da cidade, campeavam a anarquia e o terror. A multidão torvelinhava pelas ruas e praças em improperios contra o Brasil. "Organizou-se uma Junta de Salvação Pública, que somente cometia imprudencias e loucuras. Susviela, o ministro da

(24) E. C. Jourdan, op. cit., t. I, pg. 62.
(25) Informação do general A. Diaz ao governo uruguaio.

Guerra aclamado por ela, não passava de verdadeiro energúmeno (26)." Era um dos mais estrénuos partidários de Solano López, que esperava somente um pretexto para declarar guerra ao Imperio (27).

Se por trás do Uruguai estava o Paraguai, por trás dêste estava o governo dos Estados Unidos, como o demonstra a ação do ministro Washburn em Assunção, favorecendo judaica e maçonicamente, como se já naquêle tempo se apregoasse *campeão da democracia*, as repúblicas, fôsse qual fôsse seu estado de barbárie caudilhesca, contra a unica monarquia do continente (28).

Susviela, Herrera, Las Carreras, Sagastume, Camiños, os pro-homens do partido *blanco*, amparavam-se no Paraguai, que seria mais tarde refúgio e túmulo para alguns. "Insistia o gabinete de São Christovam para que Montevidéu fôsse imediatamente atacada e tomada pelas armas. Achava urgente e imprescindivel uma lição igual á de Paisandú. Mas José Maria da Silva Paranhos, o plenipotenciario imperial que acompanhava as forças em ação, julgava mais prudente esperar um pouco, afim de que a capital uruguaia compreendesse sua lastimavel situação e de motu-proprio se entregasse, o que pouparia grande sacrificio de vidas. Com efeito, receosos do seu desvario naquêles

---

(26) Gustavo Barroso, "A guerra do Flôres", pg. 179.

(27) Manuel Gálvez, "Por que occurrió la guerra del Paraguay"? "in" "La Nacion", Buenos Aires, n.º de 7 de outubro de 1928.

(28) Luis Alberto Herrera, "La clausura de los rios", pg. 477.

dias de agitação, todos quantos se tinham comprometido na demagogia dos últimos tempos abandonaram cautelosamente a cidade investida, desamparando Aguirre, que passou o governo a D. Tomás Villalba, presidente do Senado. E êste, livre da pressão da arraia-miúda, pôde celebrar com Paranhos a suspensão das hostilidades que decretou o célebre convénio de 20 de janeiro de 1865, na vila da União (29)."

A convenção declarava querer evitar nova efusão de sangue e novas desgraças entre irmãos e uma nação vizinha, cuja amizade devia ser "um empenho honroso e grato para ambos os governos"; estatuia a reconciliação da familia oriental, a igualdade politica e civil de amigos e inimigos, a punição dos crimes cometidos, a governação provisoria do país pelo general Flôres, reconhecimento de empregos e propriedades, licenciamento e desarmamento dos guardas nacionais. Assinaram-na D. Venancio Flôres, Paranhos e D. Manuel Herrera y Obes, êste por parte de D. Tomás Villalba (30).

O almirante Tamandaré não se conformou com essa convenção feita de afogadilho e sem o seu beneplacito, quando tinha a responsabilidade das operações mais importantes, as de guerra. Suas divergencias com o visconde do Rio Branco começaram com a tomada de Paisandú. O chefe naval era homem rispido e fran-

(29) Gustavo Barroso, op. cit., pgs. 180-181.
(30) José Maria da Silva Paranhos, visconde do Rio Branco, "A Convenção de 20 de fevereiro explicada á luz dos debates do Senado e dos sucessos de Uruguaiana", Rio de Janeiro, 1865.

co, que detestava ao extremo tricas politicas e mentiras diplomaticas. Nunca havia pertencido nem pertenceria jamais a sociedades secretas. O plenipotenciario era maçon notorio e morreria grão mestre da maçonaria brasileira, cujo adeus lhe seria levado á borda do túmulo pelo *irmão* graduado, conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

Rio Branco metia-se a dar quináus em materia militar. Achára erro a "operação secundaria" da tomada de Paisandú, pois bastaria Mena Barreto obrigar o exercito *blanco* a um recúo sobre Montevidéu para estar decidida a sorte da guerra. Todavia, os criticos atuais julgam tecnicamente certa a ação de Tamandaré. Paisandú era admiravel ponto de apoio e vigilancia, magnifica base de operações navais, o dominio da linha de comunicações do rio Uruguai, a chave das mesopotamias, onde se desenrolaria mais tarde a concentração e a primeira contra-ofensiva contra o Paraguai; demais, um efeito moral surpreendente e uma ameaça á capital próxima. O velho marinheiro estava certo. O diplomata-maçon estava errado (31).

A divergencia acirrou-se com a convenção de 20 de fevereiro, agenciada graças á intervenção amistosa de outro maçon, o ministro da Italia em Montevidéu, Rafael Ulisses Barbolani. No seu teor, é uma convenção maçónica, que rouba ao Imperio o fruto da vitória paga com o sangue de seus marinheiros e soldados. Ao

(31) H. Boiteux, "Os nossos almirantes"; Paula Cidade, "Leandro Gomez e Paisandú".

saber do que se tramava, Tamandaré ficou "pasmado" e protestou, depois do pasmo, energicamente. Como confessava ao Governo Imperial, entendia que, tendo instruções para obter plena reparação dos agravos feitos ao Brasil, que devia ser firmada por "uma capitulação militar com os governos beligerantes", a solução dada muito deixava a desejar "a quem só aspira a gloria do seu país e a sustentar a honra da bandeira nacional". Declarava ainda sentir-se em situação *falsa, desairosa*, em *posição inferior* e *inconveniente*, demitindo-se do comando que exercia (32).

A capitulação que devia ser militar, como queria coberto de razões o general do mar encarregado da guerra, transformou-se em mera combinação ou acôrdo maçónico-politico, sem vencedores e sem vencidos, sem responsabilidades definidas e com os mêsmos fermentos de luta para o futuro. Nossas tropas entraram pacificamente em Montevidéu e o unico desagravo de nossa bandeira foi uma salva de artilharia, quando a hastearam no mastro do forte de São José. O Governo Imperial sentiu bem quanta verdade reçumava das sentidas palavras do almirante, manteve-o no posto, aprovou a convenção por já estar assinada, mas demitiu o visconde do Rio Branco, *hóspede do barão* de Mauá, outro interessado nos conchavos em que se salvam os negocios, embora se humilhem as bandeiras.

---

(32) Correspondencia trocada entre Tamandaré e o ministro da Marinha em 1864-1865, no Arquivo Nacional; Gustavo Barroso, "Tamandaré, o Nelson Brasileiro", ed. Guanabara, Rio de Janeiro, pgs. 156 e segs.

E' curioso, no entanto, seja dito de passagem, que Paranhos tenha sido, mais tarde, o plenipotenciario escolhido para ultimar diplomaticamente a guerra do Paraguai. Não fôsse êle grão mestre do Grande Oriente da rua do Lavradio.

O visconde foi muito atacado pela convenção de 20 de fevereiro. Defendeu-se com grande habilidade. Talento não lhe faltava. Nem aprumo. D. Andrés Lamas tambem o defendeu, o que era natural por ser a convenção favorabilissima ao seu país. A República Oriental estava, depois dela, "não só em perfeita e honrosa paz com o Brasil, como ainda lhe devia pela segunda vez o mais generoso concurso para a reconciliação dos orientais, e o restabelecimento de suas liberdades civís e politicas (33)."

Ligado á politica dos *blancos* por uma ALLIANÇA OFENSIVA E DEFENSIVA, dêsde 1862, quando Vasquez Sagastume a negociára com D. Carlos Lopez, o Paraguai protestára junto a Mitre contra os auxilios prestados a Flôres, declarára em agosto ameaçadoramente considerar *casus belli* qualquer ocupação do territorio oriental pelo Brasil, pois atentaria contra o equilibrio do Prata, e acabára aprisionando inopinadamente, em novembro, o paquete "Marquês de Olinda" e invadindo a provincia de Mato Grosso. Sagastume lisonjeára a megalomania de Solano López, insinuando-lhe que o

(33) Decreto do Governo Provisorio da República Oriental do Uruguai, de 28 de fevereiro de 1865, agradecendo a cooperação do Imperio Brasileiro.

Brasil, roído de dissenções intimas, sobretudo no Rio Grande do Sul, era um gigante dos pés de barro. Facilmente se suscitaria uma revolta da sua população escrava, dêsde que se anunciassem as primeiras vitórias e se desguarnecessem as provincias agricolas. Estava desarmado em face dum Paraguai preparado dêsde 1844. Nenhum outro povo do continente americano se aliaria ao Imperio detestado. Urquiza combinára marchar a favor dos uruguaios e paraguaios com as milicias de Entre Rios. A rápida mobilização paraguaia paralizaria a monarquia e matá-la-ia antes que se pudesse defender. López garantiria com uma guerra vitoriosa e gloriosa o futuro de sua pátria, cobrindo-a de louros eternos (34).

O Governo Imperial deu á intervenção paraguaia em favor dos *blancos* "a mêsma atenção que ao zumbir duma môsca". Liquidado o caso do Uruguai, decidiu-se a resolver a *incógnita* das selvas e pántanos guaranis. Lutou cinco anos em terra e nas aguas, mas decifrou a Esfinge Lopista, apesar de toda a sua força aparente e de todas as forças ocultas que a protegiam. Assim, o Imperio atingiu seu apogeu.

---

(34) Luis Alberto de Herrera, "La diplomacia oriental en el Paraguay"; Baez, "Resumen de la historia del Paraguay".

Capitulo IX

O IMPERIO E OS DOIS GALOS DE BRIGA

O Imperio marchou contra o Paraguai, que o provocava e afrontava, levando um galo de briga debaixo de cada braço. A imagem é de Alberdi, o grande pensador argentino (1). Cego pelo seu odio pessoal a D. Bartolomeu Mitre, assim via a Triplice Aliança. Com o mêsmo calor a condenaram Guido Spano e Juan Carlos Gomez. Eliseu Réclus, na "Revue des Deux Mondes", não lhes ficou atrás. Houve grande grita contra ela, quando o Livro Azul da Inglaterra revelou ao mundo o *tratado secreto* que a firmára. Assinavam-no Francisco Otaviano de Almeida Rosa, pelo Brasil, D. Rufino de Elizalde, pela Argentina, e D. Carlos de Castro, pelo Uruguai. A diplomacia imperial obtivera tudo de Mitre, declara, desalentado, o diplomata paraguaio Gregorio Benitez (2). Isso não custou barato ao erario imperial. No começo da guerra, emprestámos á Argentina um milhão de

---

(1) "La allianza del Imperio del Brasil con las Republicas Argentina y Oriental era tan desigual que mucho se parecia a un juego de gallos que el jugador lleva debajo de cada brazo uno, para hacerles reñir en provecho y honra de galero solamente". Alberdi, "Bases".

(2) "Anales diplomatico y militar de la guerra del Paraguay", tip. Muñoz Hermanos, Assunção, 1906, t. I, pg. 141.

pesos (3). Em 1867, ajudavamos seu tesouro exausto com trezentos mil patacões (4). O Uruguai, como vimos em capitulo anterior, vivia mercê "del subsidio que le pagara el Imperio". Benitez denominava Flôres, por isso, *vaqueano* do Brasil. Nos nossos dias, o escritor lopista D. Juan O'Leary intitula-o *el dócil caudillo* e acrescenta a *vaqueano* a palavra *cúmplice*, mais ofensiva. Na sua franqueza caudilhesca, Flôres reconhecia a supremacia imperial. Disse uma feita a Caxias: "Nem eu nem Mitre somos generais chefes; chefe é o senhor, que tem exercito (5)."

O republicanismo espano-americano nunca pensou que as duas repúblicas se aliassem ao Imperio. Não via as cousas na sua profundidade. A um estadista argentino como Mitre, que tudo fazia para a unificação da Argentina, cheia ainda de reguletes locais, como Urquiza, *o czar de Entre Rios*, não era possivel ficar do lado de Lopez, cujo hipertrofia seria o desmembramento das mesopotamias limitrofes do Brasil e a absorpção da ambicionada Banda Oriental. O Paraguai estava ligado *secretamente* a Urquiza e êste achava odiosa qualquer aliança da Argentina com o Imperio (6). Mitre sabia-o e sabia que, mêsmo aliado a Lopez, o triunfo do ditador seria o seu fim.

(3) "Nación Argentina", n.º de 24 de fevereiro de 1876.

(4) Luis Alberto de Herrera, "Buenos Aires, Urquiza y el Uruguay", pg. 88.

(5) Schneider, op. cit., t. II, pg. 147.

(6) Lemos Brito, "Guerra do Paraguai", Rio de Janeiro, 1927, pg. 177. Carta de Urquiza a Mitre.

Sabia ainda que a palavra final no caso seria dita pelo Imperio, cujas tropas já ocupavam o Uruguai, onde Flôres se achava á sua mercê. Entrar na guerra do lado do Brasil era entrar do lado da vitória, fazer das provincias argentinas a linha de comunicações dos exercitos, que nelas derramariam o ouro imperial, e, ao mêsmo tempo, não correr perigo algum e processar á sombra da guerra a unidade nacional pela destruição da caudilhagem (7). A aliança estava tão preparada pelos acontecimentos e conversações que Mitre recebeu Otaviano a 20 de abril de 1865 e a 1.° de maio, embora não existisse telegrafo, o tratado se assinára como se houvesse combinação anterior.

Eis como um argentino contemporáneo e participante da guerra via a situação: "...um dos átos mais conscientes do general Mitre foi não fugir a essa guerra. Em caso algum, deveriamos consentir que os brasileiros a fizessem sozinhos, porquanto o triunfo, com maiores ou menores sacrificios, seria dêles afinal de contas, o que se tornaria perigoso para nosso país, que ficaria com um exercito vitorioso nas suas fronteiras." O mêsmo observador acrescenta que Lopez já se infiltrára no territorio das Missões argentinas e ameaçava ajudar a oposição contra Mitre, que não era pequena. Com a Triplice Aliança, a Argentina tiraria mais vantagens. Alimentando ainda a "idéa de união" do Uruguai, talvez ela se pudesse realizar em conse-

(7) Joaquim Nabuco, "La guerra del Paraguay", pg. 73.

quencia de marcharem unidos para uma guerra estrangeira (8).

Vencedor no Uruguai, graças á bôa vontade dos argentinos e á intervenção do Brasil, Flôres não podia deixar de acompanhar seus protetores, mêsmo porque a vitória de ambos era questão de vida e morte para êle. Lopez e Urquiza tinham-se unido por trás dos bastidores e levado os *blancos* áquela intransigencia de que resultára a intervenção militar do Imperio (9). Dêles vitoriosos Flôres não poderia esperar a menor piedade.

De fáto, Urquiza estava comprometido com Lopez. Comprometidissimo (10). Mitre nomeou-o comandante das cavalarias entrerianas. Êle convocou suas milicias e fê-las se dissolverem *por si* nos acampamentos de Basualdo e Toledo. Passára em revista o Exercito Aliado, que se concentrára em Concordia. Compreendera a situação dificil em que Lopez se encontraria dentro de algum tempo. Falhou aos seus compromissos (11). Apesar de detestar o Imperio no fundo do coração e de detestar Mitre tanto quanto o Imperio, o astuto cacique de Entre Rios preferiu aban-

---

(8) Francisco Seeber, "Cartas sobre la guerra del Paraguay — 1865-1866", ed. J. Rosso, Buenos Aires, 1907, pgs. 29-31.

(9) Lemos Brito, op. cit., pg. 166.

(10) Depoimento do general Francisco Isidoro Resquin, chefe do estado maior paraguaio, no quartel general do Exercito Brasileiro, em Humaitá, a 20 de março de 1870, "in" Mastermann, op. cit., pgs. 400 e segs.

(11) Gregorio Benitez, op. cit., t. I, pg. 9 e docs. ás pgs. 138 e 184.

donar a aliança firmada com o Paraguai e enriquecer, como enriqueceu, fornecendo cavalos ao Exercito Imperial (12). Mas, como a vária fortuna das armas dum momento para o outro se poderia voltar a favor de Lopez, tambem não convinha vanguardear os Aliados. Por isso, as milicias entrerianas dissolveram-se *por si*...

Urquiza foi um trunfo que faltou á última hora ao jogo de longa data preparado por Francisco Solano Lopez. A guerra estava premeditada quasi dez anos antes, em 1856, quando êle era simplesmente um joven general de regresso duma viagem á Europa e ainda reinava no Paraguay D. Carlos Antonio Lopez, seu pai. Fôra sempre seu *pensamento secreto* manter, apesar dos tratados, a clausura dos rios. Para isso, construira ao norte o forte Olimpia e, ao sul, a fortaleza de Humaitá. Propunha-se anexar Mato Grosso, o territorio das Missões e as provincias de Entre Rios e Corrientes (13). Naturalmente, como conhecedor dessas ambições secretas, ao tempo em que privava com o tirano, o sr. Washburn, ex-ministro norte-americano em Assunnão, se achou autorizado a espalhar a fábula das pretenções de Lopez a uma corôa imperial no Prata. Encomendára em Paris o seu modelo e pretendia casar com uma princeza brasileira (14).

---

(12) Thompson, "La guerra del Paraguay", ed. Palumbo, Buenos Aires, 1910, pgs. 18 e 70.

(13) Antonio Zinny, "Historia de los gobernantes del Paraguay".

(14) C. A. Washburn, artigo publicado em Nova York, a 22 de janeiro de 1870, "in" Mastermann, op. cit., pgs. 388 e segs.

Em 1856, quando estivera em Assunção o escritor argentino Heitor Varela, Lopez confessou-lhe uma noite que premeditava a guerra. Não esperaria o ataque, disse. Atacaria em primeiro lugar. Precisava abater de vez a crista da Argentina e a preponderancia do Imperio na America do Sul. Como Heitor Varela fizesse algumas observações sobre o assunto, replicou-lhe textualmente: "Estou de posse de *segredos* que você ignora (15)."

Eis por que, mais tarde, Lopez podia dizer a D. Andrés Lamas estas palavras: "Se houver agressões ao Uruguai, *venham de onde vierem*, lembrem-se os orientais que existe um povo no seio das selvas que saberá fazê-los respeitar (16)". Em Lopez polarizava-se o anseio paraguaio de saída para o mar. Queria romper o seu "cerco geografico". Precisava de uma via de comunicação que completasse suas duas arterias: o Paraná e o Paraguai. Era natural, ensina o sociologo paraguaio Cardús Huerta, seu avanço para Corrientes, Entre Rios e o Uruguai. Quando Buenos Aires se vira em apuros no decurso da história, deveria ter agarrado as ocasiões pelos cabelos. Perdeu-as. Lopez, premeditando a guerra, queria remediar tardiamente aquêle terrivel "cerco geografico" (17). "Golpe tardio e des-

---

(15) Manuel Gálvez, "Por que occurió la guerra del Paraguay"? "in" "La Nación", Buenos Aires, 7 de outubro de 1928. A entrevista de Lopez e Varela foi estampada por êste último em "La Tribuna", de Buenos Aires, em 1856. O documento é insofismavel.

(16) Pedro S. Lamas, "Etapas de una gran politica".

(17) Cardús Huerta, "Arado, pluma y espada", ed. Domenech, Barcelona, 1911, pg. 437.

proporcionado", escreve Wanderley de Pinho. Deu-o e perdeu a cartada, porque a propria clausura creára uma passividade fatal ao povo paraguaio.

A nenhum outro póde ser comparado senão ao russo sob a pata esmagadora do comunismo judaico. Vivera sempre segregado do mundo e mergulhado na mais profunda ignorancia. O Paraguai era "a transfiguração historica do doutor Francia", diz Cecilio Baez (18). Nêsse "cemiterio de vivos", opina em outro lugar, a mocidade estava corrompida pela idolatria do poder e a abjeção da escravidão. Livros, só entravam os de missa e os catecismos. Jornais, só de contrabando. Não havia imprensa politica, nem vida politica. Nêsse regime, que, em 1852, Alberdi achava "egoista e escandaloso", reinavam o cretinismo e o terrorismo (19). A identicas conclusões chega Cardús Huerta: havia somente no Paraguai *comunismo economico, escravidão politica, estancamento intelectual e moral* (20).

Era, portanto, contra um povo bárbaro que o Imperio entrava em campanha com seus dois galos de briga. Vêde a pintura dos paraguaios feita por um veterano argentino: "Aquêles homens ignorantes, educados por cálculo sob o jugo duma disciplina férrea, — educação elaborada sistematica e sucessivamente em varias gerações, nas quais somente se haviam desen-

---

(18) "Cuadros historicos y descritivos", ed. H. Kraus, Assunção, 1906, pg. 139.

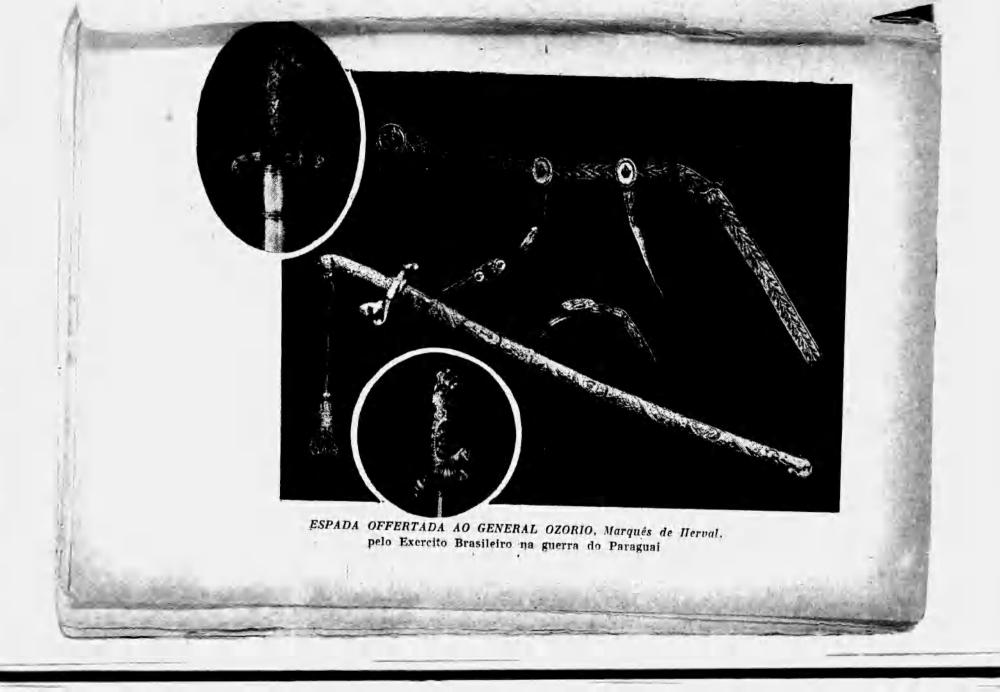
(19) "La tirania en el Paraguay", tip. de "El Pais", Assunção, 1903, pgs. 13, 15 e 37.

(20) Op. cit., pg. 257.

volvido o odio ao estrangeiro e o amor á terra natal, sentiam arder de entusiasmo o coração e se atiravam intrepidamente, com o maior despreso da vida, aos perigos, que arrostavam sinceros, não pelos louros da glória, mas por um dever que julgavam cumprir; e foi tão grande a influencia moral dêsses sentimentos que suportaram, como se viu, sofrimentos sobrehumanos e a mais atroz tirania, sem desertar um instante a causa que defendiam. Não conheciam as instituições da liberdade, nem seus beneficios; tinham vivido isolados, povoando os laranjais de sua terra feliz. Relaxados os vinculos familiares e obedecendo como unica lei e unica pátria a uma vontade superior, que calculadamente os mantinha na escravidão, era, portanto, um povo acampado pronto a formar á primeira ordem; disposto com suas grandes qualidades de sobriedade, submissão e valor á vida de soldado, mas do soldado ignorante e bárbaro que combate sem uma ideia e se sacrifica esterilmente pela obediencia passiva e o temor dos tormentos, sem vislumbrar sequer a esperança da vitória (21)." O quadro é maravilhosamente fiel á realidade.

Era, assim, aquêle "ejercito escuálido, pero fanatico y esclavo", descalço, de calças arregaçadas ou de tanga, com uma blusa vermelha, cartucheira-baú contendo cento e vinte cartuchos e barretina de couro crú, servindo de mochila para seus guardados; exercito que

(21) Garmendia, "Recuerdos de la guerra del Paraguay", 4.ª ed., Buenos Aires, 1890, pg. 118.

ESPADA OFFERTADA AO GENERAL OZORIO, Marquês de Herval,
pelo Exercito Brasileiro na guerra do Paraguai

MITRE e LOPEZ na entrevista de Iataiti-Corá em 11 de setembro de 1866

se lançava ferozmente contra os *cambás*, os negros do Imperador, e os *gringos* de Mitre e Flôres (22).

O chefe de tal gente, que estava "um gráu acima dos selvagens do pampa e obedecia como o boi ao dono", tão ignorante que não conhecia os outros países e nem sabia vêr uma figura (23); o chefe de tal gente, EL SUPREMO, não passava, segundo Garmendia, dum ignorante presunçoso" (24). Thompson, que foi de sua privança e testemunha a sua covardia pessoal, classifica-o "um monstro sem paralelo" (25). Para Baez, era "uma deformidade moral" (26). Nos nossos dias, muitos escritores sul-americanos procuram rehabilitá-lo, vendo nele uma vitima do Brasil e um herói epónimo do seu povo. Entre êsses lopistas, contam-se como os principais o mexicano Carlos Pereyra, o venezuelano Blanco Fombona e o paraguaio Juan O'Leary. Mas a sua defesa entusiastica e brilhante não consegue cancelar a sentença documentada e inapelavel da história sobre a crueldade e a miseria moral do tirano. Todavia, como o reconhece Joaquim Nabuco, foi uma *figura singular* na America, e soube morrer com o seu povo aniquilado.

Em 1854, percorrera a Europa em missão oficial e regressára deslumbrado pelos esplendores das paradas militares e das côrtes européas. Maravilhára-o a

---

(22) Op. cit., pgs. 43 e 117.
(23) Mastermann, op. cit., pgs. 1 e 37.
(24) Op. cit., pg. 38.
(25) "La guerra del Paraguay", pg. 1.
(26) "Cuadros historicos y descritivos", pg. 176.

disciplina dos soldados alemães e os magnificos uniformes do exercito de Napoleão III. Concertára inteligencias em varios países e encomendára armamentos navais e terrestres. Vinha decidido a arrancar o Paraguai do anonimato e a atirá-lo em plena luz. Queria ser uma personalidade falada e comentada. Um de seus diplomatas revela quais os *segredos* de que estava de posse e a que se referira na entrevista com Victor Varela. Solano Lopez contava com seis navios de guerra blindados, com muitos armamentos modernos e com *a intervenção coletiva de duas grandes potencias maritimas da Europa e da America* (27).

A revelação é sensacional e mostra que *certas forças* impeliam o ditador paraguaio á guerra, com quasi certeza da vitória. Elas, felizmente falharam. A diplomacia imperial, conseguindo, graças ás circunstancias favoraveis que já vimos, a Triplice Aliança, fortaleceu, sobretudo moralmente, a situação do Brasil. Já não era mais um Imperio sozinho contra uma República pequenina, nem os descendentes dos portuguêses travando o derradeiro prélio contra os descendentes dos espanhóis. Havia duas Repúblicas, dois povos de origem castelhana, como galos de briga da Monarquia. A tese do imperialismo contra o republicanismo encontrou, contudo, defensores; mas foi destruida pelos fátos, inclusivé pelo proprio ministro Washburn depois de sair do Paraguai (28).

---

(27) Gregorio Benitez, op. cit., pg. 5. A Inglaterra e os Estados Unidos? Assim parece, como se verá no decurso do capitulo.

(28) Loc. cit.

O *tratado secreto* da Triplice Aliança foi revelado por uma indiscreção diplomatica. O governo inglês, que talvez fôsse uma das *duas grandes potencias maritimas* que protegiam á socapa El Supremo, apressou-se em publicá-lo. Foi um escándalo. Sem razão. Pelo tratado, os tres signatarios se comprometiam a não depôr as armas sem apear Lopez do poder, a nada tratar separadamente, a garantir a integridade e a independencia do Paraguai, a obrigá-lo a pagar as despesas da guerra e a destruir as fortificações de Humaitá para tornar livre a navegação do rio (29). Se o tratado objetivasse a partilha do Paraguai como as nações européas fizeram com a Polonia, velha, tradicional e civilizadissima nação, era compreensivel a gritaria; mas nada disso preceituava, antes pelo contrario; derrubava uma tirania pessoal e respeitava a vida e a soberania da nação. O escándalo somente se justifica como despeito por aquela aliança que contrariava planos concertados na sombra e vinha tornar impossivel uma intervenção articulada em segredo.

Êsse segredo girava em torno da pessôa de Lopez, como se depreende do que disse a Heitor Varela. Só assim se póde compreender aquela atitude constantemente firme de D. Pedro II levando a guerra até o fim, até o esmagamento do tirano, custasse o que custasse. Essa como que *questão pessoal* devia ter uma razão profunda e muito grave. Durante a guerra, assegura Nabuco, a vontade permanente do Imperador foi a en-

---

(29) V. o texto do Tratado. "in" Thompson, op. cit., Apendice.

carnação da consciência nacional (30). Êle proprio o reconhecia na Fala do Trono de 1870; "A confiança que depositei na firmeza e patriotismo dos brasileiros foi amplamente justificada; e a história demonstrará em qualquer tempo que a geração atual se mostrou constante e invariavel com o pensamento unánime do desagravo á honra do Brasil." Por isso, se repeliam as mediações inglêsa e norte-americana, se fecharam ouvidos ás intervenções amigaveis das Repúblicas do Pacifico lideradas pelo Chile, se despresaram as propostas de Jataiti-Corá (31). O Imperador sabia por que era preciso destruir Lopez. Sua continuação seria eterna ameaça ao Brasil sob o beneplácito das forças internacionais.

Vinha de longe o dissidio entre o Imperio e a República do Paraguai, cuja independencia fôra reconhecida graças a nós, ao tempo de Rosas. O Imperador estava ao par da questão de longa data. O litigio era duplo: queriamos a fixação definitiva da linha fronteiriça e a livre navegação nos rios que serviam ao nosso *hinterland*. O Paraguai discutia os nossos direitos á região do Apa e nos acusava da ocupação do Pão de Açúcar; seus regulamentos policiais restringiam a liberdade de nossa navegação fluvial.

Em 1853, nossas relações estiveram tão tensas que Paulino Soares de Souza, visconde do Uruguai, reconhecia que somente a guerra resolveria essas dificul-

(30) Joaquim Nabuco, "La guerra del Paraguay", pgs. 98 e 103.
(31) Luis Alberto de Herrera, "El drama del 65", 2.ª ed., pg. 41.

dades (32). O governo "astuto e tenaz" de D. Carlos Antonio Lopez, pai de Solano, dava nas relações diplomaticas, devagarinho, um nó gordio que somente a espada poderia cortar. Em 1855, mandámos uma expedição militar efetivar nossas reclamações. José Maria Paranhos, então na pasta de Estrangeiros, escolheu para chefiá-la o comandante Pedro Ferreira, oficial em quem reconhecia grande perspicácia. João Mauricio Wanderley não confiava nêle e previu o desastroso resultado da expedição. Pedro Ferreira, que conduzia cinco mil homens de desembarque, obedeceu ás intimações paraguaias de não subir o rio e foi sozinho a Assunção, sujeitando-se a verdadeiros vexames até obter um tratado de Amizade, Comercio e Navegação, assinado a 27 de abril de 1855, cujas estipulações desconheciam o direito do Brasil á livre navegação dos rios, consignado no tratado de 25 de dezembro de 1850. O Imperador negou ratificação ao tratado que Pedro Ferreira negociára. Nossas legações no Prata informavam confidencialmente que o Paraguai se aprestava fortemente para a guerra. Nosso governo tomou, em consequencia, francas providencias nêsse sentido (33).

A resolução do caso, em vista disso, procrastinou-se. O ministro brasileiro Paranhos e o ministro paraguaio José Berges concertaram a 6 de abril de 1856 um adiamento de seis anos para tratar da questão de limites, na qual o Brasil defendia a teoria do *uti possi-*

(32) Op. cit., pg. 4.
(33) Wanderley de Pinho, op. cit., pgs. 438 e 445.

detis com origem de dominio. A tradição bandeirante. O Paraguai pretendia firmar-se na letra morta dos documentos historicos que excluem o dinamismo da vida. Queriamos a linha Iguatemi-Maracajú-Apa, que finalmente ficaria sendo a nossa (34).

Até 1862, governou o Paraguai D. Carlos Antonio Lopez. Receava a guerra e manteve a paz. Sucedeu-lhe o filho com as ideias que, em 1856, de volta do Velho Mundo, os olhos deslumbrados pelo esplendor do Imperio de Napoleão III, expusera "un tanto espiritualizado" a Heitor Varela. *In vino veritas*. Dominava-o completamente uma mulher com quem se amasiára na Europa e trouxera para Assunção com grande escándalo de toda a gente. Dizem que era tão bela que o povo do Paraguai a tomou ao desembarcar por um anjo...

Era uma judia irlandêsa, aventureira de alto bordo, que se divorciára do marido, o cientista Quatrefages, e, depois de passar por algumas mãos, conquistára o coração do joven general paraguaio e futuro sucessor de Lopez I, que visitava a Europa. Elisa Lynch é um dos enigmas da guerra. A imprensa brasileira e mêsmo a platina, na época, não a poupavam. Dizia-se que ela mantinha as mais intimas ligações com lord Palmerston, um dos chefes da maçonaria internacional, com quem amiudadamente se correspondia. Chegava-se até a atribuir ao lord a declaração de guerra ao Bra-

(34) Vicente G. Quesada, "La politica imperialista del Brasil", ed. Vaccaro, Buenos Aires, 1920, pg. 169.

sil. A Inglaterra desejava uma desforra da questão Christie, em que seu orgulho fôra abatido (35). Lord Palmerston era o amigo fiel de Rosas, o protetor de William Dougal Christie, o inimigo figadal do Imperio...

A influencia da judia irlandêsa era "perniciosa e completa" sobre o ditador. Passavam a vida em banquetes regados a champanha, ela de grande *toilette*, mêsmo em plena guerra. Falava-se mal de seu procedimento, ora com o general Caballero, ora com o tenente-coronel Thompson, que vivia na sua intimidade e lhe afinava o piano (36).

Revolvendo os documentos e escritos contemporaneos, verifica-se ter passado no Paraguai mais ou menos o que se passou recentemente na Espanha: o saque judaico. A guerra civil ou estrangeira, provocada pelos agentes do judaismo, permite que êsses mêsmos agentes se apoderem de todos os modos da riqueza nacional — metais, dinheiro, alfaias, reliquias, exportando-as em seu proveito. O Paraguai foi literalmente saqueado por Solano Lopez, manobrado por Elisa Lynch. "A guerra é a seara do judeu", diz Sombart.

O tirano sacrificou familias inteiras para se apoderar de seus bens. Mandava executar sob os mais diversos pretextos uma média de 20 a 25 pessôas diaria-

(35) "Semana Ilustrada", de 29 de janeiro de 1865, Rio de Janeiro, pg. 1731.

(36) Mastermann, op. cit., pgs. 29-30 e 410; H. F. Decoud, "Una década de vida nacional — 1869-1880", Assunção, 1925, t. I, pgs. 232-233.

mente (37). Tudo isso era feito com os maiores requintes de barbaridade. Quando o déspota pretendia haver uma conspiração contra êle, não respeitava a vida nem de seus irmãos. Não respeitou sua propria mãe, que foi, por sua ordem, surrada a pano de sabre (38)! As igrejas eram despojadas de todas as suas riquezas, que, empilhadas em carretas, seguiam os rastos da fuga de Lopez ainda nas Cordilheiras. As avançadas brasileiras apoderaram-se de muitas delas (39).

Antes de chegar a essas aperturas da retirada rumo aos sertões da Bolivia, toda a riqueza metalica do Paraguai era mandada para fora por Madame Lynch. Todos os meios lhe convinham para ganhar dinheiro. Negociava com couros e erva-mate, assegura Cecilio Baez. Em navios estrangeiros, mercantes ou de guerra, remetia caixões e sacos de ouro e prata para o exterior. Limpou o país. E' uma feição da guerra pouco estudada e para a qual chamamos a atenção dos pesquizadores. Em 1866, na fortaleza de Humaitá, Elisa Lynch embarcou diversas caixas de dinheiro na canhonheira italiana "Ardita": em 1868, enviou muitas

---

(37) Depoimento de frei Basilio de Bagnalia, vice-prefeito das missões de Mato Grosso, em Cuiabá, a 12 de novembro de 1869, "in" Mastermann, op. cit., pgs. 356 e 357.

(38) Depoimento de Silvestre Aveiro, secretario de Solano Lopez, a bordo da canhoneira imperial "Iguatemi", a 23 de março de 1870, "in" op. cit., pgs. 373 e segs.

(39) Théodore Fix, "La guerre du Paraguay", pg. 184; Taunay, "Diario do Exercito", t. II; J. L. Rodrigues da Silva, op. cit., pg. 76.

caixas com dinheiro e alfaias pela canhonheira francêsa "Decidée" (40).

As maiores somas fôram exportadas no derradeiro periodo da guerra, graças á legação norte-americana. Quando principiou a campanha, era ministro dos Estados Unidos em Assunção o sr. Carlos Washburn, autor mais tarde de uma pouco verdadeira "História da guerra do Paraguai". Foi "partidario acerrimo" de Lopez até 1868, quando tentou uma mediação com o Brasil. Seu procedimento provocou animadversão dos dois lados. Lopez passou a antipatizá-lo e persegui-lo até que o governo iánqui o substituiu pelo general Mac Mahon. Este se tornou criatura da intimidade de Lopez e da Lynch. Viveu continuamente no quartel general do tirano. Esteve nêle em Lomas Valentinas e Ita Ivaté durante os dias seguidos da furiosa batalha. Acompanhou EL SUPREMO a Peribebuí, levando os filhos que o ditador lhe confiára ao fugir. Somente o deixou quando no final da campanha das Cordilheiras. De regresso a Assunção, trazia grande número de caixões com dinheiro. Pediu uma força para guardá-los ao comando militar imperial, declarando tratar-se de quantias pertencentes a cidadãos inglêses, francêses e norte-americanos. Havia pouquissimos estrangeiros no Paraguai; nenhum nas ásperas Cordilheiras, naquela fáse da guerra de exterminio. A mentira saltava aos

(40) Cecilio Baez, "La tirania en el Paraguay", pgs. 179 e 277; Cuadros historicos y descritivos", pg. 188; Mastermann, op. cit., pgs. 213 e 367; Gregorio Benitez, op. cit., t. II, pg. 88; Thompson, op. cit., pg. 225.

olhos da cara. Mac Mahon fôra declarado por Lopez seu testamenteiro e a nossa imprensa o apelidára "o protetor dos Lopezinhos". O tirano deixava á sua amante 900 mil onças e patacões, e uma doação até hoje discutida de tres mil leguas de terras paraguaias (41)!

E' de admirar tenha o comando chefe das forças navais e terrestres deixado passar, mêsmo em navios de guerra estrangeiros, êsses caixões de dinheiro. O Imperio fazia a guerra com um liberalismo que era antes descuido, filho de absoluta ignorancia das questões vitais do mundo. Não se proclamou estado de sitio, não se tomou uma medida de excepção, não se suspendeu uma garantia individual. Nos editoriais da imprensa e na tribuna do parlamento, criticava-se amplamente a marcha das operações de guerra. Os jornais noticiavam tudo. Parece que não havia o menor segredo de estado-maior. No rio Paraguai, ocupado pela nossa esquadra, os pequenos navios de guerra estrangeiros faziam de lançadeiras, subindo e descendo, frequentando Humaitá e Assunção sob êste ou aquêle pretexto, e carregando o ouro da Lynch ou com que Lopez pagava armamentos na Europa, segundo depõe Gregorio Benitez, seu representante. Graças a esse

(41) Cecilio Baez, "La tirania en el Paraguay", pgs. 179 e 277; Thompson, op. cit., pgs. 143 e 201; Mastermann, op. cit., pgs. 149, 153, 155, 165 e 218; Correspondencia de Assunção, de 7 de julho de 1869, inserta na "Semana Ilustrada" do Rio de Janeiro, de 25 do mêsmo mês e ano, pg. 3599.

vai-vem de navios, EL SUPREMO recebia clandestinamente partidas de armas e de petrechos belicos (42).

Viviam nessas idas e vindas, sobretudo as canhoneiras americanas "Wasp" e inglêsas "Linnet" e "Beacon"; além delas, a francêsa "Decidée" e a italiana "Ardita". Depois da passagem de Humaitá, andaram continuamente de cá para lá, entre a ilha de Palmas e Assunção. Seus comandantes frequentavam amiudadamente o quartel general de Lopez em São Fernando (43). Um dêles, o da "Wasp", Kildman, era tão seu amigo que desacatou o ministro Washburn quando deixou de ser *persona grata* do déspota (44).

No meado de agosto de 1867, a "Linnet" trouxe de Buenos Aires o secretario da legação inglêsa ali, sr. Gould, que escreveu, mais tarde, um livro sobre a guerra. Vinha ao Paraguai sob o pretexto de repatriar súditos britanicos; mas do seu proceder se infere que outra e reservada era a sua missão. Tentou uma mediação para cessar a guerra, que gorou devido á resolução dos Aliados de somente tratarem retirando-se o tirano do governo. Esteve o sr. Gould livremente nos nossos acampamentos, observou e examinou o que quis e o que bem entendeu (45). Levou a certeza da vitória imperial, o que determinou o procedimento ulterior da Inglaterra.

---

(42) O'Leary, "Nuestra Epopeya", pg. 22.
(43) Thompson, op. cit., pg. 192; Mastermann, op. cit., pgs. 116-117.
(44) Washburn, art. cit.
(45) Thompson, op. cit., pgs. 144 e segs.

Havia grandes *interesses ocultos* na guerra. As vitórias fulminantes do marquês de Caxias, em dezembro de 1868, depois da travessia do Chaco, dêsde Villeta a Cumbariti, de onde fugiu Lopez, fôram uma verdadeira bomba na agiotagem, no jogo de bôlsa e de cámbio que a judiaria fazia na praça do Rio de Janeiro (46). No Prata, o barão de Mauá continuava a mover-se, defendendo a situação de seus negocios, trocando cartas com Mitre em favor da paz (47). Em 1869, após o atentado que vitimou D. Venancio Flôres, o governo uruguaio começou a perseguição contra o seu banco, impedindo-o de levar o capital, quando dava consentimento para isso a outros estabelecimentos, fazendo correr boatos do seu fechamento e motivando corridas por êsse modo (48).

No estrangeiro, o Brasil era duramente atacado. O "Imperio esclavagista", diziam e escreviam, queria estender a lepra da escravidão aos povos republicanos do Prata. Eliseu Réclus insultava os brasileiros. Charles Expilly publicava folhetos e livros, pintando as monstruosidades dos nossos soldados e o procedimento angelico dos paraguaios. Chegava a preconizar a intervenção da Europa, por que *tinha capitais na America do Sul.* E deixava escapolir ser preciso *revelar ao comercio francês os mercados ignorados que o despo-*

---

(46) "Semana Ilustrada", Rio de Janeiro, n.º de 17 de janeiro de 1869, pg. 3384.

(47) Arquivo de Mitre.

(48) Correspondencia de Montevidéu, publicada no "Jornal do Comercio" do Rio de Janeiro, de 24 de fevereiro de 1869.

tismo de Buenos Aires monopolizava como um campo de exploração. (49). Defesa encomendada por quem interessava o seguinte plano, desmanchado pela atitude do Brasil, de Mitre e de Flôres: a existencia do Paraguai dependendo da livre navegação dos rios, os interesses dos povos ribeirinhos de Corrientes e Entre Rios ligados aos do Paraguai, a creação de *nova familia politica composta de grupos independentes*, surgindo no mundo e se *estendendo do Prata ao sul do Amazonas.* Era o velho sonho de uma confederação compreendendo o Paraguai, Corrientes, Entre Rios, Missões, a Banda Oriental, o Rio Grande do Sul e Mato Grosso (50). Ela enfraquecia as duas grandes nações do continente meridional, Brasil e Argentina, preparando para o futuro uma fragmentação de *pequenas pátrias*, destinadas a serem pasto do judaismo internacional. O mêsmo processo de desagregação de que saíram as republiquetas da America Central. Na guerra que se travava, Flôres representava a independencia uruguaia garantida pelos dois grandes vizinhos do Norte e do Sul; Mitre, a unificação argentina após a vitória de Pavón; Urquiza, o interesse localista das provincias dominadas pelo caudilhismo moribundo; e Lopez, a ambição paraguaia, o seu anseio para o mar livre, manobrado pelas forças ocultas.

Estas sempre se imiscuiram nas questões territoriais entre a America Espanhola e a America Portu-

(49) "Le Brésil, Buenos Ayres, Montevidéo et le Paraguay devant la civilisation", ed. Dentu, Paris, pgs. 12 e 56.
(50) Op. cit., pgs. 123-125.

guêsa. No tratado de 1750, negociado por Alexandre de Gusmão e mais tarde anulado pelo de Santo Ildefonso, essa influencia oculta está hoje fartamente documentada. Judeus, maçons inglêses e peninsulares reuniram seus esforços para destruir a colonização dos jesuitas, para arrancar pela raiz a sua influencia e para enfraquecer a Espanha, favorecendo Portugal, como em outras ocasiões promoveriam o contrário (51). Vimos no primeiro volume desta "História Secreta" a ação dessas forças no caso da Colonia do Sacramento, ninho do contrabando.

Barreira a planos comerciais expansionistas, o Imperio e seus dois galos de briga sofriam todos os ataques do judaismo maçónico. O jornal "Europa", orgão do ghetto tradicional de Francfort, desancáva-o a cada número. Os grandes periodicos parisienses não lhe davam tréguas. Exagerava-se a mortandade dos paraguaios em Jataí. Afirmava-se que haviamos escravizado os prisioneiros de Uruguaiana. O judeu Benjamin Poucel, inspirado por Alberdi, inimigo pessoal de Mitre, clamava pela intervenção européa, pois o interesse "urgente e imediato" das nações do Velho Mundo era não deixar o Brasil dominar no Prata como dominava no Amazonas, conservando-o fechado ás marinhas estrangeiras (52). *Leit motif* de todas as recriminações contra o Imperio.

---

(51) Pe. Pablo Hernandez, "Organización social de las doctrinas guaranies de la Compañia de Jesus", ed. Gustavo Gili, Barcelona, 1913, t. I, pgs. 28 e segs.

(52) Charles Expilly, op. cit., pg. 125.

O outro era a escravidão. Esqueciam propositalmente a existencia de escravos negros, além do povo escravizado, no Paraguai, onde foi o Imperio quem os libertou pela mão do conde d'Eu. Após Tuiuti, quando Lopez perdeu suas melhores tropas, os escravos paraguaios fôram mobilizados para o exercito. Só de uma vez assentou-se praça em seis mil (53)! Esqueciam as barbaridades do ditador, as torturas, as matanças, os horrores do acampamento de São Fernando, os lanceamentos, as infámias, os máus tratos aos prisioneiros, as delações, a vida amancebada com uma judia que se rodeava dum bando de "rameiras cantando hinos patrioticos" (54)!... Esqueciam as pobres mulheres *destinadas*, cujo "eterno anélo" era sêrem libertadas pelos brasileiros e que, na sua horrenda existencia, os "viam em sonhos todas as noites" (55)!... Esqueciam os carregamentos de ouro, alfaias e joias roubadas ao misero povo paraguaio, ás vitimas dos degolamentos e fusilamentos diarios, remetidos para a Europa em navios de guerra estrangeiros que se prestavam a isso, violando a moral e as leis internacionais, chegando ao ponto do governo argentino protestar em nota diplomatica junto ao governo italiano contra a remessa dos caixões de valores a bordo da canhonheira "Ardita" (56)!... Esqueciam a permanencia do ministro

(53) Garmendia, op. cit., pg. 43; Seeber, op. cit., pg. 115.

(54) Mastermann, op. cit., pg. 41.

(55) Op. cit., pgs. 228-235.

(56) Correspondencia de Buenos Aires, publicada pelo "Jornal do Comercio", do Rio de Janeiro, de 21 de janeiro de 1869.

norte-americano ao pé de Lopez nos campos de batalha, escândalo que a imprensa do Prata e do Brasil profligava, documentando sua deslavada proteção ao tirano(57)!... Esqueciam que somente essa permanencia, com as idas e vindas de canhonheiras através da Esquadra Imperial, a serviço da respectiva legação, podia explicar o encontro na campanha das Cordilheiras, em agosto de 1869, de "armas americanas dos sistemas mais aperfeiçoados e inteiramente desconhecidos dos brasileiros" (58)!... Esqueciam tudo isso como a imprensa judaizada e maçonizada de hoje *esquece ou ignora* as atrocidades e os roubos de riquezas nacionais dos vermelhos na Espanha. A história repete-se.

O Imperio, que sentira o perigo da guerra com o Paraguai de 1850 a 1855, quando acêsa a questão de limites e da clausura dos rios, esquecera-se e estava desprevenido, quasi desarmado, ao romper o conflito. Como acusar sem má fé um país sem armas de imperialista? O Rio Grande do Sul, vizinho da Banda Oriental e das mesopotamias caudilhescas, proximo do Paraguai, que ocupava parte das Missões, estava desguarnecido e desarmado, mal atingindo sua guarnição a 2.500 homens (59). Com grande dificuldade, o general visconde de São Gabriel organizára e armára a

(57) Idem no mêsmo orgão, em 23 de janeiro de 1869.

(58) Parte do marechal Gastão d'Orleans, conde d'Eu, "in" Pereira da Costa, "História da guerra do Paraguai", pg. 338.

(59) Relatorio do presidente Souza Gonzaga ao ministro visconde da Bôa Vista, em 1865.

divisão com que invadira o Uruguai em dezembro de 1864, documenta Jourdan. Em materia de defesa militar, Mato Grosso se achava em "estado lastimoso", que dêsde 1858, receando a guerra, os deputados da provincia denunciavam á Cámara, não se tomando a menor providencia até ser o territorio invadido pelos paraguaios (60).

O Paraguai, sim, armára-se até os dentes, premeditando o golpe traiçoeiro com o primeiro pretexto defensavel que lhe pudesse servir de bandeira. Nenhum melhor do que se opôr, como campeão do equilibrio do Prata e do republicanismo americano, ao "Imperio esclavagista", que procurava a ruptura dêsse equilibrio, intervindo na Banda Oriental. Como se a intervenção não fôra adrede provocada pelo governo uruguaio, calcando aos pés os direitos dos brasileiros, afrontando a nossa soberania e negando-se a dar as satisfações pedidas por se sentir apoiado por Urquiza e Lopez, que tinham as simpatias *de duas grandes potencias maritimas da Europa e America...*

Os arsenais paraguaios estavam á altura dos europeus, dirigidos por técnicos alemães, francêses, austriacos, hungaros e italianos. A fundição de Caacupé fundia, torneava e raiava canhões. O arsenal de Assunção fabricava armas de toda a espécie, inclusivé estativas de foguetes de guerra dos últimos modelos. A

(60) Discurso do deputado Antonio Corrêa do Couto, na sessão da Cámara de 1858; Correspondencia de Cuiabá, publicada no "Jornal do Comercio" do Rio de Janeiro, em 18 de março de 1865; Relatorio do ministro da Guerra, de 1864.

artilharia dispunha de 400 canhões, entre raiados e lisos, além de uma bateria moderna de aço. Possuia vapores de guerra. Encomendára outros, blindados e artilhados com os últimos modelos. Algumas das unidades de 1.ª linha estavam armadas de fusis de retrocarga. As outras, em geral, com espingardas Turner, Enfield, Witton Brothers e Tower, sistema Minié (61).

O territorio da República era um verdadeiro castro. O forte do Itapirú no rio Paraná. Curuzú, Curupaiti, as linhas de Rojas, o reduto Cierva, impedindo a travessia dos brejos e das selvas. Humaitá, poderosamente artilhada, e o Timbó, fechando o rio Paraguai. Acampamentos fortificados. Nessa imensa caserna, guardada pelo pántano e pela mata, invia e ignota, adestrados e se adestrando sob uma disciplina férrea, 100 mil homens na opinião do diplomata inglês Gould e na de Mastermann, 82 mil na do tenente-coronel Thompson, engenheiro militar de Lopez, 64 mil na de Gregorio Benitez, representante do Paraguai na Europa (62). Um exrcito fanatizado, dominado por uma espionagem sem entranhas, verdadeiramente sovietica, em que os sargentos recebiam das proprias mãos de El Supremo caderninhos especiais para anotar o que

---

(61) H. F. Decoud, op. cit., pg. 17; Gustavo Barroso, "O Brasil em face do Prata", cap. "Armamento brasileiro e paraguaio"; Moreira de Azevedo, op. cit., pg. 178; Schneider, op. cit., t. I, pg. 91, t. IV, pg. 39, nota 44, fasc. I; Thompson, op. cit., pgs. 42-43; Mastermann, op. cit., pg. 72; Palleja, "Diario", 27 de maio de 1865; Relatorio do ministro da Guerra do Brasil, 1870.

(62) Mastermann, op. cit., pg. 65; Thompson, op. cit., pg. 42; Gregorio Benitez, op. cit., t. I, pg. 84.

faziam e diziam seus chefes (63)! A mais espantosa delação assombrava os generais e coroneis, que eram fusilados como covardes, *por las espaldas,* quando derrotados.

Além disso, as comunicações garantidas pelos rios, lagunas e braços de agua livres, por uma estrada de ferro, pela linha telegrafica e pelo caminho estrategico que levava do Passo da Pátria, no extremo meridional do país, á sua capital, obra do oficial de engenharia austriaco barão Wisner de Morgenstern, que servira aos revolucionarios mineiros em 1842, quando o então barão de Caxias o aprisionára. Pimenta Bueno, marquês de São Vicente, recomendára-o ao pai de Solano Lopez, quando colaborava no plano defensivo do Paraguai contra Rosas (64). O marquês de Caxias fez de novo prisioneiro êsse oficial mercenario na batalha de Lomas Valentinas.

Não se olvide ainda que grandes partidas de armamentos e munições encomendadas por Lopez fôram retidas após a declaração de guerra nos portos de Nantes, do Havre e de Liverpool, bem como os encouraçados que se construiam nos estaleiros europeus por sua conta, graças á vigilancia e bons oficios dos nossos diplomatas barões de Penedo e Itajubá (65). Se

(63) O'Leary, "El centauro de Ibicuí" e Gustavo Barroso, "O Brasil em face do Prata", cap. "O caderninho do centauro", pgs. 65 e seguintes.

(64) Pimenta Bueno, "Memorias", "in" "Revista Brasileira", de 15 de outubro e 1.° de novembro de 1895.

(65) Gregorio Benitez, op. cit., t. I, pgs. 134 e segs., e 200-201.

o ditador conseguisse obtê-los, grave seria a nossa situação do ponto de vista militar. Felizmente isso pôde ser evitado, assim como o plano dos corsarios americanos sulistas, em disponibilidade finda a guerra da Secessão nos Estados Unidos, os quais se ofereceram ao ministro paraguaio Barreiro, em Paris, a 7 de maio de 1866, para com seis cruzadores blindados bombardearem as cidades mais importantes do Brasil e engarrafarem no Prata a nossa esquadra, cortando-nos a linha de comunicações pelo mar e forçando nosso Exercito a retirar em destroços pelo territorio das Missões (66) !

Contra êsses formidaveis preparativos, que se apressavam dêsde 1856, logo após a malograda expedição punitiva de Pedro Ferreira, a lei de meios do Imperio consignava para o exercicio de 1864-1865 êste ridiculo efetivo para o Exercito Imperial: 16 mil homens. A Argentina estava menos preparada do que nós. Do Uruguai, que saía duma guerra civil depauperante, nem se fale!

Mitre dificilmente conseguiu no inicio da campanha reunir pouco mais de dez mil homens, efetivo que só fez diminuir no decurso das operações. Ninguem queria ir para a guerra. Os regionalismos punham as cabêças de fóra, no anseio de se vingarem da derrota de Pavón. As guardas nacionais de Córdoba, Santa Fé e San Juan revoltaram-se (67). "Obstinado

(66) Op. cit., loc. cit.

(67) Carta do general Emilio Mitre ao vice-presidente Marcos Paz, em 1865.

e frio" (68), Mitre galvanizou Buenos Aires e, apoiado na capital fiel e unificadora, fez frente, até recorrendo a mercenarios, á guerra estrangeira e a diversas revoltas locais. Era mais politico e escritor do que soldado. Andava geralmente á paisana. Sua sela tinha coldres, mas sem pistolas, cheios de graxa com que untava os arreios. Seu chefe de estado-maior, no qual havia judeus, como o major Abraão Walker, era o general Gelly y Obes, administrador circunspecto, porém a negação do militar profissional. A maior parte da cavalaria estava a pé e a artilharia deixava muito a desejar (69). O tenente coronel Beverina depõe que o comando argentino pedia armas e munições ao Brasil.

O Uruguai enviou á guerra pouco mais de tres mil homens, que o Imperio sustentou. Alberdi não deixa de ter certa razão na sua imagem literaria dos dois galos de briga.

O "poder más sólido y eficaz" da Triplice Aliança era, na verdade, o Imperio. Desarmado, armou-se a toda pressa. Levantou do sólo pátrio ofendido pelos invasores legiões de guardas nacionais e voluntarios, que se bateram como leões. "En el fuego a pie firme los brasileros son insuperables!" declara Seeber (70). O Brasil improvisou tudo, apesar de todas as criticas internas, de todos os *Carrões & Cia.*, como escrevia Cotegipe, de todos os bucheiros que procuravam sola-

(68) Luis Alberto de Herrera, "El drama del 65", pg. 193.
(69) Seeber, op. cit., pgs. 52, 82-97 e 116 "bis".
(70) Op. cit., pg. 136.

par o patriotismo (71). A hegemonia naval que lhe dera em 1828 a vitória do Monte Santiago garantia-lhe o dominio das aguas definitivamente estabelecido pelo triunfo do Riachuelo e conservado ciosamente em toda a campanha, o que permitira o forçamento de Humaitá e fazer do rio Manduvirá "a sepultura dos restos da esquadra paraguaia".

Pelo tratado da Triplice Aliança, o comando chefe pertencia ao general do país em que se desenrolassem as operações de guerra. Mitre assumiu-o na marcha através da provincia de Corrientes e conservou-o no Paraguai invadido. Visando unicamente o interesse da Argentina, que se povoou de emigrantes e enriqueceu, graças ao ouro brasileiro, tornou-se a "unica causa do prolongamento da guerra" (72). Mas a brasilidade de Tamandaré, baseada nas estipulações do tratado, que punham a Esquadra Imperial fóra da orbita do comando terrestre, recusando obedecer ás ordens de Mitre, de fáto sotopõe ao almirante o general argentino (73). Somente quando Caxias assumiu de vez a chefia dos Exercitos Aliados, a marinha passou sob suas ordens. Ela era a unica garantia que tinhamos de mobilidade, de comunicações e de impecilho a uma paz em separado.

---

(71) Carta do barão de Cotegipe ao barão de Penedo, de 12 de maio de 1866. Referia-se ao famoso bucheiro paulista, apelidado o Mágico, úbiquo senador Carrão, famoso pela sua atitude na revolução de 1842.

(72) "Diario do Rio de Janeiro", de 4 de setembro de 1867.

(73) Gregorio Benitez, op. cit., t. I, pg. 217.

Sem a força naval nas nossas mãos, teriamos perdido a guerra.

O grande organizador e disciplinador do Exercito que o Imperio improvisou na concentração de Concordia, baseado na divisão que vencera em Paisandú e ocupára Montevidéu, foi o general Osorio. Trabalho silencioso e fecundo em que se revelou o grande capitão que de tudo cuidava. Tão grande aí como nos campos de batalha. Senão maior. Preparou, para libertar Corrientes, invadida pelos paraguaios, e para penetrar no territorio inimigo, 21 batalhões de infantaria de linha, 4 regimentos de cavalaria, 1 de artilharia a cavalo, 2 batalhões de artilharia a pé, 1 de engenheiros e 18 de guardas nacionais e voluntarios da pátria, em 13 brigadas, fardados, disciplinados, armados e municiados (74). E' êsse Exercito Imperial que vai decidir a sorte das armas.

Essa vitória, após cinco anos de gloriosa luta, leva o Brasil ao apogeu do seu sentido imperial, que se afirma na Marinha com Tamandaré, Barroso e Inhauma; no Exercito com Caxias, Osorio e Porto Alegre; nas letras com Alencar, Gonçalves Dias e Castro Alves; nas artes com Pedro Americo, Vitor Meireles e Carlos Gomes; na politica com Zacarias, Cotegipe e Ouro Preto; na diplomacia com Penedo, Itajubá e Otaviano. Mas o apogeu anuncia a decrepitude e a morte, cujos germens nascem da propria guerra do Paraguai.

---

(74) Tenente-coronel Juan Beverina, "La guerra del Paraguay", ed. Ferrari, Buenos Aires, 1921, t. II, pgs. 419-420.

A cooperação de Mitre e Flôres, observou um escritor e diplomata paraguaio, trouxe como consequencia fatal a intervenção brasileira, anunciada pelo ultimatum de Saraiva, "que foi o agente inconsciente da supressão da monarquia que servia com tão abnegada submissão". E acrescenta que *o comercio fraterno* dos soldados e oficiais brasileiros com os exercitos republicanos injetára o microbio do republicanismo nas suas almas (75). De volta, mais tarde, quando essa infecção se generalizou, êsse Exercito Imperial proclamou a República.

E' possivel que haja nessa observação um pouco de verdade, embora o aspecto das caudilhescas repúblicas do Prata não fôsse de molde a entusiasmar homens creados no sentimento e na vantagem da Ordem Imperial dum pais liberalissimo e sem revoluções, mashorcas e quarteladas. A verdade toda está encoberta por um véu, — o véu das forças ocultas.

Escrevendo em 1870 sobre a guerra do Paraguai, o oficial de estado maior do Exercito Francês, Teodoro Fix, dizia: "A America do Norte e a Inglaterra viam de máu humor o desdobramento de forças do Brasil... (76)" Eram as *duas potencias maritimas* com que secretamente Solano Lopez contava, além das simpatias da França, que o autor omitiu por se tratar de sua pátria. Basta conhecer a acolhida cordial e larga feita a Gregorio Benitez, representante diplomatico do

---

(75) Gregorio Benitez, op. cit., t. I, pg. 91 e 127; t. II, pg. 62.
(76) Op. cit., pg. 161.

tirano, que revelou êsse segredo, apesar de ser um mero secretario de legação, tanto pelo presidente dos Estados Unidos, na Casa Branca, como pelo Imperador Napoleão III, nas Tulherias (77). À observação que Fix fazia lá de fóra junte-se a que Sampaio Viana fazia aqui dentro, ao tempo da questão Christie: DECIDIDAMENTE A INGLATERRA VÊ E CALCULA QUE ÊSTE GIGANTE DA AMERICA DO SUL CRESCE E CRESCE, E ISTO NÃO LHE CONVEM...

"Apesar dos emprestimos com que Rotschild nos vinha escravizando dêsde a Independencia, o Brasil atingira o apogeu de sua grandeza e projeção politica e moral no continente." Situação financeira relativamente folgada. Cambio magnifico. Coesão nacional. Um exercito veterano e aguerrido. Marinha excelente. Moralidade pública e particular. "Até aonde poderia ir como força na sua unidade e na sua influencia moral o Imperio do Brasil? Não se tornaria, em alguns anos, uma grande potencia, polarizando o sentido do continente meridional e falando aos donos do mundo em igualdade de condições (78)?"

Com o pseudónimo dos Estados Unidos e da Inglaterra, a quem não convinha a grandeza do novo Imperio, o governo judaico do mundo passou a agir. Facilitou-lhe a tarefa o regime parlamentar com seu jogo mortifero de partidos na gangôrra ministerial.

---

(77) Gregorio Benitez, op. cit., t. II, caps. VI e VII.

(78) Gustavo Barroso, "O espirito do século XX", ed. da Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1936, pgs. 109-111.

Dadas as ordens e sugestões ás forças ocultas, a bucha e a maçonaria, "aliadas a intelectuais e politicos, se puseram em ação, minando a pouco e pouco o Imperio, sob a proteção do liberalismo cégo de D. Pedro II, que não conhecia o poder dessas forças e não podia compreender o problema (79)".

As etapas fôram matematicamente traçadas e realizadas. Manifesto republicano preparando o terreno. Lei do Ventre Livre atacando o Instituto Servil, base do trabalho, pilar da economia, na última renovação que lhe restava depois da supressão do trafico, a procr ação, sem crear o que a substituisse. Craque misterioso de bôlsa retirando capitais do país. Descrédito do Terceiro Reinado em perspectiva. Questão dos bispos, afastando o Trono da Igreja e dividindo a esta. Questão militar destruindo a disciplina do Exercito, intrigando os chefes e malquistando-os com a Corôa. Abolição. Depois, a República...

"As forças secretas vêem de *máu humor* o crescimento do Brasil, sua maravilhosa colonia, e o impedem, defendendo a mamata." Para isso, dividem o Brasil e "lançam mão de todos os meios (80)". A nação somente poderá ser livre, deixar de ser COLONIA DE BANQUEIROS, negocistas *et reliqua,* sem bucheiros, sem maçons e sem judeus.

---

(79) Op. cit., pg. 111.
(80) Op. cit., pg. 125.

Capitulo X

O BÓDE PRETO NOS CAMPOS DE BATALHA

"A guerra do Paraguai foi o último áto da grande epopéa bandeirante que constituiu a Pátria Brasileira (1)." Depois dela, as fronteiras firmaram-se definitivamente e, misturando o sangue de seus filhos nos campos de batalha, as provincias brasileiras se fundiram na coesão imperial.

A guerra desencadeou-se por átos imprevistos do Paraguai: aprisionamento do paquete "Marquês de Olinda", invasão de Mato Grosso e Corrientes, avanço para o Rio Grande e o Uruguai. Nas direções seguidas pelos exercitos paraguaios se sentem os rumos da sua desmarcada ambição, revelada pela defesa de Charles Expilly: a NOVA FÓRMA POLITICA englobando Paraguai, Uruguai, Rio Grande do Sul, Corrientes, Entre Rios e Mato Grosso, confederados sob a chefia de Lopez, enfraquecendo o Imperio e a Argentina, ligando as regiões geograficamente cercadas ao mar livre, de acôrdo com os supremos interesses do judaismo internacional.

---

(1) Gustavo Barroso, "História Militar do Brasil", ed. da Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1935, pg. 211.

A ofensiva paraguaia lançou sobre Mato Grosso indefeso duas colunas, ocupando a região meridional. O Imperio levou a guerra ao coração do Paraguai e pelo sul, de modo que, só depois de feridos de morte em Humaitá, os invasores evacuaram a provincia saqueada e ensanguentada. No ano de 1867, tentaram-se duas expedições libertadoras sem resultados práticos: uma fluvial, que recuou deante da variola; outra terrestre, que alcançou o territorio inimigo e retirou deante da fome e do cólera morbus, escrevendo a "memoravel anabáse da Laguna".

Enquanto os imperiais se concentravam em Concordia, no principio de 1865, os paraguaios ocupavam Corrientes e atiravam as investidas de Duarte e Estigarribia sobre o Rio Grande do Sul e a Banda Oriental. Esta teria o apoio dos *blancos* rebelados; aquela, o dos escravos negros em revolta. Mas Duarte foi esmagado em Jataí, Estigarribia, encurralado em Uruguaiana, rendeu-se e a Esquadra Imperial aniquilou a paraguaia na batalha naval do Riachuelo.

Detida a ofensiva paraguaia, os Aliados passaram á contra-ofensiva. A vitória seria questão de tempo. Então surgiram as campanhas difamatorias do Brasil, seguidas de várias tentativas de mediação. Maçonaria e judaismo sentem necessidade de salvar o ditador paraguaio, sua criatura, engajado a fundo na guerra infeliz.

Reunidas as "duas massas do Exercito Aliado, a de Uruguaiana e a de Concordia, Mitre vai expulsar os

invasores de Corrientes... A 25 de outubro de 1865, a junção dos dois exercitos está praticamente realizada nas margens do arroio Cuenca. São 22 mil brasileiros, 11 mil argentinos e 4 mil uruguaios, ao todo 37 mil homens das tres armas (2)". Os paraguaios retiram.

A contra-ofensiva implica na invasão do territorio inimigo, que se faz pelo Passo da Pátria, após a tomada do forte do Itapirú. O general Osorio é o primeiro a pôr o pé no Paraguai. Os Aliados avançam até Tuiuti, onde Lopez os ataca a 24 de maio de 1866, de surpresa, com suas melhores tropas, sendo estrondosamente derrotado. "Vitória paralitica", chamou-lhe alguem, porque os invasores empacam deante das linhas entrincheiradas que defendem um terreno inteiramente desconhecido. Não ha um mapa do Paraguai. O rio está fechado pelas baterias de Humaitá; a terra misteriosa está cortada de pántanos e de fortificações. Começa a guerra de posição que se prolonga indefinidamente.

Verificada a impossibilidade de romper passagem pela Bocaina, no centro, busca-se fazê-lo pelo flanco direito do inimigo apoiado no rio Paraguai, onde se contaria com a colaboração da esquadra. Osorio, doente, retirára-se do comando dos imperiais e fôra substituido por Polidoro, visconde de Santa Teresa. O conde de Porto Alegre trouxera do Rio Grande do Sul um 2.º corpo de exercito e se encarregára da operação.

(2) Op. cit., pg. 255.

Apoderou-se do forte do Curuzú, num assalto rápido, preparando-se para atacar Curupaiti, o que não fez imediatamente, porque Mitre, interessado no prolongamento da guerra, que enriquecia a Argentina e podia enfraquecer o Imperio, lhe negou reforços.

Lopez sentiu a gravidade da situação e parlamentou, propondo aos generais da Aliança a famosa entrevista de Iataiti-Corá. Sua intenção era ganhar tempo, afim de poder fortificar melhor Curupaiti. Flôres opôs-se á entrevista. Polidoro negou-se a comparecer. Mitre foi em companhia do primeiro, que logo o deixou sozinho. A conversa entre Mitre, "hombre vanidoso y mediocre", como escreve Blanco-Fombona, e Lopez, "hombre fuerte por el ánimo y el brazo", durou cinco horas! O tirano tentou o outro com uma paz em separado: — "Si me deja solo con los brasileros es para mi comida digerida", disse. Não conseguindo isso, fez uma proposta de paz que os governos aliados arquivaram. Mitre declarou-lhe só poder tratar na base de sua retirada do país, condição *sine qua non*. E' tudo o que se conhece do demorado encontro sem testemunhas (3).

Sabe-se, entretanto, que D. Bartolomeu Mitre era maçon de alto gráu e que D. Francisco Solano Lopez tambem o era. Nessas ocasiões, os irmãos da Acácia, máu grado rivalidades, inimizades ou guerras, se dão a conhecer pelos sinais simbolicos e se ajudam. Vimos

(3) Seeber, op. cit., pgs. 153-154; Thompson, op. cit., pgs. 115-117; Juansilvano Godoi, "Monografias historicas", 1.ª série, pgs. 115-119, 141-143; Cecilio Baez, "Cuadros historicos y descritivos", pg. 194; O'Leary, "El mariscal Solano Lopez", pgs. 198-199.

que Polidoro, inflexivel na sua disciplina e na sua brasilidade, recusára terminantemente tratar com o déspota. Dominado pela ascendencia de Mitre, Flôres, no entanto, se opôs, somente cedendo de máu humor. Mitre foi o unico dos tres que se aprouve CINCO HORAS SEGUIDAS na companhia do inimigo, fumando charutos, bebendo vinho do Porto e conversando...

A suspensão de hostilidades permitiu a Lopez reformar as linhas fortificadas de Curupaiti. Thompson, seu engenheiro militar, conta qual o afã noite e dia na excavação das novas trincheiras. Colocaram-se mais canhões e reforçou-se a guarnição. Porto Alegre temia essa demora e insistia pelo ataque imediato. A entrevista realizára-se a 12 de setembro de 1866. Só a 22 Mitre assumiu o comando do 2.º corpo argentino e do 2.º brasileiro, levando-os ao projetado assalto, ante cujas insuperaveis dificuldades, após mil prodigios de bravura, o general chefe se viu obrigado a retirar. "O revez inesperado dos Aliados deante daquelas trincheiras formidaveis encheu de alegria os paraguaios e abalou o moral dos invasores. Os generais brasileiros atribuiram a maior culpa do desastre e com certa razão ao general Mitre (4)."

O desastre de Curupaiti abalou a opinião pública no Brasil e no Prata. Tamandaré e Porto Alegre travaram-se de razões com Mitre. Polemica azeda. O segundo tratou-o com "sua proverbial altivez", como

(4) Gustavo Barroso, op. cit., pg. 291.

escreve O'Leary. O primeiro deu asas á sua indignação (5). Fizeram as mais graves acusações ao chefe argentino.

Essas divergencias vinham de longe, da rendição de Uruguaiana, onde a pretenção de Mitre, querendo o comando chefe, fôra por ambos altivamente repelida (6). As prevenções se avolumaram quando Porto Alegre, trazendo do Rio Grande do Sul o 2.º corpo, que organizára, se recusou a obedecer ás ordens de Mitre que mandava invadir o Paraguai pelo rio Paraná (7).

O revez estabilizou a guerra de posição até meados de 1867. A inação trouxe o desánimo. O colera morbus devastou as tropas. Mitre retirou-se do teatro da guerra para atender á rebelião das provincias na sua retaguarda. A politica chamou Flôres a Montevidéu, onde foi assassinado. Nada disso abateu o moral do Imperio, decidido a levar a campanha até o fim, a extirpar do continente o déspota mancomunado com as forças secretas internacionais. Assumiu o comando dos brasileiros o marquês de Caxias, general invencivel, espada unificadora e pacificadora.

Com Caxias começa a guerra de movimento. Organização. Disciplina. Seriedade. Depois, a marcha de flanco pela ala contrária a Curupaiti, contornando as

---

(5) Correspondencia reservada de Tamandaré e Porto Alegre com os ministros da Guerra e da Marinha, no Arquivo Nacional.

(6) Gustavo Barroso, "O Brasil em face do Prata", pgs. 65 e seguintes.

(7) Correspondencia oficial entre Porto Alegre, Tamandaré e Mitre, no Arquivo Nacional.

BRIGADEIRO JOÃO MANUEL MENA BARRETO

Esta fotografia foi tirada de uma têla representando o general João Manuel Mena Barreto, quando, gravemente ferido na batalha de Peribebuí em 11 de agosto de 1869, morreu heroicamente á testa da coluna que comandava.

O BISPO D. VITAL

posições do inimigo até Tuiú Cué, apoderando-se do Estabelecimento e do Taií á beira do rio Paraguai. O Exercito acha-se além de Humaitá e a Esquadra, com seu abastecimento garantido por êle, força a passagem terrivel. A ausencia definitiva de Mitre unifica o comando aliado, em terra e nas aguas, nas mãos do velho estratego. Lopez vê-se forçado a abandonar Humaitá e a fugir pelo Chaco fronteiro, indo acampar em São Fernando, defendido pela linha fortificada do Piquisiri. Os imperiais ocupam Humaitá e, junto com os argentinos, o Chaco.

A situação interna da Repúbiica é dificil. El Supremo, angustiado, vê conspirações por todos os lados. Em cada pessôa suspeita um traidor. Até nos mais intimos. Na propria familia. A propria mãe! Desconfia de tudo. Nos delirios da crueldade e da embriaguês a que se entrega frequentemente, manda torturar e fusilar a melhor gente de Assunção. Em 1867, fôra preso no Rio de Janeiro o major prussiano Von Versen, contratado para servir nas hostes do tirano. Influencias ocultas conseguiram sua liberdade. O major alcançou Corrientes e de lá conseguiu corresponder-se com Lopez. Finalmente, através do bloqueio chegou ao acampamento de Passo Pocú. Lopez pensou que talvez fôsse um assassino enviado pelos Aliados ou um espião de Mitre, apesar dos papeis em regra. Quem sabe não haviam substituido o individuo? Mandou vigiá-lo de perto e, depois, prendeu-o como conspirador, quando a sua policia afirmou ter descoberto uma conjura para

derrubá-lo. Os brasileiros libertaram Von Versen ao tomarem Lomas Valentinas (8).

A falada conspiração de Assunção custou muito sangue! A narração das atrocidades cometidas enche de horror. São páginas dos Sovietes, da Tcheka, da Guepeú. Basta lê-las em Thompson, Mastermann, Von Versen, Washburn e outras testemunhas, para os cabelos se arripiarem. Enquanto isso, confiscavam-se o dinheiro, as joias e alfaias das vitimas, logo remetidas para o estrangeiro nas canhoneiras inglêsas, norte-americanas, italianas e francêsas, que não deixavam o ancoradouro de Angostura, em relação constante com o tirano, como afirmam inúmeras testemunhas de vista. As caixas contendo joias e dobrões arrecadados infamemente, que ali se embarcavam, eram tão pesadas que eram precisos seis ou oito homens para carregar cada uma, assegura Thompson, um dos comandantes das fortificações de Angostura e seu construtor. O saque do Paraguai durou todo o periodo da guerra. Ainda na campanha das Cordilheiras, o general Vitorino, barão de São Borja, apanhou caixas e mais caixas de objétos de ouro e prata nas bagagens da familia do ditador. O conteúdo de uma delas se acha exposto no Museu Historico: aneis, rosarios, cruzes, medalhas, broches, alfinetes, pulseiras e outras obras de ouro, — joias de gente pobre; moedas, fivelas, ornatos de arreios, estri-

---

(8) Depoimento do major Cunha Matos, prisioneiro de Lopez libertado na mêsma ocasião, no quartel general brasileiro de Assunção a 17 de março de 1869.

bos, cabeçotes de sela, esporas e argolas de prata; resplandores de santos, imagens ricas, corôas de Nossas Senhoras, vasos de igreja, armas preciosas, gemas desencastoadas.

Desconfiava-se da maçonaria na tal conspirata contra Lopez, conta Mastermann. A cousa tramára-se numa loja que funcionava em casa do mestre-escola italiano Tupo, onde se exploravam os noviços nas iniciações (9). Pelos depoimentos que nos chegaram, parece que o papel da maçonaria foi antes de agente provocador para denunciar os descontentes, entregando-os aos algozes e impedindo o enfraquecimento de Lopez por uma sublevação ás suas costas.

Caxias mandou estivar o tremedal do Chaco, fez o Exercito Brasileiro atravessar o rio, deixou os argentinos aferrados ao Piquisiri e, depois de marchar pelo pántano estivado, desembarcou nas proximidades de Villeta. Estava na retaguarda de Lopez. Destruiu as resistencias de Serrano em Itororó e de Caballero em Avaí. A 21 de dezembro de 1868, começou o ataque das posições lopistas das Lomas Valentinas, cercando as mesetas onde os paraguaios se haviam entrincheirado e mandando a divisão de cavalaria de Andrade Neves ocupar e bater o potreiro Marmoré, que ficava por trás e pelo qual o déspota acuado poderia escapolir.

Enquanto Mena Barreto se apoderava da linha do Piquisiri, nossas tropas tomavam em dias seguidos de renhida luta as lomas fortificadas, vencendo com o

---

(9) Mastermann, op. cit., pgs. 199-200.

"remedio infalivel da baioneta" a tenaz resistencia inimiga. No dia 27, o assalto ao derradeiro reduto, Ita Ivaté, onde se encontrava Lopez. Caxias precisava mais tropas frescas, porque muito sacrificadas estavam as que combatiam dêsde o principio da batalha. Com êste pretexto, mandou buscar os argentinos e retirar *inexplicavelmente* a cavalaria de Andrade Neves do potreiro, deixando ali somente a brigada de Vasco Alves. "O inimigo viu-se completamente envolvido num circulo de ferro e abandonado pelo tirano caprichoso e covarde, que, sacrificando o último punhado de homens que lhe restava de seu exercito, fugiu vergonhosamente, assim que a vigia, que tinha junto a si, lhe indicou que o nosso Exercito avançava e que as cavalarias carregavam pela esquerda e pela retaguarda (10)."

Apanharam-se as bagagens de Lopez, o arquivo, os proprios uniformes de grande gala, tão precipitada foi a fuga. Os soldados imperiais comeram o almoço preparado para El Supremo. Mas êle evadiu-se pelo potreiro em fóra, á disparada, seguido de uns cem homens. Elisa Lynch e os filhos escaparam á toda em carretas, guardados pelas imunidades diplomaticas do ministro Mac Mahon em qualquer eventualidade. O diplomata norte-americano conservou-se até o derradeiro momento no quartel general paraguaio (11). Entre os papeis do ditador estava seu testamento e o testamen-

---

(10) "Diario do Exercito", "in" "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro", t. CXI, vol. 145, pgs. 579-588.

(11) Correspondencia da guerra publicada no "Jornal do Comercio", do Rio de Janeiro, de 7 de janeiro de 1869.

teiro nomeado era o citado Mac Mahon! Lopez foi parar em Cerro Leon, onde preparou a continuação da guerra.

A fuga de Lopez encheu do maior espanto toda a gente na campanha e fóra dela. Era pouco admissivel sem cumplicidade dos Aliados, nas condições em que se travára o combate. Os clavineiros de Vasco Alves trocaram tiros com os fugitivos sem pensar que Lopez estivesse no meio dêles. Toda a gente, na época, admitiu uma interferencia qualquer que favoreceu a escapúla. O proprio Thompson indaga se não haveria uma INTELIGENCIA SECRETA entre Lopez e Caxias (12). O general visconde de Maracajú, veterano da campanha, testemunha: "Correram os mais disparatados juizos sobre tal fuga, mormente por não se ter mandado em seguida uma força de cavalaria perseguir e aprisionar Lopez." Acrescenta que era crença geral não poder escapar e que, não tendo Caxias o perseguido, fez crer, *como correu,* que havia promessa do ministro norte-americano, general Mac Mahon, do ditador retirar-se do Paraguai (13).

Nos acampamentos e fóra dêles, a fuga de Lopez ficou sendo "uma interrogação no ar". A voz geral afirmava que o Bóde Preto tambem fazia das suas nos campos de batalha. Muitos jornais da época fizeram-se éco dessa acusação. "A maçonaria, alguem garantiu,

---

(12) Op. cit., pg. 204.

(13) "Campanha do Paraguai", Imprensa Militar, Rio de Janeiro, 1922, pg. 167.

não andou alheia ao negocio... (14)" Na verdade, o ministro Mac Mahon era maçon; Francisco Solano Lopez era maçon; o duque de Caxias era maçon, embora católico praticante, ouvindo missa no seu altar de campanha e comungando seguidamente; o brigadeiro Vasco Alves, futuro barão de Sant'Ana do Livramento, que guardava o potreiro, era maçon (15). E ainda nas vésperas do ataque decisivo de Ita Ivaté o diplomata iánqui trocára oficios com o general chefe dos Exercitos Aliados...

E' dificilimo elucidar o misterio. Dá que pensar, todavia, aquela segurança com que Caxias deu a guerra por acabada, virou as costas aos destroços do Exercito Paraguaio e foi ocupar Assunção sem mandar a menor força no encalço do fugitivo, ao menos para observá-lo. Sentindo-se doente, Caxias retirou-se ás pressas para o Rio de Janeiro. Essa atitude foi veementemente combatida e condenada pelo "inflexivel" Zacarias de Góis e Vasconcelos, que demonstrou ainda haver muito o que fazer para aniquilar Lopez (16). Tem-se a impressão de ter o general Mac Mahon apelado para Caxias, garantindo o expatriamento do tirano. O general cedera ao pedido do Filho da Viuva em apuros, convencendo-se

(14) J. L. Rodrigues da Silva, op. cit., pg. 66. O autor maldiz a instituição capaz de obrigar a tamanha felonia contra a pátria.

(15) Tivemos nas mãos o diploma maçónico de Vasco Alves, mostrado por sua digna filha.

(16) "O fim da guerra", artigos de Zacarias de Góis e Vasconcelos, publicados no "Jornal do Comercio", do Rio de Janeiro, de fevereiro de 1869.

de estar finda a guerra. Daí o boato corrente de que Lopez buscava refugio na Bolivia. Mas as promessas do Bóde Preto eram mentirosas. EL SUPREMO, livre da entaladela, continuou a guerra de recursos nas Cordilheiras, acossado pelas colunas do conde d'Eu, substituto de Caxias no comando chefe. O tirano perdeu Peribebuí, viu sua retaguarda esmagada em Campo Grande e acabou morrendo como um lobo caçado á margem do Aquidaban. Mais de um ano de sofrimento, luta e sangue custou ao Brasil a fuga arranjada pela maçonaria. Maldita a instituição que põe acima da pátria o dever de solidariedade entre os irmãos da Acácia!

Em muitas guerras, sobretudo nas européas da Revolução e da Epopéa napoleonica, abundantissimos são os fátos semelhantes á fuga de Lopez, em que a maçonaria desempenhou papel relevante, evitando ataques, soltando prisioneiros, libertando corpos de tropas cercados, mêsmo sujeitando um exercito á derrota, como fez o duque de Bruswick, grão mestre das lojas prussianas, em Valmy (17).

Finda a campanha, durante algum tempo, o Paraguai ficou ocupado militarmente. Os jornais maçonizados clamavam que o Imperador pretendia fazer de seu genro VICE REI daquêle país. Na verdade, o VICE REI — e assim lhe chamaram em outro tom — foi o visconde do Rio Branco, grão mestre da maçonaria brasileira, já mandado ao Uruguai, anteriormente, escolhido para organizar a nação vencida, onde se degladiavam as in-

(17) Clavel, "Histoire pittoresque de la franc-maçonnerie".

fluencias argentina e imperial, liquidando politicamente a guerra. O Governo Provisorio da República, composto pelos srs. Cirilo Rivarola, Carlos Loizaga e José Diaz de Bedoya, declarou Solano Lopez *assassino da pátria, fóra da lei.* Rio Branco, constituindo êsse governo, entre outras cousas impediu que alcançasse a presidencia o general Gelly y Obes, pessôa de Mitre, que se declarava paraguaio de nascimento... (18). O Governo Provisorio resolveu com o Brasil as questões pendentes de livre navegação dos rios e das fronteiras.

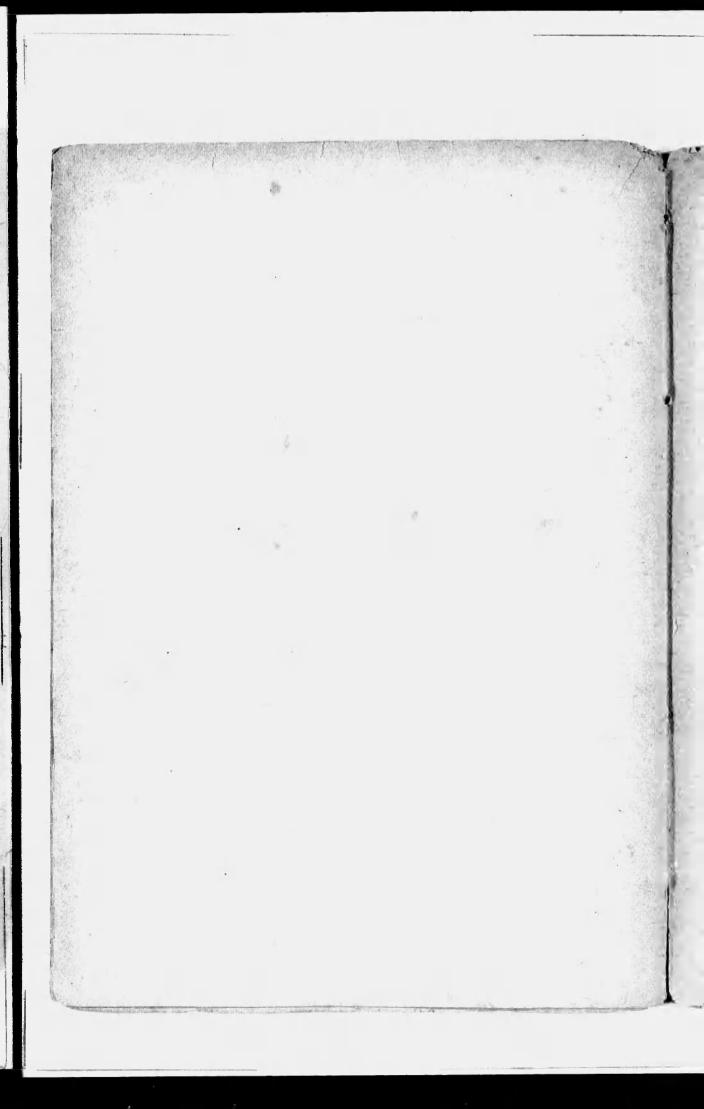
A Argentina pretendia abusar da fraqueza paraguaia. O aventureiro internacional Eduardo A. Hopkins, possivelmente judeu, obteve do Governo Provisorio *à court d'argent* uma concessão de madeiras no Chaco. Não tendo cumprido as estipulações a que se obrigára, quiseram as autoridades paraguaias expulsá-lo. Êle imediatamente reclamou a proteção do general Emilio Mitre, irmão de D. Bartolomeu Mitre e comandante das tropas argentinas de ocupação, declarando que se achava estabelecido em territorio da República Argentina. Emilio Mitre atendeu-o sem detença, assenhoreando-se da Vila Ocidental, em face de Assunção. O Governo Provisorio protestou energicamente. O Governo Imperial sugeriu a arbitragem. O árbitro, presidente Rutherford Hayes, dos Estados Unidos, pronunciou laudo favoravel ao Paraguai.

---

(18) H. F. Decoud, "Una decada de historia nacional — 1869-1880", pgs. 90-91, 137, 159 e 391.

Os cinco anos de luta, heroismo e sacrificio custaram-nos, de inicio, o emprestimo de 12 de setembro de 1865, feito com Rotschild, de £ 5.000.000, pelo qual pagámos mais de 116 mil contos; finalmente despesas totais beirando um valor de UM MILHÃO DE CONTOS! Mobilizámos mais ou menos 120 mil homens e perdemos 24 mil! A Lynch vai gozar na Europa o ouro dos caixotes conquistados á miseria dum povo americano e ao Poder Oculto se submetem "intencionalmente ou não os nossos dirigentes", assinando o tratado arranjado pelo grão mestre Rio Branco, a 9 de janeiro de 1872, "tratado de incrivel transigencia e renuncia de direitos (19)." Obtivemos o minimo sobre a navegação e os limites, quando tinhamos como vencedores, pelo que nos custára a guerra, direito ao máximo.

---

(19) Major Afonso de Carvalho, "O Brasil não é dos Brasileiros", pgs. 17 e segs.

Capitulo XI

ATANÁSIO, CRISÓSTOMO E GANGANELLI

O Imperio saíra vencedor da guerra contra o Paraguai. O perigoso inimigo suscitado pelas forças secretas internacionais fôra esmagado pelo destemor e pelo espirito de sacrificio dos brasileiros. Vimo-lo manobrado por uma aventureira judia que entretinha correspondencia com lord Palmerston — o grande regente das orquestras ocultas. *Old Palm,* como o chamavam, exercia dêsde 1850 uma espécie de ditadura sobre as sociedades secretas e dirigia o "mundo diplomatico oculto". Sua correspondencia está cheia de misterios. Póde-se dizer pelos documentos de que se tem conhecimento que Napoleão III, Vitor Emanuel, Cavour, Mazzini, Rattazi, Kossuth, Garibaldi e outros não passavam de seus agentes. Instigára as revoluções da Alemanha, da Austria, da Hungria, da Italia. Desencadeára guerras. Atára e desatára alianças. Erguera e derrubára governos. Execrava o Papa, cujo Poder Temporal queria destruir e detestava os Bourbons e todas as dinastias católicas. Seu prodigioso ascendente vinha de ser um dos raros homens que conheceram no mundo o plano completo de dominação do judaismo in-

ternacional (1). Era o protetor de Rosas e fôra amigo ou, segundo as más linguas, *alguma cousa* mais de Elisa Lynch.

Eis a figura que se alteára por trás do Paraguai vencido. Com 24 mil vidas pagára o Imperio a vitória, porém cimentára no sangue de seus filhos vertido no campo de batalha a unidade nacional. As fôrças secretas resolveram atacá-lo e miná-lo internamente. Êsse plano vai desenrolar-se com uma logica e uma certeza formidaveis, colaborando para êle, inteiramente iludidos pela verbiagem e pelos ideais das lojas, brasileiros eminentes e patriotas. Veremos a pouco e pouco como se teceu a Grande Intriga, de que resultou a República.

A semente republicana foi plantada antes de terminada a guerra. A 16 de julho de 1868, quando haviamos completado a marcha de flanco de Tuiú Cué com o reconhecimento de Humaitá, o Imperador forçára a saída do gabinete liberal que governava dêsde 3 de agosto de 1866 e entregára o poder aos conservadores, sob a presidencia do visconde de Itaboraí. Em resposta a êsse áto, que Rio Branco classifica de golpe de Estado, uniram-se os *liberais historicos* e os *progressistas* no Centro Liberal, do qual saíu o "Manifesto Liberal" de 31 de março de 1869. Assinavam-no Na-

(1) Bulwer Lytton e Evelyn Ashley, "The life of H. J. Temple, viscount Palmerston", ed. Butley, Londres, 1871; Madame Rattazi, "Rattazi et son temps", Paris, 1871, t. I, pgs. 99, 115, 132, 200, 311-312, 323 e 326; Diamilla Muller, "Politica segreta italiana", ed. Roux et Fayolle, Turim, 1880; Pe. N. Deschamps, "Les societés sécrétes et la societé", ed. Seguin, Avignon, t. III, pgs. 147-211.

buco de Araujo, Souza Franco, Chichorro da Gama, Furtado, Otaviano, Dias de Carvalho, Teófilo Ottoni, a flôr do maçonismo politico. E, entre êsses, o velho Paranaguá e o "inflexivel" Zacarias. "Por um pouco mais, os seus eminentes signatarios, todos com grandes responsabilidades nos destinos do país, teriam chegado á franca apostolização da República. Limitaram-se, porém, ao grito de — *reforma ou revolução* (2)!" Era o anúncio do "Manifesto Republicano" de 1870, do pedreiro livre Saldanha Marinho, sua segunda página, como escreveu Euclides da Cunha. De permeio, a Lei do Ventre Livre, estancando a fonte da mão de obra, sem lhe dar substituição. Essa lei, obtida e promulgada pelo grão mestre da maçonaria, visconde do Rio Branco, a 28 de setembro de 1871, fôra, segundo confissão oficial do Grande Oriente, recomendada ao Grande Oriente do Vale dos Beneditinos pelo Grande Oriente da França, como condição *sine qua non* do reconhecimento de sua legalidade (3). Era, assim, uma imposição estrangeira á vida interna do Brasil.

Lançada a semente republicana para aluir o trono e enfraquecida a economia nacional pela diminuição do braço escravo, unica base do trabalho nacional, a maçonaria voltou-se para a religião, decidida a persegui-la, afastá-la da Corôa, desmoralizar o episcopado, afim de privar a monarquia do seu apoio espiritual. A ocasião era propicia em 1872. A Igreja em paz não

---

(2) Rio Branco, op. cit., pgs 223 e 348.
(3) "O Ponto Negro", Rio de Janeiro, 1872, pgs. 16-17.

esperava o ataque, sendo tomada de surpresa. O clero e as irmandades religiosas estavam infiltrados de pedreiros livres. Ao ministerio conservador de Itaboraí sucedera o ministerio maçon de Rio Branco, prestigiado pela sua ação diplomatico-politica no fim da guerra, "carregado de serviços á pátria", dizia-se. A maçonaria era todo-poderosa no Brasil (4).

Todo-poderosa tambem no mundo, que agitava. Na França desencadeára os horrores da Comuna e preparava uma grande conspiração, felizmente descoberta (5). Na Alemanha, programava a Kulturkampf bismarquiana. Na Suiça, inspirava a legislação sobre os dogmas. Na Austria, denunciava a Concordata. Na Belgica, fechava as escolas católicas. Na Espanha, incorporava os bens religiosos ao patrimonio do governo. Na Irlanda, perseguia atrozmente os fieis. Na Italia, suprimia as ordens religiosas. No Equador, assassinava o grande Garcia Moreno. Executava brilhantemente o seu programa oficial: "Guerra sem fim contra a Igreja, o Papado e os Reis (6)!"

Asada a ocasião para a luta religiosa que nunca existira no Brasil, onde a Igreja desfrutava a maior tranquilidade dêsde a maioridade, graças á Ordem Imperial, que diminuira a atividade revolucionaria das lo-

---

(4) Fr. Luiz de Gonzaga, "Monseigneur Vital", liv. Saint François, Paris, 1912, pg. VII.

(5) Pe. N. Deschamps, op. cit., t. III, pgs. 357 e segs.

(6) Prancha da Loja maçónica brasileira Conciliação, de 17 de agosto de 1867.

jas. A maçonaria brasileira achava-se, então, dividida em duas frações, que fingiam se combater, que se afirmavam em polos opostos, mas estavam unidas por baixo da mêsa, tirando todo o proveito dêsse jogo com que embaíam os incautos. Uma se dizia monarquica, partidaria do Governo Imperial, o Grande Oriente da rua do Lavradio, cujo grão mestre era o visconde do Rio Branco, ministro da Fazenda e presidente do Conselho de Ministros. A outra se declarava oposicionista radical, revolucionaria, o Grande Oriente da rua dos Beneditinos, cujo grão mestre era o propagandista republicano Saldanha Marinho. Ambos trabalhavam em dois campos opostos para a mêsma finalidade oculta. O Imperador, fiel do equilibrio da politica nacional e dos poderes do Estado com o Poder Moderador, ignorava completamente o verdadeiro caráter da maçonaria e consentia que atuasse no jogo de báscula dos partidos politicos, tornando-se *inconscientemente* réu de *cumplicidade indiréta* (7).

Atingido o poder com a facção Rio Branco, a maçonaria ia tentar meios e modos de *protestantizar* o país. Verdadeiro segredo de Polichinelo o que ela fazia em São Paulo, na Baía, em Pernambuco, no Ceará, por toda a parte: propaganda revolucionaria terrivel para a mudança do regime. Era necessario arrancar-lhe, pois, a base espiritual, privá-lo da força da Igreja, indispondo um contra o outro. Saldanha Marinho, "ima-

(7) Fr. Luiz de Gonzaga, op. cit., pg. 155.

gem viva do odio anti-cristão e da blasfémia", presidente da irmandade de Santa Rita e grão mestre, espalhava esta frase significativa: "A vida do Brasil depende do aniquilamento de Roma (8)."

Os dois Grandes Orientes estavam em ligação intima com a maçonaria internacional. O do Vale dos Beneditinos com o Grande Oriente de França. O do Vale do Lavradio com a maçonaria italiana. Porque tivesse o poder na mão, o bom senso do povo apelidára-o "Maçonaria Imperial"... (9) Êles iniciaram a luta por uma campanha demolidora de imprensa. Possuiam inúmeros jornais. Influíam noutros. Fundaram alguns mais. Nêles metiam a ridiculo os dogmas fundamentais da religião, zombavam das cousas sagradas e espalhavam por toda a parte o espirito de irreligiosidade sob a cortina de fumaça dum anti-clericalismo ou anti-ultramontanismo patriotico. Abusavam das calúnias e injúrias. Formavam essa onda "A Familia" na Côrte, "A Familia Universal" e "A Verdade" no Recife, "O Pelicano" em Belem, "O Labarum" em Maceió, "A Fraternidade" em Fortaleza, "A Luz" em Natal, o "Diario de Campinas" e, recentemente fundado, o "Correio Paulistano". Êstes dois últimos obedeciam mais ainda á orientação da Burschenchaft, a bucha paulista, que se escondia muito mais secretamente do que a maçonaria e da qual rarissimas pessôas

(8) Op. cit., pgs. 177, 275 e 288.

(9) Antonio Manuel dos Reis, "O bispo de Olinda perante a história", tip. da "Gazeta de Noticias", Rio de Janeiro, 1878, pg. 7.

suspeitavam naquêle tempo. Além dos jornais, os folhetos e opúsculos no gênero do "O Ponto Negro" (10).

A questão começou oficialmente no dia 2 de março de 1872, quando o Grande Oriente do Lavradio deu uma festa solene em regosijo da Lei do Ventre Livre e de ter sido o mêsmo Grande Oriente escolhido para dirigir os destinos do Brasil (11). Aproveitou-se a ocasião para tentar comprometer o conde d'Eu, genro do Imperador, que voltára coberto de louros do Paraguai, que se portava com admiravel correção, não se envolvendo na politica. Insistiram em convidá-lo a comparecer á festa, alegando todos os pretextos. O principe recusou terminantemente e nunca a maçonaria lhe perdoou o agravo. Êle "não era e não quis ser maçon" (12). Nessa festa, o padre maçon Almeida Martins pronunciou um discurso de elogio a Rio Branco e á Seita, que, no dia seguinte, publicou no "O Comercio" com a sua assinatura e o seu gráu nas lojas.

O discurso laudatorio do padre Almeida parecia uma provocação ás autoridades eclesiasticas, pois que a maçonaria é formalmente condenada pela Santa Sé. O bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda, mandou chamar o sacerdote transviado e exortou-o a abjurar o erro. Êle recusou. Então, o bispo aplicou-

---

(10) Op. cit., pg. 9; Fr. Felix de Olivola, "Um grande brasileiro", Imprensa Industrial, Recife, 1936, pg. 83.

(11) Fr. Felix de Olivola, op. cit., pg. 81.

(12) Luiz da Câmara Cascudo, "Conde d'Eu", ed. da Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1933, pg. 60.

lhe a pena devida, suspendendo-o de ordens. Foi um Deus nos acuda! A maçonaria julgou-se ferida nos seus melindres. As sessões do Oriente do Lavradio fôram tumultuosas. Nomeou-se uma comissão a 16 de abril para tratar do assunto, angariar recursos financeiros em todas as lojas do país e mover uma campanha de imprensa contra o episcopado. O Oriente dos Beneditinos foi convidado a colaborar no *interesse geral da Ordem*. A 27 de abril, êle deliberava atuar em harmonia com o outro. Publicou-se um manifesto, espalharam-se pranchas e realizaram-se subscrições (13).

Unidos os dois Orientes rivais no mêsmo desideratum, o visconde do Rio Branco, chefe do governo, capitaneou a luta contra a religião do Estado! "Rio Branco queria dominar e o Grande Oriente dos Beneditinos tambem; mas o odio á Igreja que os unia era laço muito sólido para que o rompessem e procederam corretamente. Dois mêses após o acôrdo, conviram em cada qual retomar a liberdade de ação politica, porém unindo ambos todos os seus esforços contra a Igreja. Herodes e Pilatos ficaram amigos. Para inaugurar essa união, as lojas resolveram desafiar o bispo do Rio de Janeiro, anunciando na ocasião em todos os jornais que os maçons mandavam dizer uma missa por um irmão falecido. E' forçoso reconhecer que o bispo fra-

---

(13) Pe. N. Deschamps, op. cit., t. III, pg. 575; D. Pedro Maria de Lacerda, "Reclamação", tip do "Apostolo", Rio de Janeiro, 1873, pg. 102; Fr. Felix de Olivola, op. cit., pg. 82; "Boletim" do Grande Oriente do Lavradio, 1.° ano, pg. 202-204; "Anais" da loja Firmeza e União, pgs. 222-224.

quejou e não se opôs á demonstração sacrilega (14)". Dizem que mal aconselhado pelo internuncio Sanguigni, criatura da maçonaria. A cousa ficou por isso mêsmo.

"A GRANDE ONDA levantada no Rio de Janeiro estourou logo furiosa nas margens do Amazonas (15)." Numa de suas violentas diatribes, o periodico maçónico de Belem, "O Pelicano", jurava que o aniquilamento da Igreja no Brasil era questão de tempo. Em Pernambuco, rebentaria a GRANDE ONDA FURIOSA antes de atingir a Amazonia. A conspiração das Trevas estava bem urdida para pipocar em diversos pontos e desnortear o episcopado pela sua simultaneidade, impedindo-lhe qualquer ação de conjunto.

O bispo de Olinda era um joven frade franciscano, ardente na sua fé, firme nas suas convicções e armado daquela coragem que dá o sol dos sertões nordestinos, onde nascera, frei Vital Maria de Oliveira. A 24 de maio de 1872, fizera sua entrada solene na diocese e já em principio de junho a fôlha da maçonaria, "A Familia Universal", iniciava seus ataques contra êle. A 24 de junho, dia de São João, saía nos jornais o anúncio de uma missa na igreja de São Pedro e no dia dêste santo, em comemoração ao aniversario duma loja. Convidavam-se os irmãos tripingados publicamente. O mêsmo sistema de provocação posto em prática no Rio de Janeiro e, depois, no Pará. Apesar de

(14) Pe. N. Deschamps, op. cit., t. III, pg. 576.

(15) D. Antonio de Macedo Costa, "A questão religiosa no Brasil", ed. Lallemant Fréres, Lisbôa, 1886, pg. 76.

sua juventude, 27 anos somente, o bispo com toda a prudencia mandou ao clero uma ordem *em reservado,* proibindo a missa, que se não realizou. Os jornais das lojas provocaram-no: tenha coragem, saia em público, é bispo brasileiro ou ultramontano, agente do governo ou de Roma? Tudo isso com o acompanhamento de blasfemias e, sobretudo, de insultos á Virgem Maria. O joven D. Frei Vital resistiu ás provocações e só a 21 de novembro enviou uma pastoral ao seu clero, aconselhando os párocos a acautelarem suas ovelhas contra a maçonaria (16).

Como o bispo não replicasse ás continuas invectivas da Seita, ela estampou na imprensa o nome de seus veneraveis, vigilantes, secretarios, oradores e irmãos que faziam parte das irmandades religiosas, nelas exercendo até os cargos de juizes. E gritava que a instituição maçónica era santa e que seus componentes eram excelentes católicos. Respondeu-lhe o bispo com absoluto silencio. "Seus jornais, então, se lançaram ao combate e, numa série ou, melhor, *orgia* de artigos, atacaram a Santa Virgem, a Graça, a Eucaristia e a Trindade, com tal impiedade de linguagem e sentimentos que seria dificil pronunciar mais abominaveis blasfemias. O bispo deixára de lado o que se lhe referia pessoalmente, mas não podia ser indiferente ao que tocava os sacramentos e os misterios." Mandou uma circular ao clero para que desagravasse a Virgem Maria, tão vilmente ofendida. A maçonaria considerou-a

(16) Antonio Manuel dos Reis, op. cit., pgs. 6, 7, 11 e segs.

uma provocação e retrucou com as listas completas e pormenorizadas dos *membros do clero* e das irmandades filiados ás lojas. O bispo chamou os primeiros ao palacio da Soledade e admoestou-os. Todos, menos dois, abjuraram. Com os membros das irmandades não se deu o mêsmo: persistiram (17).

A 28 de dezembro de 1872, D. Vital recomendou aos vigarios que intimassem os maçons pertencentes ás irmandades a abjurar ou deixar as mêsmas. Algumas irmandades responderam logo; outras demoraram a resposta. Os maçons não se sujeitavam á alternativa. A uma segunda intimação responderam com grosserias e insultos. Então, á medida que lhe iam respondendo, o bispo foi interditando as irmandades. Êsse interdito alarmou o governo maçónico do visconde do Rio Branco. Fôra o seu ministro da Justiça, João Alfredo Corrêa de Oliveira, maçon notorio, quem escolhera D. Vital para a diocese de Olinda e o propusera á Santa Sé. O antecessor de D. Vital, o bispo Cardoso Aires, tinha pretendido informar-se da atuação das lojas no seio do clero e das confrarias, morrendo por isso envenenado, ao que diziam. Parece que, pernambucano, o ministro da Justiça tinha lançado os olhos sobre seu joven patricio, julgando que pela sua mocidade e inexperiencia se pudesse tornar um instrumento do Grande Oriente, um *chef de file maçonnique* (18). Entretanto,

---

(17) Antonio Manuel dos Reis, op. cit., pgs. 11 e segs.; Pe. N. Deschamps, op. cit., pgs. 578-579; Fr. Felix de Olivola, op. cit., pg. 92.

(18) Fr. Luiz de Gonzaga, op. cit., pg. 37.

levantava-se um prelado energico, tenaz, disposto á luta, um verdadeiro *homem de espanto,* um verdadeiro ATANÁSIO, como disse alguem.

A questão podia tornar-se grave. João Alfredo escreveu uma carta intima a D. Frei Vital. Confessava ser maçon, *iniciado havia quinze anos, mas tendo comparecido somente a umas tres ou quatro sessões,* desculpa tôla repetida até cansar pelos maçons graduados, como veremos diversas vezes nêste capitulo. Julgava a maçonaria uma sociedade beneficente inocentissima, admitida em todos os paises. "Não sei como — dizia — poderia o governo proibir as sociedades maçónicas que se compõem de católicos, que não teem fins contrários á religião do Imperio, e que, *dado que os tivessem, trabalham a portas fechadas...*" Delicioso! Então o ministro entendia não se poder proibir o que se faz escondido? João Alfredo terminava concitando o bispo á prudencia e á moderação. A carta era uma espécie de abertura de negociações. Frei Vital respondeu-lhe com tal franqueza e tão alta dignidade que o ministro da Justiça se encolheu (19).

A maçonaria desencadeou a luta. Seus jornais desmandaram-se em insultos á Igreja pelo Brasil afóra. A "Fraternidade" de Fortaleza desafiava o bispo de Olinda *de modo significativo,* a escolher: ou católico com Pio IX ou *judeu* com a maçonaria (20)! A alternativa é notavel, pois nela um orgão maçónico brasi-

---

(19) Op. cit., pgs. 102-104.
(20) Op. cit., pg. 122.

leiro reconhece sem o sentir que a maçonaria é judaica, é dirigida pelos judeus. No Recife, houve tumultos, com padres assassinados e espancados, com ameaças aos colegios de religiosas e orfanatos, com profanação e sacrilegios em capelas (21). Átos de verdadeiro comunismo.

"Os liberais de todos os paises e de todos os tempos gostam de recorrer a Cesar — escreve o Pe. Deschamps —, quando precisam de Cesar para esmagar seus adversarios." As irmandades apelaram para o Governo Imperial nas mãos da maçonaria, isto é, esta apelou para ela mêsma. Profunda hipocrisia! Não tendo surtido o menor efeito a epistola do irmão João Alfredo, êle intimou o levantamento do interdito pelo aviso do ministerio da Justiça de 2 de junho de 1873. O bispo respondeu, sustentando brilhantemente a legalidade de seu áto na esfera espiritual (22). O recurso interposto pelas irmandades chegou aos altos poderes do Estado, onde a maçonaria pontificava, como veremos, e o resultado foi o aviso do mêsmo ministerio de 27 de setembro, mandando o procurador da Corôa denunciar o bispo.

A denuncia, dada a 16 de outubro, foi "o maior fiasco de que ha noticia nos anais juridicos do Imperio". Contudo, a 2 de dezembro era pronunciado como

---

(21) D. Antonio de Macedo Costa, op. cit., pg. 126; Fr. Felix de Olivola, op. cit., pg. 126; Fr. Luiz de Gonzaga, op. cit., pg. 111.

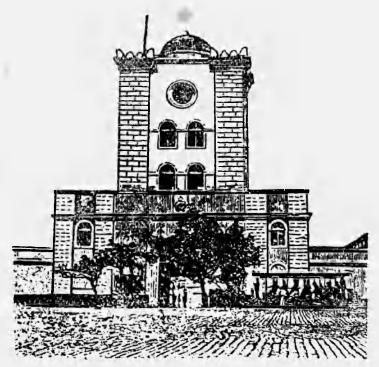
(22) "O bispo de Olinda e seus acusadores no Tribunal do Bom Senso", Recife, 1873.

incurso no art.° 96 do Codigo Criminal e a 2 de janeiro, preso e recolhido ao Arsenal de Marinha do Recife (23). Quando o portão da velha torre de Malakoff, como chamam no Recife ao Arsenal, se fechára sobre o ATANÁSIO BRASILEIRO, o nobre adversario da maçonaria, o grão mestre do Vale dos Beneditinos, o repúblico Saldanha Marinho, sob o pseudónimo maldosamente escolhido de GANGANELI, exultava: "Parabens ao país!" Parabens ao país, porque seu governo, composto de maçons, metia na cadeia um inocente, um frade humilde e puro, que sabia cumprir altivamente seu dever de pastor! Veja-se como a Seita Maldita torce as cousas.

Os maçons dominavam a politica, a justiça e o governo. D. Pedro II, educado quasi sem religião, regalista e liberal galicano como os soberanos do seu século, não enxergava o perigo que essa questão entre a Igreja e o Estado, suscitada pela maçonaria, representava para os destinos da monarquia. Parece que o Imperador apoiou mêsmo o gabinete Rio Branco na perseguição religiosa. E' a opinião de Joaquim Nabuco. O Governo Imperial tornou-se, assim, amigo e cúmplice do seu coveiro, a maçonaria. Chegava-se até a atribuir a atitude de Sua Majestade ao desejo de vingar-se dum aborrecimento que lhe causára Pio IX. Na sua viagem á Europa em 1869, D. Pedro II fôra recebido incógnito por Sua Santidade e, em conversa, a aconselhára a aproximar-se de Vitor Emanuel. O Papa

---

(23) Antonio Manuel dos Reis, op. cit., pg. 16.

cortára a palestra inconveniente e o Imperador guardára-lhe rancor (24). Em sua Carta Pastoral de 25 de março de 1873, escrita nove mêses após terem as

ARSENAL DE MARINHA — RECIFE — **Torre de Malakoff.**
Aí esteve preso o bispo D. Vital

lojas rompido o fogo contra êle (25), já na prisão, D. Vital previa as funestas consequencias da crise que a maçonaria provocára: "A Igreja — escrevia o emi-

(24) Joaquim Nabuco. "Um estadista do Imperio", t. III, pg. 168; Vilhena de Morais, "O gabinete Caxias", pg. 53; Fr. Luiz de Gonzaga, op. cit., pgs. 74 e 133.

(25) D. Antonio de Macedo Costa, op. cit., pg. 73.

nente antistite — nasceu, cresceu e vigorou no seio das perseguições, e por isso nada ha de recear. Mas o Estado? O futuro encarregar-se-á de nos responder!" A resposta definitiva foi o 15 de novembro de 1889.

O interdito lançado pelo bispo sobre as irmandades maçonizadas era de caráter inteiramente espiritual, isto é, quanto á admissão aos sacramentos e ás festas religiosas. Sua aplicação e revogação competiam tão somente á autoridade eclesiastica, de modo que o áto governamental de 12 de junho, que ordenava o seu levantamento, não passava dum abuso de autoridade. O bispo informou o Papa e êste aprovou sua conduta pelo Breve QUANQUAM DOLORES, permitindo que, durante um ano, qualquer padre pudesse absolver os maçons que quisessem abjurar. Era abrir as portas da Igreja aos arrependidos. "O Breve foi entregue ao bispo no mêsmo dia e na mêsma hora em que lhe chegava o decreto imperial ordenando a cessação do interdito. Admirado da coincidencia, o bispo escreveu ao Imperador: "Senhor. Tenho em uma das mãos nêste momento a carta em que me ordenais levantar a interdição e na outra o Breve em que o Santo Padre aprova o meu procedimento. Julgue Vossa Majestade se me é possivel acceder ao que deseja..." E publicou o Breve na sua diocese, sem pedir o exequatur... (26)

Todos os bispos brasileiros publicaram o Breve nas suas dioceses. Para intimidá-los, o Governo Imperial

(26) Pe. N. Deschamps, op. cit., t. III, pg. 583.

processou o bispo de Olinda por essa publicação sem *placet,* pensando amedrontar e desmoralizar o episcopado inteiro. Vital foi transferido para o Rio de Janeiro e julgado pelo Supremo Tribunal de Justiça. Enquanto se achava na prisão, o bispo de Belem, D. Antonio de Macedo Costa, era trazido de sua diocese e encerrado na ilha das Cobras por *crime* identico.

A onda maçónica rebentára tambem nas plagas amazonicas. Na tradicional festa de Nossa Senhora de Nazareth, em 1872, a irmandade maçónizada e judaizada permitira fátos revoltantes, cenas verdadeiramente abominaveis em derredor do andor da Virgem Maria. Até farándolas de mulheres núas dansando lascivamente fôram apresentadas ao público. Informado do escándalo, o bispo suspendeu as festas. A irmandade recorreu á intervenção do presidente da provincia Bandeira de Melo, e D. Antonio de Macedo Costa cedeu mediante a promessa formal de se não repetirem semelhantes exibições. Confiou nos peores inimigos da religião que não cumpriram o prometido. O bispo agiu e o governo maçónico interveiu, prendendo-o. Era um varão virtuoso, grande escritor e magnifico orador, que toda a gente chamava o CRISÓSTOMO BRASILEIRO, mas faltavam-lhe a agudeza e a energia do seu colega de Olinda, o ATÁNASIO. Quando na ilha das Cobras, prisioneiro e isolado, quasi perdeu o sangue frio e se deixou embair pelas *astúcias conciliatorias* dos instrumentos da maçonaria. As cartas que lhe escrevia D.

Vital da sua prisão é que lhe deram a energia necessaria para vencer as insidias e as velhacadas (27).

Não faltaram inimigos insidiosos trabalhando conscientemente ou inconscientemente em prol das forças secretas. Mêsmo junto ao Sumo Pontifice. O cardeal Antonelli, secretario de Estado, informava-o mal e o predispunha contra os bispos brasileiros, sobretudo contra D. Vital, pintando-o como imprudente e repentino, culpando-o da provocação á Seita. Na opinião do antístite olindense, o cardeal tinha ligações maçónicas (28). Aliás, isso era sabido e falado no mundo inteiro. O internuncio no Rio de Janeiro, monsenhor Domenico Sanguigni, tambem era suspeitissimo. Chegou a aconselhar D. Vital a um recúo, oferecendo-lhe dinheiro para a diocese, por parte do gabinete Rio Branco, contanto que cessasse a luta contra a maçonaria, e a soma de que carecesse afim de fazer uma viagem ao estrangeiro. O auditor, monsenhor Ferrari, que o substituiu como encarregado de negocios, era da intimidade do visconde do Rio Branco e, enquanto os dois heroicos bispos gemiam na prisão, concedia ao presidente do Conselho de Ministros, notoriamente grão mestre da maçonaria, portanto excomungado pela Santa Sé, a graça de ter *oratorio privado* (29).

A perseguição do governo maçónico não se limitou á prisão dos dois bispos. Como os governadores

(27) Fr. Luiz de Gonzaga, op. cit., pgs. 256-257, 346 e segs.
(28) Op. cit., pg. 192.
(29) Op. cit., pgs. 131-132.

ou vigarios gerais dos bispados mantivessem o interdito, documentadamente provado de caráter meramente religioso (30), suspendeu-lhes as côngruas, deteve-os e acabou condenando-os á prisão com trabalhos. Entendia o governo, no seu regalismo galicano, que, por pagar uma côngrua ou estipendio mensal ao clero, cada membro dêste devia se considerar seu funcionario. Estava erradissimo. A doutrina juridicamente certa nos paises de religião oficial é que o Estado se tornou procurador dos bispos como incorporador dos dizimos, que pertencem á Igreja de acôrdo com os mais antigos livros religiosos, e dos bens patrimoniais da mêsma Igreja, que confiscou em seu proveito. E', pois, uma restituição módica e não um ordenado ou salario (31).

Frei Vital compareceu perante o Supremo Tribunal de Justiça no dia 21 de fevereiro de 1874. Estava condenado de ante-mão. "A Nação", orgão maçónizado do Rio de Janeiro, dezesseis dias antes anunciava que os bispos seriam *inevitavelmente* condenados. Compunham o tribunal os juizes: Marcelino de Brito, Veiga, Simoens da Silva, Costa Pinto, Valdetaro, Albuquerque, Castro, Vilares, os barões de Mariana, Pirapama e Monteserrate, Chichorro da Gama, maçon graduadissimo, antigo praieiro, e Messias de Leão, que seria o relator do feito e cujo nome não é muito católico. A defesa a cargo de Zacarias de Góis e Vasconcelos e de Candido Mendes de Almeida, ambos causidi-

(30) Antonio Manuel dos Reis, op. cit., pg. 89.
(351) Op. cit., pg. 205.

cos notaveis. "O mais tumultuario e nulo processo de que haja noticia em nosso fôro", com todas as fórmulas "atropeladas ou preteridas", com o fáto e o direito "torturados", com um crime de "invenção", com incompetencia manifesta do tribunal, energicamente contestada por um dos proprios juizes, o nobre barão de Pirapama (32).

O bispo não podia reconhecer a competencia daquêle tribunal civil em materia religiosa, embora aquela justiça maçonizada entendesse que as irmandades fôssem de natureza inquestionavelmente mixta (33), cabendo, no caso, a intervenção. Por isso, na fôlha em branco do libelo que lhe apresentaram para escrever sua defesa, limitou-se a escrever estas palavras: *Jesus autem tacebat*. Elas doeram como uma vergastada no maçon Chichorro da Gama, cuja suspeição notoria o advogado Candido Mendes de Almeida impugnára sem resultado. Reclamou que o bispo se comparava ao Cristo e, por conseguinte, comparava os juizes a Caifaz e Pilatos (34). A verdade da comparação doía. A maçonaria, instalada nas irmandades, no ministerio e no tribunal, provocava, prendia e julgava. Parte e juiz ao mêsmo tempo. Sob varios disfarces, era ela que estava em todos os lugares, escondida pelo seu segredo.

---

(32) Op. cit., pgs. 252, 270, 279 e 331.
(33) Op. cit., pg. 64.
(34) Fr. Luiz de Gonzaga, op. cit., pgs. 220-221.

A assistencia aplaudiu o bispo e seus brilhantes defensores, mas a condenação, ordenada das Trevas, foi pronunciada. Nenhuma mais iniqua em toda a história do Brasil independente! Quatro anos de prisão com trabalhos, como se se tratasse dum malfeitor! Causou tal arrepio na opinião pública que, a 12 de março seguinte, o Imperador comutava a sentença em quatro anos de prisão simples na fortaleza de São João, onde D. Vital permaneceu encerrado até o dia 17 de setembro de 1875, quando o ministerio presidido pelo duque de Caxias lhe concedeu a anistia, extensiva ao bispo do Pará, que sofrera as mêsmas penas, e aos governadores dos dois bispados (35).

Antes de se fazer êsse monstruoso processo, tipicamente maçónico, a questão das irmandades fôra levada ao conhecimento do Conselho de Estado, a mais alta e notavel corporação da Monarquia. Submeteram-lhe o recurso da irmandade do Santissimo Sacramento da matriz de Santo Antonio do Recife contra a sentença do bispo, datado de 3 de maio de 1873. Afim dè examinar êsse recurso, como se fôsse assunto de importancia vital para a nação, o Conselho reuniu-se no paço de São Cristovam, na noite de 5 de junho do mêsmo ano, sob a presidencia de Sua Majestade o Imperador. Memoravel sessão em que se verifica como até aquêle nobre, prudente e alto corpo consultivo da Monarquia estava enfartado de pedreiros-livres. Compareceram á sessão velhos estadistas cobertos de ser-

---

(35) Antonio Manuel dos Reis, op. cit., pgs. 19-20.

viços ao país, experientes das tricas da politica e dos meandros da administração. Luiz Alves de Lima e Silva, duque de Caxias, Pimenta Bueno, marquês de São Vicente, os viscondes de Inhomerim, Rodrigues Torres, de Niteroi, Saião Lobato, de Muritiba, Vieira Tosta, de Abaeté, Limpo de Abreu, de Sapucaí, Araujo Viana, os barões de Javari, Alves Loureiro, e de Bom Retiro, Couto Ferraz; Nabuco de Araujo e Souza Franco (36). Vale a pena fazer o resumo da áta, afim de sentirmos a maçonização do Conselho de Estado.

O primeiro conselheiro a dar seu voto foi o visconde de Abaeté. Declarou de inicio não ter tido tempo bastante para estudar os papeis. Achava que o Conselho devia tomar conhecimento do recurso, mas que a teoria do beneplacito não podia compreender os átos do dominio espiritual. "Se não foi concedido o beneplacito ás bulas que condenaram as sociedades maçónicas, é certo tambem que não lhes foi êle expressamente recusado, como era necessario, e portanto evidente é para mim que o caso não está incluido no citado art.° da Constituição. Direi mais que o Poder Temporal, pelo fáto de proibir em Portugal e no Brasil todas as sociedades secretas, declarando-as criminosas, outorgou tacitamente o seu beneplacito ás bulas pontificias que condenaram as sociedades maçónicas, que são sociedades secretas (37)."

---

(36) Op. cit., pgs. 134 e segs.
(37) Op. cit., pg. 137.

Acrescentou não parecer demonstrado o asserto de não conspirar a maçonaria contra a religião. "Pela minha parte confesso que pertenço ao número daquêles que vêem e reconhecem a existencia de uma *propaganda* contra a religião católica; e, sendo assim, quaisquer que fôrem as consequencias, declaro, como cidadão e como católico, que hei de opôr-me tanto quanto puder a uma tal propaganda (38)."

Sua fé era "a do carvoeiro". Por que? "Pertenci em 1830 ou 1831 a uma loja maçónica; mas dêsde 1834, isto é, ha quarenta anos, retirei-me da associação, não conhecendo nenhum dos segredos, se é que os tem... Nunca ouvi ali pronunciar o nome de Deus... (39)" Entendia, finalmente, que a Igreja era o único juiz competente na materia em apreço e que o bispo respeitára a jurisdição temporal.

Voto corajoso e franco o do velho Limpo de Abreu, maçon arrependido e crente em Jesus Cristo. Todavia nêle se nota certo receio ao tratar do segredo da maçonaria... *se é que o tem*... Foi o único voto inteiramente favoravel á Igreja.

Votou em segundo lugar Pimenta Bueno, marquês de São Vicente. Era maçon e somente abjurou a Seita na hora da morte (40). Não deu uma palavra, prudentemente, sobre a maçonaria. Afirmou-se *cristão*, mas o Brasil, por ser católico, no seu modo de pensar, não

(38) Op. cit., pg. cit.
(39) Op. cit., pg. 138.
(40) Fr. Luiz de Gonzaga, op. cit., pg. 142.

devia abdicar das prerrogativas de sua soberania. Sentia que máus principios tentavam abalar o poder da Igreja e da Autoridade Pública. Lamentava, pois, as perturbações partidas de alguns ministros eclesiasticos.

Não quis descontentar ninguem. Acendeu uma vela a Deus, outra ao diabo. A do diabo maior, com a acusação capciosa final.

Chegou a vez de Souza Franco, maçon conhecido (41). Deu arrhas do seu maçonismo entranhado, pregou o laicismo e afirmou esta enormidade: que "se póde ser maçon e bom católico". Apesar de, dêsde sua partida de Olinda, em 1835, *nunca mais ter entrado numa loja,* defendeu o deismo maçónico sob a fórmula do Grande Arquitéto do Universo, condenado por Abaeté. "A maçonaria — disse — eu a julgo vantajosa e que merece ser sustentada". Entendia que "o Brasil é católico como Jesus Cristo ensinou e não como queria a Cúria Romana". A Igreja tinha *errado muitas vezes.* Nenhum bispo podia sujeitar-se á obediencia ao Papa sem violar o art. 1.º da Constituição do Imperio e incorrer nas penas do Codigo Criminal. Regalismo galicano absoluto. Condenava o bispo. Achava que o governo podia processá-lo. Renunciaria a todos os seus cargos no dia em que o Brasil caisse sob a influencia jesuitica...

Voto nitidamente maçónico até na afirmação de não frequentar mais as lojas para se dar ares impar-

(41) Op. cit., pg. 144.

ciais. Pensamento maçónico. Estilo maçónico. Hipocrisia maçónica.

O quarto a falar foi Nabuco de Araujo. Contra Abaeté. Opinava com segurança não estar provado no Brasil que a maçonaria fôsse contra a religião. Os fátos protestavam contra as asseverações de Limpo de Abreu. Entendia que o bispo devia ser deportado. Vê-se que é a defesa da maçonaria por um maçon.

Falou em quinto lugar o visconde de Muritiba. Na sua opinião, o bispo cometera, além de usurpação, violencia, expulsando das irmandades os membros maçons, mas não exorbitára quando lhes aplicára as penas espirituais. Não via como encontrar na lei meios para obrigar o bispo a levantar o interdito, nem como classificar seu procedimento nos Codigos. Absteve-se de falar na maçonaria.

O sexto a votar, Sapucai, tambem maçon, não via meios coercitivos contra o bispo, porém se manifestava em absoluto contrário ás ideias de Abaeté, o bóde expiatorio da sessão por ter atacado seu antigo patrão, o Bóde Preto...

Inhomerim falou, depois, rapidamente, fugindo com o corpo, achando que se devia proceder com prudencia e confiar no patriotismo do prelado.

Bom Retiro, que se lhe seguiu com a palavra, declarou não estar provado conspirasse a maçonaria, como dissera Abaeté, patente ou clandestinamente contra a religião, não podendo por isso ser aplicadas aos seus membros as bulas de excomunhão maior (*Santa*

simplicidade ou santa ignorancia!). Referiu-se ao *jus cavendi* e leu longo, fastidioso parecer sobre recursos e beneplacitos, enfartado de citações de juristas europeus. Não encontrou no meio de tudo isso medida de coerção legal para o bispo. O Poder Judiciario que decidisse.

Defendeu a maçonaria sem coragem de atacar o episcopado de frente, exibiu seu pedantismo juridico e acabou atirando a outrem a peteca da responsabilidade...

O barão de Javari assegurou com os olhos em alvo estar convencido de que os maçons no Brasil não conspiravam contra a religião. Conhecia maçons dignos por todos os titulos, mas a instituição era condenada pelo Sumo Pontifice, a quem os católicos devem obediencia. As portarias do bispo contra a maçonaria não mereciam reprovação. Nas irmandades, o bispo só agia na esfera espiritual. Somente encontrava meios coercitivos no decreto de 1857.

O duque de Caxias foi conciso. Era tambem maçon. Está nas listas do Grande Oriente. Diziam, no entanto, que nunca frequentara as lojas, depois das iniciações. Êle concordava sucintamente com a doutrina do parecer e só via meios coercitivos nos decretos de 1838 e 1857.

O primeiro era o decreto de 19 de dezembro de 1838, pelo qual podiam os juizes de direito declarar sem efeito as censuras e penas eclesiasticas impostas aos recorrentes, processando os prelados que lhes desobedecessem. O outro era o decreto de 28 de março de

1857, pelo qual o não cumprimento de ordens do governo importava em crime de desobediencia capitulado no art.º 128 do Código Criminal.

Manifestou-se por último o visconde de Niteroi. Julgava a questão grave e que não podiam ser aplicadas ao Brasil as bulas de condenação da maçonaria, porquanto esta era "absolutamente alheia ás maquinações religiosas". Depois de algumas considerações acacianas (*no sentido da Acácia e do conselheiro Acácio*), declarou não vêr por que condenar o bispo, cujo excesso de zelo religioso se devia a puras intenções...

Outro acendedor de velas...

Assim, estava minado de maçonismo o Conselho de Estado do Imperio. Sob a capa da *união dos povos,* da *fraternidade universal,* a maçonaria engabela os cristãos, que passam a servir, quasi sempre inconscientemente, os desejos de Israel. Vemos êsses homens eminentes pelo saber e pelas virtudes, patriotas e honrados, completamente cégos pelas lantejoulas do Poder Oculto. Alguns naturalmente não poderiam alegar tanta inocencia. Deviam ter pelo menos lido o Manifesto que os maçons brasileiros enviaram a todas as lojas do mundo "dirigidas pelo mêsmo espirito", para saberem que a maçonaria do Brasil não era diferente das outras, nem podia ser excetuada da condenação apostolica. Embora muitos maçons, mêsmo entre os que atingem os mais altos gráus, como é sabido, não devassem todos os arcanos da Seita e nunca cheguem a conhecer-lhe o verdadeiro segredo, nem todos aquêles

conselheiros, segundo parece, poderiam alegar tamanha ignorancia (42).

Pelo que escreveu sobre a maçonaria e que Antonio Manuel dos Reis transcreve na integra em seu livro, verifica-se que D. Vital conhecia a fundo o problema maçónico, as suas raizes, o que se escondia na treva inviolavel do segredo, onde mergulham. Êle proprio, o santo bispo, reconhecia que Rio Branco e João Alfredo, na perseguição que lhe moviam, obedeciam a uma "pressão estranha, a alguma influencia poderosa e irresistivel (43)."

As reações contra essa *influencia* fôram inúteis. A 2 de setembro de 1874, o deputado Leandro Bezerra, católico e anti-maçon, apresentou á Câmara uma denuncia contra os ministros Rio Branco, da Fazenda, João Alfredo, da Justiça, e visconde de Caravelas, de Estrangeiros, pelos crimes de maquinarem a destruição da religião de Estado e de suborno, documentando a acusação (44). Não houve o menor estardalhaço. A maçonaria evitou o escandalo. Os deputados maçons agiram e nomeou-se uma comissão para dar parecer sobre a denúncia, composta dos srs. Tristão de Alencar Araripe, Carneiro da Cunha e Pereira Franco, irmãos tripingados (45). Araripe, escolhido relator, era ma-

(42) "Biblioteca Maçónica", t. I, pg. 24; "O Ponto Negro", pg. 14; Draeske, "Astréa", 1849; Antonio Manuel dos Reis, op. cit., pg. 412.

(43) D. Antonio de Macedo Costa, op. cit., pg. 125.

(44) Antonio Manuel dos Reis, op. cit., pgs. 352 e segs.

(45) Op. cit., pgs. 355 e segs.

çon dos quatro costados. Foi quem fez o elogio fúnebre do visconde do Rio Branco, oficialmente em nome da maçonaria, publicado pela "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro", aliás, seja dito de passagem, duma mediocridade admiravel. Já se vê que o parecer opinou pelo arquivamento da denúncia...

Em 1877, sentindo o perigo que rumorejava nos subterrâneos da pátria, o senador Figueira de Melo propôs aos Pais Conscritos uma lei interdizendo a maçonaria, "que organizava a revolução contra o Imperio (46)." A proposta foi devidamente abafada.

Rio Branco, presidente do Conselho, fôra o grande autor da perseguição religiosa. João Alfredo, ministro da Justiça, cumprira galhardamente suas ordens nêsse sentido. Mas por que aparecia na denúncia do deputado Leandro Bezerra o nome do visconde de Caravelas, detentor da pasta de Estrangeiros?

Porque o Governo Imperial mandára uma Missão Especial a Roma, com o fim de obter do Papa a desaprovação do procedimento dos bispos, que se achavam presos, procedimento aprovado pela Santa Sé na Carta Apostolica de 29 de maio de 1873, como nórma para os outros bispos do Imperio. O efeito que se esperava de tal missão era relaxar ou romper "os vínculos que ligam o Brasil ao sólio pontifical". Se o Papa acedesse, desmoralizaria os bispos e a Igreja ficaria sob o guante do Estado. As instruções mandadas á Missão fôram umas; as publicadas no Brasil, outras, com in-

(46) Fr. Luiz de Gonzaga, op. cit., pg. 156.

terpolações que satisfizeram a empáfia dos maçons e anti-clericais (47).

Escolheu-se para chefiar a Missão Francisco Inácio de Carvalho Moreira, barão de Penedo, ministro em Londres, amigo de Rotschild, tão ligado aos judeus inglêses que o seu trabalho, "A Missão Especial a Roma em 1873", saíu da tipografia amiga do israelita Abraão Kingdom, em Londres... Recebido em audiencia por Sua Santidade, Penedo fez "acusações odiosas" aos bispos e disse que a maçonaria brasileira estava cheia de católicos piedosos, entre os quais o visconde do Rio Branco, com seu *oratorio privado* e que "nunca atentára de qualquer fórma contra a religião (48)." Apesar da *bôa vontade* do cardeal Antonelli, que chegou a escrever uma carta aos bispos sobre o caso, a Missão não conseguiu a desaprovação papal aos átos dos bispos. A maçonaria anunciou isso, dando até os termos da bula, Breve ou Enciclica: *Gesta tua non laudantur;* mas não era verdade. Ao saber da prisão de D. Vital e D. Antonio de Macedo Costa, Pio IX irritára-se. A Missão mentiu bastante e fez muito barulho com resultado nulo.

Após a anistia, D. Vital foi a Roma dar conta do que fizera. De volta, o povo pernambucano o recebeu com as mais vivas demonstrações de regosijo. Em 1877, tornou á Europa e faleceu em Paris, no con-

---

(47) D. Antonio de Macedo Costa, op. cit., pgs. 11 e 14; Discurso do deputado Ferreira Viana, na sessão da Câmara de 1874.

(48) D. Antonio de Macedo Costa, op. cit., pg. 65.

vento dos Franciscanos, a 4 de julho de 1878, com trinta e quatro anos de idade, sem uma queixa, resignadamente, santamente, na visão beatifica de Nossa Senhora (49).

Morreu envenenado pela maçonaria! A inocentinha! Opinião unánime dos amigos intimos. Êle proprio estava convencido disso. Envenenamento maçónico a longo prazo, com arsenico de cobre misturado a arseniato da mêsma base, a FAMOSA AGUA TOFANA. Dêsde 1873, o bispo receava o atentado. Uma irmã de caridade inglêsa salvára-o uma vez do veneno, no Colegio da Estancia, propinado por um medico maçon. Levára muitos meses sofrendo *dôres horriveis*. Não se podia precisar onde recebera a dóse fatal, se no Brasil ou em Roma. Na hora da morte, referiu-se a isso (50).

O gabinete Rio Branco caíu a 22 de junho de 1875. O Imperador chamou os conservadores ao poder, encarregando o duque de Caxias de formar o novo ministerio, que governou até 5 de janeiro de 1878. Foi êsse que anistiou os bispos e vigarios gerais de Belem e Olinda. Sua queda era fatal. Substituiu-o o gabinete presidido por Cansanção de Sinimbú (51).

Após a morte de Rio Branco, desapareceu a cisão do Lavradio e dos Beneditinos, que passaram a for-

---

(49) Antonio Manuel dos Reis, op. cit., pgs. 27 e segs.; Fr. Luiz de Gonzaga, op. cit., pg. 374.

(50) Fr. Luiz de Gonzaga, op. cit., pgs. 294, 359 e segs.; Antonio Manuel dos Reis, op. cit., pgs. 53-54; Fr. Felix de Olivola, op. cit., pg. 134; "Annali Francescani", Milão, 1873; Carta do Pe. João Esberard, escrita de Paris em 18 de julho de 1878.

(51) Rio Branco, op. cit., pg. 324.

mar o Grande Oriente Unido do Brasil. Foi seu grão mestre o maior panfletario que o Brasil jamais teve contra a Igreja, GANGANELLI, isto é, Saldanha Marinho, autor do Manifesto Republicano de 1870, inimigo do Trono e do Altar. Ao tomar posse do cargo de grão mestre de toda a maçonaria brasileira, pronunciou um discurso de violento combate á Igreja, de louvor á ação da maçonaria em prol das "grandes ideias sociais", contendo o programa do casamento civil, da secularização dos cemiterios, da laicização completa da familia e da educação (52). O irmão Joaquim Saldanha Marinho tornava-se assim o Grande Oráculo maçónico daquela revolução que Figueira de Melo pressentia preparada na sombra contra a Monarquia.

ATANÁSIO fechou os olhos ao mundo, envenenado pela *agua tofana* dos templos salomonicos. CRISÓSTOMO lutou sem treguas no Pará contra os maçons, que o insultavam, o vaiavam e lhe faziam manifestações públicas de agravo. GANGANELLI enfeixou nas mãos, triunfalmente, todos os poderes maçónicos do Brasil, que, como vimos, dirigiam á vontade a opinião, a justiça e o governo. As lojas uniam-se pressentindo a vitória próxima. O Trono fôra separado do Altar. O Imperio estava perdido. Era questão de tempo. Com efeito, o Trono caíu; mas o Altar ficou.

---

(52) "Journal de la maçonnerie belge", 1.° e 8 do 12.° mês de 5879, isto é, 1.° e 8 de dezembro de 1879. V. a bibliografia anti-clerical e anti-católica de Saldanha Marinho no "Dicionario bibliografico" de Sacramento Blake, verbete "Joaquim Saldanha Marinho", v. II.

CAPITULO XII

O MISTERIO DO SANGUE

ENQUANTO se processava a luta entre a maçonaria e a Igreja, que Pandiá Calogeras mais duma vez denominou sugestivamente "guerra religiosa", ocorriam no Rio Grande do Sul sucessos misteriosos e graves. A coincidencia é sobremodo interessante. Foi a famosa questão dos Muckers, "tão cheia de peripécias e misterios (1)." Eduardo Marques Peixoto, que coligiu a documentação a respeito e a publicou, acha que "a questão de Canudos muito se assemelhou á dos Muckers, e assim como foi atribuido á jagunçada um movimento politico, pois se afirmava que os monarquistas tinham feito naquêle sertão o seu quartel de ordens, tambem a principio foi atribuido aos Muckers um fim politico... (2)"

O fim não era politico; era antes de caráter religioso, de fundo judaico, destinando-se á creação duma célula propulsora de descristianização. E' pelo menos o que transparece da documentação de que dispomos. Infelizmente, no momento das ocurrencias, não havia

(1) Eduardo Marques Peixoto, "Questão Maurer — Os Muckers", "in" "Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro", Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1907, t. LXVIII, p. I, pg. 393.

(2) Op. cit., loc. cit.

quem, conhecedor dos manejos das forças ocultas, pudesse observar convenientemente o fenómeno e deduzir dessa observação opinião segura e fundamentada.

O teatro dos estranhos acontecimentos foi a colonia alemã de São Leopoldo, fundada em 1824, onde se acotovelavam católicos, protestantes e alguns judeus. Em 1844, os padres jesuitas Agostinho Lipinski e João Sedlach, expulsos de Buenos Aires pelo tirano Rosas, vieram ali e imprimiram aos fieis alemães certa disciplina religiosa (3). Aos protestantes faltou êsse freio. Pertenciam a diversas seitas. Elegiam livremente seus ministros e, ás vezes, graças a intrigas, essa escôlha recaía em pessôas de instintos perversos e nenhuma idoneidade moral, como no caso do pastor Klein, de nome seguramente judaico, *magna pars* nos acontecimentos de que vamos tratar.

Em 1872, o colono João Jorge Maurer, quando ia rachar lenha no mato, deu para entrever no meio da fôlhagem densa um vulto misterioso que o aconselhava a deixar as fainas do campo e dedicar-se a curar a saúde do próximo. Para isso, Deus o destinava. Diziam que o pastor Klein era o autor daquela sugestão. E', por exemplo, a opinião do jesuita Ambrosio Schupp, que, na sua obra sobre os Muckers, evita escrever-lhe até o nome por se achar ainda vivo e existirem parentes seus. Maurer era casado com Jacobina Mentz, filha de anabatistas, sujeita a ataques epilepticos com letar-

(3) Pe. Ambrosio Schupp, "Os Muckers", 2.ª ed., Selbach & Mayer, Porto Alegre, pg. 18.

gias subsequentes, dêsde a idade de doze anos. Sofria tambem crises de sonambulismo. Uma tarada. Vivia lendo constantemente a Sagrada Escritura e interpretando seus textos por *inspiração divina*, como dizia. Era parenta do pastor Klein, que gozava da máxima intimidade em sua casa. O marido, analfabeto, deixava-se dominar inteiramente por ela, que o ajudou com seus transes e sonambulismos a transformar-se em curandeiro ou mezinheiro da região. Formavam ambos um perigoso casal de místicos ou espertalhões, que podiam ser facilmente explorados pela satanica habilidade dum terceiro interessado (4).

Era o que fazia o chamado HOMEM MISTERIOSO, o pastor Klein. Alto, robusto, com 50 anos de idade, natural de Hunsrücken, na Prussia Renana, era o tipo acabado do aventureiro. Emigrára da Alemanha para os Estados Unidos, onde tentára a vida sem proveito. Viera dar com os ossos na zona colonial do Sul. Encalhára em São Leopoldo e conseguira ser escolhido pastor pelas suas maneiras untuosas e fingidas. Intrigante. Perspicaz. Astuto. Era o "diretor invisivel de tudo quando sucedia em torno do casal." Provam-no de sobejo as cartas que recebia de Jacobina Mentz e que fôram encontradas (5).

Maurer e Jacobina começaram a fanatizar os colonos ignorantes e sem disciplina espiritual. Faziam

---

(4) Eduardo Marques Peixoto, op. cit., pg. 394; Pe. Ambrosio Schupp, op. cit., pgs. 28, 35 e 38.

(5) Pe. Ambrosio Schupp, op. cit., pgs. 44 e segs.

reuniões em sua casa, isolada num ermo, ao pé do morro do Ferrabraz. Aos sons duma caixa de música, cujas notas maravilhavam os rudes campónios, Jacobina, vestida de branco, com uma corôa na cabeça, abençoava os presentes em extase. Todos juravam-lhe observar o cap. V do Evangelho de São Mateus e ela dava, *por inspiração divina*, explicações sobre o verdadeiro sentido da Biblia, *proibindo terminantemente seus sectarios de frequentarem a Igreja e de mandarem os filhos á escola*... Então caía de costas em completa imobilidade e insensibilidade. Somente despertava da letargia aos sons dos cánticos de seus crentes, trocando com êles "beijos jubilosos". Diziam que, nessas ocasiões, Maurer conseguia curar até os cegos e aleijados, profetizando tambem, graças ao influxo da poderosa força que sua esposa recebia do Alem. Para os mais fanaticos, ela era o Cristo e êle o Medico, o Doutor Milagroso ou o Profeta. Convencida de ser o Cristo, Jacobina escolheu doze companheiros para sêrem seus Apóstolos. Entre êles, o mais honrado era o que representava Judas. E' patente o judaismo satanico da seita (6).

Estamos claramente em presença duma seita fundamentalmente judaica, do tipo da dos Caínitas, identica a muitas das que surgiram como tortulhos no

---

(6) Eduardo Marques Peixoto, op. cit., pgs. 394-396; Artigo no "O Riograndense", de 24 de julho de 1874; depoimentos dos Muckers João Nicoláu Fuchs e Augusto Wilborn; Pe. Ambrosio Schupp, op. cit., pgs. 41, 59 e 60; Teixeira de Melo, "Efemérides Nacionais", ed. da "Gazeta de Noticias", Rio de Janeiro, 1881, pg. 420.

tempo do gnosticismo, ameaçando tragar no seu "labirinto diabolico", como escreveu um grande doutor da Igreja, o cristianismo nascente. Exegese pessoal. Heresia manifesta. Taumaturgia demoniaca. Finalmente, como veremos adeante, a imoralidade. Todos os caracteristicos são patentes. Como as suas congéneres, irá até a revolução armada. Corria no meio dos colonos que Maurer adquiria armas e munições, transformando sua casa em verdadeira fortaleza. As compras de armamento eram geralmente feitas por um tal Carlos Einsfeld, sob o pretexto de ser ferreiro e armeiro de profissão (7).

A palavra Mucker com que logo fôram apelidados aquêles fanaticos quer dizer SANTARRÃO ou BEATO FALSO (8). Suas reuniões despertaram a atenção e como delas transpirassem ameaças áquêles que as não aprovavam, a policia de Porto Alegre foi avisada pelo subdelegado de São Leopoldo. O proprio chefe de policia da provincia, Luiz José de Sampaio, veiu pelo vapor "Germania", com um destacamento de 50 praças do 12.º de infantaria de linha e 10 de cavalaria de policia, averiguar de fáto o que havia. Prendeu sem o menor vislumbre de resistecia Maurer, Jacobina e seis sectarios, levando-os para a capital. Jacobina foi presa em estado letargico que durou dias e preocupou os medicos.

---

(7) Eduardo Marques Peixoto, op. cit., pg. 395; Artigo cit. no "O Riograndense", de 24 de julho de 1874.

(8) Pe. Ambrosio Schupp, op. cit., pg. 69, "in" nota.

No inquerito a que se procedeu em Porto Alegre, disfarçadamente o pastor Klein conseguiu *inspirar* os depoimentos. Não se apurou nada de comprometedor. O chefe de policia regressou em maio de 1873, deixando tudo em paz. Em junho, o casal Maurer foi pôsto em liberdade. O chefe de policia declarava oficialmente não ter achado nada de oculto ou misterioso, como se propalava (9).

A policia não via o misterio; mas o povo o sentia. Questão de instinto. Diziam que MÃO OCULTA *especulava* com aquelas reuniões, inspirava-as, manejava-as (10). Era a mão do pastor Klein, auxiliado pelo judeu Georg Robison, homem máu e dinheirudo, que procurava subornar seus devedores católicos, oferecendo-lhes o perdão das dividas em troca de sua abjuração religiosa (11)! O pastor e êle tudo faziam, ajudados por Maurer e Jacobina, para lançar a sizánia entre os colonos de religião diferente, a discórdia no seio das familias, desvinculando os casais e intrigando os proprios filhos com os pais (12). Os Muckers consideravam-se ELEITOS; todos os demais eram IMPIOS. Essa divisão social traria as mais desagradaveis consequen-

---

(9) Oficio do chefe de policia, Luiz José de Sampaio, ao presidente da provincia, João Pedro de Carvalho Morais, de 14 de maio de 1873; idem do presidente ao chefe de policia, de 16 de maio de 1873; Artigo cit. do "O Riograndense", de 24 de julho de 1874; Oficio do presidente da provincia ao ministro da Justiça, de 14 de junho de 1873; Relatorio do chefe de policia, de 2 de junho de 1873.

(10) Eduardo Marques Peixoto, op. cit., pg. 396.

(11) Pe. Ambrosio Schupp, op. cit., pgs. 66-67.

(12) Op. cit., pg. 69.

TIPOS CLASSICOS DE JUDEUS TALMUDISTAS FANATICOS

O CASAMENTO DE LEOPOLDO ROTSCHILD NA SINAGOGA CENTRAL DE LONDRES — **Gravura do "Crapavillot" de Paris, n.º especial de setembro de 1936. O dote dos noivos fôram títulos da Colonia do Brasil...**

cias. O judeu Jacob Fuchs, Jacob Raposa, conhecido pela antonomásia de Jacob das Mulas, era o recadeiro dos fanáticos, o elemento de ligação, como se diz hoje. O judeu Pedro Schmidt, conhecido por Pedro Serrano, tinha uma venda, fóco de propaganda e de vicio. Um comprava e armazenava, o outro transportava nas cargas de suas mulas espingardas, revólveres, pistolas, munições, armas brancas e até vasos com petroleo para provocar incendios (13).

O chefe de policia julgára ter deixado tudo em plena paz, no meado de 1873, e a cousa simplesmente começára a fermentar. Em dezembro, os Muckers mandaram uma representação hipócrita ao Governo Imperial. Queixavam-se de perseguições policiais injustas contra os moradores das colonias alemãs, promovidas por desordeiros e intrigantes. Eram uns cordeirinhos inocentes, contra quem as autoridades se haviam desmandado em insultos, violencias e prisões. Exageravam as circunstancias em que Maurer fôra preso pelo chefe de policia. Pediam providencias urgentes contra as vexações que sofriam nos seus corpos e bens. Assinavam o documento os seguintes Muckers, entre os quais grifamos os nomes nitidamente judaicos: *Karl Buppar,* João Jacob Karst, João Sehn, Jacob Sehn, Martin Sehn, Johann Talz, Rudolf Sehn, Heinrich Wilhelm Gaelzer, *J. C. H. Schnell, Joseph Schnell,* Karl Maurer, os irmãos Barth, *Jacob Mentz,* Luiz Kilsen,

(13) Op. cit., pg. 214.

Jacob Muller, Taddin Wasun, Georg Robison, Christian Kassel, Filipe Heisner e Augusto Wilborn (14).

A queixa foi a informar ao presidente da provincia, que a remeteu ao chefe de policia. Êste pediu informações ao subdelegado de São Leopoldo, que declarou não passar tudo de intrigas dos sectarios furiosos, porque a autoridade fizera cessar as suas reuniões. Êles é que deblateravam contra tudo e todos, ameaçando de morte a sua pessôa e recebendo a tiros a policia, quando se aproximava dos locais de seus ajuntamentos suspeitos (15).

Tudo ficou por isso mêsmo até o mês de abril de 1874, quando, na noite do dia 30, um embuçado disparou o revolver para dentro da casa de Guilherme Clos, que não simpatizava com os Muckers. Os tiros mataram o menor Jorge Humbert, de 14 anos, ferindo gravemente outro com quem brincava. Perseguido pelo clamor público, o embuçado conservou á distancia seus perseguidores, usando da arma. Feriu gravemente o policial João Francisco de Almeida e conseguiu escapar. O chefe de policia foi a São Leopoldo apurar o crime e absolutamente nada conseguiu descobrir (16).

Em maio, novo crime. Martin Kassel abandonou a seita. Dias depois, quando ausente, *sangraram-lhe* a

---

(14) Eduardo Marques Peixoto, op. cit., pgs. 399 a 401.

(15) Oficio do ministro da Justiça ao presidente da provincia, de 27 de dezembro de 1873; Oficio do presidente da provincia ao chefe de policia, de 20 de janeiro de 1874; Informação do subdelegado Lúcio Schreider, de 28 de janeiro de 1874.

(16) Eduardo Marques Peixoto, op. cit., pgs. 403-404.

mulher e tocaram fogo na casa. Os cinco filhos do casal fugiram espavoridos. A população de São Leopoldo e da redondeza alarmou-se. Parecia que um poder oculto visava a "exterminação das pessôas pacificas e laboriosas da colonia". O chefe de policia viu-se obrigado a ir novamente a São Leopoldo, levando um destacamento de guardas nacionais e tropa de linha (17).

Os SANTARRÕES não se atemorizaram com isso. Antes pelo contrário. Na noite de 26 de junho, atacaram em grupos, ao mêsmo tempo, treze propriedades isoladas, matando os moradores, *sangrando* mulheres e crianças, saqueando-as e incendiando-as. O chefe de policia pediu reforços, vindo de Porto Alegre o coronel Genuino Olimpio de Sampaio, com noventa homens e duas pequenas bôcas de fogo de calibre 2. A força atacou a residencia de Maurer. Depois de tres horas de tiroteio, faltou munição e ela teve de retirar, encravando as duas peças, cujos reparos se haviam quebrado. Perdera quatro soldados. Conduzia tres oficiais e trinta e dois homens feridos. Os Muckers vitoriosos não a perseguiram graças ao piquete de cavalaria de policia, que lhe protegeu a retaguarda. O coronel Genuino acampou em Campo Bom, á espera de reforços. Calculava precisar, com urgencia, de quinhentos a seiscentos homens, com artilharia de maior calibre e foguetes á congréve. Os fanaticos alapardavam-se na mataria

(17) Oficio do chefe de policia ao presidente da provincia, de 17 de maio de 1874; Eduardo Marques Peixoto, op. cit., pg. 405.

do Padre-Eterno e nas alfurjas do morro do Ferrabraz, bem apercebidos de armas, bem municiados e bem entrincheirados (18).

Continuaram os ataques ás casas de agricultores, com incendios e pessôas *sangradas*. Os colonos alemães estavam indignados. Suas sociedades de tiro e de ginástica ofereciam-se ao governo para lutar contra os assassinos e incendiarios. Na opinião geral, era o misterioso Klein quem dirigia todas as operações dos Muckers e escrevia as cartas com que os mêsmos ameaçavam os que repeliam suas ideias. Êles pretendiam, segundo se averiguou, sublevar os escravos de todas as propriedades agricolas da região (19). Espartaquismo puro!

Ao lado de todas as tropelias que praticavam, os Muckers faziam a permuta de mulheres. Deu o exemplo a propria Jacobina, abandonando Maurer e passando a viver com Rodolfo Sehn (20). A familia Sehn era católica. Os SANTARRÕES perverteram-na.

A 15 de julho, tendo reunido reforços, o coronel Genuino marchou contra os fanaticos, atacando no dia 19 a casa de Maurer, o DOUTOR MILAGROSO, que era

(18) Rio Branco, op. cit., pg. 324; Eduardo Marques Peixoto, op. cit., pg. 418; Parte do coronel Genuino Olimpio de Sampaio ao comandante das armas da provincia, general barão de São Borja, em 3 de julho de 1874.

(19) Artigo no jornal "O Riograndense", de 25 de junho de 1874; Eduardo Marques Peixoto, op. cit., pgs. 426 e 430.

(20) Pe. Ambrosio Schupp, op. cit., pgs. 194-195; Eduardo Marques Peixoto, op. cit., pg. 478.

o seu baluarte, "covil natural" do morro do Ferrabraz. O coronel, ferido gravemente por um tiro partido duma emboscada, veiu a falecer pouco tempo depois. Era um bravo da campanha do Paraguai. Substituiu-o o tenente-coronel Fraga, que continuou o combate no dia 20, tomando e queimando a casa, onde se encontraram onze cadáveres de Muckers. A perseguição aos criminosos continuou dentro das matas e somente na noite de 1.º para 2 de agosto a força conseguiu penetrar no último reduto. Ali estava Jacobina varada de balas. Rodolfo Sehn abraçara-se com o corpo. Os soldados furiosos atravessaram-no com as baionetas (21).

João Jorge Maurer e seu irmão Carlos lograram escapolir. Fôram, porém, mais tarde, encontrados enforcados no mato, já em estado de putrefação (22). MÃO OCULTA fechára aquelas bôcas que poderiam revelar um segredo perigoso...

Os Muckers fisgados pela policia fôram processados. O pastor Klein prestou um depoimento cheio de mentiras, falsidades e contradições. Foi condenado, com mais seis outros cabecilhas do movimento, a 23 anos de prisão (23). Muitos anos mais tarde, quando escreveu seu livro sobre os Muckers, o padre Ambrosio Schupp receava publicar-lhe o nome por se achar ainda vivo...

---

(21) Eduardo Marques Peixoto, op. cit., pgs. 448, 451, 475, 488 e segs., e 498; Pe. Ambrosio Schupp, op. cit., pg. 387.

(22) Pe. Ambrosio Schupp, op. cit., pg. 385.

(23) Op. cit., pgs. 388-391.

A maior revelação dêsse episodio historico, porém, é a de que êsses fanaticos praticavam o que se chama O CRIME RITUAL, crime essencialmente judaico, que os judeus negam a pés juntos. E' o sacrificio humano. Por isso, *sangravam* suas vitimas. A tradição dessa monstruosidade judaica se perpetuou no Sul do Brasil. No ano de 1897, ainda havia remanescentes dos Muckers na região das colonias alemãs no lugar chamado Terra de Bastos. Pois bem, êles ali mataram uma noite a mulher de Albino Schroeder, *cortando-lhe a jugular* e "RECOLHENDO O SANGUE A UMA VASILHA!!"... "CONCLUÍA-SE QUE SE TRATAVA DUM ASSASSINATO RITUAL", segundo revelou um ex-fanatico. A 3 de janeiro de 1898, ainda os colonos alemães se armaram e andaram caçando alguns Muckers por terem praticado assassinios semelhantes (24).

"Aquêle que faz correr o sangue dos não-judeus — ensina o Talmud, livro sagrado dos judeus — oferece um sacrificio agradavel a Deus (25)." Por isso, os judeus talmudistas matam muitas vezes pessôas, cujo sangue é utilizado nos seus ritos religiosos. Sobre o assunto, escreveu Voltaire, amigo dos judeus e maçons: "Digo-vos que vossos páis imolaram crianças e tomo como testemunhas vossos profetas. Isaias censura-lhes êsse crime de canibais." E acrescenta: "Naquela horrivel solidão, os judeus imolavam os filhos

(24) Op. cit., pgs. 398-399.

(25) V. "Le Talmud de Jerusalem", trad. francêsa de Moisés Schwab, ed. Maisonneuve, Paris, 1932, XI, 5, 18, 19.

ao deus que chamavam Moloc. Era uma grande estátua de cobre, tão horrenda quanto era possivel aos judeus fazê-la. Aqueciam-na no fogo e no seu ventre lançavam as criancinhas, como as nossas cozinheiras atiram lagostas na agua fervendo das panelas (26)."

O profeta assim maldisse êsse rito cananeu: "Matando sem piedade os proprios filhos, comendo entranhas humanas e devorando o seu sangue, iniciados em *execraveis misterios* (27)!" A Biblia pinta-nos um crime ritual horrivel, quando Mesa, rei de Moab, sobre o qual ha um estélo notavel no Museu do Louvre, estava sitiado pelos reis de Israel e de Judá: "Mesa tomou o filho primogenito, que devia reinar depois dêle, e o ofereceu em holocausto sobre a muralha... (28)." A Biblia condena êsses sacrificios abominaveis e censura os judeus por os praticarem: "Os filhos de Israel — diz o Livro dos Reis — sacrificavam seus filhos e filhas passando-os pelo fogo." Êsse foi o grande crime de Achaz e de Manassés. Jeremias e Ezequiel estigmatizaram os hebreus pela prática dessa monstruosidade, que os judeus imitavam dos semitas pagãos da vizinhança (29). Hoje, a prática é permitida e sancionada pelo Talmud.

---

(26) Voltaire, "Dictionnaire Philosophique", art. JUIFS e JOPHET.

(27) Filion, "La Bible commentée", t. V, pg. 46.

(28) Biblia, IV Reis, cap. 3, v. 27.

(29) Biblia, IV Reis, cap. 3, v. 17; cap. 16, v. 3; II Paralipómenos, cap. 33, v. 3.

A estátua de Moloc, segundo os rabinos talmudistas, era de bronze, sentada num trono do mêsmo metal, enfeitada de ornatos reais, a cabeça de novilho e os braços estendidos, como para abraçar alguem. O Bafomet dos Templarios, o Bóde Preto da maçonaria! Quando se lhe queria imolar uma criança, aquecia-se o interior da estátua com muito fogo e, ao estar toda ardente, punha-se-lhe entre os braços a vitima, logo consumida pelo violento calor (30).

Os judeus tomaram gôsto pelo CRIME RITUAL dos cananeus e, quando se espalharam no mundo, tendo trocado a Biblia pelo Talmud, passaram a sacrificar cristãos sempre que puderam. O sangue das vitimas, misturado ao vinho, serve para amassar o pão ázimo ou pascal, que assim se torna verdadeiro pão abençoado. Com o sangue cristão, de acôrdo com os ritos talmudistas, se preparam as *fugatias* ou fogaças da cerimonia que precede a ceia pascal nas familias rabinicas. Depois de pedir ao Deus de Moisés que lance sobre os não-judeus as dez maldições com que cobriu os egipcios, aspergindo a mêsa com vinho, o chefe de familia divide com os presentes os pães amassados com sangue (31).

Nada inventamos. A história regista CRIMES RITUAIS provados dos judeus dêsde o ano de 408 de nossa era, quando em Imus, na Asia Menor, foi imolado um menino cristão. Daí por deante, as comunidades ju-

---

(30) "Bible Vence", ed. de 1820, t. III, pg. 44.

(31) "Dissertazione Apologetica".

daicas os cometeram seguidamente, na França, na Inglaterra, na Espanha, na Alemanha, na Boemia, na Suiça, na Italia, na Austria, na Hungria, na Lituania, na Polonia, na Siria, na Russia, em Rodes, no Egito. J. de Maynadal assegura: "Os ASSASSINIOS RITUAIS cometidos pelos judeus são historicos e frequentes (32)."

Vejamos os que, na verdade, se não podem negar. Em 1071, uma criança em Blois. Em 1137, o aprendiz Guilherme em Norwich. Em 1179, o menino Ricardo em Paris. Em 1198, santo André em Lucens. Em 1250, são Domingos em Saragoça. Em 1214, um menino em Londres. Em 1255, são Hugo em Lincoln. Em 1260, uma criança em Wissemburgo. Em 1261, uma rapariguinha em Pfortzheim. Em 1283, o criado dum judeu em Praga. Em 1285, uma criança em Munich. Em 1286, são Werner em Wesel e um operario cristão em Praga. Em 1287, o jovem Rodolfo em Berna. Em 1293, um menino em Crems. Em 1303, outro em Vessenseer. Em 1345, outro em Munich. Em 1040, outro em Diessenhofen. Em 1410, outro na Turingia. Em 1429, um mancebo em Ravensburgo. Em 1430, santo André em Rinn. Em 1475, são Simão em Trento. Em 1480, o joven Sebastião em Bérgamo. Em 1486, seis crianças em Ratisbona. Em 1490, santo Nino em La Guardia. Em 1494, um menino em Tyrmau. Em 1525, duas crianças, uma em Viena, outra em Biring. Em 1540, um menino em Sappenfeld. Em 1574, uma mo-

(32) "L'assassinat maçonnique, le crime rituel, la trahison juive".

cinha em Punia. Em 1597, uma criança em Szydlow. Em 1609, o pequeno Lemoine em Metz. Em 1745, são Joannet em Colonia. Em 1775, duas crianças, uma em Thorn, outra na Polonia. Em 1810, uma mulher cristã em Alepo. Em 1831, um menino em São Petersburgo. Em 1840, o padre Tomás e seu criado em Damasco. Em 1843, uma criança em Rodes e outra em Corfú. Em 1881, outra em Alexandria. Em 1882, uma meninota em Tisza-Eszlar. Em 1888, o pequeno Severino Hacke, *sangrado* pelo candidato a rabino Max Bernstein em Breslau. Em 1891, uma criança em Xantin. Em 1899, outra em Polna. Em 1911, o pequeno André Yustchinsky em Kiev (33).

Ainda recentemente, em Paris, o jornal "Le Figaro" acusou o barão Henri de Rotschild de ter feito torturar na antiga abadia de Cernay uma rapariguinha francêsa, sendo carrasco "un négre herculéen", afim de macular a festa cristã do Natal (34)!

Sobre alguns dêsses crimes houve processos rigorosos que os evidenciaram de modo insofismavel, como os de Trento, de Metz, de Damasco, de Tisza-Eszlar e de Kiev. As peças principais do de Damasco estão transcritas e comentadas no famoso livro de Gougenot des Mousseaux, "Le juif, le judaisme et la judaisation des peuples chrétiens". Existe ainda nos arquivos de

(33) Joseph Santo, "Les crimes rituels juifs"; Maynadal, op. cit.; "Revue Anti-Maçonnique", n.º de maio de 1912; S. Courbé, "Ideal".

(34) "Le Figaro", Paris, n.º de 28 de dezembro de 1922.

Metz a sentença do tribunal que condenou o judeu Rafael Lévy por ter cometido o CRIME RITUAL contra um filho do cidadão Lemoine. Os tribunais de Viena condenaram pelo mêsmo crime e negaram apelação ao judeu assassino Hilsner (35).

Muitos judeus teem confessado êsses crimes e até um rabino, o dr. Jallineck, de Viena, reconhece a sua existencia (36). Historiadores filosemitas como Charles Malo e Bail aceitam como CRIMES RITUAIS muitos dos contidos na lista que citamos. Entre êles, o de Trento, que motivou interessante e rigorosissimo processo de canonização.

O testemunho oficial da Igreja sobre a existencia do CRIME RITUAL é o mais valioso e seguro de todos. Afirmaram essa existencia os Papas Sixto IV, Sixto V, Gregorio XIII e Bento XIV. Suas Bulas relatam o martirio das crianças *sangradas talmudicamente.* O Papa Bento XIV, na Bula BEATUS ANDREAS, refere-se entre outros assassinios judaicos ao de são Laurentino. A Santa Sé canonizou as seguintes vitimas do rito sangrento dos talmudistas: São Guilherme de Norwich, santo Henrique de Wissemburgo, são Hugo de Lincoln, são Werner de Obereswel, são Nino de La Guardia, são Laurentino de Vicencia, são Simão de Trento, santo André de Lucens e são Domingos de Saragoça, quasi todos meninos. Beatificou outros, como André de Rinn.

---

(35) "Union Israélite".

(36) Joseph Santo, op. cit.

"Em resumo, todos os povos cristãos da Europa sempre acusaram os judeus de crimes rituais, em todas as épocas, e várias dessas vitimas fôram canonizadas pelos Papas. Sentenças de parlamentos, arestos de tribunais provam que os judeus cometem êsse crime. Muitos judeus o teem confessado sem torturas. Rabinos convertidos, como o monge Teófito, revelaram a existencia do MISTERIO DO SANGUE. Um rabino célebre de Viena, o dr. Jallineck, no fim do século XIX, acusou abertamente seus correligionarios dessa prática monstruosa. Emfim, os proprios povos muçulmanos reproduzem a mêsma acusação, o que demonstra não ser ela produzida pelo odio dos cristãos (37)."

Pois bem, era o MISTERIO DO SANGUE que, por uma curiosissima coincidencia, ao tempo da "guerra religiosa" contra os bispos de Olinda e Belem, os Muckers praticavam no Brasil, depois de suas assembléas hereticas nas chamadas matas do PADRE ETERNO...

---

(37) Op. cit. V. a reprodução de antigas iluminuras em que aparecem os judeus praticando o MISTERIO DO SANGUE na obra de P. Lacroix "Moeurs, usages et costumes au Moyen Âge", ed. Firmin Didot, Paris, 1871, sobretudo ás pgs. 465, 469, 471 e 479, e o texto, pgs. 461 e segs.

Capitulo XIII

EXPERIENTIA IN ANIMA VILI

DEPOIS da guerra do Paraguai, ano a ano o Brasil se foi enfeudando cada vez mais aos barões de Rotschild: Lionel, Nathan, Anthony, Mayer Amschell, James, Alfredo, Carlos, Leopoldo. Uma geração de barões após a outra. Quando casava uma filha ou um filho dêsses magnatas, depunham-se na corbelha os titulos da divida brasileira. Arrhas pelo fôro do Imperio! Aos deficits de todos os anos correspondiam emprestimos onerosos e ruinosos, uns atrás dos outros. A Nação vendida aos poucos, inconscientemente por uns, conscientemente por outros!

Em 1871, £ 3.000.000 que vão custar £ 10.000.000, tipo 89, juros de 5%, prazo de 38 anos. "Para despesas extraordinarias do Imperio." Custou-nos a operação, no final das contas, quasi quarenta mil contos de reis. Em 1875, negociadas pelo barão de Penedo, £ 5.301.191, mêsmo prazo e juros identicos, tipo melhor, 96 ½. Tambem para "despesas extraordinarias". Custaram-nos outras £ 10.000.000, quarenta e seis mil contos! Em 1883, £ 4.000.000, em condições mais ou menos semelhantes, que acabariamos de pagar em 1922! Recebemos realmente £ 3.560.000 e pagámos . . . £ 18.475.128! Em 1886, £ 6.000.000, para pagar a

divida flutuante, que custarão £ 11.897.350. Em 1888, ainda £ 6.000.000, que sairão por quasi £ 15.000.000! Afinal, em 1889, ao abeirar-se a República: "O derradeiro emprestimo do regime imperial, negociado pelo conselheiro José A. de Azevedo e Castro, delegado do Tesouro, com Rotschild, destinado á conversão dos emprestimos de 1865, 1871, 1875 e 1888, de £ 17.213.500, tipo 90, juros de 4% e prazo de 56 anos, isto é, até 1945! Rendeu £ 15.492.150, pelas quais daremos ... £ 55.571.740!!! Esta operação foi ratificada pelo Governo Republicano em 1890, a 29 de abril, assinando pela República o mêsmo conselheiro que assinára antes pelo Imperio (1)." As somas vinham num crescendo espantoso e, República ou Monarquia, seria Rotschild quem continuaria a mandar no Brasil endividado.

A Monarquia legou á República uma divida aos barões de Rotschild de £ 30.000.000, capital, sem contar os juros a pagar, divida que começára por £ ... 3.000.000, logo após a Independencia (2). O Brasil trabalhava e suava para pagar aos judeus, seus reis financeiros. Podia vir o Terceiro Reinado e podia vir a República, o verdadeiro soberano do país, disfarçado por trás do governo visivel, seria o banqueiro internacional. Para isso, o judaismo não deixaria nunca

---

(1) Gustavo Barroso, "Brasil — colonia de banqueiros", 6.ª ed., pgs. 79-83.

(2) Amaro Cavalcanti, "Resenha financeira do ex Imperio do Brasil".

a Nação se libertar economicamente. Sob a fórma republicana, na verdade, ela seria mais dócil ao freio e mais facilmente exploravel. A finança judaica, portanto, dava preferencia a essa fórma, que melhor lhe permitiria fazer no organismo nacional, em seu proveito, a aplicação de teorias economicas e de doutrinas financeiras, que, arruinando a fazenda pública e destruindo a particular, sob pomposos nomes técnicos e retumbantes citações de economistas hebreus, sugassem do Brasil, sem que o povo desse por isso, todo o seu sangue. EXPERIENTIA IN ANIMA VILI!

Um dos efeitos da colonização bancaria judaica é o aumento de impostos para pagamento da divida crescente, encarecendo a vida e provocando a revolta da população contra os governos. O judeu, embora não o pareça, é o unico factor de tais desordens que enfraquecem o organismo nacional e o preparam para o dominio do parasita. A Monarquia Brasileira sentiu isso em 1880, na questão chamada do Imposto do Vintem.

A lei mandava cobrar mais 20 reis por passagem nas vias férreas e carris urbanos. Os jornais criticaram a taxa, discutiu-se a dificuldade de pagá-la por causa do troco, disto ou daquilo. Invocaram-se pretextos de toda a natureza. Imposto vexatorio. Violencia fiscal. Opressão do governo. Tudo servia ao combate. Realizaram-se comicios. Oradores maçons e republicanos envenenaram o espirito da população. A patuléa irritada e excitada começou a arrancar trilhos, a queimar bondes, a espancar cocheiros e cobradores inocen-

tes, recebendo a pedrada e caco de garrafa ou mêsmo tiro de revolver as tropas encarregadas de manter a ordem. O comercio fechou. Durante quatro dias houve desordens. Levantaram-se barricadas no largo de São Francisco e na rua da Uruguaiana, que os soldados do general Antonio Enéas Galvão, barão do Rio Apa, tiveram de tomar a baioneta. Houve mortos e feridos (3).

Na opinião do conde de Afonso Celso, contemporaneo dos acontecimentos e filho do então ministro visconde de Ouro Preto, aquela revolta popular, provocada por um motivo fútil pelos mutinos e agitadores contumazes, assessorados por vagabundos e capoeiras profissionais, nada mais fôra do que um "pretexto para experimentar forças (4)", por parte dos que desejavam o fim da Monarquia. Um ensaio. Espécie de gréve general na técnica revolucionaria de nossos dias. EXPERIENTIA IN ANIMA VILI!

Dêsde 1864, pari passu com a intervenção no Uruguai, a situação economico-financeira se ia agravando. O antigo Rei da Finança, o barão de Mauá, confessava na sua "Exposição aos credores" que a desgraça começára justamente naquela época. Onze anos depois estava no auge, em 1875, quando governava o gabinete Rio Branco a pique de passar o bastão ao gabi-

---

(3) Rio Branco, op. cit., pgs. 3 e 9; "Jornal do Comercio" do Rio de Janeiro, n.° de 1.° a 5 de janeiro de 1880.

(4) Afonso Celso, "O visconde de Ouro Preto", ed. da liv. Globo, Porto Alegre, 1935, pgs. 33 e segs.

nete Caxias, que tomou a crise em cheio. Em 1874, delineára-se essa grande crise com a falta de numerario em circulação. Os negocios anquilozavam-se. Situação aflitiva nos mercados. Como que um estancamento da vida economica. A produção não se escoava. Não havia dinheiro para o menor movimento comercial.

Era o resultado fatal da deflação violenta, aconselhada tecnicamente ao governo, de acôrdo com os teoristas judaicos, para quem o ouro não é estalão de troca, denominador comum de mercadorias, representante de utilidades, mas mercadoria como outra qualquer, que se vende, permuta, importa e exporta, provocando crises em toda a parte, sucessivamente, jogo em que ganham na certa os que jogam com cartas marcadas, os donos do ouro do mundo.

O Tesouro chegára a anunciar que recebia dinheiro a premio! Em dezembro de 1874, as caixas dos bancos estavam raspadas. O unico banco que possuía ainda alguma disponibilidade no cofre era o Banco do Brasil, a ridicularia de 400 contos! Não era possivel realizar o menor pagamento ou fazer um adeantamento qualquer á praça, que sufocava (5).

Naturalmente, o governo veiu em socorro do comercio asfixiado, da indústria parada e da lavoura em apuros, decretando remedios urgentes. Aquilo fôra causado pela deflação? Pois bem, que se aplicasse uma medida contrária, a inflação. *Contraria, contraria*

---

(5) Souza Carvalho, "A crise da praça".

curantur. A deflação fôra violenta? Seria violenta a inflação. Veiu a chamada Lei dos Auxilios. Lançou-se na rua uma emissão de papel moeda de 25 mil contos, que se denominou "moeda provisoria" (6). No decorrer de toda a nossa história economico-financeira, encontraremos continuamente essa gangôrra: deflação e inflação como remedios ás crises que periodicamente depauperam a economia. EXPERIENTIA IN ANIMA VILI!

Compreenderemos bem a razão oculta disso, lendo êste pedacinho dos "Protocolos dos Sábios de Sião": "As crises economicas teem sido produzidas por nós contra os cristãos COM O UNICO FITO DE RETIRAR O DINHEIRO DA CIRCULAÇÃO. Enormes capitais ficam estagnados e SUPRIMEM O NUMERARIO DOS ESTADOS, obrigando-os a pedi-lo a êsses mêsmos capitais. Tais emprestimos gravam as finanças públicas COM O PESO DOS JUROS, TORNANDO OS GOVERNOS ESCRAVOS DO CAPITAL. A concentração da indústria, por sua vez, nas mãos dos capitalistas mata a pequena indústria e absorve todas as forças do povo, e, ao mêsmo tempo, as do Estado... As emissões atuais de dinheiro, em geral, não correspondem ao número do consumo *per capita* e não pódem, conseguintemente, satisfazer as necessidades dos trabalhadores. As emissões devem estar em proporção ao acrescimo da população. ...A MOEDA, DE PAPEL OU DE PÁU, DEVE SER CREADA SOBRE O TRABALHO... Todo emprestimo prova fraqueza do

(6) Amaro Cavalcanti, "O meio circulante no Brasil", pg. 30.

Estado e incompreensão dos direitos do Estado. Os emprestimos, como a espada de Damocles, estão suspensos sobre as cabeças dos governantes, que, em lugar de pedirem o que precisam a um imposto temporario, estendem a mão aos banqueiros. Os EMPRESTIMOS EXTERNOS SÃO SANGUESUGAS QUE NÃO LARGAM O CORPO DA NAÇÃO SENÃO CHEIAS OU ARRANCADAS Á FORÇA. Mas os Estados cristãos não fazem isso e continuam a aumentá-las, embora devam perecer voluntariamente sangrados... Se o emprestimo é taxado em 5%, em vinte anos o Estado pagou de juros um capital igual ao que recebeu, em quarenta anos o duplo e em sessenta o triplo, continuando a divida principal por inteiro (7)."

Na verdade, assim, Israel gravou todos os povos com uma nova hipoteca "que êles jamais poderão pagar com suas rendas. O dominio universal que tantos conquistadores sonharam está nas mãos dos judeus... Jerusalem impôs tributo aos Imperios. A melhor parte da renda pública de todos os Estados, o produto mais diréto do trabalho de todos passa para a bôlsa dos judeus sob o nome de juros da Divida Nacional (8)."

A crise de 1875 foi terrivel e fulminante. Estava no governo o grão-mestre da maçonaria, quando se armou e desencadeou. Coincidencia curiosa! Os bancos

(7) "Os Protocolos dos Sábios de Sião", traduzidos e apostilados por Gustavo Barroso, 3.ª ed., 1938, pgs. 206-207.

(8) Calixto de Wolski, "La Russie Juive", ed. Alberto Savine, Paris, 1887, pg. 25.

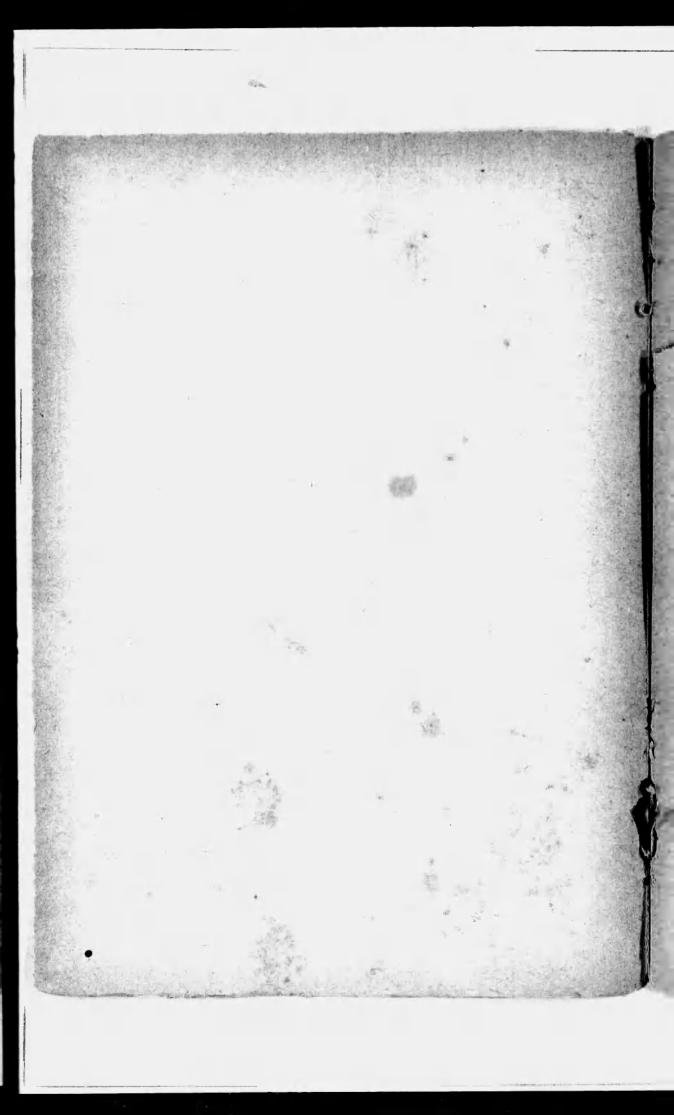
Alemão, Nacional e Mauá suspenderam pagamentos. O Tesouro tinha cambiais de Mauá protestadas. Devolveram-lhe dos Estados Unidos saques no valor de £ 3.000. Recorreu ao Banco do Brasil, pedindo um emprestimo de tres mil contos com garantias de titulos. Nada obteve. Outras portas fechadas. A corrida em cima. Abriu falencia, dando, segundo uns, sete, segundo outros, dez mil contos de prejuizo ao erario imperial. Houve debates no parlamento (9).

Um descalabro no comercio do Brasil. Inúmeras casas fecharam as portas. Muita gente arruinada da noite para o dia. Capitais emigraram. Até capitais brasileiros procuraram melhor emprego no Rio da Prata. Montevidéu foi alcançada pela crise. Mauá estava estabelecido lá. Buenos Aires ganhou muito. Quando se delineou a campanha abolicionista, a economia nacional ainda estava sob o abalo dessa crise. A fuga dos negros para quilombos e cidades, ajudados pelas sociedades libertadoras, deixava em abandono fazendas e mais fazendas. Os proprios donos as desamparavam. Antes da abolição definitiva, havia lugares, como Santos, onde os escravos refugiados subiam a mais de dez mil! Uma crise sobre a outra.

A maçonaria destruía no sector economico-financeiro qualquer possibilidade dum Terceiro Reinado. O país estava definitivamente hipotecado ao judeu, a quem melhor convinha a República para mais segura-

---

(9) Alberto Faria, op. cit., pg. 229.

mente realizar á custa dum povo explorado, verdadeira cobaia de laboratorio, através da inópia ou pretenção de presidentes ou ministros da Fazenda, emprestimos, fundings, encampações, defesas de produtos, valorizações, desvalorizações, inflações, deflações, sustentamento de taxas cambiais, conversões, estabilizações e todos os demais malabarismos do género, a sua EXPERIENTIA IN ANIMA VILI!...

Capitulo XIV

O IDOLO DA MOCIDADE MILITAR

AO mêsmo tempo que combatiam a religião do Estado, as forças secretas procuravam alienar do Imperio o apoio dos militares. A intriga entre os generais começou no proprio ano em que terminou a guerra do Paraguai, lançando Osorio contra Caxias. Já se procurára desprestigiar êste, quando no comando chefe, obrigando-o a um pedido de demissão que o governo teve o bom senso de não aceitar. O velho estratego tivera sempre, durante a guerra, a maior consideração pelo bravo gaúcho, veterano de Sarandí, primeiro general chefe dos brasileiros, organizador da concentração de Concordia, invasor do territorio inimigo, vencedor do Estero Bellaco e de Tuiuti, que, depois, se sujeitára patrioticamente a comandar sob as ordens de Caxias até ser ferido em Avaí. Era o unico general a quem a guarda de pessôa do comandante chefe prestava honras militares. Uniam-n'os admiração e estima reciprocas, embora os separasse a politica. Osorio era liberal; Caxias, conservador. Ambos pertenciam á maçonaria, mas pouco ou nada a frequentavam (1).

---

(1) As insignias maçónicas do general Osorio estão expostas no Museu Historico Nacional.

A intriga preparada na sombra veiu a furo na sessão do Senado de 9 de setembro de 1870, por ocasião de ser votado o orçamento da guerra. Encarregou-se do feito o senador maçon Silveira da Mota, relembrando o reconhecimento de Humaitá e a maneira como o descrevera o "Diario do Exercito", redigido sob as vistas de Caxias. Havia ali uns pontos que não exprimiam bem a verdade e deixavam mal o general Osorio. Êste viu-se obrigado a intervir, explicando os acontecimentos e o velho duque, que não era tribuno, defendeu-se mal. O estremecimento ficou, sobretudo porque Silveira da Mota já se apresentava armado com cartas de Osorio, em torno das quais fez inúmeras chicanas (2).

Ora, o reconhecimento de Humaitá, comandado por Osorio, realizára-se a 16 de julho de 1868, havendo, portanto, dois anos que a relação do "Diario do Exercito" fôra publicada e distribuida. Nunca ninguem levantára a lebre. Era uma questão de nonada sobre transmissão de ordens que não valia o estardalhaço. Sentia-se a cousa preparada na maneira insólita com que se agarrou o primeiro pretexto e nas cartas que trazia o provocador do incidente. Que tinha a vêr com êste o orçamento da guerra?

Respondendo a Silveira da Mota, o duque disse uma grande verdade: "As opiniões politicas levam os homens muito longe." Mais longe ainda os leva a in-

(2) V. Fernando Osorio, "História do general Osorio", t. II, pgs. 457 e segs.

sidia satanica da maçonaria. O vencedor de Lomas Valentinas reconhecia em 21 de junho de 1868, numa carta intima a Osorio, que as intrigas rondavam já os generais empenhados na campanha. Primeiro se haviam servido do nome de Porto Alegre contra êle, Caxias; depois, começaram a servir-se do de Osorio. Atribuia o trabalho de sapa aos politicos (3).

O grão mestre Paranhos subiu á tribuna e fez um discurso harmonizante, hábil, que procurava acalmar o ánimo dos contendores. A maçonaria mordia com uma bôca e soprava com a outra. Em aparte, o barão de São Lourenço indagava: — "Para que explorar isso?" Sim, para que obrigar o velho soldado que pacificára, unira e defendera o Brasil durante meio século a vir de público tartamudear explicações dum incidente remoto e esquecido? Para humilhar o general chefe do exercito vitorioso, fazendo criticar no Senado os seus átos militares por um bacharel politiqueiro, para quebrar o élo de amizade que o prendia a outro bravo, quasi tão prestigioso no seio da tropa quanto êle, e oferecer ao Exercito o espetáculo dêsse bate-bôca. Obra horrendamente maçónica. Objetarão que os dois cabos de guerra eram maçons e que, então, a maçonaria combatia contra seus proprios membros. Quem conhece a fundo a maçonaria sabe que ela obedece ás sugestões e ao comando invisivel do judaismo, e que êste

(3) Carta de Caxias a Osorio, na data citada, "in" "História do general Osorio", cit., t. II, pg. 468.

se utiliza dela sem a menor compaixão pelos cristãos nescios que se iniciam nas lojas e lhe servem de instrumentos. Atiram-n'os uns contra os outros ou os unem, conforme as necessidades. E, segundo os "Protocolos dos Sábios de Sião", o judaismo internacional destruirá a propria maçonaria no dia em que, de posse do dominio do mundo, dela não precisar mais.

Logo após a intriga entre os chefes, começou o desprestigio do proprio Exercito. O positivismo infiltrado na Escola Militar corroeu-o como um veneno terrivel. As gerações de oficiais matematicos que fôram saindo dos cursos após a guerra vinham empeçonhadas por todo o *fatras* do contismo. Datavam as cartas pelo calendario positivista, chamavam á Terra o Grande Feitiço, diziam de olhos revirados *papai Comte* e *mamãe Clotilde,* pregavam o separatismo das *pequenas pátrias,* amesquinhavam o Imperio e ridiculizavam a guerra de que saíra vitorioso. Assim, o Exercito perdeu as valiosas lições práticas da campanha. "Nada lucrou — declara o general Tasso Fragoso — o ensino militar depois de uma guerra de cinco anos, levada a efeito no estrangeiro e a que levámos mais de cem mil homens e uma poderosa esquadra; em que surgiram os problemas estrategicos mais interessantes e tanta experiencia se grangeou do ponto de vista tático. A razão é simples. O ensino das escolas continuou a ser feito em geral por oficiais que não haviam participado da peleja... Dest'arte perdeu-se um tesouro e viemos aprender, quarenta e oito anos depois, cousas que a

peregrinação pelos banhados, pelas coxilhas e pelas florestas paraguaias de ha muito nos tinha revelado (4)."

"Os contistas — depõe um escritor militar — pregaram a sabotagem da guerra do Paraguai; a deturpação de suas causas; a desmoralização de seus chefes; a desvalorização de seus esforços e das suas glorias, a ponto de apresentá-la como um *rôlo,* quando foi perfeitamente conduzida por Caxias; o não aproveitamento de suas lições... (5)" Para o contismo, o Brasil imperialista provocára o conflito de que o Paraguai infeliz fôra a vitima. Êste sistema de desmoralizar a guerra vinha em linha réta do ensinamento de Benjamin Constant e atingiu o apogeu nos escritos maçudos e indigestos do Papa-Verde Teixeira Mendes (6). Entre o fim da guerra e a primeira década da República, não cessou a campanha contra a guerra do Paraguai. "Conheci êsse periodo — afirma um general brasileiro — e lembro-me como os veteranos da campanha escondiam as medalhas, temerosos de que a nova geração as considerasse simbolos de oprobrio (7)!"

O último general que comandára êsses veteranos sofreu tambem a mais terrivel campanha destinada a evitar o Terceiro Reinado. Era um principe estrangeiro e ela surtiu o efeito desejado. Dêsde 1870, começou-se a chamar o Terceiro Reinado, com maldade

---

(4) Discurso de encerramento do cúrso da Escola de Estado Maior, em 1931.

(5) Major Afonso de Carvalho, op. cit., loc. cit.

(6) "Biografia de Benjamin Constant".

(7) General Tasso Fragoso, loc. cit.

proposital, o Reinado Francês. Desejava-se ferir o amor proprio nacional, provocando sua reação. Êsse principe francês tinha os graves defeitos de não ser e não querer ser maçon, de não aceitar homenagens maçónicas, de se manter alheio á "vida convulsa dos partidos", de nunca se manifestar politicamente. Contra êle se espalhou a "moeda falsa da calúnia": avarento como seu avô Luiz Filipe, deselegante, descortês, acumulador de soldos (8). A *avultada* dotação anual da princêsa — 150 contos — era gasta na maior parte em obras pias. Ninguem via isso e, como os herdeiros do Trono vivessem modestamente, diziam que entesouravam rios de dinheiro... Ninguem foi mais mal compreendido no Brasil do que o conde d'Eu (9). Daqui se retirou serenamente e, quando regressou no seu caixão mortuario, o corpo do general vencedor em Peribebui e Campo Grande não teve as honras militares. Isto num país que engrinaldava de bordados de general o braço dos caudilhos do Sul e até de chefes de cangaceiros do Nordeste!...

Isolou-se o militar depois da guerra, de modo a tornar o Exercito um corpo estranho na vida nacional, impedindo sua comunhão intima com as dôres e anseios do povo. Diminuiram-lhe o soldo e tornaram lentas as promoções. Ao mêsmo tempo, comparavam sua vida com a existencia folgada de outras classes. O país era dos bachareis, diziam. Só os bachareis mandavam. Só

---

(8) Luiz da Câmara Cascudo, op. cit., pgs. 60-61 e 114.

(9) Oliveira Viana, "O ocaso do Imperio".

os bachareis faziam carreira. Preparava-se, assim, uma verdadeira luta de classes (10).

O Brasil dividiu-se em PAISANOS e MILITARES. Êstes formavam "uma classe distinta e separada no meio da Nação." Malevolencia dos paisanos; debique dos oficiais: "antipatia positiva". Os oficiais positivistas detestavam os politicos. Sustentava-se que o Exercito tudo fizera — Independencia, guerras internas e externas. Creava-se a mistica de sua incorruptibilidade e pureza, unicas capazes de salvar a Nação. Todavia, o proprio Exercito se achava dividido: de major para cima, monarquistas, conservadores, os TARIMBEIROS; de major para baixo, republicanos, positivistas, OFICIAIS DE CURSO, OS DOUTORES (11).

No decurso do tempo, os dois grandes chefes que a maçonaria tinha intrigado em 1870, haviam morrido, Caxias em 1877, Osorio em 1880. Eram as duas grandes figuras militares dos partidos rivais. Por quem substitui-las? Os liberais enfeitaram o visconde de Pelotas; os conservadores, Deodoro da Fonseca. Com qualquer dos dois a maçonaria se dava bem. Ambos pertenciam á Ordem. Ambos solidarizavam-se no espirito da corporação a que pertenciam.

Depois da questão religiosa, era imprescindivel para a obra das forças secretas uma questão militar. Anunciada, como vimos, dêsde 1870, com a intriga

---

(10) Cristiano B. Ottoni, op. cit., pgs. 82-84.

(11) Calogeras, "Formação historica do Brasil", ed. da Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1933, pgs. 340-342.

maçónica de Silveira Lobo, começou a delinear-se de 1883 a 1884 nos primeiros atritos entre os ministros civis das pastas militares e as classes armadas. Cadetes e oficiais tomavam parte nas manifestações da cruzada abolicionista e eram repreendidos, o que multiplicava os incidentes desagradaveis.

Em 1885, o estado dos espiritos nos meios militares era já bastante agitado. Os oficiais discutiam abolicionismo ou politica pela imprensa. Punidos pelos ministros, creavam casos. E' curioso que, em geral, isso se desse com oficiais maçons. O primeiro caso foi o do major Sena Madureira, contra cuja punição o Exercito se manifestou coletivamente. Deodoro da Fonseca prestigiou-o. O segundo, o do tenente-coronel Cunha Matos, cuja prisão o visconde de Pelotas considerou em discurso no Senado injúria á classe militar, que defendia "com a lei ou sem ela".

A indisciplina lavrou nas guarnições de Norte a Sul. No Rio Grande do Sul, os comicios de oficiais contra o governo eram ostensivamente permitidos pelo general Deodoro, em 1886. A maçonaria tecia uma urdidura de guarnição em guarnição e de corpo a corpo, no sentido de "nomear Deodoro como representante da classe, com os devidos poderes para lhe defender os interesses e os sentimentos de honra." Em 1887, podia-se dizer que a situação militar era, de fáto, *revolucionaria* (12).

(12) Op. cit., pg. 346.

Diretores de institutos militares, como o da Escola Militar do Ceará, passavam telegramas insultuosos ao ministro da Guerra. Oficiais desidiosos na guarda que lhes era chefiada, como o que comandava a do Tesouro e foi apanhado dormindo, iam para os jornais

discutir os motivos de sua prisão. Em São Paulo, os oficiais impunham a demissão do chefe de policia. O governo via-se obrigado a mandar transferir para o Amazonas o 22.º de infantaria, de guarnição na Côrte, cuja atitude era de franca turbulencia e a mandar Deo-

doro, com os oficiais de sua roda, em missão a Mato Grosso, comandando uma expedição motivada pela tensão de relações com a Bolivia. Os ministerios saíam arranhados dessas contendas. O gabinete Cotegipe caía devido a um incidente entre a policia civil e um oficial de marinha, em 1888. A maçonaria intrigava com os boatos de nova organização da Guarda Nacional da Côrte, reeditando a obra de Feijó contra o Exercito insubordinado da Regencia, e do aumento da policia, a Guarda Negra, no mêsmo sentido. Ciciava-se que o governo acabaria dissolvendo o Exercito...

O Imperador ficára diabetico dêsde 1887. Não via nem compreendia mais as cousas com a acuidade dos outros tempos. Envelhecera no governo. Estava cansado. Em 1883, quando um grupo de oficiais do 1.º de cavalaria assassinára ao sair da chefatura de policia, onde fôra pedir garantias de vida, o redator do "Corsario", Apulcro de Castro, prestigiára-os com uma visita ao regimento, que vingára a honra da sociedade ultrajada por êsse *testa de ferro,* "instrumento de paixões alheias", que devassava as vidas privadas e atacava o Exercito (13). Fôra seu último gesto de decisão. Depois, como que o tomou uma certa apatia até que, em 1889, de regresso da última viagem ao Velho Mundo, corroido pela doença, estava preparado para a imolação. Aliás, êle, no fundo, não queria a Côroa imposta á Nação, mas imposta pela Nação. Os jovens alunos saidos das Escolas Militares, com o ga-

(13) Rio Branco, op. cit., pg. 505; Cristiano B. Ottoni, op. cit.

lão novo em fôlha na manga da farda, provectos em matematica e mestres em filosofia positiva, mas absolutamente ignorantes da tradição militar da Pátria, não haviam conhecido o Imperador ativo e sólido de outros tempos. Viam um velho encanecido, ligeiramente acurvado, com um prognatismo que as revistas ilustradas caricaturavam numa castanha de cajú, modestamente vestido á paisana, sem o menor garbo militar, que os jornais alcunhavam de Pedro Banana. A saúde combalida do soberano "simbolizava o proprio declinio das instituições". O regime agonizava. E o Exercito "rompera seus liames de simpatia com êle, e esperava os acontecimentos, firmemente decidido a não se opôr a nenhuma mudança democratica (14)."

Essa mocidade não gritaria mais com entusiasmo o VIVA O IMPERADOR! dos Exercitos Imperiais vitoriosos em Caseros e Avaí. Adorava outro idolo, "um professor já de meia idade, o tenente-coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães. Havia tomado parte na campanha do Paraguai; era bom matematico e tido como profundo pensador. Dêsde muitos anos fôra republicano, e, como tal e apesar do seu credo político, o Imperador o convidára para professor de seus netos. Entre ambos, existiam reciprocas afeição e estima, baseadas na sinceridade de suas opiniões. Para os estudantes militares, sua palavra era oracular. Com êles conversando e conferenciando, seu prestigio ia sempre crescendo, até que, duma feita, os cadetes lhe

(14) Calogeras, op. cit., pg. 348.

pediram de conduzir o Exercito e guiar o país fóra dessa tremenda situação. Numerosos oficiais aderiram a êsse movimento ilegal (15)."

O judeu Isaac Izeckson escreve o seguinte sobre Benjamin Constant, o idolo e oráculo da mocidade militar na agonia do Imperio: "Se Deodoro foi o executor do plano republicano, Benjamin Constant foi o seu organizador e principal propagandista. Pois bem, BENJAMIN CONSTANT TAMBEM ERA JUDEU. Afirmam-no ainda hoje parentes seus."

Tambem era judeu?

Sim, porque antes afirmára: "Deodoro é o descendente daquêles Fonsecas judeus que chegaram a Pernambuco durante a invasão holandêsa e que, depois, fôram obrigados a abjurar a sua religião. Alguns membros de sua familia fôram perseguidos pela Inquisição e um dêles, D. Dionisia da Fonseca, chegou a ser queimada viva... E ninguem poderá negar que Deodoro tinha em suas veias legitimo sangue judaico."

Cheio de suficiencia, o judeu Isaac Izeckson acrescenta: "Parece que o destino distribuiu tudo de tal modo que, em todos os fátos decisivos da história brasileira, devem aparecer judeus, tomando parte predominante, a demonstrar o seu amor e sacrificio pela terra que os acolheu ou os seus antepassados (16)."

---

(15) Op. cit., pg. 351.

(16) "Os judeus na Independencia do Brasil", "in" "Almanaque Israelita" de 1935, pg. 22.

Deixamos o que diz o judeu petulante ao julgamento esclarecido do leitor, abstendo-nos de qualquer opinião a respeito por não termos em mão nenhuma documentação segura sobre o judaismo de Deodoro e Benjamin. A bravura militar do primeiro, contudo, parece ser desmentido formal á existencia de sangue israelita em suas veias. O segundo era a negação do soldado, de maneira que a mocidade militar daquêle tempo teve, paradoxalmente, como idolo, não um guerreiro, mas um PAISANO FARDADO. Sinal da época...

Capitulo XV

A SENTENÇA DE MORTE DA MONARQUIA

A conservação ou o fim da escravatura, tanto na America do Sul como na do Norte, fôram trunfos com que o Poder Oculto de Israel manobrou a politica dos Estados, cuja economia repousava no braço africano, ao sabor de seus interesses para a divisão e o dominio dos povos.

Essas manobras desencadearam na America do Norte a guerra da Seccessão, que quasi divide os Estados Unidos e entrega seus dois pedaços ao imperialismo judaico. No Brasil, elas atormentaram o Imperio até a questão Christie e o agitaram através da filantropia maçónica até a abolição, que, destruindo de golpe a riqueza dos proprietarios de terras, alienou do Trono o apoio da classe conservadora rural e permitiu a rápida eclosão da República.

A guerra civil norte-americana, que vamos resumir para exemplificar nosso ponto de vista, foi obra da judiaria internacional com o fito de "destruir os Estados Unidos (1)." A agitação anti-esclavagista começou em 1854, após a revogação do edito de 1820,

(1) Conde Cherep Spirodovich, "Le gouvernement mondial sécret ou la Main Cachée", Nova York, 1926.

denominado o Compromisso do Missuri, organizada pelos judeus Frank e Judah Benjamin, que fomentaram a discordia entre os Estados do Norte e do Sul. Aquêles, mais industriais, não precisavam muito do braço negro; êstes, agricolas, não o podiam dispensar sem o substituir. Para essa campanha, o judeu Haim Salomon, imensamente rico, forneceu 600.000 dólares (2). Rotschild, por sua vez, adiantou somas consideraveis (3). Por toda a parte, nas pequenas cidades, nas aldeias, nas fazendas e nos campos, enxameavam os agentes secretos do judaismo, pregando a revolta do Sul, que queria conservar os escravos, contra o Norte, que os queria libertar (4).

A guera civil começou em 1861 e em 1863 havia um milhão de homens em luta. Os negocios de armas eram fenomenais. Os judeus ganhavam nos fornecimentos militares, nas compras e vendas de titulos, nas especulações dos bens desvalorizados, rios de dinheiro. Foi a origem do seu grande enriquecimento nas terras de Tio Sam, que lhes iria dar completo dominio sôbre ela, como profetizou Benjamin Franklin. O Governo Federal devia nessa época aos banqueiros judeus ... 7.000.000 de dólares. A Confederação Sulista era inteiramente manobrada pelo judeu Judah Benjamin, Secretario de Estado! Êsse dinheiro gasto na sangueira fratricida, em proveito somente do judaismo, teria sido

(2) Percy Ward, "History of the Jew"; "Rewiew of the American Jewish Historical Society".
(3) Conde Cherep Spirodovich, op. cit., pg. 59.
(4) Burton Bendrick, "Les juifs en Amérique", pg. 107.

mais do que bastante para indenizar todos os proprietarios de escravos do Sul, como o desejava o grande presidente abolicionista Abraão Lincoln. Entretanto, além da soma formidavel, a Nação Americana perdia no espantoso conflito 485.245 de seus filhos mortos ou feridos.

Em abril de 1865, os sulistas eram batidos e o presidente Lincoln, que se opunha a certas manobras judaicas, assassinado covardemente num camarote de teatro pelo judeu e maçon John Wilkes Booth (5). "A guerra civil americana tinha ramificações profundas na Europa." Nêsse tempo, d'Israeli dominava judaicamente a Inglaterra e Adolfo Isaac Crémieux, fundador da célebre Aliança Israelita Universal, mãe das Internacionais, a França. A judiaria concebera o plano sinistro e gigantesco de dividir, enfraquecer e destruir os Estados Unidos, que lhe não convinha crescesse demais, fazendo sombra ao imperialismo judaico-inglês. A Mão Oculta persuadira Napoleão III a crear o Imperio Mexicano contra os Estados Unidos, afim de arrancar-lhe o Texas e a California, fazendo a Luiziania reverter á França. A Inglaterra pretendia arredondar seus territorios do lado do Canadá. Lincoln foi eliminado por se opôr a tais combinações com seu formidavel prestigio. Elas felizmente gorararam (6). Prenderam-se agentes sulistas a bordo dum navio inglês, o "Trent" (7).

(5) "British Encyclopedia", art. Lincoln.
(6) "Un peu d'histoire américaine", "in" "Le Patriote", de Montreal, Canadá, n.° de 2 de janeiro de 1936.
(7) "British Encyclopedia".

Foi o czar Alexandre II da Russia quem causou o malôgro definitivo do plano secreto, comunicando a Napoleão III que consideraria *casus belli* qualquer áto de hostilidade contra o Governo Federal norte-americano a braços com a insurreição armada e pondo sua marinha de guerra á disposição do presidente Lincoln. Os judeus norte-americanos vingaram-se em 1917, estipendiando com o dinheiro de Jacob Schrift a revolução bolchevista dirigida tecnicamente por Leon Braunstein, vulgo Trotski. "E' evidente que essa corajosa intervenção não poderia aumentar o amor da dinastia dos Rotschild pela dos Romanof. A vingança dos judeus foi terrivel!" Nicoláu II pagou a divida de Alexandre II.

No nosso país, com os mêsmos propósitos de enfraquecimento economico, luta civil e desagregação, não podia o judaismo maçónico deixar de lançar mão da mêsma arma, fácil de manejar sob o disfarce de humanidade e filantropia. Teceu, pois, todas as intrigas possiveis em torno do Instituto Servil. Dêsde a Independencia. A questão Christie em 1863 foi mero resultado do que se vinha de longa data preparando. Quando o Paraguai foi atirado pela MÃO OCULTA contra o Brasil, a grande esperança de vitória era a revolta dos negros. Os Malês da Baía haviam outróra mostrado que isso não era impraticavel. A campanha judaica de imprensa a favor do Paraguai e contra nós, no mundo inteiro, girou em torno da acusação constante e imutavel — O IMPERIO ESCLAVAGISTA!

Não defendemos absolutamente a escravidão, mancha hedionda da humanidade. Apreciamo-la sem sentimentalismo fingido, como um fáto social que se devia abolir, mas não em obediencia a planos ocultos e sim pesando e medindo suas consequencias em relação á vida economica do país. "A escravidão, coeva da conquista, creára por tres séculos raizes profundas no sólo. Nascidos e criados na sua atmosfera; ouvindo dêsde o berço que a raça negra lucrava em sair da barbárie africana para o seio do cristianismo; não tendo idéia alguma de trabalho produtivo que não fôsse o do braço escravo, a reforma realizada em 1888, a todos nós antes de 1871 se afigurára uma impossibilidade (8)." Estas judiciosas considerações de Cristiano Ottoni pintam admiravelmente a realidade, exprimem bem a mentalidade da época. A escravidão era, em verdade, um mal de que só a Divina Providencia nos poderia salvar, no dizer de José da Silva Lisbôa, visconde de Cairú.

Provinha de duas fontes: tráfico e reprodução. Contra a primeira, os inglêses desfecharam campanha interesseira e sem tréguas. Dêsde 1831, era considerado pirataria. Depois de 1850, feneceu no contrabando até cessar de todo na era de 60. A reprodução foi fulminada pela lei do Ventre Livre.

Em 1862, a maçonaria ativou a campanha, mas sempre de molde a se não encontrar a fórmula das indenizações ou substituições, o que só fazia agravar a

---

(8) Cristiano B. Ottoni, "O advento da República no Brasil", tip. Perseverança, Rio de Janeiro, 1890, pg. 7.

situação. Tal como nos Estados Unidos. Tavares Bastos levava por deante uma forte propaganda abolicionista no "Correio Mercantil", nas proximidades da questão Christie. Parecia combinado... Em 1867, o maçónico Conselho de Estado começou a estudar uma solução *no maior sigilo.* Em 1871, o maçon Silveira da Mota precedia a lei do Ventre Livre com seu projéto de imposto fixo e proibição da venda de escravos, cujo número se calculava em milhão e meio (9). Restrições á propriedade privada garantida pelas leis do país. A famosa lei do Ventre Livre foi, afinal, recomendada oficialmente pelo Grande Oriente de França (10).

A abolição tinha de ser feita gradualmente. Não era propriamente uma aspiração nacional, pois que se não compreendia outra fórma de trabalho, como observou Cristiano Ottoni. Em 1865, Montezuma propunha a abolição no prazo de 15 anos, dando tempo aos proprietarios de escravos de tomarem providencias. Em 1866, a Junta Francêsa de Emancipação dos Negros, dominada pela Aliança Israelita Universal e pela maçonaria, metia o bedêlho nessa questão de nossa vida interna, enviando uma mensagem a D. Pedro II, em que o concitava a acabar com a escravatura. O Imperador respondia-lhe, declarando considerar a emancipação objéto de primeira importancia. Dependia duma questão de fórma e de oportunidade a solução do pro-

---

(9) Op. cit., pg. 20.
(10) "O Ponto Negro", pgs. 16-17.

blema. Logo que terminasse a guerra do Paraguai, não se descuidaria de tratar de sua realização.

De fáto, pouco mais dum ano após a morte de Lopez no Aquidaban, saía a lei do Ventre Livre, que marcava grande passo para a abolição total, estancando a derradeira fonte de escravos que restava. De então por deante seria questão de tempo.

A mensagem da Junta Francêsa viera no mêsmo ano em que o maçon e bucheiro Pimenta Bueno, marquês de São Vicente, inspirando-se na legislação colonial portuguêsa, organizára cinco projétos emancipadores, "estreitamente ligados". Dêles nasceu formalisticamente a lei do Ventre Livre. O 1.º libertava os ventres. O 2.º creava Juntas de Emancipação, reconhecendo os pecúlios dos escravos e impedindo a separação dos cônjuges. O 3.º matriculava obrigatoriamente os escravos da roça para que gozassem de proteção legal. O 4.º libertava os de cinco anos de idade. O 5.º libertava os escravos dos conventos (11).

O Imperador cumpriu a promessa feita á Junta Francêsa. Seis mêses após o término da guerra, convocava o Conselho de Estado, ao qual participava os cinco projétos que Pimenta Bueno lhe apresentára com um memorial, *secretamente*. De fevereiro de 1867 até 1870, o Conselho de Estado prosseguiu *em segredo* os estudos do problema. Nêsse último ano, a dissidencia

(11) Spencer Vampré, "Memoria para a história da Academia de São Paulo", ed. Saraiva & Cia., São Paulo, 1924, t. I, pg. 123.

conservadora da Câmara recebeu *tambem em segredo* comunicação daquêles papeis e apresentou parecer sobre a "base preponderante" da liberdade dos ventres, sendo os nascituros conservados até 21 anos com os senhores dos pais ou entregues ao governo, aos oito anos, mediante indenização do que tivessem custado em alimentação (12).

Todo êsse *segredo* visava não alarmar os proprietarios de escravos, evitar as discussões nos jornais, impedir a reação dos interessados, tanto as medidas propostas, devendo realizar-se de modo primario e subitaneo, afetavam na sua base a economia da Nação e ameaçavam vivamente a fortuna particular, especialmente dos grandes cultivadores de café. O Imperador seguiu para a Europa no mês de março de 1871. A 29 de setembro, sob a regencia da Princesa Imperial, Rio Branco, em quem Inhomerim via "dedicação sem limites" a Sua Majestade, dedicação a cuja sombra o ministro grão mestre conseguiria a perseguição religiosa, promulgou a lei do Ventre Livre, baseada nas idéias de Pimenta Bueno e, como se viu, filha do Grande Oriente de França.

A abolição estava praticamente feita, apesar de se alardearem os escassos beneficios da lei. O judaismo maçónico queria a decretação pura e simples o mais breve possivel da extinção do cativeiro, o que seria a destruição súbita dum capital de 485 mil contos, pre-

(12) Cristiano B. Ottoni, op. cit., pgs. 23-24.

judicando a fortuna particular dos brasileiros, além de lançar na vida do país elementos inferiores, em nada preparados para a fruição da liberdade. "A abolição imediata, na opinião de Nabuco de Araujo, precipitaria o país no abismo." Era justamente o que as forças secretas pretendiam sob o manto duma filantropia de aparencia tentadora.

A campanha verdadeiramente abolicionista nêsse sentido começou a ser intensificada em 1880. Veementes e brilhantes discursos de Joaquim Nabuco, na Câmara. Fundação por êle da Sociedade Brasileira contra a Escravidão. Fundação por Nicoláu Moreira da Associação Central Emancipadora. Ligação com o ministro norte-americano Henry Washington Hilliard, a quem os abolicionistas mais evidentes ofereceram um banquete significativo (13). Agitação constantemente aumentando. Discursos. Conferencias. Comicios. Faziam-se ouvir as vozes que, depois, pregariam a República: Lopes Trovão, José do Patrocinio, Rui Barbosa, Brasil Silvado, Ciro de Azevedo. Ferreira de Menezes fundava a "Gazeta da Tarde", o primeiro orgão inteiramente abolicionista, que Patrocinio dirigiria em 1881. Angelo Agostini punha seu lapis caricatural ao lado do abolicionismo, na "Revista Ilustrada". Por toda a parte se multiplicavam as Sociedades Abolicionistas e os Clubes da Lavoura que as combatiam. José do Patrocinio, o gigante negro da tribuna, era, no Rio

(13) Evaristo de Morais, "A escravidão no Brasil", ed. da Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1933, pgs. 159-160.

de Janeiro, "a figura central e incontrastavel do movimento popular (14)".

Em 1884, já a campanha abolicionista *battait son plein* pelo Brasil inteiro. Propaganda de imprensa excitando os escravos contra os senhores. Intervenções jornalisticas e até policiais no caso de castigos impostos aos escravos. Recusa da tropa em servir de capitão de mato, perseguindo os que fugiam. Sob a égide da maçonaria, o Ceará libertava seus negros e os das provincias vizinhas que para lá corriam. Terra de Sol que se transformava em Terra da Luz e da Liberdade! Seguiam-lhe o exemplo o Amazonas e alguns municipios do Rio Grande do Sul. Apesar de todo êsse movimento, o gabinete presidido pelo conselheiro Dantas adiou prudentemente a solução final, que seria a morte da agricultura e o acúmulo duma população liberta e sem saber o que fazer da liberdade nas cidades e povoações. O gabinete Saraiva, que lhe sucedeu, preferiu tratar da questão eleitoral, "favorecendo a emancipação em termos genericos e banais". Os estadistas de responsabilidade compreendiam a gravidade do problema e se declaravam *emancipacionistas,* mas não *abolicionistas.* Saraiva tentou reagir e caiu.

Subiu ao poder o ministerio João Alfredo. Era êste um velho maçon, braço direito do grão mestre visconde do Rio Branco na perseguição religiosa de 1872-1875, como ministro da Justiça. Cabia-lhe dar provi-

(14) Op. cit., pg. 206.

mento aos desejos do Grande Oriente. Estava-se em 1888 e a idéia abolicionista amadurecera. O Imperador viajava outra vez pela Europa e a Princêsa Isabel, Regente do Imperio, cheia de piedade cristã, dava ouvidos ás sereias que cantavam a redenção dos pobres cativos. O marido, vencedor de Lopez, libertára os escravos do Paraguai vencido. Seus proprios filhos publicavam um jornalzinho abolicionista, o "Correio Imperial" (15).

Na verdade, a raça negra cooperára grandemente para a formação do Brasil. Num discurso notavel, Joaquim Nabuco pintára com mão de mestre o panorama dessa colaboração fecunda. O suor africano fecundára o sólo; o sangue africano ensopára os campos de batalha; o leite das mães pretas alimentára os filhos dos senhores brancos, a começar pelo proprio Imperador, quando pequenino orfão de carinhos maternos. Os duros sofrimentos do eito e as promiscuidades das senzalas comoviam as almas bem formadas. O Instituto Servil era uma nódoa na civilização brasileira, uma lepra que roía até o ôsso o vasto corpo da Nação. Mas sobre isso como que esqueciam que repousava toda a economia nacional, cuja maior e melhor parte era a agricultura. O café pesava nos destinos nacionais. Não se podia destruir essa base sem crear imediatamente outra. Senão seria cavar aquêle abismo a que aludia Nabuco de Araujo, no qual o Imperio fatalmente teria de sossobrar. As forças secretas defendiam

(15) Luiz da Cámara Cascudo, op. cit., pg. 104.

a abolição, não por amor aos escravos, como os abolicionistas de bôa fé, mas porque á sombra dessa filantropia magnifica sabiam que derrubavam o Trono.

Em 1888, concluiu-se sua obra. O projéto de extinção total da escravatura foi apresentado á Cámara, de ordem da propria Princêsa Imperial, pelo ministro da Agricultura, Rodrigo Silva, no dia 8 de maio. Teve logo parecer favoravel. No dia 9 o parecer entrou em discussão, independente de impressão e foi votado. Havia muita pressa. A 10, seguiu para o Senado, onde foi discutido a 11 e aprovado a 12. No domingo 13, em sessão extraordinaria, votou-se a redação final. A Regente sancionou-o pouco depois. Grandes regosijos. Festejos. D. Isabel alcunhada a Redentora. Pensava ter conquistado o amor de seus súditos que lhe garantiria o Terceiro Reinado, diziam os maldosos. Era coração tão nobre e grande que sacrificava o Trono a uma bôa ação. As forças ocultas aproveitaram-se dessa grandeza de alma sem o menor escrúpulo.

A última palavra contra a abolição foi pronunciada no Senado por Paulino Soares de Souza, visconde do Uruguai. Antes, o barão de Cotegipe falára contra o projéto, perorando como um profeta: "A verdade é que vai haver uma perturbação enorme no país durante muitos anos, o que não verei talvez, mas aquêles a quem Deus conceder mais vida, ou que fôrem mais moços, presenciarão. Se me engano, lavrem na minha sepultura êste epitafio: O CHAMADO NO SÉCULO BA-

O BARÃO DE COTEGIPE (Gravura de Sisson)

D. PEDRO II, NO PERIODO FINAL DO IMPERIO

RÃO DE COTEGIPE, JOÃO MAURICIO WANDERLEY, UM VISIONARIO (16)!"

Podemos afirmar que o grande estadista tinha inteira razão. Sabemos que as perturbações nunca mais pararam. Assinando a lei da Abolição, a Princêsa Imperial Regente, D. Isabel a Redentora, assinára, cheia de alegria, de espirito cristão e de bondade feminina, inconscientemente sugestionada pelas forças secretas, A SENTENÇA DE MORTE DA MONARQUIA!...

(16) Anais do Senado do Imperio, sessão de 12 de maio de 1888.

Capitulo XVI

A ESTRELA FLAMEJANTE

A República foi, no Brasil, obra duma "propaganda persistente, oculta e sutíl (1)". Trabalho nitidamente maçónico, em que as lojas se serviram das forças armadas, depois de arrancarem todas as escóras do Trono: o prestigio que lhe dava o Altar, a força do dinheiro, as armas dos soldados e a organização do trabalho. Tudo foi feito em obediencia a um plano bem pensado e bem traçado, que as forças ocultas começaram a executar dêsde que viram que a guerra do Paraguai, ao invés de precipitar o Brasil no abismo, com a derrota de seu Exercito e a revolta dos negros á retaguarda das tropas batidas, mais ainda o unira, engrandecera e fortalecera. O movimento republicano teve de ser, assim, lentissimo, aumentando somente em 1887, nas proximidades da Abolição, e acelerando-se depois dela (2).

A primeira manifestação republicana séria, de caráter coletivo, foi o Manifesto de 1870, de autoria do grão mestre Saldanha Marinho, o GANGANELLI. No fim dêsse ano, já se fundava o Clube Radical, biombo da maçonaria e da bucha, articuladas na sombra. Eram

(1) Calogeras, op. cit., pg. 348.
(2) Cristiano B. Ottoni, op. cit., pg. 78.

seus oráculos o mêsmo Saldanha Marinho e os altos maçons Aristides Lobo e Quintino Bocaiuva. Dizia Silva Jardim que êste último parecia, hirto e têso, guardar um SEGREDO ETERNO... Transformaram o Clube Radical em Clube Republicano e fundaram o jornal "A República" (3). Iam creando audacia.

O movimento republicano gerára-se "no ventre da maçonaria", era "a maçonaria em ação", reconheceu um maçon republicano, depois convertido á Igreja do Cristo (4). A Seita, guerreando esta na questão dos bispos, a enfraquecera e apagára "no coração dos católicos o amor que tributavam ao monarca". O povo tornou-se indiferente á sorte da Monarquia. E a maçonaria, fazendo de Benjamin Constant Botelho de Magalhães e dos positivistas os instrumentos de seus embuçados propósitos, conseguiu alcançar seu "fim real" (5).

O impulso maçónico vinha de longe. "A maçonaria tinha conseguido do Imperador tudo quanto era possivel, DISFARÇADA EM LIBERALISMO. Fundada no regime do padroado, tinha arrastado a Corôa á imprudencia da Questão Religiosa, mas, achando-se o governo no bêco cégo em que se meteu pelo processo e prisão dos bispos, só tendo podido sair pela anistia, estava evidente

---

(3) Op. cit., pg. 70.

(4) A. Felicio dos Santos, "A maçonaria em ação", "in" "A União", Rio de Janeiro, Setembro de 1927.

(5) A. Felicio dos Santos, "A maçonaria no Brasil", "in" "A União", Rio de Janeiro, dezembro de 1912.

que só a mudança de regime permitiria ir além na execução do diabolico plano (6)."

O Terceiro Reinado fôra condenado pela maçonaria, aliada á bucha de São Paulo, da qual rarissimas pessôas suspeitavam. A base de operações, o quartel general de ambas era a cidade de Campinas, onde os *trabalhos* passariam mais despercebidos do que na capital da provincia ou na Côrte. Ali tambem o judaismo tinha raizes profundas. Para aquela antiga povoação tinham ido muitos judeus sefardim portuguêses, cujos descendentes se infiltraram no cerne das velhas oligarquias paulistas, como o rabino Mesquita, de ilustre descendencia. Depois, chegaram judeus askenazim, como os Feldman, que se transformaram em Campistas. O seguinte documento prova de modo insofismavel o que afirmamos sobre o fóco maçónico-bucheiro-republicano da velha cidade paulista:

"A GLORIA DO GRANDE ARQUITÉTO DO UNIVERSO. A' Aug.·. e Resp.·. Loj.·. .... Sess.·. das Lojs.·. INDEPENDENCIA E REGENERAÇÃO 3ª, em Campinas e Provincia de São Paulo, em 20 de junho de 1888, E.·. V.·.

Estas Augs.·. Lojs.·. no exercicio pleno dos direitos mais antigos de nossa Sublime Ord.·. veem solicitar o concurso e a cooperação dessa Aug.·. Loj.·. para uma representação ao Sapientis.·. Gr.·. Or.·. no sentido que passam a expôr:

---

(6) Idem.

Em sess.·. plena realizada em comum, no dia 15 do corrente, foi discutida e aprovada a proposta seguinte:

"Propomos que estas Augs.·. Lojs.·., inspirando-se no Santo Amor da Pátria, pronunciem-se com leal franqueza contra a próxima instalação do 3.º Reinado, pelo previsto, ainda que lamentavel falecimento do sr. D. Pedro II.

A Senhora Princêsa Regente, futura Imperatriz do Brasil, é notoriamente católica fanatica e seu espirito fraco todos sabem que é dirigido pelos padres romanos. O Principe Consorte, sr. conde d'Eu, é um homem avarento, educado na fatal escola do direito divino e do predominio militar.

E' claro, portanto, que a futura Imperatriz do Brasil, ou seja pela influencia dos seus confessores, ou de seu esposo, presidirá á mais intransigente perseguição á maçonaria do Brasil.

Em tal conjuntura é dever inelutavel de nossa Ordem colocar-se ao lado da Pátria e CONSPIRAR RESOLUTA CONTRA O 3.º REINADO (7). Assim, propomos:

---

(7) O versalete é nosso. Veja-se que, em nome do Amor da Pátria, a "Sublime" Ordem condena um reinado futuro, porque poderia perseguir a maçonaria... Se ao menos, a maçonaria soubesse redigir suas pranchas... Esta é um triste atestado de seu desconhecimento da lingua e das regras mais comezinhas de estilo. Assina-a em primeiro lugar o sr. Francisco Glicerio, que chegou a ter honras de general, quando as davam a tres por dois, desmoralizando o posto, no inicio da República. Foi o gorado fundador do P. R. F., Partido Republicano Federal.

1.º que estas Augs.·. Lojs.·. pronunciando-se no sentido supra referido, dirijam a todas as Lojs.·. do Circulo pranchas convidando-as a pronunciarem-se sobre o mêsmo assunto; 2.º que uma especial representação seja dirigida ao Gr.·. Or.·. do Brasil, solicitando o seu pronunciamento em relação á materia desta proposta.

Ao Sapientis.·. Gr.·. Or.·. foi já remetida a representação de que fala a proposta. Agora, é com a mais cordial fraternidade que as Lojs.·. se dirigem ás suas Irms.·., invocando a sua confraternização nêste empreendimento sério para a Maç.·. Bras.·.

As Lojs.·. que esta vos dirigem aguardam a vossa deliberação e rogam-vos o favor de comunicardes qual a deliberação que tomardes acerca do assunto da proposta e do que foi deliberado.

O Supr.·. Arq.·. do Un.·. vos ilumine e guarde. (Assinados): Os Veners.·. *Francisco Glicerio*, gr. 33; *Cesar Augusto T. Santiago*, gr. 33. Os 1.º Vigils.·. *Bento Quirino dos Santos*, gr. 33; Luiz Rotelli, gr. 18. Os 2.º Vigils.·. *Antonio Benedito de Cerqueira Leite*, gr. 18; *Jaime Barros*, gr. 30. Os Orads.·. *Dr. Antenor Augusto Ribeiro Guimarães*, gr. 33; *Paulino Muniz*, gr. 18. Os Secrets.·. *Joaquim Inácio de Oliveira Leite*, gr. 3; *Vicente Leite de Camargo*, gr. 3 (8)."

A maçonaria nega que se meta em politica. No entanto, CONSPIRA RESOLUTA contra um regime! No documento hipócrita se verifica a inanidade das acusa-

(8) A. Felicio dos Santos, idem.

ções contra a Princêsa Imperial e seu marido, cujos maiores defeitos eram ter fé e amar o principio da autoridade... Depois dessa prancha, a maçonaria articulou a conspiração republicana. Começou fazendo do general Deodoro da Fonseca, que polarizava o descontentamento dos militares, grão mestre, "sem que jamais tivesse sido iniciado NOS FINS REAIS da tremenda Seita"! depõe o dr. Felicio dos Santos. Continuou dando balanço nas forças maçónicas e pondo-as de prontidão para a primeira oportunidade.

Em fins de março de 1889, o "Boletim do Grande Oriente do Brasil", cuja publicação cessára em 1884, reapareceu com o fim de "levar oficialmente ao conhecimento dos maçons e dos revolucionarios quais os chefes destinados a comandar os conspiradores (9)". As listas pormenorizadas dos altos maçons dirigentes, classificados pelas localidades, fôram saindo uma após outra. Entre a maçonaria e a bucha, servia de elemento de ligação, ao que parece, o republico Silva Jardim, que, na Faculdade de Direito de São Paulo, com Teófilo Dias, se sustentára graças ás mensalidades daquela sociedade secreta. Levou seu segredo para as entranhas do Vesuvio, que o tragou...

O bucheiro Rangel Pestana elogia vastamente Silva Jardim. Na sua opinião, se houvesse dez iguais a êle, a República estaria proclamada no dia seguinte.

---

(9) P. Rosen, "L'ennemie sociale". O autor dêste livro precioso foi maçon, Inspetor Geral do grau 33. Converteu-se e publicou todos os documentos secretos que possuia.

Considerava-o a "maior força mental do movimento republicano". Fôra o grande propagandista das provincias, arriscando muitas vezes a vida nos comicios. Benjamin Constant Botelho de Magalhães via-o como um HOMEM PERIGOSO!... Em São Paulo, frequentára o Centro Positivista, deixára-se penetrar pelo byronismo da Faculdade bucheira, como demonstram alguns de seus escritos e, pela mão de Teófilo Dias, penetrára na casa tradicional dos Andradas. Depois, rompera com Teófilo e com o positivismo. Com os Andradas, não. Êles o protegeram e acabou casando com uma irmã do panfletario separatista Martim Francisco. Alma da propaganda republicana, seguiu para o Norte no mêsmo vapor em que viajava oficialmente o conde d'Eu. Enquanto o principe se encolhia, enfiado da companhia inconveniente, sua voz pregava a República. Tinha talento e coragem. Dissentindo dos organizadores da República, que o julgavam PERIGOSO, exilou-se voluntariamente e desapareceu tragado pela lava do vulcão, de modo até hoje para nós não explicado satisfatoriamente (10).

Deante dessa conspiração da Treva, o Imperio se via sem um apoio seguro. "Os senhores de escravaturas, representantes da grande lavoura, dificil de sustentar-se sem a escravidão, e a classe dos comissarios,

(10) Silva Jardim, "Memorias e Viagens"; João Dornas Filho, "Silva Jardim", pgs. 10, 17-19, 33-34; Rangel Pestana, "Memória Politica do Congresso Republicano Paulista", "in" José Leão, "Apontamentos para a biografia de Silva Jardim".

cujos interesses se identificam com os da lavoura, quasi todos se declararam republicanos, e foi assim que se compôs o numeroso partido existente em 1889 (11)." Só lhe faltava o "batismo da adesão". Viria a seu tempo. Todas as crises — a religiosa, a financeira, a economica, a militar e a da escravidão, do trabalho, tinham sido levadas ao apogeu por uma "intriga inteligente". Êsse "trabalho dissolvente de sapa" — como escreve Calogeras — foi tirando uma a uma as colunas que sustentavam as arquitraves do Imperio: os bispos, os homens de negocios, as classes conservadoras, os soldados e os fazendeiros. Bastava um empurrão para vir abaixo. Deu-o a maçonaria desembainhando a espada de Deodoro, assessorado, aconselhado e arrastado pelo oráculo positivista, Benjamin Constant Botelho de Magalhães (12).

A queda do Trono estava anunciada dêsde 1877-1878 pelo deputado Afonso Celso de Assis Figueiredo, filho do visconde de Ouro Preto, em discursos na Câmara (13). Em 1877, chegava á Assembléa Provincial paulista a "primeira patrulha" de tres deputados republicanos. Eram as guardas avançadas que tomavam posição. Em 1885, já se elegiam cinco deputados republicanos em São Paulo e Minas: Prudente de Morais, Campos Sales, Alvaro Botelho, Monteiro Manso e Lamounier Godofredo. Maçons e bucheiros ou ambas as cousas. Os dois primeiros chegaram á presidencia da

(11) Cristiano B. Ottoni, op. cit., pg. 78.

(12) Calogeras, op. cit., pgs. 350-351.

República. Monteiro Manso recusava-se prestar juramento sob os Evangelhos, como o barão de Rotschild na Cámara dos Comuns, creando um casó...

Por toda a parte se achincalhava o Imperador. No parlamento. Na imprensa. Nos teatros alegres. Seu exagerado liberalismo per[illegible] todos os desrespeitos. Era o PEDRO BANANA. As rãs faziam pouco caso do pedaço de páu que Jupiter lhes dera e pediam outro rei. Viriam as cegonhas das ditaduras e semi-ditaduras devorá-las em breve... Já longe estava o tempo em que se clamava contra a tirania do Poder Moderador, que a Constituição do Imperio, no art. 98, considerava "a chave de toda a organização politica" e que Braz Florentino e Zacarias de Góis e Vasconcelos discutiam e explicavam em obras monumentais. Queriam transferí-lo para o presidente do Conselho, de maneira a armar com arma melhor o maçon que atingisse o posto, pondo-o acima do soberano.

A velhice imperial colhia os remoques semeados pela maçonaria de todos os lados. Preparava-se a pá de cal do ridiculo para os próximos "funerais da Monarquia", a "ominosa e corrupta Monarquia", como berravam os jornais maçonizados. Havia quem, como Martinho de Campos, se confessasse envergonhado de ser monarquista... (14) Nabuco achava ser preciso ter mais coragem para ser monarquista do que para ser

---

(13) Afonso Celso, "Oito anos de parlamento", pgs. 82-86.

(14) Afonso Celso, "O visconde de Ouro Preto", ed. da liv. do Globo, Porto Alegre, 1935, pg. 77.

republicano. Assoalhavam que o Imperador estava de miôlo mole, apático, a morrer (15). Era mêsmo o fim.

O republicanismo começou a pipocar pelo país inteiro na cauda da Abolição. As Câmaras Municipais de São Borja e de diversas localidades paulistas, mineiras e fluminenses, insufladas pelas lojas, pronunciaram-se oficialmente contra o Terceiro Reinado e pela República, sem que nada lhes acontecesse. A mais absoluta impunidade para os inimigos insolentes do regime. A cumplicidade do maçonismo governamental era evidente. A 1.º de maio de 1889, reuniu-se no Rio de Janeiro, sob a presidencia do conselheiro Dantas, o Congresso Liberal. Foi a revista geral das forças maçónicas que preparavam o advento da República. Nas discussões, ás simples idéias liberais se misturavam claramente idéias republicanas. Manuel Vitorino atacava fortemente a monarquia. A opinião geral da assembléa manifestou-se favoravel á federação das provincias, dando-se-lhes maior autonomia (16). O primeiro passo para a desagregação!...

Joaquim Nabuco lastimou a *atitude suicida* daquela geração, "arrastada por uma alucinação verbal, a de uma palavra — República, desacreditada perante o mundo inteiro, quando a acompanha o qualificativo — *sul-americana* (17)". Mas em seu favor conspiravam

---

(15) Rui Barbosa, "Quéda do Imperio", pgs. 139 e 171; Alberto Rangel, "Gastão d'Orleans", pgs. 397 e segs.

(16) Op. cit., pgs. 42 e segs.

(17) "Agradecimento aos Pernambucanos".

muitas forças: a bucha ignorada, a maçonaria secreta, o positivismo aliado á maçonaria, o bacharelismo enfeudado ás forças ocultas, "o desgosto dos militares, o desejo de vingança dos fazendeiros e a habilidade dos republicanos historicos (18)".

Parece que havia até um desejo oculto de apressar o desenlace. Na noite de 15 de julho de 1889, ao passar á noite pelas ruas de carruagem, em companhia da Imperatriz, o Imperador foi alvejado a tiros por um *estrangeiro* (19). O atentado leva-nos fatalmente a pensar naquêle trecho da prancha da maçonaria de Campinas, ha pouco transcrita, que diz: "o previsto, ainda que lamentavel falecimento do sr. D. Pedro II"... (?)

Quando o visconde de Ouro Preto subiu ao poder nêsse Imperio agonico, a maçonaria decidiu dar o golpe sem detença. Apesar de iniciado na bucha de São Paulo, como todos os moços que cursavam a Faculdade de Direito, era homem capaz de salvar o regime ou, pelo menos, de prolóngar-lhe a vida, entravando o movimento que o destruía. "Modelo de honra, competencia e capacidade de trabalho", no admiravel juizo de Calogeras. "Franco, viril e sincero, nunca fugia de situações claras e despresava métodos de processos coleantes: não parlamentava com seus adversarios, mas carregava contra êles, com todo esforço combativo. Nenhum fingimento, nenhuma simulação, nenhum golpe secreto em

(18) Taunay, "Imperio e República", ed. Weiszflog, São Paulo, pg. 22.

(19) Rio Branco, op. cit., pg. 346.

sua tática partidaria. Tudo em plena luz meridiana, sem sombras suspeitas nem compromissos. Um caráter de rigidez adamantina, inflexivel e destemida. Um homem (20)." EL HOMBRE chamava a Rainha de Castela a D. João II, como se lhe fizesse o maior dos elogios. O visconde era dos de antes quebrar que torcer.

Era necessario destruir êsse homem que se tornára pelo seu valor pessoal o derradeiro esteio do Imperio moribundo. Acusaram-no de violencias e arbitrariedades contra os militares. Açularam os militares contra êle. Campanha levada por deante sobretudo por dois maçons, Rui Barbosa e Quintino Bocaiuva, um no "Diario de Noticias", outro no "O País". Intrigavam. Exageravam as menores cousas. Concitavam o Exercito, de longa data indisciplinado, á revolta contra a sua prepotencia. Diziam que o ministro pretendia dissolvê-lo. Pintavam-no como inimigo das classes armadas, esquecendo o que êle fizera em prol da Marinha. No fundo, tinham medo de sua ação esclarecida e energica. Exploraram os conflitos entre praças do 9.° de cavalaria e a policia, na capital de Minas, a ordem de embarque ao 22.° para o Amazonas e a ida de Deodoro a Mato Grosso (21). Em tudo isso se seguia um plano oculto: forçar a tropa a derrubar o ministerio. Por trás do ministerio ou com o ministerio cairia fatalmente a Monarquia. Não era possivel conseguir êsse desi-

---

(20) Calogeras, op. cit., pg. 350.

(21) Visconde de Ouro Preto, "O advento da ditadura militar no Brasil", ed. F. Pichon, Paris, 1891.

deratum de outra fórma, por causa da "afeição agradecida de Deodoro ao velho Imperador".

O almirante Wandenkolk, que representava o republicanismo na Marinha, muitissimo mais fraco do que no Exercito, galgára a presidencia do Clube Naval. O tenente-coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães presidia a Sociedade Militar e o Clube Militar, dois grandes fócos de agitação, propaganda republicana e conjura. A 9 de novembro, enquanto o Governo Imperial oferecia no edificio da ilha Fiscal um grande baile ao comandante e oficiais do navio de guerra chileno "Almirante Cockrane", que nos visitava, os clubes militares se reuniam, ultimando as articulações do movimento republicano.

Entretanto nessa derradeira festa oficial da Monarquia, o ministro da Guerra, general Rufino Enéas Gustavo Galvão, visconde de Maracajú, primo do general Deodoro e maçon graduado, adormecia as suspeitas do presidente do Conselho acordadas pela policia do conselheiro Basson, afirmando-lhe a pés juntos que êle e o ajudante general do Exercito, Floriano Peixoto, isto é, o chefe do estado-maior, estavam vigilantes na defesa das instituições. Êste último, tambem maçon, como se nada houvesse ou de nada soubesse, ainda no dia 13 de novembro escrevia uma carta ao visconde de Ouro Preto, agradecendo-lhe favores (22).

"Tudo se preparou *em segredo,* puramente em circulos militares, assistidos por poucos civis, êstes exclu-

(22) Op. cit.

sivamente das rodas republicanas." A data marcada para a explosão era 20 de novembro. Mas de 13 para 14 recearam que a policia descobrisse alguma cousa. Antecipou-se a data, espalhando os boatos falsos do ataque ao Quartel General pela Guarda Negra e da prisão de Deodoro. O autor dos boatos era o proprio Benjamin Constant (23)! Na madrugada de 15 de novembro de 1889, as tropas começaram a mover-se (24). A 1.ª brigada, do comando do general Antonio Enéas Gustavo Galvão, barão do Rio Apa, irmão do visconde de Maracajú, ministro da Guerra, e tambem primo de Deodoro, tomou as armas na noite de 14 de novembro. Pela manhã, começou a ocupar o campo de Sant'Ana, terreiro tradicional dessas manifestações de indisciplina maçónica, dêsde o 7 de abril de 1831.

As altas autoridades militares estavam maçonicamente mancomunadas com os rebeldes. Não tomaram a menor providencia para defender o Quartel General. Nem sentinelas avançadas. Quando o ministerio ali se reuniu para deliberar sobre as graves circunstancias do momento, o visconde de Ouro Preto notou com surpresa que o ajudante general Floriano Peixoto dava ordens a todos os oficiais sempre em voz tão baixa que ninguem as podia ouvir...

A Escola Militar já estava sublevada na Praia Vermelha, tendo aclamado seu idolo o tenente-coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães. O governo

(23) João Dornas Filho, op. cit., pg. 102.
(24) Calogeras, op. cit., pgs. 352-353.

reuniu uma coluna composta de batalhões de policia e do corpo de bombeiros, confiando-a ao general Almeida Barreto. Maçon e conjurado, pôs-se ás ordens de Deodoro. O visconde de Ouro Preto mandou intimar êste pelo ajudante general Floriano Peixoto a vir dar explicações de sua condúta. Floriano Peixoto partiu a cavalo e voltou pouco tempo depois. Já a artilharia da 1.ª brigada estava assestada contra o edificio. Ouro Preto ordenou que a atacassem e Floriano recusou-se a obedecer, sob o pretexto de não combater irmãos. Irmãos ou *irmãos*? O barão de Ladario, ministro da Marinha, ao entrar no Quartel General, fôra ferido a tiro, porque resistira á ordem de prisão.

Afinal, o general Deodoro, acompanhado do tenente-coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães, surgiu, arrastando a espada, na sala onde se reunia impotente o derradeiro gabinete ministerial da Monarquia. Disse que vinha depôr o ministerio, vingando as ofensas feitas ao Exercito. Todos os ministros depostos podiam retirar-se para as suas residencias, menos o visconde de Ouro Preto, presidente do Conselho, e o conselheiro Cándido de Oliveira, ministro da Justiça (25).

Após a deposição do ministerio nenhuma providencia foi tomada para a proclamação da República pelas altas patentes insurretas. O general Deodoro, envenenado pela maçonaria e pelos positivistas, desejava mudar o gabinete, mas respeitava o velho Impe-

(25) Visconde de Ouro Preto, op. cit.

rador, seu amigo e de sua familia. Em setembro, escrevia a Clodoaldo da Fonseca que, no Brasil, *República e desgraça completa seriam a mêsma cousa* (26). Informado por um telegrama de Ouro Preto, D. Pedro II descera de Petropolis. Aconselharam que escolhesse Gaspar da Silveira Martins para organizar o novo ministerio. O grande tribuno achava-se ausente do Rio; porém a noticia da escolha fez com que os associados maçons, bucheiros, positivistas e republicanos da empreitada conseguissem vencer as últimas relutancias de Deodoro em proclamar a República, porque Silveira Martins era seu inimigo pessoall (27). O soberano convidou Saraiva, que dirigiu um telegrama a Deodoro, declarando nada empreender sem primeiro conferenciar com êle. Era tarde (28)!

A República foi atabalhoadamente proclamada na Cámara Municipal (29). Deodoro, acompanhado de seus principais colaboradores, passeou pelas ruas, aclamado pelos republicanos. Acabava de "destruir — como disse o presidente Rocas Paul de Venezuela, ao saber da novidade — A UNICA REPUBLICA QUE HAVIA NO CONTINENTE SUL-AMERICANO". Começou nêste dia a "paródia ridicula e sanguinaria do regime democratico... imposição e artilha dum *grupo minimo* no

---

(26) João Dornas Filho, "Silva Jardim", ed. da Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1936, pg. 121.

(27) Calogeras, op. cit., pgs. cits.

(28) João Dornas Filho, op. cit., pg. 106.

(29) Op. cit., pg. 107.

seio desta grande nação, mixto de pedantesca ciência e teorias repelidas pelo simples bom senso, com exclusão absoluta da vontade e do voto do povo (30)". Essa exclusão absoluta do povo a que o visconde de Taunay alude nêste trecho foi notada no proprio dia 15 de novembro de 1889 por um dos mais conspicuos lideres da nova República: "O POVO — escreveu Aristides Lobo — ASSISTIU BESTIALIZADO (31)!"

Era o começo duma evolução politica inteiramente judaico-maçónica, que levaria o Brasil á completa escravização financeira nas mãos de Rotschild *et reliqua*, á amoralidade politica, á indisciplina social, ás quarteladas sem finalidade patriotica, á corrupção dos costumes, ao cosmopolitismo dissolvente e ao revolucionarismo. Da República Liberal Federativa e Presidencial maçónico-positivista passariamos a uma República Social-Democratica bucheiro-judaica, primeira etapa do comunismo...

O germen dêste surge miudinho na obra do 15 de novembro de 1889. Nessa ocasião, o navio-escola "Almirante Barroso" fazia uma viagem de circumnavegação sob o auri-verde pavilhão imperial, levando a bordo o principe D. Augusto, oficial de marinha, neto do Imperador. Comandava-o o então capitão de mar e guerra Custodio José de Melo. A 17 de dezembro recebeu êste em Colombo, capital de Ceilão, o seguinte

(30) Taunay, op. cit., 15.

(31) Art. "Acontecimento Unico", "in" "Diario Popular" de São Paulo, de 18 de novembro de 1889.

telegrama do almirante Wandenkolk, ministro da Marinha do Governo Provisorio do Brasil: "Mandei instruções Bombay. Procure seguir breve. Principe peça demissão serviço. Brasil República. Recebereis nova bandeira Napoles. Deveis içar agora mêsma nacional, substituindo corôa ESTRELA VERMELHA. (a.) *Wandenkolk* (32)."

Escapamos por felicidade dessa ESTRELA VERMELHA dos Soviets, mas não escapámos da ESTRELA FLAMEJANTE da maçonaria, a que já aludia o velho José Bonifacio no Manifesto do Grande Oriente de 1831-1832. A República podia ter se contentado em substituir no brazão imperial a corôa por um barrete frigio. Mas não se limitou ao timbre; aboliu toda a heraldica, que não pertencia ao regime monarquico e sim á Nação, em cujo patrimonio tradicional se integrava. A Cruz da Ordem Militar de Cristo simbolizava o espirito cristão em que se plasmára a nacionalidade dêsde a Primeira Missa. A Esfera Armilar simbolizava as navegações e os descobrimentos, tendo sido dada como emblema especial ao Brasil por El Rei D. Manuel o Venturoso. Cruz e Esfera fôram arrancadas para se adotar em seu lugar um escudo maçónico e um lema positivista — ORDEM E PROGRESSO. A Sociedade Posi-

(32) Almirante Caio Pinheiro de Vasconcelos, "Episodios historicos duma viagem de circumnavegação", "in" "Revista do Instituto Historico e Geografico da Baía", 1929, n.º 55, pg. 387. O Museu Historico Nacional conserva uma bandeira dum batalhão de infantaria dos primeiros dias da República com essa ESTRELA VERMELHA em lugar da antiga Corôa.

tivista de Paris felicitou o Governo Provisório por tê-lo escolhido (33). O governo babou-se de gozo; felicitações de Paris!...

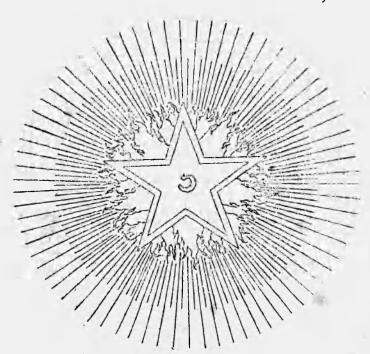
"A República, na confecção das suas armas, — escreve Clovis Ribeiro — rompeu violentamente com todas as tradições da simbologia nacional, suprimindo totalmente a Esfera Armilar... Quanto á Cruz da Ordem de Cristo, a aboliu por considerá-la "um simbolo de divergencia"... Chegou-se ao cúmulo de confiar o desenho das armas republicanas a um modesto litografo *estrangeiro,* muito hábil confeccionador de marcas de cigarro, mas leigo em heraldica e ignorante das nossas tradições. O resultado dêsse erro é que temos hoje como emblema heraldico da Nação um simbolo ridiculo, extravagante, de deploravel máu gosto e sem nenhuma significação, mais parecido com uma marca industrial do que com um brazão de armas nacionais (34)."

O lema sectario e o escudo horrivel provocaram sempre a animadversão da gente culta do Brasil e frequentes teem sido as campanhas para a sua substituição, sem que nada se consiga. Essa marca não é sem significação, como disse Clovis Ribeiro. Antes, pelo contrário. Ela tem uma significação profunda. Exprime o dominio da maçonaria judaica sobre o Brasil e é essa a razão por que ninguem consegue destruí-la. Ela é a

(33) Cristiano B. Ottoni, op. cit., pgs. 119-120.

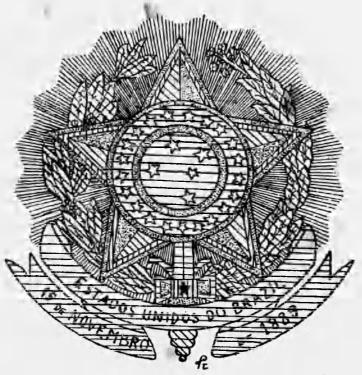
(34) Clovis Ribeiro, "Brazões e bandeiras do Brasil", ed. da São Paulo Editora Limitada, 1933, pgs. 92 e segs.

ESTRELA FLAMEJANTE das lojas, a ESTRELA DE CINCO PONTAS de Israel. Vejamos sua interpretação de acôrdo com livros e documentos da maçonaria.

Na iniciação maçónica, a ESTRELA FLAMEJANTE é o simbolo do Iniciado: "Iniciaticamente, a ESTRELA

ESTRELA FLAMEJANTE DOS TEMPLOS MAÇÓNICOS, SEGUNDO A OBRA DE HENRI DURVILLE

FLAMEJANTE é a imagem do Homem Evolucionado, dotado de poderes psiquicos, diferindo nisto, como pelo trabalho de sua inteligencia dos homens que não receberam o dom divino (35)." E' o PENTAGRAMA IRRA-

(35) Henri Durville, "Os misterios da maçonaria e das sociedades secretas, pg. 64.

TE, que indica o dominio da inteligencia sobre os tos; a ESTRELA DOS MAGOS, apontando o TEMPLO ALOMÃO AOS ARQUITETOS DE HIRAM; o ABSOLUTO er, na verdade, na realidade, na razão e na justiça.

ESTRELA FLAMEJANTE E GLAUDIO MAÇÓNICO, IMPOSTOS DISFARÇADAMENTE A' REPÚBLICA BRASILEIRA

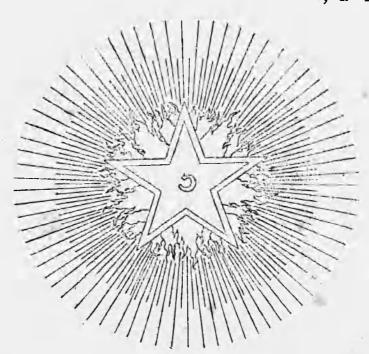
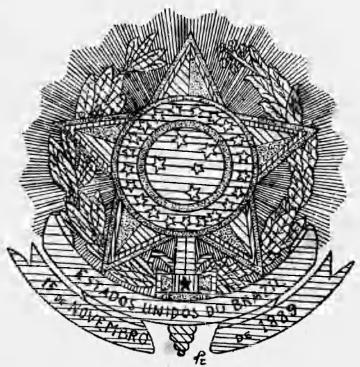
Um dos raios volvido para a altura, dois apontando os Pólos, dois assinalando os membros inferiores, indicam a Inteligencia dominando os Instintos, a Vontade dominando os Elementos, a Materia Imponderavel dominando a Materia Ponderavel. Pentaculo de Alta Ma-

ESTRELA FLAMEJANTE das lojas, a ESTRELA DE CINCO PONTAS de Israel. Vejamos sua interpretação de acôrdo com livros e documentos da maçonaria.

Na iniciação maçónica, a ESTRELA FLAMEJANTE é o simbolo do Iniciado: "Iniciaticamente, a ESTRELA

ESTRELA FLAMEJANTE DOS TEMPLOS MAÇÓNICOS, SEGUNDO A OBRA DE HENRI DURVILLE

FLAMEJANTE é a imagem do Homem Evolucionado, dotado de poderes psiquicos, diferindo nisto, como pelo trabalho de sua inteligencia dos homens que não receberam o dom divino (35)." E' o PENTAGRAMA IRRA-

(35) Henri Durville, "Os misterios da maçonaria e das sociedades secretas, pg. 64.

DIANTE, que indica o dominio da inteligencia sobre os instintos; a ESTRELA DOS MAGOS, apontando o TEMPLO DE SALOMÃO AOS ARQUITETOS DE HIRAM; o ABSOLUTO no ser, na verdade, na realidade, na razão e na justiça.

ESTRELA FLAMEJANTE E GLAUDIO MAÇÓNICO, IMPOSTOS DISFARÇADAMENTE A' REPÚBLICA BRASILEIRA

Um dos raios volvido para a altura, dois apontando os Pólos, dois assinalando os membros inferiores, indicam a Inteligencia dominando os Instintos, a Vontade dominando os Elementos, a Materia Imponderavel dominando a Materia Ponderavel. Pentaculo de Alta Ma-

gia (36)! O mêsmo simbolo do Bafomet, Bóde Preto das lojas. O G que aparece no meio da ESTRELA FLAMIGERA ou FLAMEJANTE quer dizer GNOSE, Sabedoria. "A letra G, gravada ou encrustada na ESTRELA que se vê nos Templos é, para o companheiro, a inicial da palavra *Geometria*, a quinta das ciências; foi substituida pelos maçons do Rito Moderno ao IOD dos hebreus ou primeira letra da palavra JEOVÁ. O IOD significa *principio* na interpretação cabalistica. Para os Mestres conserva a significação natural, a idéia, a imagem, o nome de Deus (37)." "A ESTRELA FLAMEJANTE que se vê nos Templos Maçónicos — revela um ex-maçon — traz no meio a letra G. Faz-se crer aos iniciados que é a primeira letra da palavra inglêsa GOD, Deus. Mas aos verdadeiros *eleitos*, aos Kadoschs, gráu 30, se explica que significa GNOSE. A maçonaria é, portanto, a herdeira diréta da GNOSE (38)!"

No brazão maçónico da República Brasileira de 1889, vemos a ESTRELA FLAMIGERA ou ESTRELA FLAMEJANTE, já maçonicamente explicada. No centro, desapareceu o G da GNOSE, vendo-se em seu lugar o circulo de estrelinhas dos Estados e o Cruzeiro do Sul. O G póde ser facilmente figurado por uma linha unindo as estrelas dessa constelação. Entre os dois raios voltados para baixo, aparece o cópo em cruz duma espada.

---

(36) Dario Veloso, "O Templo Maçónico", pgs. 221 e 241.

(37) "Livro Maçónico do Centenario", ed. do Grande Oriente do Brasil, 1922, pg. 142.

(38) Domenico Margiotta, "Le Palladisme", pgs. 42-43.

Que é? Consultemos os mestres de ocultismo e maçonismo, e veremos que é simplesmente o GLADIO MAÇONICO, que simboliza a luta e a igualdade maçónicas, a guarda dos misterios e o dominio da natureza. O GLADIO ESTÁ SEMPRE LIGADO A' ESTRELA FLAMEJANTE", formando ambos um conjunto simbolico insepara-...9).

...) estudo que acabamos de fazer demonstra á sa-...de que a *marca* da República não nasceu do acaso, ...do máu gosto proverbial dos positivistas, ou ainda ...pouca inteligencia dum gravador *estrangeiro*. Foi ...positalmente escolhida e tem alta significação secre-...a maçónica.

Pouco depois de proclamada a República, o Governo Provisorio recebia êste oficio significativo: "Ao Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brasil. ...*aúde e fraternidade!* O GRANDE ORIENTE DO BRASIL, ...n nome e como Representante da ORDEM MAÇÓNICA, ...ige sua respeitosa saudação ao Governo Provisorio ... República dos Estados Unidos do Brasil, ao qual ...a ADERIR E OBEDECER, dando assim uma GARAN-...RTA DA ORDEM PÚBLICA E DA REORGANIZAÇÃO DO .... Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1889 (40)." ...documento é formidavel! Em primeiro lugar, como ...que a maçonaria já sabia em 20 de novembro de 1889, cinco dias após a proclamação da República, que esta

(39) Dario Veloso, op. cit., pgs. XXI, 236 e segs.

(40) "Boletim do Grande Oriente do Brasil", n.º de novembro de 1889, pgs. 190-191.

gia (36)! O mêsmo simbolo do Bafomet, Bóde Preto das lojas. O G que aparece no meio da ESTRELA FLAMIGERA ou FLAMEJANTE quer dizer GNOSE, Sabedoria. "A letra G, gravada ou encrustada na ESTRELA que se vê nos Templos é, para o companheiro, a inicial da palavra *Geometria*, a quinta das ciências; foi substituida pelos maçons do Rito Moderno ao IOD dos hebreus ou primeira letra da palavra JEOVÁ. O IOD significa *principio* na interpretação cabalistica. Para os Mestres conserva a significação natural, a idéia, a imagem, o nome de Deus (37)." "A ESTRELA FLAMEJANTE que se vê nos Templos Maçónicos — revela um ex-maçon — traz no meio a letra G. Faz-se crer aos iniciados que é a primeira letra da palavra inglêsa GOD, Deus. Mas aos verdadeiros *eleitos*, aos Kadoschs, gráu 30, se explica que significa GNOSE. A maçonaria é, portanto, a herdeira diréta da GNOSE (38)!"

No brazão maçónico da República Brasileira de 1889, vemos a ESTRELA FLAMIGERA ou ESTRELA FLAMEJANTE, já maçonicamente explicada. No centro, desapareceu o G da GNOSE, vendo-se em seu lugar o circulo de estrelinhas dos Estados e o Cruzeiro do Sul. O G póde ser facilmente figurado por uma linha unindo as estrelas dessa constelação. Entre os dois raios voltados para baixo, aparece o cópo em cruz duma espada.

---

(36) Dario Veloso, "O Templo Maçónico", pgs. 221 e 241.

(37) "Livro Maçónico do Centenario", ed. do Grande Oriente do Brasil, 1922, pg. 142.

(38) Domenico Margiotta, "Le Palladisme", pgs. 42-43.

Que é? Consultemos os mestres de ocultismo e maçonismo, e veremos que é simplesmente o GLADIO MAÇONICO, que simboliza a luta e a igualdade maçónicas, a guarda dos misterios e o dominio da natureza. O GLADIO ESTÁ SEMPRE LIGADO A' ESTRELA FLAMEJANTE", formando ambos um conjunto simbolico inseparavel (39).

O estudo que acabamos de fazer demonstra á saciedade que a *marca* da República não nasceu do acaso, nem do máu gosto proverbial dos positivistas, ou ainda da pouca inteligencia dum gravador *estrangeiro*. Foi propositalmente escolhida e tem alta significação secreta maçónica.

Pouco depois de proclamada a República, o Governo Provisorio recebia êste oficio significativo: "Ao Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brasil. *Saúde e fraternidade!* O GRANDE ORIENTE DO BRASIL, em nome e como Representante da ORDEM MAÇÓNICA, dirige sua respeitosa saudação ao Governo Provisorio da República dos Estados Unidos do Brasil, ao qual declara ADERIR E OBEDECER, dando assim uma GARANTIA CERTA DA ORDEM PÚBLICA E DA REORGANIZAÇÃO DO PAÍS. Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1889 (40)." O documento é formidavel! Em primeiro lugar, como é que a maçonaria já sabia em 20 de novembro de 1889, cinco dias após a proclamação da República, que esta

(39) Dario Veloso, op. cit., pgs. XXI, 236 e segs.

(40) "Boletim do Grande Oriente do Brasil", n.º de novembro de 1889, pgs. 190-191.

iria ser Estados Unidos do Brasil? A fórma federativa foi consagrada em 1891 pela Constituinte. Como é que sabia? Ou isso estava no plano que se devia seguir e se seguiu? Em segundo, por que a adesão e obediencia da maçonaria importavam numa garantia certa da ordem pública? Isso equivale a confessar que ela, maçonaria, é quem perturbava a ordem pública... A confissão é mais do que transparente, como opina o documentado P. Rosen (41).

Até quando o Povo Brasileiro tolerará que matem suas tradições vitais e o ofendam na sua dignidade, impondo-lhe como escudo nacional emblemas cabalisticos duma Seita secreta ligada ao judaismo internacional? Até quando?...

(41) Op. cit., pgs. 301-308.